REVISTA DA SEMANA

N.º 51 ★ 23-12-50 EDIÇÃO DE NATAL CrS 5,00 em todo o Brasil



NO TEXTO: JÔGO FRANCO APEZAR DE PROIBIDO – AS CRIANÇAS REVOLUCIONAM A EDUCAÇÃO – O CULTO DA ÁRVORE DE NATAL

CASA DAS NOVIDADES

A CASA DAS NOVIDADES
CUMPRIMENTA SUA DISTINTA
CLIENTELA DESEJANDO-LHE
FELIZ NATAL
PRÓSPERO ANO NOVO
1950 1951



TECIDOS FINOS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS

EM SEU ANEXO A MAIS
COMPLETA SEÇÃO INFANTIL

PADRÕES EXCLUSIVOS
IMPORTAÇÃO DIRETA

Av. N. S. COPACABANA N.º 6 1
Telefones 37-7122 — 37-7088



Natal de Ano Santo

— Sim, esta Porta Santa será fechada, hermèticamente fechada e cimentada por mais vinte e cinco anos. Só em 1975, quando tiveram desaparecido muitos dos que hoje aqui se encontram, e muitos outros tiverem nascido e sofrido — ela será novamente aberta para repetir êste ciclo de festividades.

— E quem sabe o que se terá passado com êste pobre mundo de Deus daqui a mais um quarto de século!

— Ou mesmo daqui ao encerramento desta porta santa...

— Quem sabe!

★

Foi na manhã chuvosa de domingo, 23 de abril do Ano Santo de 50. Éramos um pequeno grupo de brasileiros, apenas quatro, cada qual munido do ingresso que nos facultava o direito de assistir, na Basílica de São Pedro, às solenidades da canonização da Beata Maria Guglielma Emidia de Rodat. Cem mil pessoas se misturavam no recinto do majestoso templo, enquanto lá fora, na Praça de São Pedro, muitas dezenas de milhares contentavam-se em apanhar chuva e aguardar o aparecimento do Papa nas janelas do Vaticano, mais tarde, terminada a cerimônia. Alguém lembrou que a Porta Santa viesse a ser lacrada em 25 de dezembro, já com a guerra deflagrada. E o mais pessimista dos quatro admitiu que talvez nem fechada fôsse, ou já o tivesse sido antes, precipitadamente. Sem dúvida, as perspectivas eram sombrias, e não o deixaram de ser até hoje. Por vêzes as trevas quiseram desabar ainda mais espessas por sôbre nós todos — e outras tantas vêzes os horizontes, por milagre, voltaram a clarear. Mas o pessimista afirmava:

— Não haja dúvida, amigos. O Natal dêste ano Santo será o Natal da maior guerra, da pior que a Humanidade já pensou — ou não pensou — assistir. Milhares dêstes peregrinos vindos, com sacrifício, de lugares remotos, terão desaparecido antes de dezembro. Paira por sôbre tôdas estas cabeças a ameaça do Mal. Grandes serão as tenebrosas surprêsas, os funestos acontecimentos prestes a desenrolar-se. Por isso mesmo é que me apressei a vir também. Não sei o que me reservam êsses dias mais próximos e não quero que o pior bata à minha porta, irremediável, sem ter vivido esta emoção imensamente grata ao meu coração de católico. Houve um silêncio prolongado entre nós quatro. De tôda a nave chegavam aos nossos ouvidos acordes maravilhosos, hinos celestiais, e o côro da Capela Sixtina era um bálsamo, um generoso bálsamo. Tudo como se de inesperado a abóbada do imenso templo fôsse rasgar-se e dela surgissem os anjos, porque só os anjos poderiam cantar assim tão divinamente. As trombetas enchiam o espaço de majestosas clarinadas. Tudo era místico, elevado e puro.

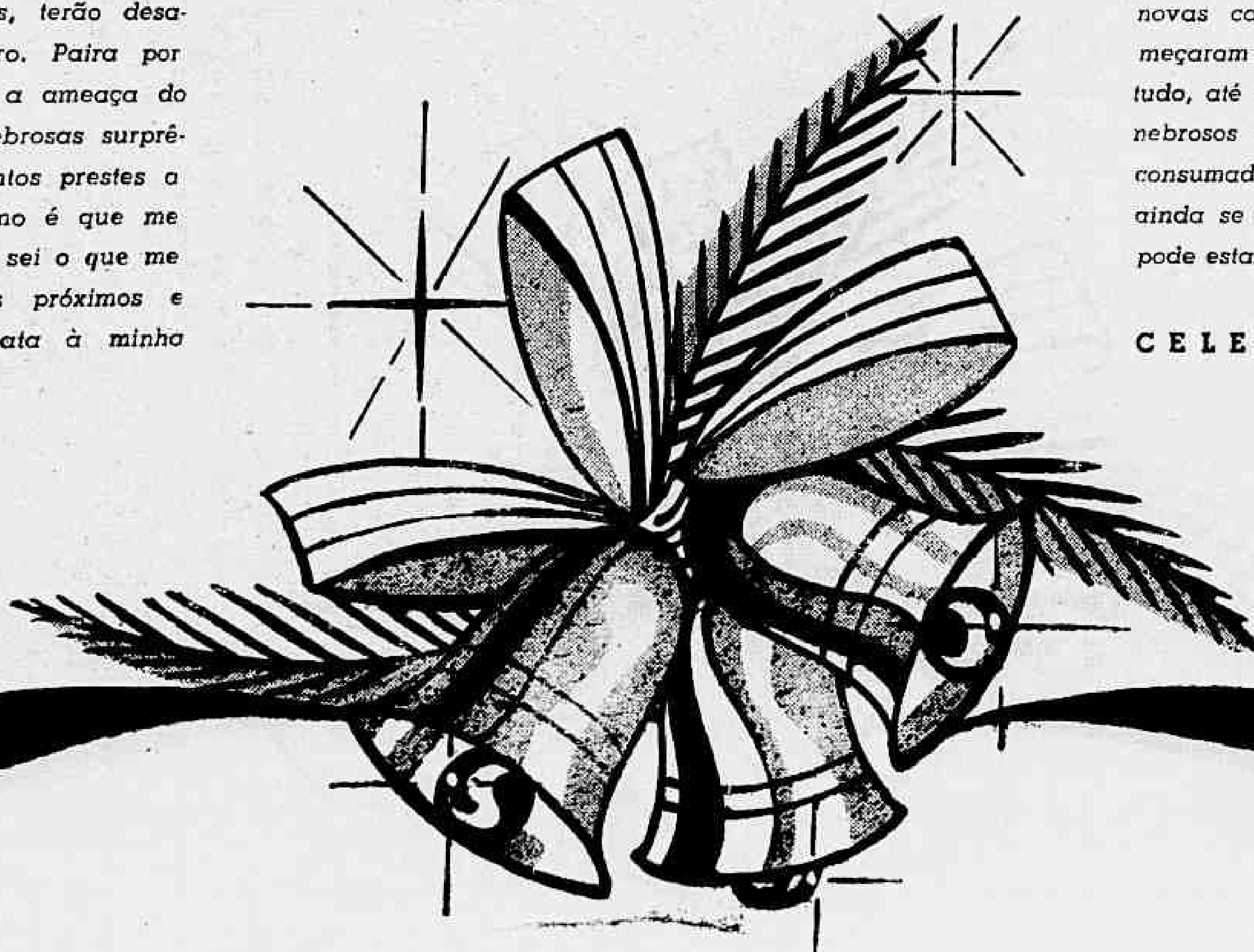
Nosso olhar percorreu aquelas cem mil almas misturadas, em que havia pobres mulheres vindas de tôda parte — das regiões da Alsácia, dos montes nevados da Suíça, das fronteiras germânicas, de mais longe ainda, do outro lado do Atlântico, até do Extremo Oriente e da Índia. Peregrinos de rostos diferentes, de roupas estranhas, de túnicas e véus, de máscaras extáticas, olhos fitos no altar de São Pedro, oravam ungidos do mais nobre sentimento. Juntavam as mãos nervosas e afagavam rosários toscos ou de alto prêço. E todos seguiam os movimentos de Pio XII, dando seguimento ao cerimonial da canonização da nova santa francesa. Um sentimento de profunda piedade por aquelas mulheres de cabeças cobertas pelos véus negros, por aquêles velhos de olhar súplice, por tôdas aquelas crianças de destino tão incerto, vinha travar-nos o coração:

— Senhor, o que terá sido destas pobres criaturas no dia em que a Porta Santa vier a ser fechada pelo Natal? Que novas dores as esperam, Senhor?

★

Mas o Natal do Ano Santo chegou. Aí está, cheio de apreensões, é certo, sob as mesmas perspectivas sombrias de novas catástrofes — que em parte começaram a vir — é bem verdade. Contudo, até agora nem todos os vaticínios tenebrosos daquele maior pessimista estão consumados. Uma réstea de esperança ainda se esconde em nosso peito. O pior pode estar para vir — mas ainda não veio.

CELESTINO SILVEIRA





Pensava-se que aspectos pitorescos desta natureza jàmais se repetiriam na capital da República. Mas as chuvas dos primeiros dias de dezembro — as maiores dos últimos 64 anos — fizeram evocar os flagrantes do tempo antigo. Aqui está a Praça da Bandeira mais uma vez justificando ser crismada para «Praça da Banheira». Sempre há quem se divirta na ocasião.

CHUVAS DE VERÃO

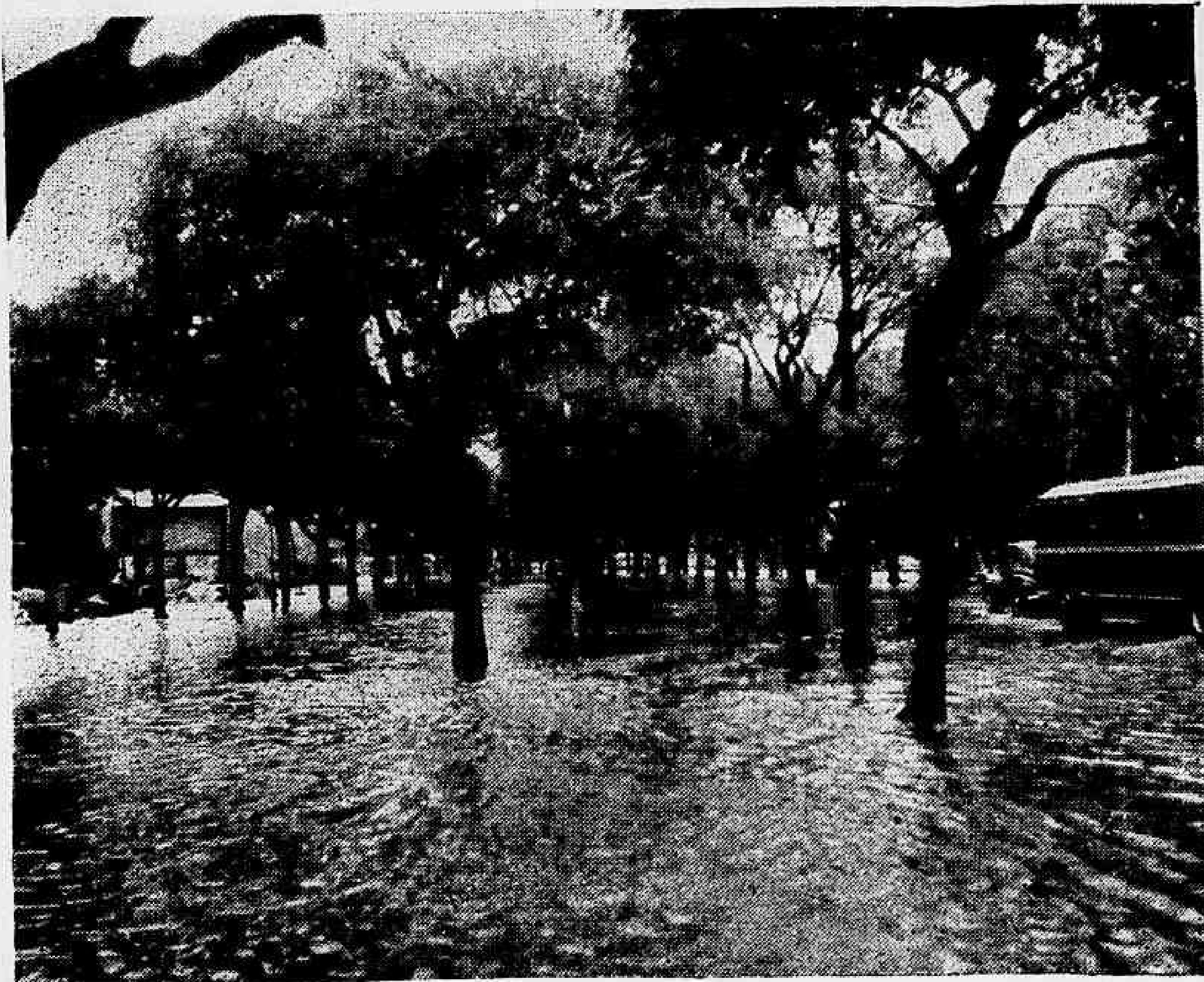
MESMO acostumado aos freqüentes temporais do verão, o carioca surpreendeu-se com aquela chuvarada mais forte dos primeiros dias de dezembro, êste ano. Dias antes, a temperatura fêz elevar-se de maneira extraordinária, mas as informações do Observatório não anunciavam, de imediato, o desabar de tão violento temporal. Êle se fêz sentir ao caír da tarde, estendendo-se pela noite adiante, manteve-se com a mesma impetuosidade por todo o dia seguinte, e ainda nas vinte e quatro horas posteriores fazia desabar, por tôda a metrópole, milhões e milhões de litros de água. Em conseqüência, houve o clássico registro de desabamentos e — o mais lamentável — de mortes em número superior a doze. A cidade ficou transformada em rio caudaloso. Pela manhã do dia 6, todo o tráfego, particularmente o da zona sul, ficou paralisado, impedindo o comparecimento da população aos seus afazeres, dentro do horário comum. Casas comerciais cerraram suas portas, e a Prefeitura viu-se na contingência de considerar feriado aquêle dia, para efeito dos exames finais que se processavam nos estabelecimentos de ensino.

Também a circulação dos diários na capital da República sofreu considerável atraso. Houve alguns que deixaram de aparecer, ou o fizeram muito tarde, em virtude das águas terem inundado as dependências de suas oficinas.

No Estádio Municipal, as chuvas provocaram o desabamento parcial do muro que circunscreve a maior praça desportiva do mundo — e sem as providências imediatas tomadas pela Prefeitura, com o socorro eficiente do Corpo de Bombeiros, teriam de ser interrompidos os jogos do campeonato de futebol que ora ali se realizam.

Os flagrantes destas páginas darão ao leitor uma ligeira idéia de que foram aquêles dias tormentosos para a população carioca. Mas como sempre se tira um bene-

(Cont. na pág. 76)



Desta vêz a zona sul foi mais prejudicada que os outros setores da cidade. Veja-se êste pedaço da Praia de Botafogo, inundada até tornar-se intransitável. O tráfego sofreu muito!



Ainda em Botafogo, pedestres e viaturas fôram sacrificados por muitas horas. Houve desabamentos com perdas de vidas. Mas o reservatório de Ribeirão das Lages melhorou de nível!





A PRAÇA DA BANDEIRA FICOU ASSIM. MUITOS CARROS DORMIRAM SOB AS ÁGUAS. OS PREJUÍZOS ATINGIRAM MILHÕES DE CRUZEIROS

PAPAE NOEL



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUE NOME SE DÁ AO PRAIEIRO PAULISTA:

Capiau?
Caiçara?
Caipira?

2 — QUE ACONTECIMENTO IMPORTANTE MARCOU O ANO DE 1872 PARA O POVO BRASILEIRO:

Casamento da Princesa Isabel?
Fim da guerra do Paraguai?
Primeiro recenseamento oficial do Brasil

3 — QUANTOS ELEITORES COMPARECERAM ÀS URNAS NO DISTRITO FEDERAL NAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO:

807.205?
607.830?
579.936?

4 — QUAL ERA O NOME DO DUQUE DE CAXIAS:

Luís Alves de Lima e Silva?
Honório Hermeto Carneiro Leão?
Luís de Araujo Lima?

5 — EM QUE CIDADE DO CEARÁ NASCEU JOSÉ DE ALENCAR:

Crato?
Ipu?
Mecejana?

6 — EM QUE RIO FICA A MAIOR ILHA FLUVIAL DO BRASIL:

Araguaia?
Amazonas?
S. Francisco?

7 — QUAL O NOME VULGAR DO SILICATO DE MAGNESIO:

Talco?
Alvaiade?
Cal?

8 — QUE É SUBLIMAÇÃO DE UM CORPO SÓLIDO:

Redução a cinzas?
Passagem do estado sólido ao gasoso?
Endurecimento pelo frio?

9 — A QUE SE DÁ O NOME DE «MOSAICO» NA CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR:

A um parasito?
A uma espécie de cana?
À cana de Java?

10 — A DENSIDADE DA ÁGUA EM COMPARAÇÃO À DO GÊLO É:

Igual?
Menor?
Maior?

11 — QUAL DOS ESTADOS DO BRASIL POSSUI, EM S. PAULO, MAIOR COLÔNIA:

O Ceará?
Minas Gerais?
Pernambuco?

12 — COM QUE IDADE DEIXOU MARCO POLO, SUA TERRA, VENEZA, PARA ENFRENTAR A VIAGEM AO ORIENTE:

17 anos?
30 anos e meio?
23 anos e oito meses?

13 — QUE IMAGINOU O SÁBIO AMPERE, PARA UNIR A HUMANIDADE:

Abolição das fronteiras?
Acabar com o dinheiro?
Uma língua só?

14 — QUAL O NOME REAL DE «A DAMA DAS CAMÉLIAS»:

Marguerite Gautier?
Marie Duplessis?
Alphonsine Plessis?

15 — QUANTAS PONTES HÁ SÔBRE O SENA, EM PARIS:

Trinta e oito?
Vinte e duas?
Dezessete?

16 — QUAL A CAPITAL BRASILEIRA QUE JÁ SE CHAMOU DESTÊRRO:

Manaus?
Florianópolis?
Vitória?

17 — DENTRE OS DOZE APOSTOLOS DE CRISTO, QUEM FICOU COMO CHEFE:

S. João?
S. Paulo?
S. Pedro?

18 — ALÉM DE ROMA, QUAL A OUTRA CIDADE EM QUE PONTIFICARAM SETE PAPAS:

Veneza?
Avinhão?
Londres?

19 — QUAL DAS CIDADES POLONESAS A MAIS RICA EM RECORDAÇÕES E MONUMENTOS:

Cracóvia?
Lublin?
Varsóvia?

20 — QUEM FUNDOU A CIDADE DE SINGAPURA:

S. Francisco Xavier?
Jerônimo da Gama?
Thomas Stamford Raffles?

(Respostas na página 58)

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição fisica lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

ALFAIATARIA E CAMISARIA DE 1ª ORDEM
ARTIGOS FINOS PARA HOMENS E MENINOS
ROUPAS FEITAS E SOB MEDIDA — 12 E 24 HORAS
O CASTELO DO RIO
GRANDE VARIEDADE EM CASEMIRAS, LINHOS E TROPICAIS.
Secção de Chapelaria e Gravataria
EDUARDO CUNHA & Cia.
RUA URUGUAIANA, 1 e 3 e CARIOCA, 2 e 4
Telefone 22-3150 — RIO DE JANEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Editora Paulo de Azevedo, Ltda.
LIVREIROS E EDITORES
ARTIGOS DE PAPELARIA E MATERIAL ESCOLAR
Rua do Ouvidor, 166
RIO DE JANEIRO
S. PAULO
292, rua Líbero Badaró
BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655

VENDAS A PRAZO
SEM FIADOR
CALÇADOS SOB MEDIDA
ESMERADA CONFECÇÃO MANUAL
MATERIAIS TECNICAMENTE SELECIONADOS
AQUI
R. ROSÁRIO, 136 — 1º Andar — Sala 5
FONE: 43-7217
Um convite ao bom gosto de V. S.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 51 ★ 23-12-50

Redator-Chefe
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade.
J M COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJOS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 29½, tel 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 92 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação. 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

É PERIGOSO SER HONESTO?



Aí está um tema excelente para boa tese de carater filosófico. Se um intelectual sustentasse essa tese e mostrasse que é perigoso também o indivíduo ser honesto, poderia parecer que tal asserção concorreria para corromper a moral pública. Mas caríssimo leitor, o hipotético conferencista teria razão, pelo menos em parte. O fato que vamos citar, e que se passou nesta cidade das maravilhas é convincente e dispensa maiores rebuscas nas profundezas da filosofia. Vamos a êle: O sr. Antônio Alberto Magalhães, auxiliar de um restaurante na rua do Lavradio, achou um cheque de Cr$ 11.000,00 (onze mil cruzeiros), ao portador, expedido a uma emprêsa de financiamento com séde na Av. Rio Branco. Embora pudesse ir ao Banco e receber o cheque, contra o qual só havia a hipótese de já estar o banco sacado avisado do seu extravio, o sr. Alberto Magalhães telefonou imediatamente para a firma emissora narrando o fato e pedindo que mandassem uma pessoa credenciada até ao restaurante a fim de receber o cheque. E', como se vê, um gesto da mais pura honestidade. Entretanto, quem foi receber o documento não se apresentou em condições de merecer fé, e o sr. Magalhães se negou a entregar o cheque, telefonando outra vez para a firma, dizendo que iria, pessoalmente, fazer a entrega dos onze contos de réis achados na rua. Da emprêsa, porém, pediram que êle aguardasse outro emissário a quem poderia entregar o cheque. Minutos depois chegavam ao restaurante dois cidadãos em nome do sacador, pedindo que os acompanhasse. Mas, notou o Sr. Magalhães que, ao invés de irem para a Av. Rio Branco, séde da Companhia, o conduziram a um outro local na rua do Carlo, onde foi interrogado por um senhor que lhe perguntou se, ao invés de ter achado o cheque, não o havia furtado! E' aí que está a tese: E' perigoso ser honesto?

VIAGEM À LUA



Não é de hoje que os cientistas imaginam uma viagem à lua. Há hoje lentes telescópicas de poder tão grande e tão nítido, que certas partes da superfície da lua são muito mais conhecidas aos seus observadores, do que algumas regiões da Africa. Segundo os físicos e astronomos, a lua não é habitada. E, se é, o pessoal que ali vive não pode ter os mesmos dispositivos orgânicos dos que estão a peregrinar na Terra, desde os infusórios até ao homem. Na lua, segundo afirmam os sábios, não há água, sua atmosfera não contém oxigênio e, um lado suporta a sul do sol durante um mês, enquanto a outra permanece na obscuridade. Resulta disso o seguinte: do lado em que há os raios solares, a temperatura se eleva a cem graus centígrados, ou seja a temperatura necessária a ferver a água. No outro, o frio é também de cem graus... Como vemos, não há nenhuma possibilidade de um cidadão desta amável Terra, passar um fim de semana no **subúrbio terrestre,** a não ser que leve uma aparelhagem especial e custosa, para neutralizar o calor fervente do sol e o frio ultra-polar da outra banda. Outra curiosidade da lua: não há no mundo, ninguém que já lhe tenha visto o lado oposto à Terra. O motivo é simples: o nosso satélite gira de tal maneira em torno a si mesmo e em volta da Terra, que nos mostra apenas um hemisfério. O outro fica sempre oculto aos nossos olhos armados ou desarmados... Exibiram, faz poucos dias, um filme sôbre uma viagem à lua. Os produtores perderam excelente oportunidade para ilustrar os assistentes, descrevendo o «outro lado da lua», já que chegaram a pousar numa de suas regiões. Mas, ao que parece, a preocupação dos navegantes interplanetários era apenas a de verificar se havia urânio lá... E isso é assunto muito elevado para divertir os leigos!

SAFRA DE MORTES



Quinze mortos nos vários desabamentos ocorridos nesta capital em virtude do temporal do dia 6 de dezembro, além de 60 feridos. Quanto aos prejuizos de ordem material, são ainda desconhecidos em sua exatidão; mas, tanto a Prefeitura, como os particulares, estão alarmados com o vulto de suas perdas. Anualmente, de dezembro a Março, esta capital se vê surpreendida pelos fenômenos meteorológicos que tanto a aflige. Êste ano começou sinistramente a safra de morte. Publicaram alguns jornais um número maior ainda, superior a quinze falecimentos por desabamentos; mas, ao que parece, incluiram vítimas em Niterói. Seja como fôr, mesmo que fosse uma só perda de vida humana, o caso era para deplorar-se e chamar a atenção do Departamento de Engenharia da Prefeitura, a fim de que fossem tomadas providências para evitar outros fatos iguais. Mas, infelizmente, sobe a mais de uma dezena de mortos, inclusive inocentes crianças. Deu-se até um fato emocionante: chamados os bombeiros para socorrer famílias soterradas, partiu uma brigada dos soldados do fogo que iam lutar, agora, contra a impetuosidade da água. E lá, diante dos destroços, êles iniciaram a tarefa humanitária, procurando salvar os que ainda estivessem com vida. Um dos bombeiros, com surprêsa imensa, ao retirar dois corpos de mulher por entre as ruinas molhadas, verificou que se tratava de sua genitora e de sua irmã! E' indescritivel o choque que experimentou o bravo militar. Era dramático o encontro e êle soube manter-se estóico em face da desgraça que o colhera também.

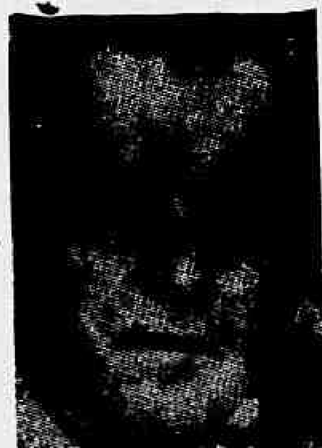
Que fazer, para conjurar tanto perigo nesta cidade, todos os fins de ano e princípios do outro? O assunto exige dedicação imediata por parte dos administradores públicos.

D. PEDRO II



Passou, a 5 de dezembro, o 59º aniversário da morte de D. Pedro II, nosso segundo e último Imperador. Aquela data, no ano de 1891 morria no modesto hotel Bedford, da Rua de l'Arcade, nº 17, um dos mais dignos, dos mais próbos e dos mais cultos brasileiros de todos os tempos. Ao expirar, segundo dizem os cronistas, exclamou: «Nunca me esqueci do Brasil. Morro pensando nêle. Deus o proteja». D. Pedro II nunca se esqueceu do seu torrão nativo, mas, infelizmente, o Brasil o esqueceu logo que a bordo do «Alagoas», saiu barra em fora para morrer humildemente um homem que era nosso Imperador. Não somos dados a censuras a quem quer que seja; mas, julgamos que a nossa imprensa, os nossos professores, nossas associações culturais e de letras, deviam reverenciar, todos os anos, a data em que desapareceu do número dos vivos, exilado, desprezado, aquêle que merece um cantinho no coração de todos os compatriotas. O merecimento não se justifica por ter sido êle o último dos nossos monarcas; mas porque, acima de tudo, D. Pedro II era uma figura ímpar entre todos os soberanos do mundo de então. Poeta, sonhador, lírico, homem de um coração imenso, generoso e afetivo, inebriava-se com a literatura e sabia proteger os que precisavam de seu amparo para escalar os degraus da sabedoria e da arte. E' um hino de brasilidade aquela frase que proferiu diante da desgraça do nordeste na grande sêca de 1877: «Venderei a última jóia da minha Coroa, mas não permitirei que morra de sêde um cearense». E cumpriu a promessa, mandando construir o majestoso açude do Quixadá. Nós precisamos manter bem vivas essas lembranças.

A PERSONAGEM DA SEMANA



TODO o país vem assistindo, com relativo interêsse e certa melancolia, a êste lamentável episódio do abono de Natal. E' claro que os supostos beneficiários da medida e mais do que êstes, os verdadeiros beneficiários dele, os comerciantes, estão ansiosos pela efetivação da mesma. Enquanto isso, o Poder Legislativo e o Poder Executivo, lamentàvelmente acoelhados não dizem claramente **sim** ou **não.** Apenas duas coisas se destacam evidentes e bem claras: a irreflexão do sr. Benjamin Farah que, em boa consciência, não tinha o direito de criar semelhante caso sem saber das reais condições do erário, e a atitude de bravura funcional e coragem cívica do sr. João Cleofas querendo dizer a verdade ao povo que, afinal, é o dono do dinheiro. Eis a grande interrogação da qual não se lembrou o sr. Benjamin Farah, já que admitimos a hipótese, absurda para um representante da nação, qual seja a de não estar a par da situação financeira de seu país. Os quarenta e cinco milhões de brasileiros, donos dos recursos, êles sim, e não os membros do Legislativo e do Executivo estariam de acôrdo com a sangria? A resposta deveria ser dada pelos representantes dêstes quarenta e cinco milhões em nome dos interêsses dos mesmos. Mas, de muitos anos para cá, vem decrescendo nos homens públicos do Brasil o sentimento de coragem funcional, fato ainda agora neste episódio, comprovado: o Executivo toma atitude dúbia; o Legislativo não se porta de outra maneira. Um joga a prebenda para o outro. E' que neste país parece que só existem o indivíduo e a classe a que êle pertence. Será mesmo que a Pátria desapareceu? E a verdade, então, ninguém quer saber dela, dir-se-ia que definitivamente. E que verdade é essa? A de que o Tesouro público não está em condições de suportar o pêso de seiscentos ou setecentos milhões de cruzeiros para o abono de Natal, forçando-se o Govêrno a mais emissões, como se um náufrago para escapar do afogamento fôsse forçado a beber a água do rio...

AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

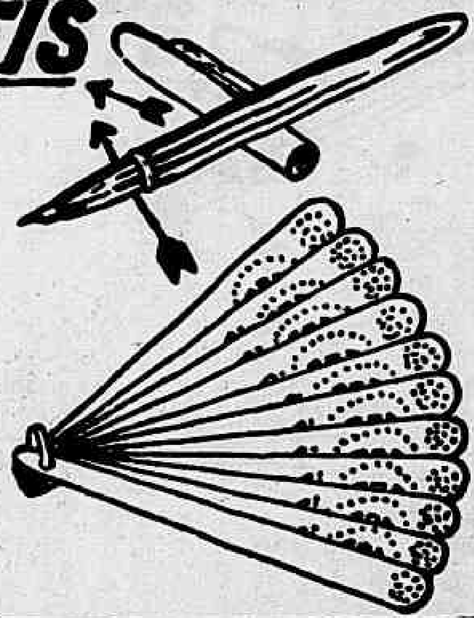
GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso

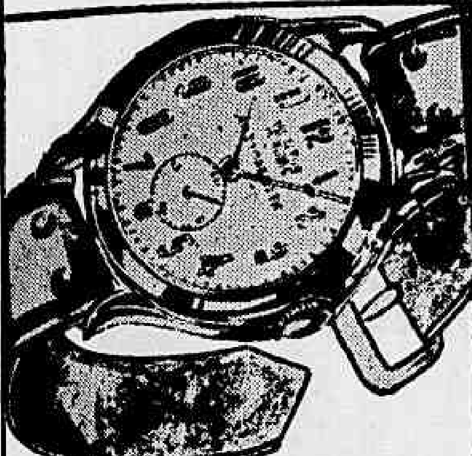
CASAS ROULIEN

Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensaciônais ofertas para 1950, por preço de reclame.

GRATIS



Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho. Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.



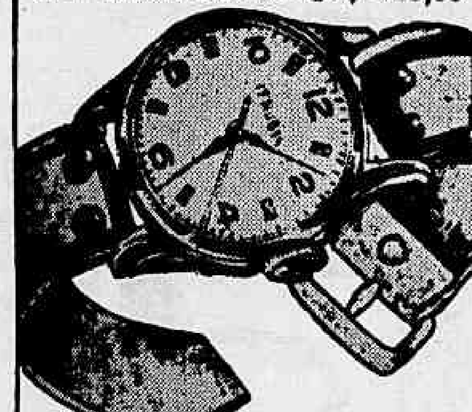
24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



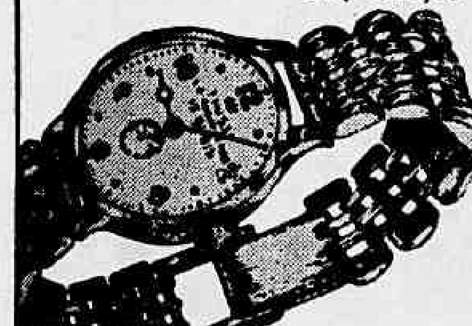
24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



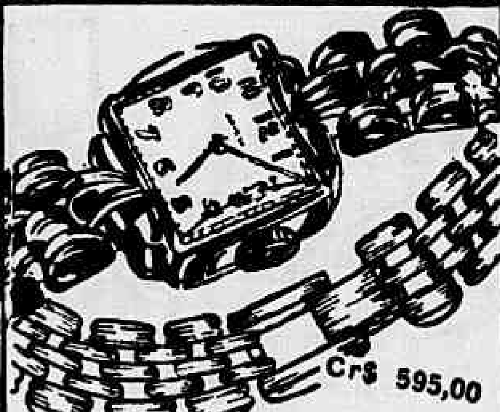
24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda Jóia. APROVEITEM!.. Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



24191 DESLUMBRANTE relógio THUBE, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia — Cr$ 575,00

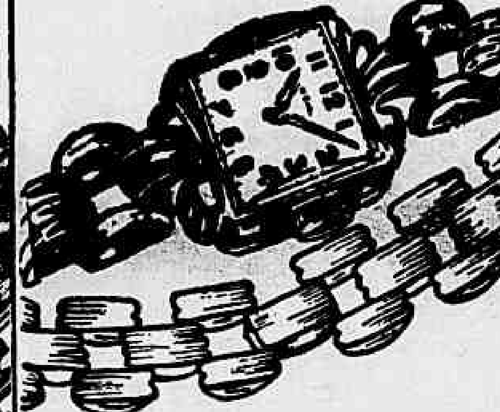


Cr$ 595,00

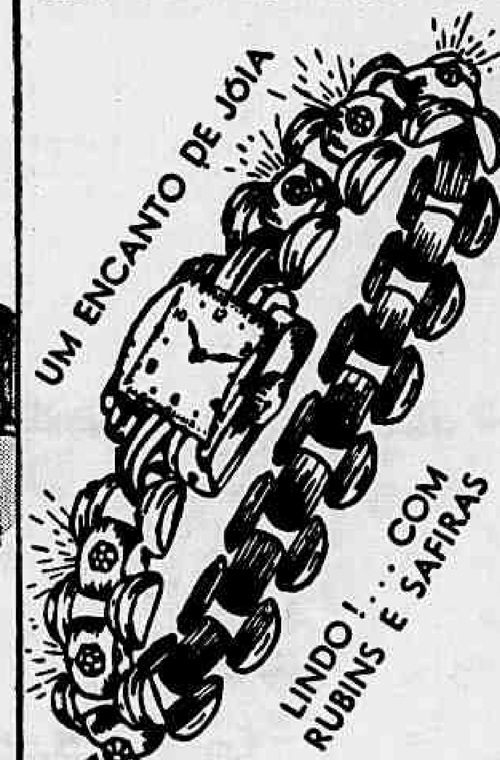
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada. Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



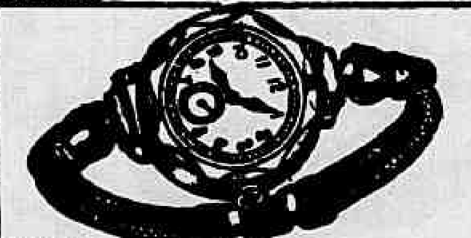
24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



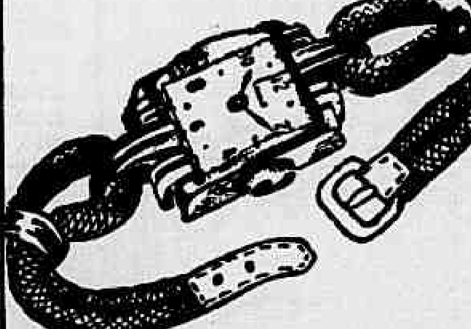
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Enviemos medida do pulso. Cr$ 489,00



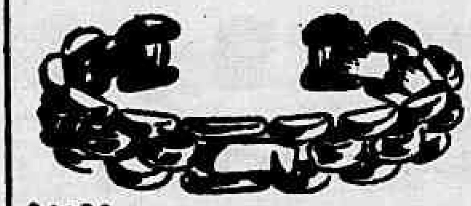
24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



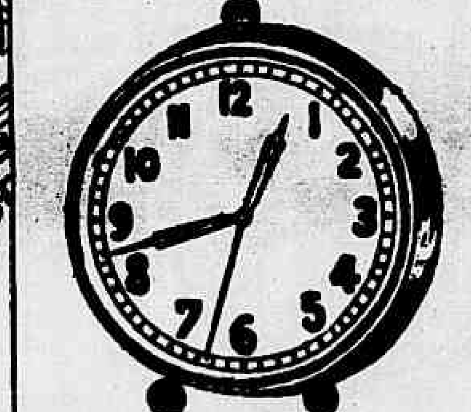
24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



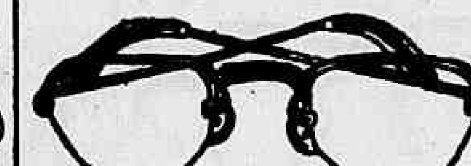
24183 MARAVILHOSO, ANTI-MAGNÉTICO, para senhora, Suiço ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



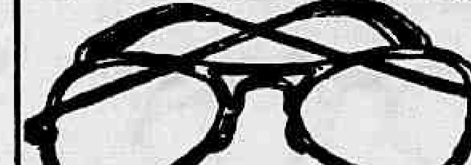
24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Enviemos a medida do pulso. Cr$ 133,00



24144 — DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00



24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



24172 ALIANÇAS de ouro, 18 quilates, largas Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00



24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



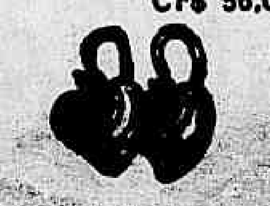
24165 — LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo, em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00



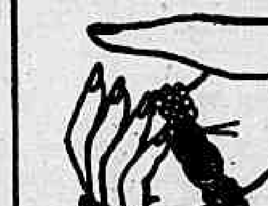
24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00

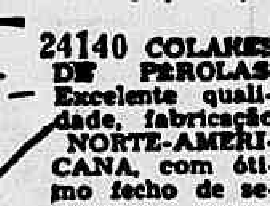


24163 DEUS TE GUIE, em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00



24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00

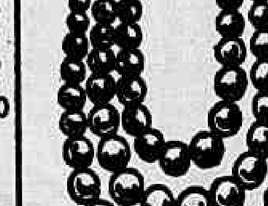


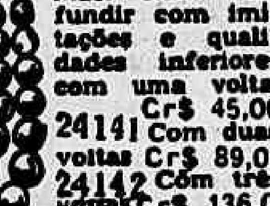


24140 COLARES DE PÉROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00

24141 Com duas voltas Cr$ 89,00

24142 Com três voltas Cr$ 136,00





24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

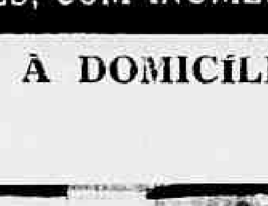




ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM ÓTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.











24203 — DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00.

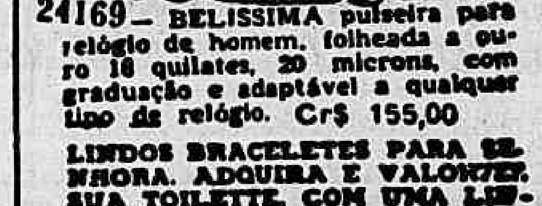
EMBELEZE O SEU RELOGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



24167 — DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade. — Cr$ 95,00



24192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00



24169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.



24693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis. Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.





24108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno. Mantém o brilho inalterável e perfeita aparência de legitimo ouro. Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rapida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 - 1.º e 2.º Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as mais [illegible] organizações de Reembolso Postal do Brasil servindo ao povo amigo ha mais de 15 anos, e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM À DOMICÍLIO — FONE 49-0419



APESAR DE PROIBIDO JOGA-SE ABERTAMENTE EM TÔDA PARTE. NESTA FOTO APARECEM ESTRANHAS MÃOS JOGANDO O CHAMADO "MONTE INGLÊS"

O SR. RAIMUNDO NONATO da Costa Rocha, presidente da Liga Pró Regulamentação do Jôgo, falando ao repórter



CAPA-DE-ROSTO dos Estatutos da Liga, onde se lê a data de sua fundação e o decreto-lei em que está enquadrado



ESTATUTOS

DA

Liga Nacional

PRÓ

Regulamentação do Jôgo

Fundada a 4 de Fevereiro de 1950

Registrada sob o número 2721 de acôrdo com Decreto-Lei 4850 de 8 de Novembro de 1939

RIO DE JANEIRO

— 1950 —

ÊSTE É O MARAJÁ do Jôgo — o jogador maníaco. T... dois baralhos nos bolsos e tôdas as cartas são marca...

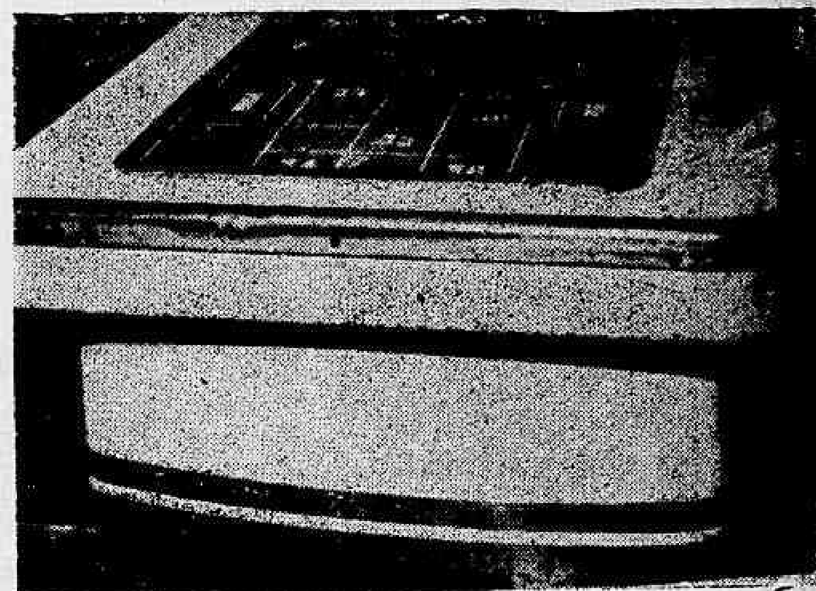


JÔGO FRANCO

APESAR DE CLANDESTINO

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES ★ Fotos de WALTER MORGADO

A HISTÓRIA COMEÇOU COM O CHAMADO DE DUTRA ★ "ANTES DE SER ELEITO RECONHECEU A NECESSIDADE DO JÔGO COMO INCREMENTO À INDÚSTRIA TURÍSTICA" — AFIRMA O SR. RAIMUNDO ROCHA, PRESIDENTE DA LIGA PRÓ REGULAMENTAÇÃO DO JÔGO ★ "OS CASSINOS SÃO PARA O ESTADO UMA PRODIGIOSA GALINHA QUE PÕE OVOS DE OURO" — DISSE EDGAR FAURÉ, SECRETÁRIO DAS FINANÇAS DA FRANÇA ★ O PROJETO DO DEPUTADO JONAS CORREIA E O JÔGO ATRAVÉS DO MUNDO ★ CARROS GRATUITOS, NA RUA ÁLVARO ALVIM, PARA QUEM SE DESTINA AOS "CASSINOS"

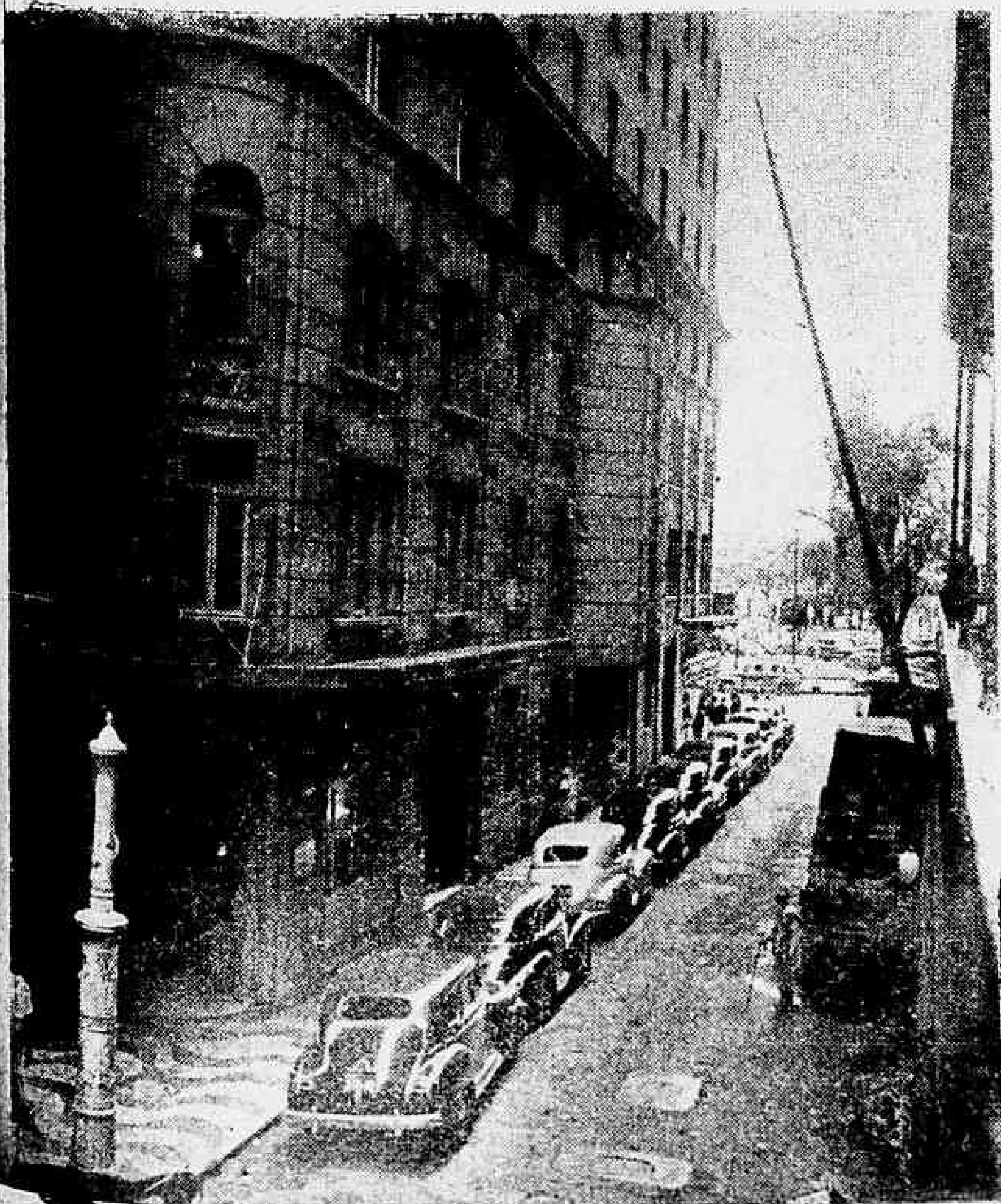


NA imprensa ocorre um fenômeno singular: um assunto sempre dá motivo a outro assunto; uma reportagem sugere outra reportagem. E' como a meada interminável que, à proporção que se puxa, surgem côres diversas que são os novos temas.

A REVISTA DA SEMANA publicou no mês de novembro próximo passado uma reportagem acêrca da eleição de Silvino Neto. Tendo o repórter lamentado que o festejado humorista fôsse apoiado pela "Liga Nacional Pró-Regulamentação do Jôgo", a redação recebeu a carta que transcrevemos, e nos mandou fazer esta reportagem, registrando tão sòmente a opinião dos entrevistados.

"Leitor assíduo da prestigiosa "Revista da Semana" li, em seu penúltimo número, a reportagem referente à eleição de nosso bom amigo Silvino Neto. Como sempre, observei a felicidade de seu valor descritivo e a propriedade com que foi localizado o fato. Infelizmente, também encontrei razões para me dirigir ao prezado patrício, colocando leve ressalva ao periodo em que a reportagem menciona o nome da "Liga Nacional Pró-Regulamentação do Jôgo", que apoiou a eleição de Silvino Neto. Refiro-me a quando o repórter lamenta o apoio oferecido ao eleito pela entidade mencionada. Não vejo motivos para o sentido pejorativo com que é feita essa menção. A entidade em foco, poderá sofrer

MUITO JÁ SE TEM NOTICIADO ACÊRCA DO JÔGO E DA SUA LEGALIZAÇÃO



ÊSSES AUTOMÓVEIS na rua Álvaro Alvim, só atendem (graciosamente) a quem se destina aos cassinos clandestinos





E AINDA HÁ QUEM DIGA QUE O JÔGO DE AZAR FOI EXTINTO! PURA ILUSÃO: EM TÔDA PARTE A BATOTA CONTINUA FRANCA, APESAR DE CLANDESTINA...

JOGO FRANCO . . .

LES CASINOS — LES CASINOS

O JORNAL PARISIENSE "L'Echo Touristique et Municipal", publica habitualmente a renda do impôsto do jôgo na França

ataques em seus objetivos, porquanto, são êles condenados por uns e aceitos por outros, contudo, a Liga vem agindo por meios legais e suas intenções são realidades em vários paises. Ademais, os votos oferecidos a 3 de outubro a Silvino Neto, são os mesmos que foram dados ao Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, em 1945. Naquela ocasião, foram os empregados em Cassinos os eleitores arregimentados; êstes, hoje, integram a Liga e se batem em busca de dias mais seguros para a manutenção de seus lares. Condenar-se êste ou outros objetivos de individuos ou grupos, é direito salutar dos regimes de liberdade; entretanto, lamentar-se a oferta de votos de cidadãos livres dos quais divergimos, é rigor demasiado em nossa discordância. A Liga está imensamente grata a Silvino Neto, que pùblicamente expos uma das razões de sua vitória, demonstrando a lealdade que usou ao aceitar o nosso apoio. Termino lembrando ao prezado amigo, que a Liga não procura estimular o jôgo, e sim, pretende extinguir a clandestinidade em que vive, que o torna mais pernicioso e duplamente prejudicial. Não fôsse circunscrever meus esclarecimentos à eleição de Silvino Neto, muito teria a dizer detalhando o tema de regulamentação do jôgo. Mostraria a messe de razões subterrâneas existentes, que sob o falso manto de principios de moralidade o atacam, procurando evitar a concretização dos objetivos da Liga, que é a regulamentação legal do jôgo, como acontece em vários paises. Agradecido pela acolhida que fôr dispensada a esta, apresento meus protestos de consideração e respeito. — Atenciosamente. — (a) *Raimundo Nonato da Costa Rocha*, Presidente do Diretório do Distrito Federal."

★

O missivista pediu apenas a publicação da sua carta. Mas nós fomos procurá-lo para fazer outro esclarecimento. Fácil é calcular o seu espanto e o seu contentamento.

CABO SUBMARINO
The Western Telegraph Company, Limited
FILIADA À
Cable and Wireless Limited.
N.° 28515
CARIMBO
CIRCUITO: EMPREGADO: HORA DO RECEBIMENTO
N. B. — As emprezas telegráficas não aceitam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegrafia (Convenção Telegráfica Internacional)

A primeira linha deste telegrama contem as seguintes informações, na ordem indicada: Número do telegrama, Estação de procedencia, Numero de palavras, Data original, Hora da apresentação.

UN177 RECIFE 16 30 1740
FUNCIONARIOS COPACABANA PALACE CASINO RIO
VOTANDO EM DUTRA TEREIS ASSEGURADA
SUBSISTENCIA VOSSAS FAMILIAS
FUNCIONARIOS CASINO RECIFE

ORD 1/1 SANTOS 16 1 2355
FUNCIONARIOS CASINO COPACABANA RIO
SOLIDARISANDO CLASSE UNIAO MORAL
APELAMOS CAROS COLEGAS VOTAREM DUTRA
FUNCIONARIOS CASINO GUARUJA

SEDE DA COMPANHIA ELECTRA HOUSE, VICTORIA EMBANKMENT, LONDRES, W. C. 2

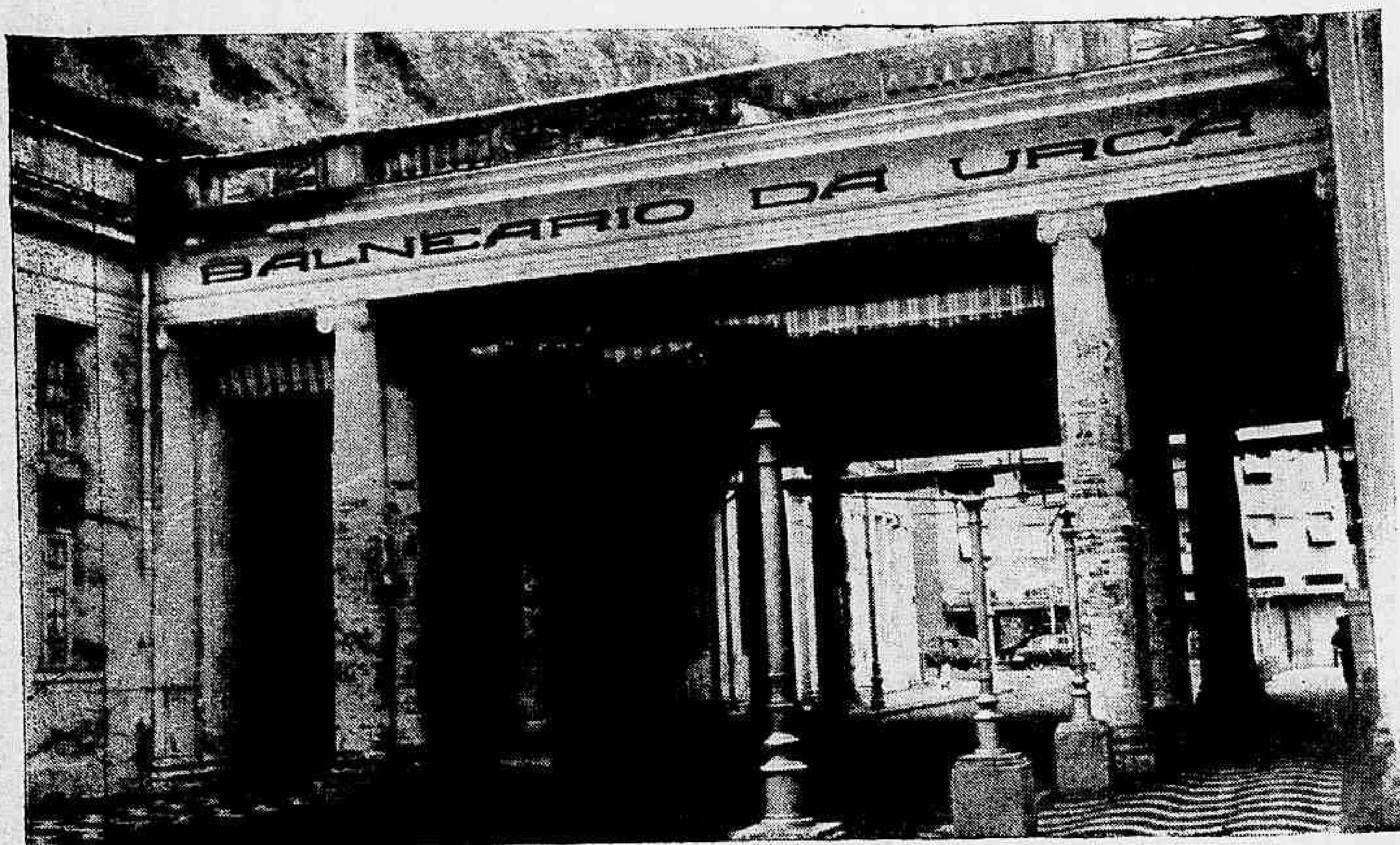
NA CAMPANHA POLÍTICA de 45, os empregados em cassinos de todo o Brasil apoiaram o general Dutra, como se vê nos "fac-similes" dêstes dois telegramas. Depois de Eleito, S. Ex. acabou com o jôgo... legalizado. Mas aí está o clandestino



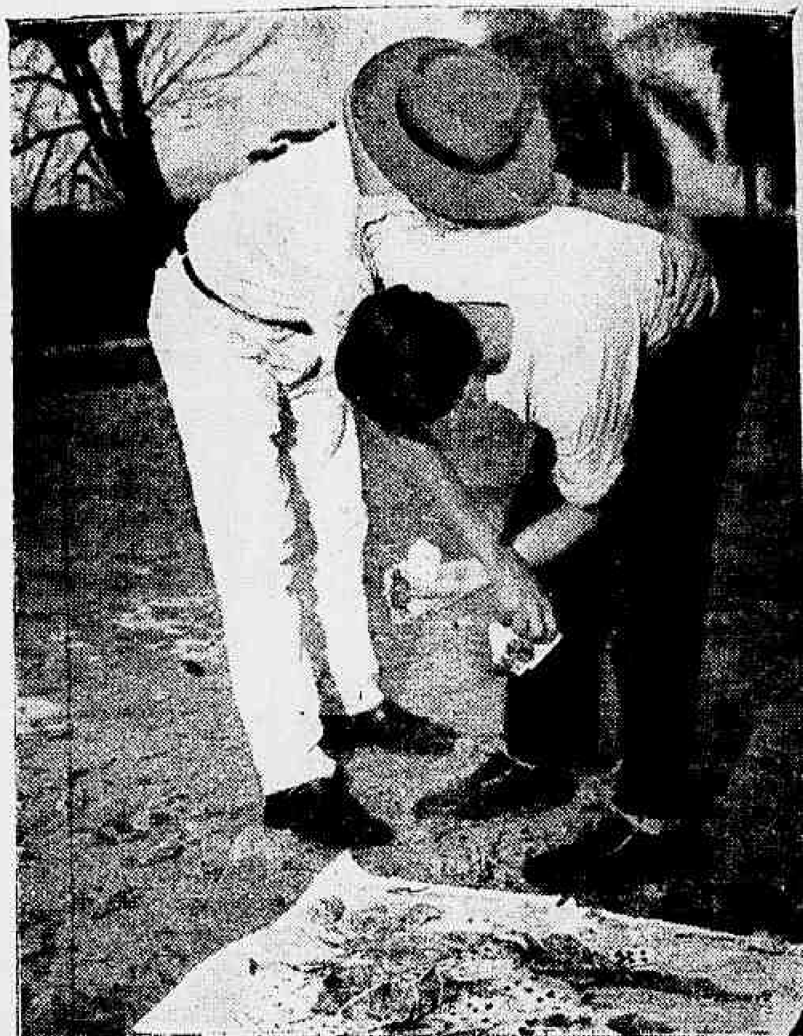
NESTE APRAZIVEL RECANTO, situado no quilômetro 21 da Rio-Petrópolis, encontra-se um dos mais frequentados cassinos clandestinos do Rio de Janeiro: a Chácara Arcampo



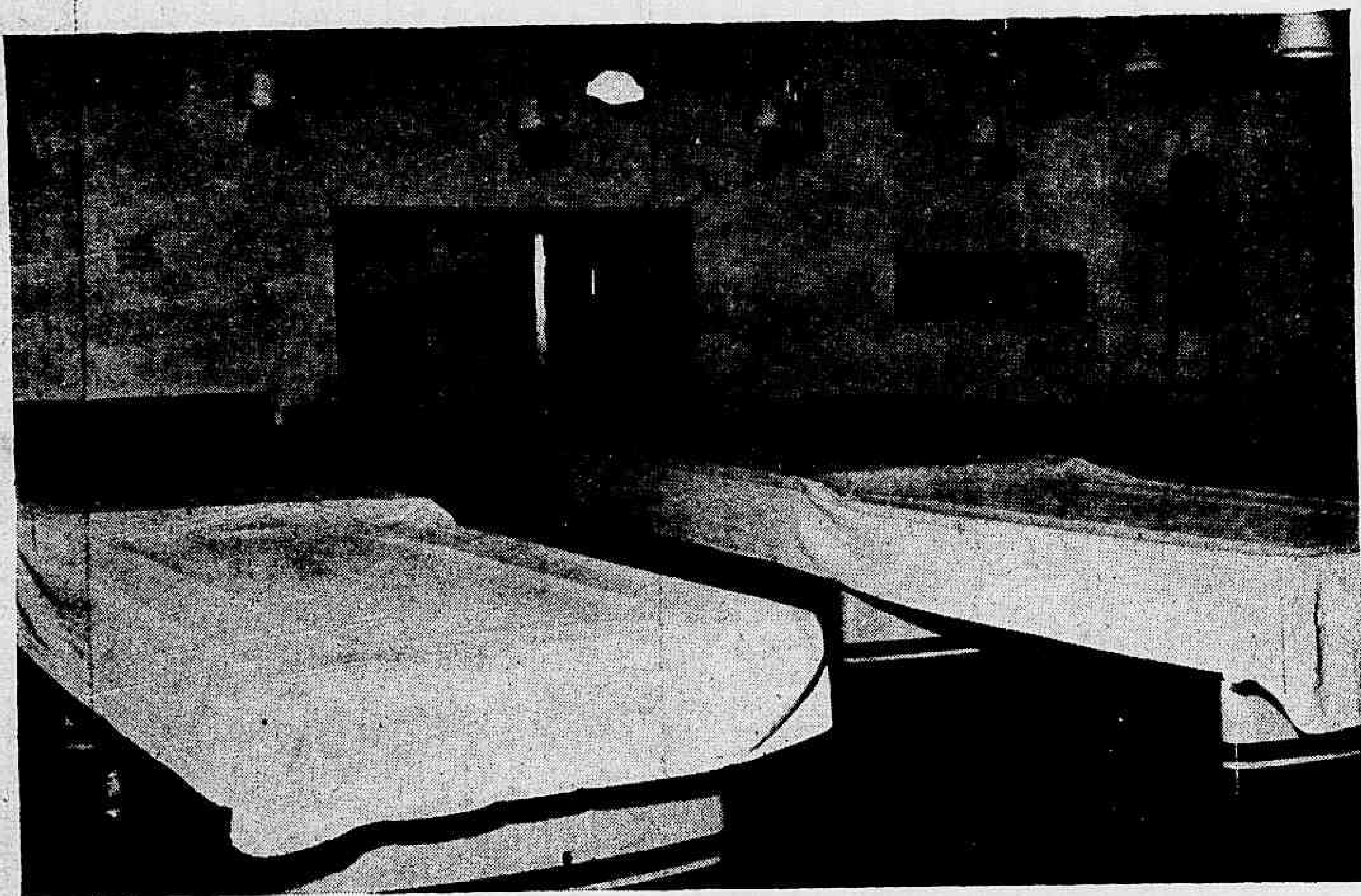
POR ÊSTE PORTÃO PASSAM diàriamente dezenas de carros levando os "habitués" do cassino. Para transpô-lo há uma quota mínima: 500 cruzeiros. Mas tem carro e hotel grátis



O CASSINO DA URCA, onde muito se jogou até 1946 quando foi fechado. Aparentemente, o jôgo foi extinto — mas só o legalizado, porque se abriram clubes clandestinos. Voltará ao movimento de outras noites, êste recanto carioca, ou não?



ESTES DOIS SÃO AMIGOS (?) mas jogam com freqüência. Por isso brigam. Porque o jôgo e a arruaça se irmanam



O INTERIOR DESSAS CASAS apresenta-se hoje deserto, em contraste com o borborinho de outros tempos. As grandes mesas das roletas estão cobertas, os ventiladores parados — e não há sequer as habituais "matinées." Tudo isso voltará?



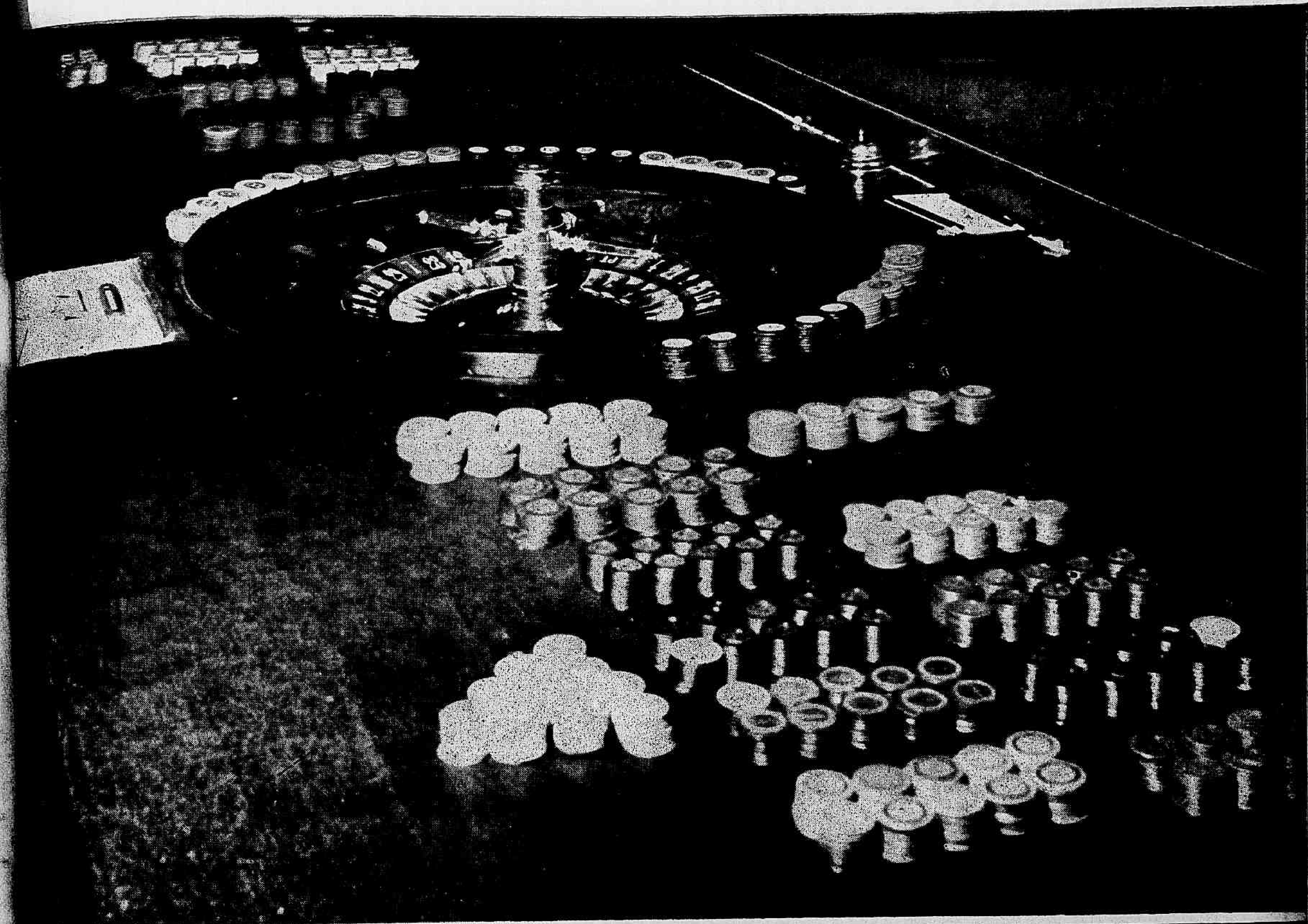
"ASSIM NÃO! EU GANHEI!" — diz um. "Quem ganhou fui eu" — exclama o outro. Por fim desentenderam-se. Briga certa

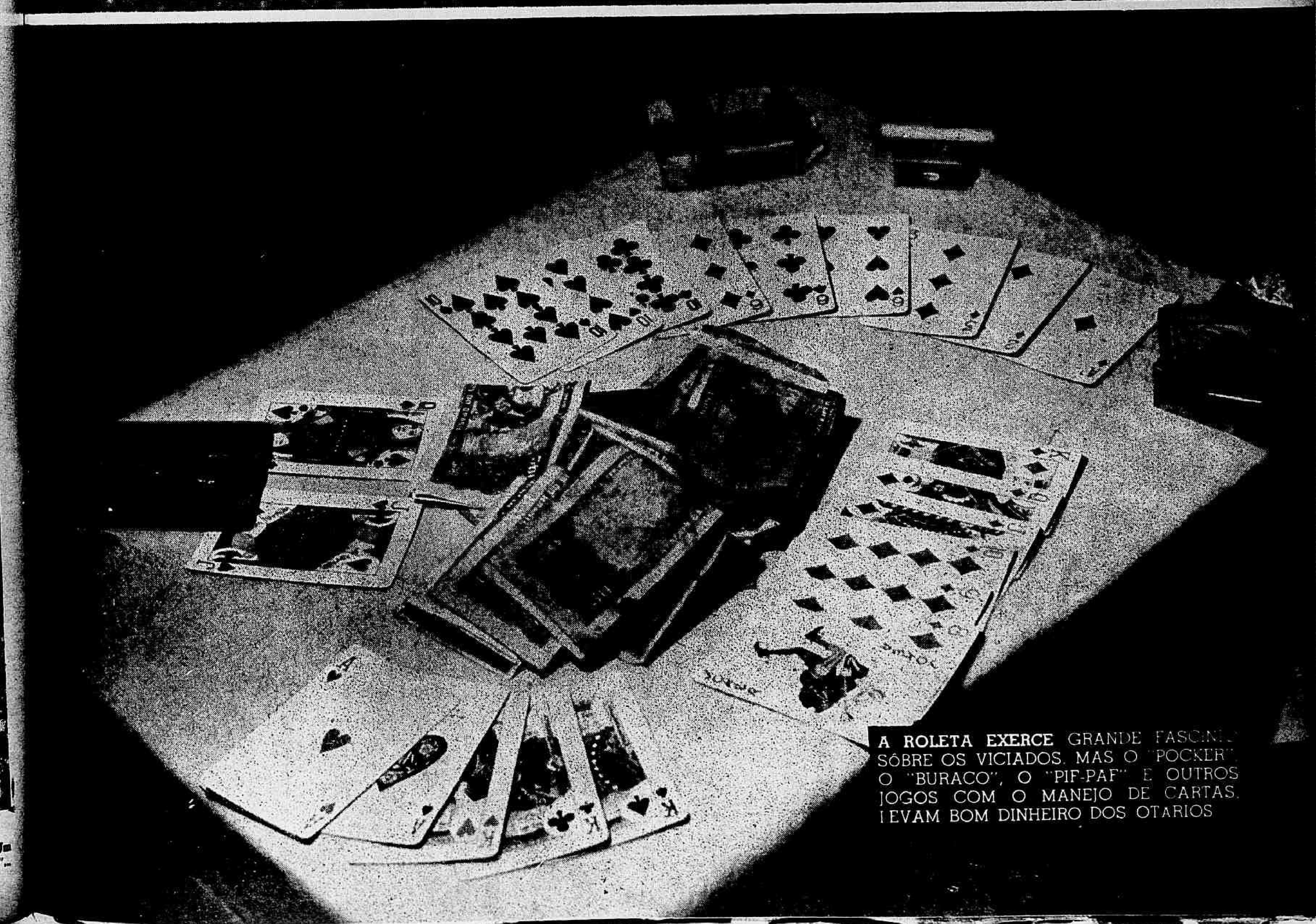


OUTRO FLAGRANTE de um luxuoso cassino carioca. Tudo parado. As mesas estão cobertas, as cadeiras empilhadas — mas isso não quer dizer que o jôgo acabou. Veio o clandesti no, onerando os cofres públicos e constituindo o mesmo perigo



E A DISCUSSÃO PROSSEGUE. Chegam às vias de fato. Um agarra o outro pela garganta. O outro arranca a "peixeira"...





A ROLETA EXERCE GRANDE FASCINIO SÔBRE OS VICIADOS. MAS O "POCKER", O "BURACO", O "PIF-PAF" E OUTROS JOGOS COM O MANEJO DE CARTAS, LEVAM BOM DINHEIRO DOS OTARIOS

A "RONDA", MESMO PERSEGUIDO PELA POLÍCIA, É A DISTRAÇÃO PREFERIDA E A DESGRAÇA DE MUITOS INGÊNUOS E QUANTOS MENORES VÃO NA ONDA!...



CAMPISTA — UMA DAS GRANDES atrações de quem joga. E' o "jôgo da elite". Nesta "parada", há gente modesta que, mesmo sem poder, arrisca-se a perder. Só dinheiro?!



MAIS CONSEQÜÊNCIAS DO JÔGO: em luta de vida ou morte, um jovem inexperiente e um cavalheiro em idade de ter juízo. Todo o "sururu" por causa de quarenta cruzeiros!

— Não contava com isso — disse entre surprêso e agradecido.

Teceu elogios à orientação da Revista e, entusiasmado, fêz críticas a certos jornais e periódicos e também a certos jornalistas, inclusive ao sr. Raymundo Magalhães Júnior, que, tendo, tempos atrás, no "Diário de Notícias", feito restrições à Liga, não se dignou a publicar a sua carta-protesto.

★

Depois de alguns momentos, o sr. Raymundo Rocha (como é mais conhecido), nos entregou uma cópia dos Estatutos da Liga e disse:

— Eu sou contra o álcool, o fumo e o jôgo. Entretanto, reconheço que a humanidade não aceita êsses três princípios e pratica todos êsses atos. E' o caso de se perguntar: — Como diminuir o mal que por ventura êsses três vícios realmente exercem sôbre a humanidade? Forçosamente é colocar dentro da ação fiscalizadora e retirar dela qualquer coisa de útil que possa compensar o lado negativo da ação que êsses atos positivamente exercem.

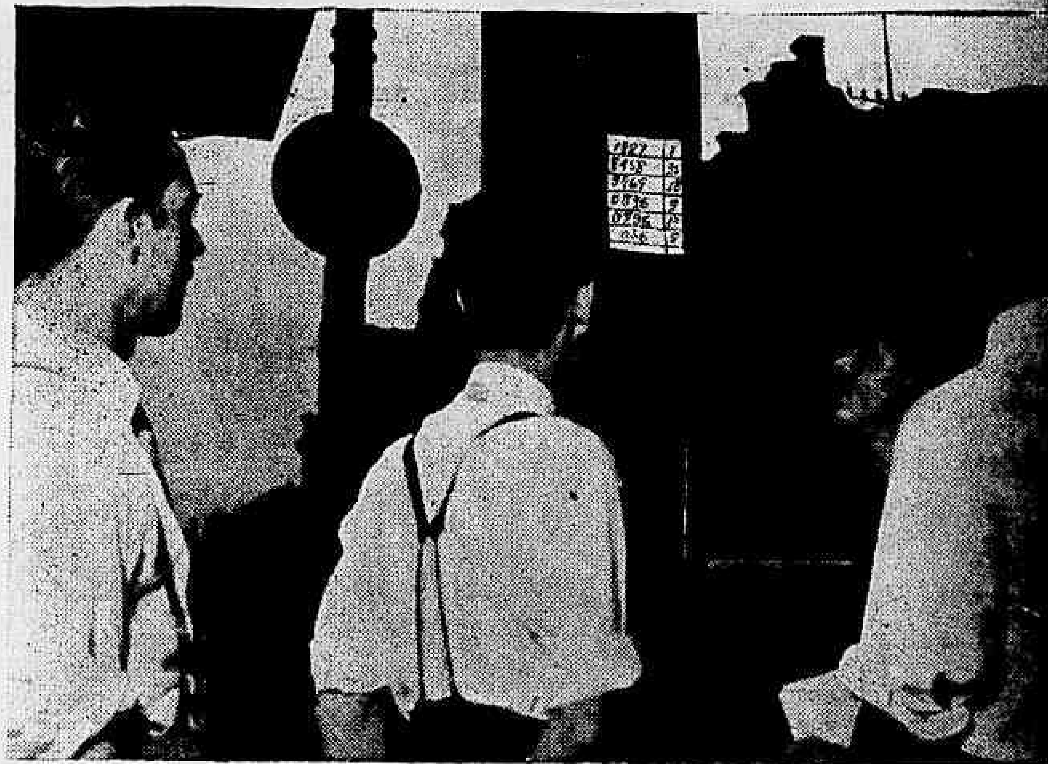
E prosseguiu:

— Os motivos por que me encontro neste movimento são vários: 1º — porque trabalhava em um dos estabelecimentos fechados em 1946, que eram os cassinos. Fui, consequentemente, prejudicado; 2º — porque exercia um cargo na administração do sindicato ao qual estavam enquadrados os empregados daqueles estabelecimentos fechados e assisti ao doloroso drama em que se debateram milhares de empregados que se viram de uma hora para outra sem emprêgo. Grande número dêles incapacitados para uma readaptação em outras atividades; 3º — porque verifiquei, como ainda verifico, e ninguém de boa-fé pode negar, que, fechados os cassinos, o jôgo continua a ser praticado em todos os quadrantes do Brasil, perdendo-se com o fechamento daqueles estabelecimentos a renda que os mesmos produziam para o Estado e que passou, daquela data em diante, a ser fornecida aos homens e aos grupos que vêm protegendo e que protegem sempre a clandestinidade do jôgo, quando existe uma lei que o proibe.

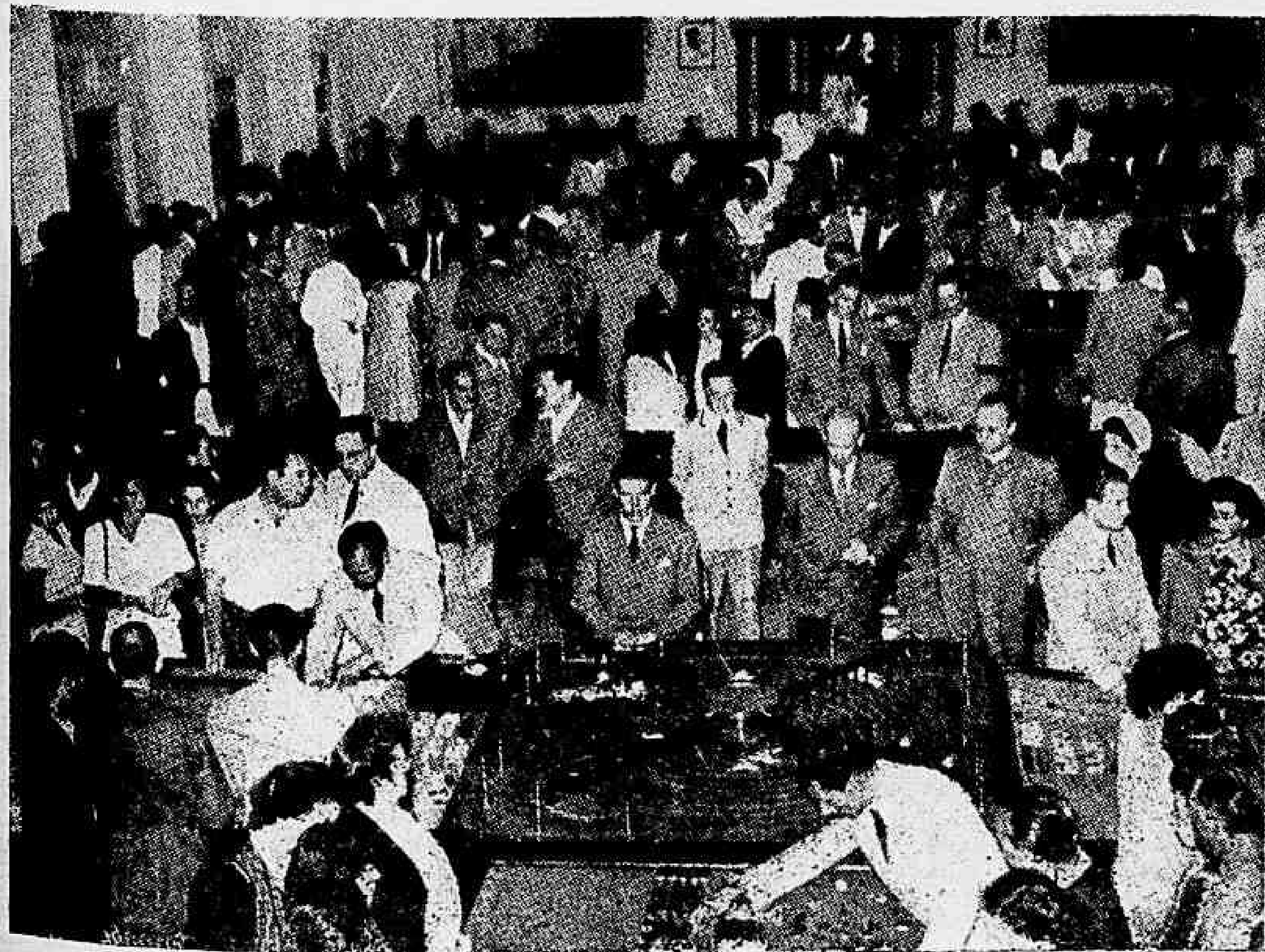
A quarta razão é que em todos os países civilizados o jôgo existe e dêle se retira a renda precisa para manter e impulsionar a indústria turística, a qual, quando bem orientada, não só une os povos como também dá vida e trabalho aos que nela exercem a sua atividade.

A última razão que me colocou à frente dêsse movimento é que em 1945, perante uma Comissão de quarenta companheiros, atendendo a um chamado do então candidato à Presidência da República — sr. General Eurico Gaspar Dutra — dêle recebemos a certeza de que, se fôsse eleito, consentiria na continuação do funcionamento dos

(Cont. na pág. 81)



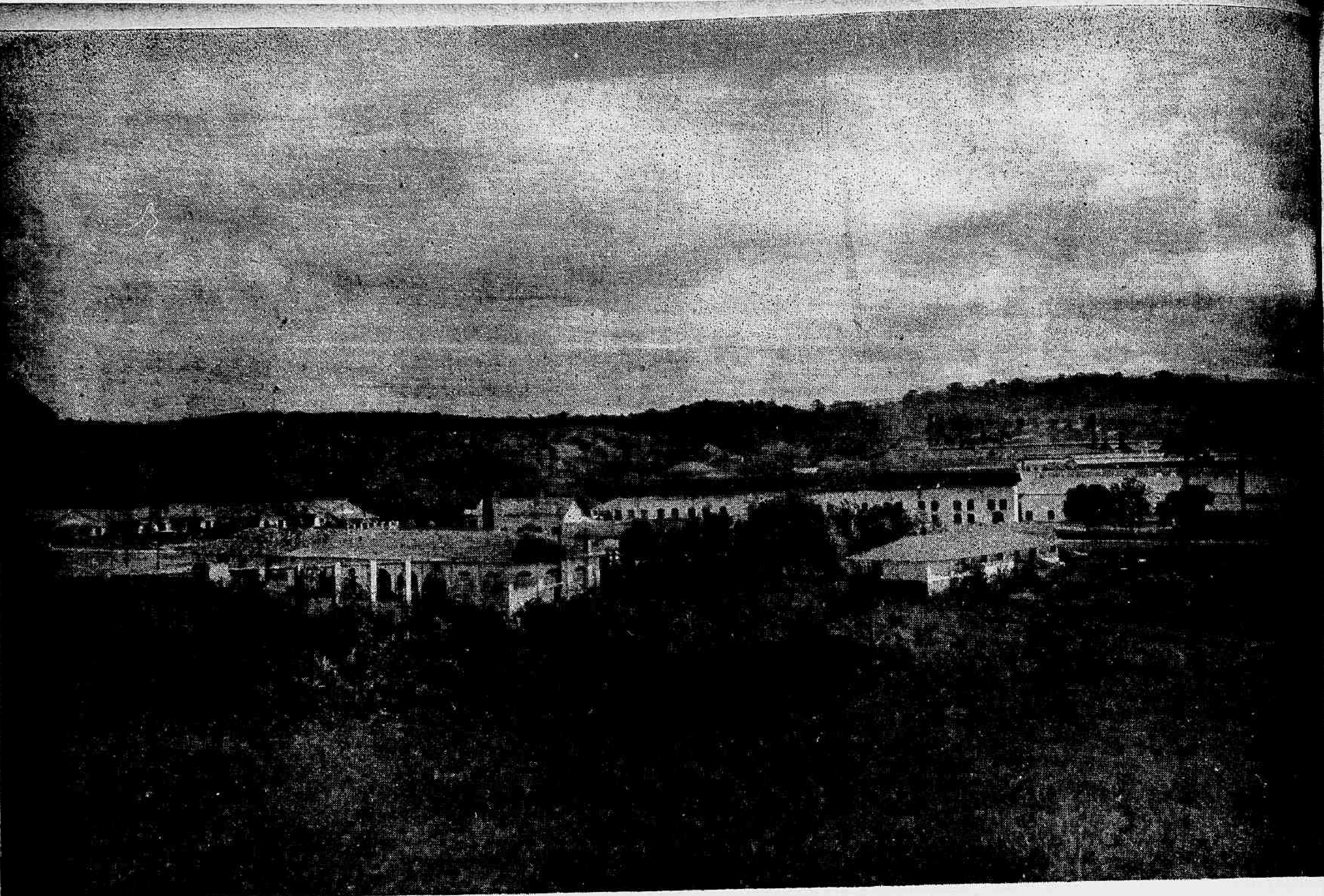
NEM O BICHO ACABOU! Tôdas as tardes junta-se a turma para ler o resultado do sorteio. E os jornais dão a lista!



ESTA FOTO É DO tempo em que o jôgo andava legalizado e a rolêta era a atração noturna. Aos cassinos afluía gente de tôdas as camadas sociais para tentar a sorte. Tentar, apenas...



O ELEMENTO FEMININO predominava nessas "reuniões". No primeiro plano, uma senhora jogando em um número par. A assistência acompanha o lance. No fim, deu... o ímpar...



NESTE LOCAL erguia-se, anteriormente, uma usina de açúcar da mesma firma que agora possui e dirige uma das mais importantes fábricas de porcelana do país, sob o nome de «Fábrica de Porcelana S. João», pertencente à Companhia Agrícola e Industrial do mesmo nome, em seus vastos e férteis terrenos da Várzea, subúrbio da capital pernambucana.

COMPANHIA AGRICOLA E INDUSTRIAL S. JOÃO

Fábrica de porcelana "S. João" -- Uma nova fonte de negócios e de trabalho no Recife -- O que pode a fôrça de vontade

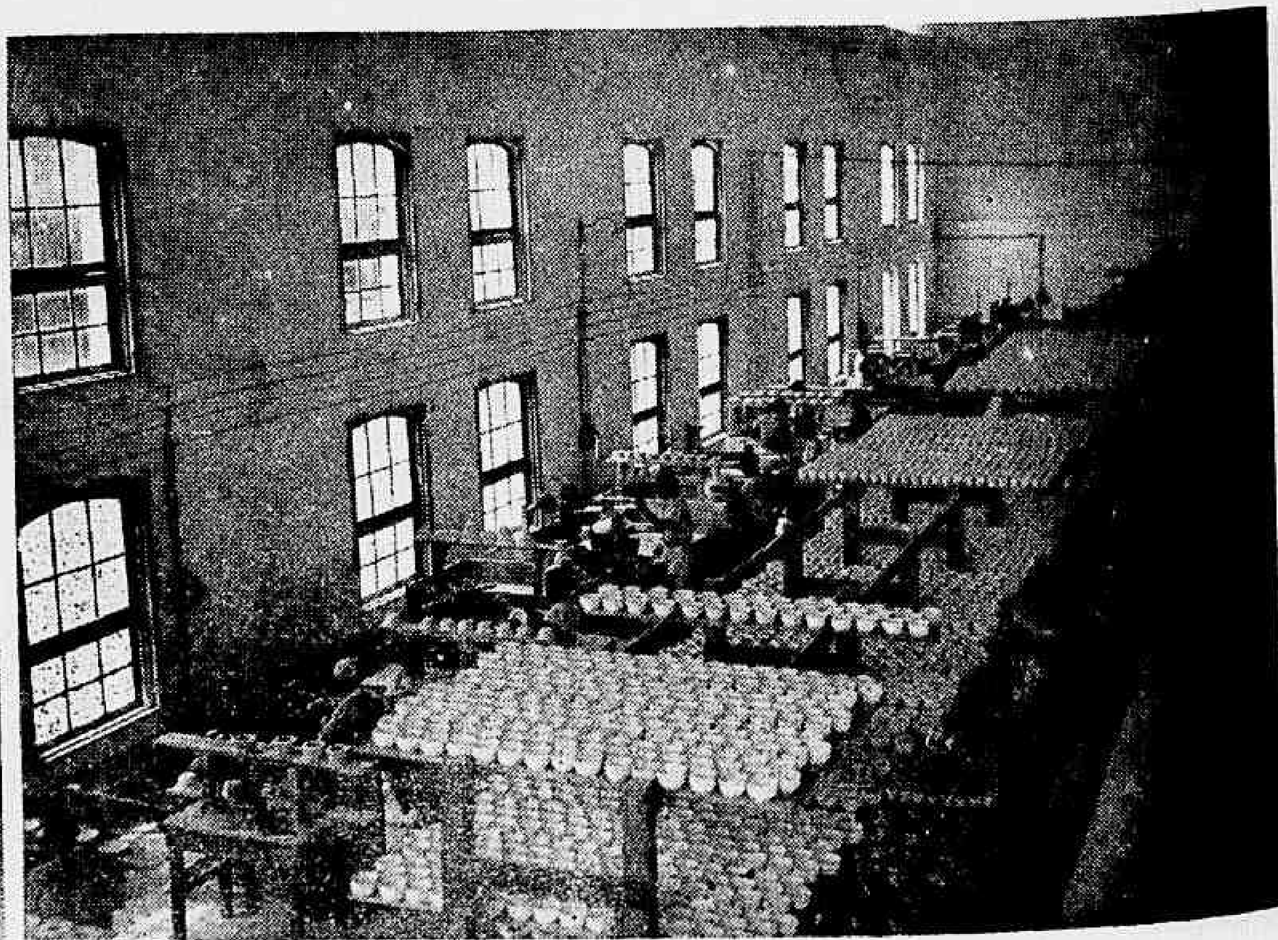
ATÉ 1942 funcionava em grande terreno da Várzea, subúrbio do Recife, em Pernambuco, uma usina de açúcar, denominada "S. João". Os seus terrenos muito ricos em minérios próprios para a fabricação de porcelana e louçaria fina, bem como de tudo o que diz respeito à indústria da cerâmica, poderiam manter grande organização fabril através da qual pudesse o Recife abastecer-se de tais produtos manufaturados e ainda exportar para todo o Norte.

A idéia se avolumava e tomava corpo dia a dia, até que os proprietários da Usina de Açúcar decidiram converter aquelas instalações em uma outra fábrica: a de Porcelana.

O que pôde ser aproveitado da maquinaria anterior, não foi vendido. O que não se prestava à nova indústria, foi disposto da melhor maneira, de forma que o local em que se erguia a Usina Açucareira cedeu espaço para a nova indústria. Respeitaram os seus realizadores o nome do padroeiro, uma homenagem ao Santo imortal e a nova organização fabril passou a cha-



O APARELHAMENTO da Fábrica de Porcelana é dos mais completos e modernos. Vemos aqui um moderníssimo Forno-Túnel para o cozinhamento das peças de porcelana da fábrica



OUTRA SEÇÃO de fabricação com aparelhos de modelagem em amplo salão com muita luz natural graças às janelas envidraçadas. Esse operariado se especializa numa indústria nova.

mar-se, também, "Fábrica de Porcelana S. João".

Depois de mais de dois anos de trabalhos árduos, já em 1944, iniciaram a fabricação de porcelana. E' curioso dizer que o sr. Ricardo Lacerda de Almeida Brenand, à frente da fabricação, sem recursos técnicos de qualquer espécie e contando apenas com a colaboração decidida e leal de antigos empregados da usina de açúcar, conseguiu naquela época uma produção de 1.300 quilos de louça, diàriamente.

Mas em que condições! Empregando fornos de chamas, em sistema primitivo, já êle obtinha uma vitória indiscutível, uma promessa clara e evidente de que sua indústria, logo que dispusesse de aparelhagem moderna, estaria em condições de honrar o país e dignificar Pernambuco.

Os pedidos começaram a afluir para os seus escritórios. Não sòmente o mercado recifense solicitava remessas de seus produtos que nasceram reputados. De outras praças vizinhas vinham notas de pedidos. Que fazer? A produção de 1.300 quilos diários era insuficiente para atender a tantos mercados. Com a experiência já adquirida nos trabalhos realizados, a firma tratou de aumentar a produção para 4 mil quilos diários.

À proporção que forneciam porcelanas marca "S. João" de sua vitoriosa fábrica da Várzea, mais conquistavam clientes e mercados, indo da Bahia ao Amazonas. Pelos cálculos, teriam que elevar a produção diária a oito mil quilos, mas, para isso, tornava-se indispensável a instalação de mais fornos e de aparelhagem moderna.

Não descansando sôbre os louros, os diretores e fundadores da triunfante indústria pernambucana, mandaram buscar o que lhes era urgentemente exigido pelo desenvolvimento de seu mercado e já agora, a Fábrica de Porcelana S. João está dotada de ótimos aparelhos mecânicos e elétricos, com os quais sua indústria pode competir com as mais adiantadas do país e mesmo do exterior.

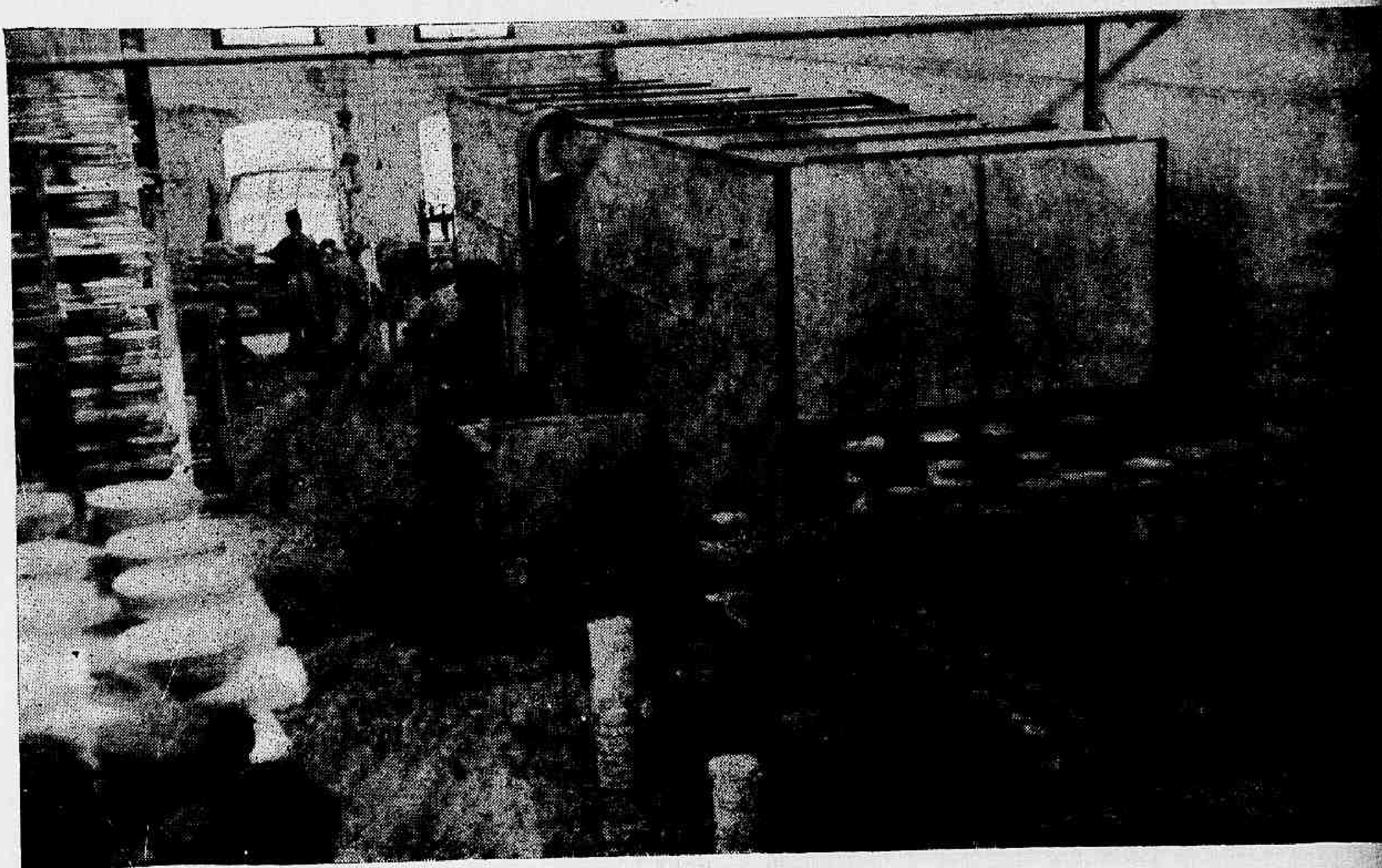
A Fábrica "S. João", da Companhia Agrícola e Industrial S. João, é a primeira fábrica do gênero em todo o norte do Brasil. Como vemos, os antigos dirigentes da Usina de Açúcar da Várzea tiveram uma idéia das mais belas e oportunas, dotando o setentrião brasileiro com uma nova indústria, da qual sairão técnicos e especializados dentre a massa operária, deixando-se de parte a intenção da monocultura do açúcar por outras conquistas da inteligência e do trabalho.

São imensas e inesgotáveis as jazidas minerais de que dispõe a Fábrica de Porcelana e de Cerâmica, tôdas elas compreendidas em terras próprias e apenas a uns três quilômetros da Fábrica. Além da indústria pròpriamente dita, explora ainda a Companhia Agrícola e Industrial S. João, a criação de gado leiteiro de primeira qualidade, bem como produtos agrícolas, não tendo desprezado a cultura da cana para diversos fins industriais necessários à vida da Sociedade e do comércio em geral.

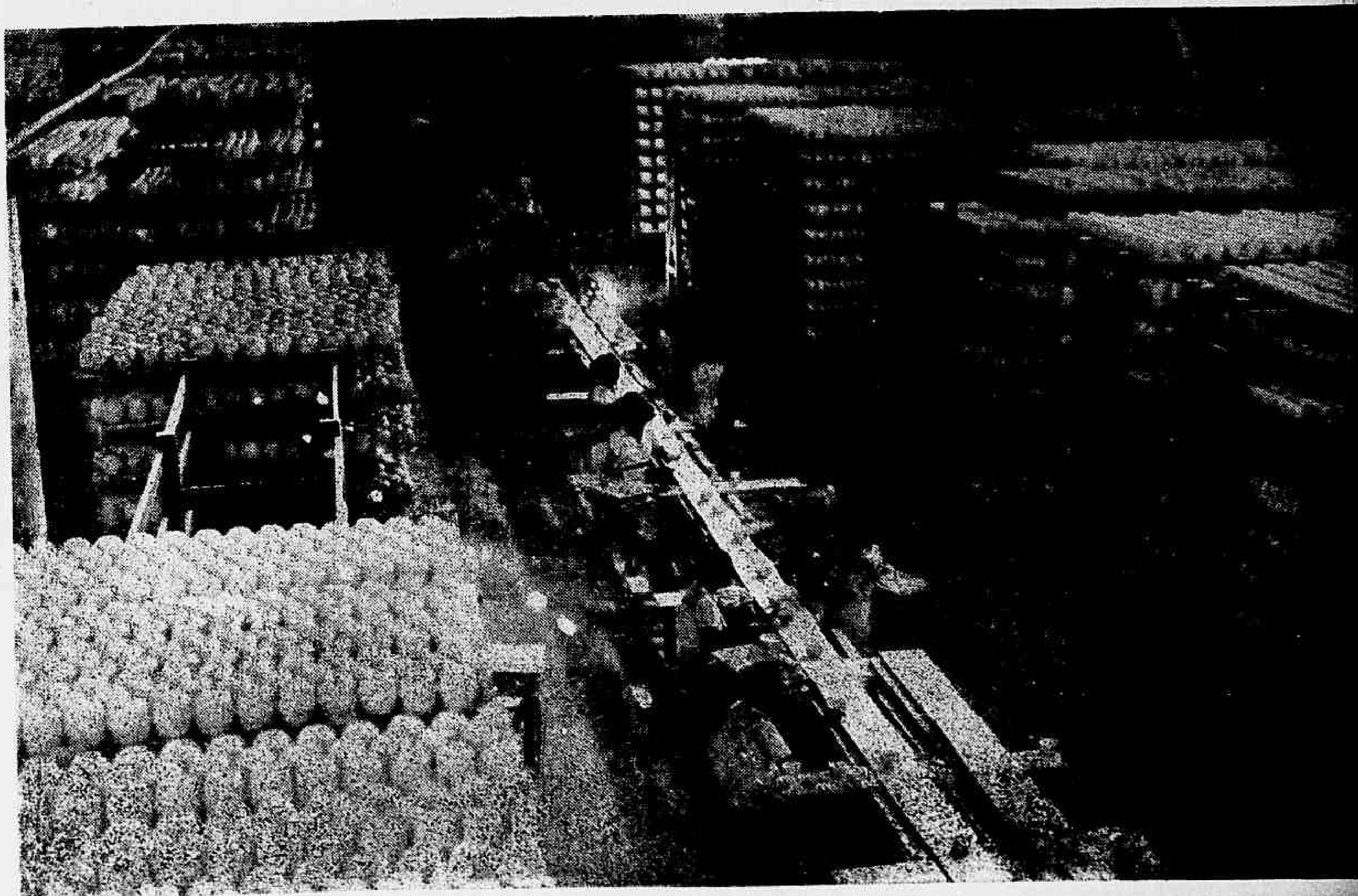
Dirigem a nova indústria, o sr. Ricardo Lacerda de Almeida Brenand, o sr. Antonio Luís de Almeida Brenand e seus filhos, todos dedicados de corpo e alma ao progresso de sua terra.

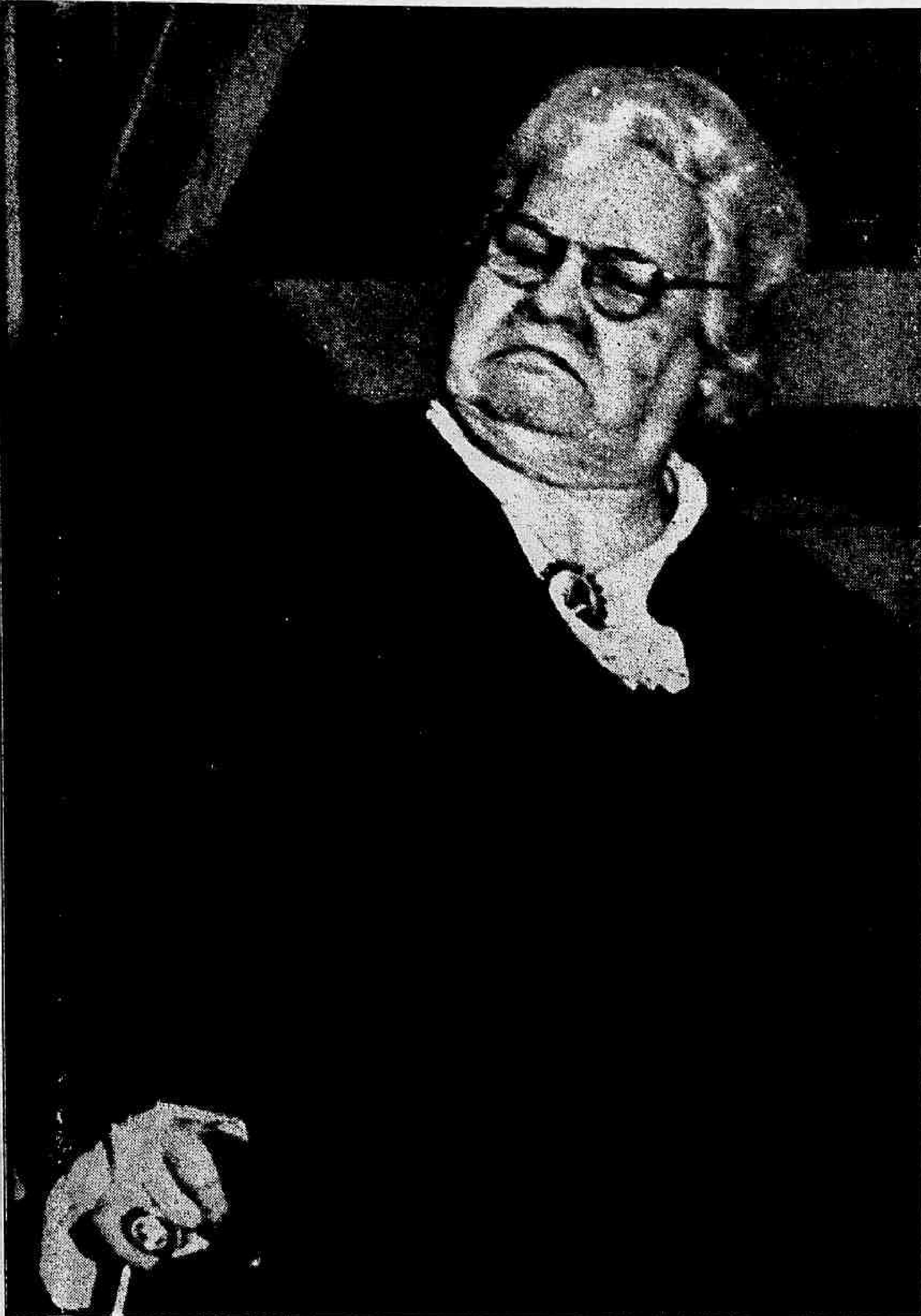


VEMOS ACIMA outra seção de modelagem executada por operários especializados sob a direção de técnicos e na foto abaixo, modernissimo secador de louça pelos mais modernos processos. Os fundadores da Fábrica «S. João» não quiseram improvisar e sim,



dotar o Recife com uma fábrica de porcelanas que dignificasse o Brasil. Na última fotografia, operários de ambos os sexos trabalhando na «Esteira de Acabamento», onde tudo é conduzido mecanicamente pelos mais modernos processos utilizados na indústria.







CONCHITA DE MORAIS
Foi sempre uma grande atriz. Em "As árvores morrem de pé", viveu uma avó da vida real

MORINEAU
Veio da França para engrandecer a cena brasileira. Sua atuação vale pelos papéis que vive

365 DIAS DE ESPETÁCULO

"AS ÁRVORES MORREM DE PÉ" E "SE GUILHERME FÔSSE VIVO" PERMANECERAM VÁRIOS MÊSES EM CARTAZ ★ CASONA VEIO AO RIO ★ NELY RODRIGUES, UMA NOVA ESTRÊLA ★ BIBI, NO TEATRO DE REVISTA, FÊZ SUCESSO ★ DUAS COMPANHIAS ATRAVESSARAM O ATLÂNTICO ★ NOVOS ORIGINAIS BRASILEIROS ★ O "CARLOS GOMES" E O "RECREIO" QUASE FORAM DESTRUÍDOS PELO FOGO ★ BARRAULT TOMOU CONTA DA CIDADE ★ KATHERINE DUNHAM FOI MUITO APLAUDIDA ★ O "CAROSELO NAPOLITANO" AGRADOU BASTANTE ★ DEZENAS DE MILHARES DE PESSOAS VIRAM "PICCOLI DE PODRECCA" ★ A ATRIZ BEATRIZ COSTA DE VOLTA AO PALCO

Por DANIEL CAETANO

O Rio acompanhou, durante o ano que acaba, um bom movimento teatral. O sucesso de bilheteria coube a "As Árvores Morrem de Pé", de Alejandro Casona, um autor sobejamente conhecido e apreciado por aqui. Aliás, êle compareceu à estréia e pôde sentir como são bem recebidos os seus originais. Homem de natural simples e afável, foi alvo de homenagens e demonstração de simpatia por tôda parte, após o que, voltou a Buenos Aires, onde se radicou desde que saiu da Espanha. "As Árvores Morrem de Pé" deu a Conchita de Morais, na opinião de muitos, a sua maior oportunidade artística.

Outra peça que não queria sair mais do cartaz foi "Se Guilherme Fôsse Vivo", de Llopis, num *arranjo* de Alda Garrido. Esta senhora de imenso talento, depois de se tornar a melhor *matuta* de todos os palcos suburbanos, acabou na Cinelândia com sucesso. O seu gênero era muito apreciado há dez anos, mas ainda conta com alguma aceitação, principalmente quando ela se encarrega dêle.

Mas os bons espetáculos nem sempre são vistos por muita gente. No pequeno palco do Teatrinho de Bôlso, em Ipanema, Ziembinsky deu uma temporada curta e de excelente valor artístico. Serviu para dar oca-



"AS ÁRVORES MORREM DE PÉ"
Alejandro Casona compareceu à estréia do seu original que ficou sete meses em cartaz!



"AS MÃOS DE EURÍDICE"
Rodolfo Mayer deu uma prova do seu talento no intérprete único do original de Pedro Bloch



BEATRIZ COSTA

É uma portuguêsa cheia de graça e talento, o que lhe tem valido êxito; Mara Rúbia e Bibi Ferreira — As duas estiveram juntas em "Escândalos de 1950", um dos acontecimentos da revista no ano que termina. Mas Bibi voltou à comédia





EVA TODOR

Um temperamento artístico com possibilidades apreciáveis



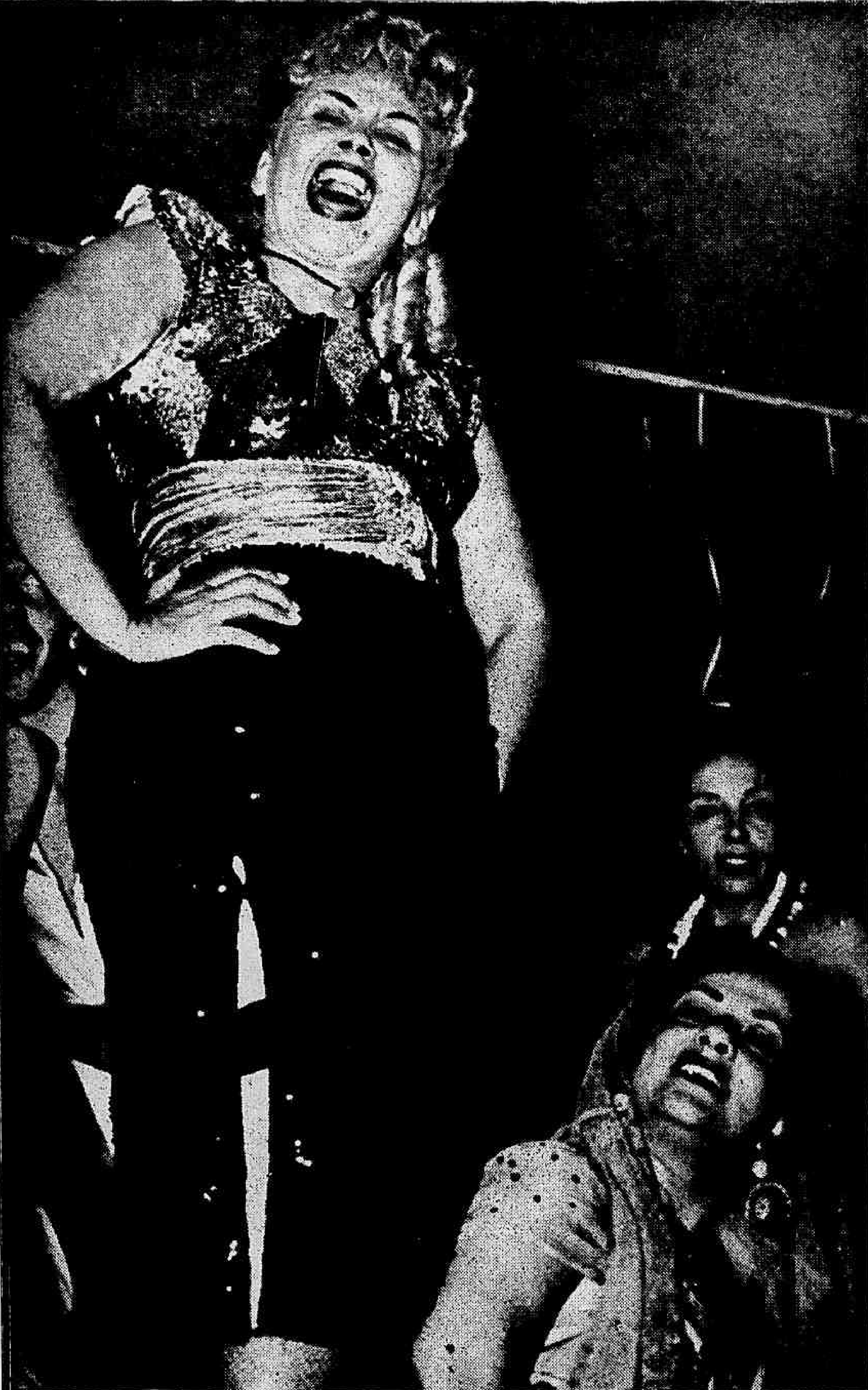
JAIME COSTA

No palco vive tipos inesquecíveis; e fora, luta pela classe



NELLY RODRIGUES

Tem cultura, beleza e mocidade! Começa a vencer no teatro



DERCI GONÇALVES
No seu gênero é inimitável. Sabe o que fazer para arrancar gargalhadas. Mas com sal...



BARRETO PINTO
Está sempre à procura de movimento. Bom sujeito... Meteu-se agora a empresário



ALMA FLORA
Teve a coragem de levar uma excelente companhia a Portugal. E está triunfando

são a que Nely Rodrigues se firmasse no profissionalismo. Ela é talvez a maior aquisição do teatro nos últimos anos. Tem cultura, talento, beleza, mocidade e uma enorme vontade de viver para o palco. Já apareceu depois disso em outras peças. Está obtendo experiência. Estêve há pouco na pele de certa Jordana, em "Caminhantes sem Lua", e sustentou possivelmente a maior luta que uma intérprete pode manter com o personagem. Ainda assim não se saiu mal.

A temporada do Teatrinho de Bôlso confirmou as possibilidades dramáticas de outro artista de valor. Em "Adolescência", José Guerreiro viveu o papel de um rapazinho cheio de pequenas questões íntimas, papel com tamanha porção de nuances artísticas que tornou o seu trabalho inesquecível.

Em matéria de autoria bem sucedida vale apontar "As Mãos de Eurídice", de Pedro Bloch, na interpretação de Rodolfo Mayer. O original em um ato lançou o nome do autor e deu outra oportunidade a Rodolfo Mayer de mostrar sua arte há muito consagrada.

Mas a grande novidade veio com a ida de Bibi Ferreira para a revista. E' uma dessas coisas que sòmente podia ocorrer por aqui a Bibi Ferreira. Ela é dona das melhores interpretações dramáticas vistas desde que o teatro entre nós passou a ser teatro mesmo, sabia-se, mas podia se dar muito mal na Praça Tiradentes. Acontece que "Escândalos, 1950", foi um sucesso sob todos os pontos de vista. A montagem custou muito e as meninas americanas, por certo, aumentaram ainda mais as contas. O sr. Chianca de Garcia perdeu cabelos dirigindo tudo. Mas o esfôrço vinha sendo compensado pelo interêsse do público. Um domingo de manhã, entretanto, o fogo ameaçou destruir não só o patrimônio da emprêsa como o edifício. Bibi tirou muitas fotografias chorando, mas na semana seguinte, passava para o cinema S. José, onde permaneceu uns quinze dias, seguindo depois para São Paulo, e lá repetiu o sucesso aqui interrompido. Estas coisas se deram no princípio do ano, pois, agora no fim, Bibi já voltou ao Fênix, em "A Herdeira", de Ruth e Augustus Goetz, dirigindo e vivendo o papel principal dessa peça com o agrado de sempre.

ATRAVESSANDO O ATLÂNTICO

Uma companhia que andou manquejando, aliás, sem explicação plausível, uma vez



PROCÓPIO
E' tido como o o melhor ator brasileiro — o que é verdade. Excursionou ao Norte e agradou



PODRECCA
Brinca com seus bonecos, que sentem mais a vida que boa porção de gente de carne e osso



JEAN-LOUIS-BARRAULT

Um dos maiores atores da época, no teatro e no cinema. Sucesso no Municipal



WALTER PINTO

Apresentou a mais luxuosa revista dos últimos tempos. Luxo de Verdade. Dinheiro

que não se apresentou melhor nem pior do que nos anos anteriores, foi a de Eva Tudor. Fêz um bruto sucesso de bilheteria e artístico em Portugal, mas de regresso, dias após a estréia, teve de retirar a peça em cartaz muito depressa. Veio a se firmar com "Ai, Teresa", de Bekeffi, apresentando então um palco giratório. No momento, Eva está novamente em Portugal. Aliás, não está sòzinha. Há muitos anos uma companhia brasileira não atravessava o Atlântico, desde o tempo do Tro-ló-ló de Jardel Jércolis. Mas, depois que o sr. Luis Iglésias estêve lá aquilo vai acabar, pelo visto, caminho da roça. A sra. Pepa Ruiz reuniu um grupo e pôs Delorges na direção dêle, completando o elenco com Alma Flora, Itala Ferreira e outros. Andou a sra. Ruiz bem depressa e seguiu na frente do sr. Iglézias, pois era intenção dêle voltar, e lá se encontra no momento. O fato é que Delorges foi considerado no outro dia o maior ator estrangeiro que visitou Portugal nos últimos dez anos — dizem os telegramas. Itala Ferreira tida como uma grande atriz, Alma Flora também, e com a *reentrée* de Eva e seus Artistas, o público e a crítica passaram a fazer confrontos, a tirar conclusões, como se lê no "Século", de Lisboa. Quer isso dizer que Portugal foi descoberto para o teatro brasileiro.

Mas se de fato as companhias vão excursionar todo ano até a Europa, é evidente a necessidade de um repertório de originais brasileiros, o que não há muito à mão. Êsses elencos estão se servindo de Joraci Camargo, Paulo Magalhães e outros do mesmo gênero. Fora êles, apresentam traduções, o que vem aborrecendo um pouco os portuguêses à espera de peças brasileiras. No ano que acaba surgiram alguns trabalhos novos. Foi assim com "Um Deus Dormiu Lá em Casa", de Guilherme de Figueiredo, que marcou a entrada para o palco de Tônia Carrero, uma atriz cheia de beleza e recursos artísticos. O grupo que surgiu com aquela peça apresentou ainda "Amanhã, Se Não Chover", do veterano Henrique Pongeti, e "Helena Fechou a Porta", de Accioly Neto, um autor novo que começou muito bem.

Um elenco que estêve aos trancos foi o de Henriette Morineau. Começou o ano discutindo com o casal Sarah-José César Borba a posse do Fênix. Madame saiu a caminho de Paris aborrecida, para voltar, meses depois, e estrear com "O Homem do Sótão", de Agostinho Olavo, uma peça

(Cont. na pág. 74)



KATHARINE DUNHAM

Foi outro ponto alto da temporada. Deu, no República, o que de melhor existe no gênero



SILVEIRA SAMPAIO

Difícil combinação de ator, autor e diretor. Promete representar peças de outros. Boa idéia



CHIANCA DE GARCIA

A "féerie" só começou na Praça Tiradentes quando os restos da Urca foram para lá

LLOYD BRASILEIRO

FATOR DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL

Vice-Almirante Raul de San-Tiago Dantas, Diretor do Lloyd Brasileiro e Presidente da Comissão de Marinha Mercante, que vem de deixar êsses elevados cargos por terem sido reclamados os seus serviços no comando da Esquadra Brasileira. Para dirigir interinamente o Lloyd Brasileiro e a Comissão de Marinha Mercante, foi nomeado o Capitão de Mar e Guerra, Engenheiro Naval Carlos Almeida da Silva

TODOS os estudiosos de nossos problemas compreendem perfeitamente a importância que a marinha mercante representa no conjunto das atividades nacionais. Aliás, o exame mais elementar do panorama mundial demonstra, de resto, quão grande tem sido a influência dos transportes marítimos no desenvolvimento das nações, a ponto de se poder afirmar, sem medo, que nenhuma nação ainda conseguiu ser grande sem o domínio das rotas marítimas.

Tem sido o mar a estrada obrigatória do progresso e a conquista do oceano foi, no passado, o motivo das mais sérias disputas entre os povos em busca da supremacia econômica.

De tal monta é hoje em dia a importância da marinha mercante para a economia dos povos que se pode aferir, quase matemàticamente, a grandeza de uma nação pelo número de navios que trafegam cobertos pela sua bandeira.

O Brasil, por sua posição geográfica, debruçado sôbre 3.577 milhas de costa atlântica, ao longo da qual se abrem acolhedoramente várias dezenas de portos, está situado entre os países para os quais a marinha mercante constitui um elemento básico imprescindível ao desenvolvimento econômico, valendo citar, a propósito, as palavras do eminente professor Fernando Azevedo, em seu trabalho "A Cultura Brasileira", quando diz:

"E' pelo Atlântico que penetraram os colonizadores, que se estabeleceu o comércio internacional, se faz a maior parte do comércio interno e cruzam tôdas as correntes de civilização. O pulmão do Brasil respira, certamente, para o mar, para o Atlântico, e é do oxigênio que absorver, com a intensidade do comércio marítimo, que o organismo nacional readquirirá a vitalidade necessária para prolongar, na conquista do oeste à civilização, a façanha das entradas e das bandeiras".

★

Entre nós, as atividades da marinha mercante, essenciais para a nossa vida, tiveram início, pode-se dizer, com a chegada das caravelas de Pedro Álvares Cabral. Entretanto, foi sòmente com a abertura dos portos às nações estrangeiras, no princípio do século passado, que um tráfego regular se estabeleceu em nossas rotas.

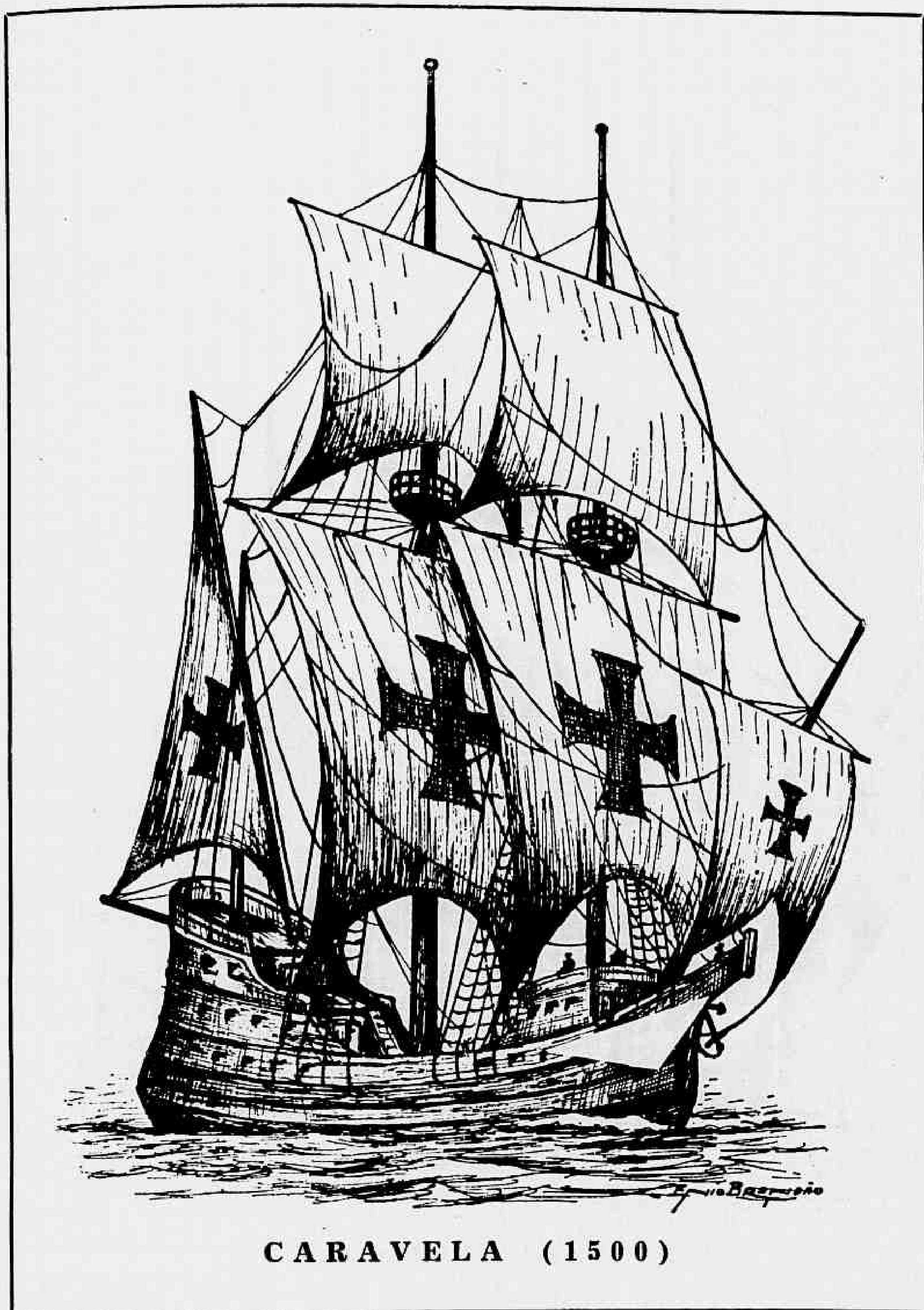
Já por essa altura existiam pequenas emprêsas de navios de nacionalidade brasileira, que durante o Império foram crescendo, sem terem logrado contudo atingir uma maior importância. Em 1890, já em pleno regime republicano, o Govêrno Provisório lançava as bases para a fundação de uma grande emprêsa nacional sob a denominação de LLOYD BRASILEIRO, a qual se comporia inicialmente das pequenas emprêsas em atividade, que desejassem aderir ao plano de unificação que se tinha em mira.

Passaram a integrar desde logo a nova emprêsa quatro pequenas companhias que exploravam o transporte marítimo ao longo da costa, com um total de 27 navios, somando 27.947 toneladas brutas. Entretanto, já em 1909 contava o LLOYD BRASILEIRO 58 unidades com 85.096 toneladas brutas; em 1913 dispunha de 66 barcos com 101.927 toneladas brutas; em 1922 sua frota era de 96 navios com 283.801 e em 1942 de 88 unidades com 352.853 toneladas brutas. Hoje a frota mercante do Lloyd Brasileiro conta com 87 navios, somando 526.731 toneladas deadweight.

Desde a sua fundação em 1890, vem desempenhando o LLOYD BRASILEIRO preponderante papel no desenvolvimento da economia nacional, constituindo a mais importante emprêsa de navegação da América do Sul. Seus navios servem regularmente a 39 portos nacionais e escalam em 20 portos



VELEIRO (1800)



CARAVELA (1500)

estrangeiros, fazendo 26 linhas regulares.

Durante a última guerra, coube-lhe a tarefa de manter o abastecimento de nossos portos. Dezenove de seus navios foram afundados por ação do inimigo e 329 de seus bravos tripulantes perderam a vida, mas sua missão foi cumprida, tendo sido transportadas dez milhões de toneladas de carga.

No serviço de transporte de nossas cargas de importação e de exportação, nas linhas da Europa e dos Estados Unidos da América, emprega atualmente o LLOYD BRASILEIRO uma frota de 20 navios cargueiros moderníssimos, saídos em 1947 e 1948 de estaleiros americanos e canadenses, os quais custaram equipados a respeitável soma de Cr$ 1.200.000.000,00 (um bilhão e duzentos milhões de cruzeiros).

Com essas unidades que tem o nome das Repúblicas Americanas precedido sempre da palavra "LOIDE", oferece a grande emprêsa nacional um serviço de transporte de mercadorias do mais alto nível, colocando-se em condições de paridade com os mais eficientes do mundo.

Para o serviço de passageiros, quer para a cabotagem, quer para o longo curso, estuda o LLOYD BRASILEIRO a aquisição de uma série de navios modernos para o refôrço de sua frota, conforme programa constante do Plano S.A.L.T.E.

Apesar de todos os esforços, pequena tem sido ainda a participação da marinha mercante nacional no transporte de nosso comércio exterior, em que a percentagem conseguida tem andado em apenas 10% do montante, o qual se elevou em 1949 a cêrca de doze milhões de toneladas.

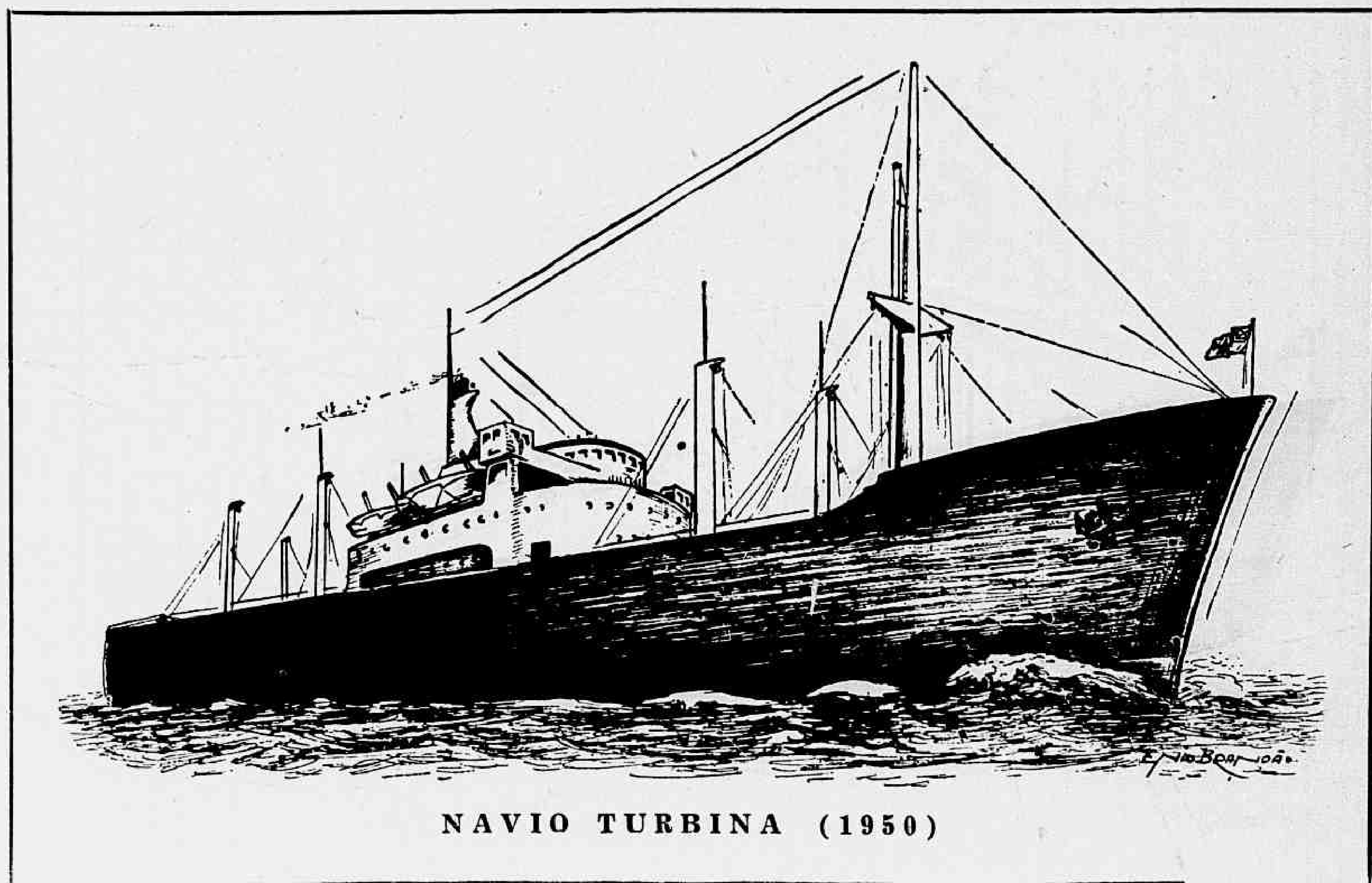
Essa percentagem se afigura tanto mais irrisória quanto é certo que temos todo o direito de aspirar uma participação maior no transporte do que compramos e do que vendemos, aspiração tanto mais legítima quanto é certo que cada tonelada de carga transportada em navio estrangeiro é ouro, é divisa que se gasta e que vai pesar contra em nossa balança de pagamentos.

Compreendendo bem êsse importantíssimo aspecto do problema, é que os brasileiros em geral, e com especialidade as classes exportadoras e importadores podem emprestar decidido auxílio à economia nacional, em seu próprio benefício no fim de contas, diligenciando por todos os meios ao seu alcance, a exemplo do que se faz em outros países, no sentido de ser dada preferência quanto possível aos nossos navios para o transporte de suas mercadorias.

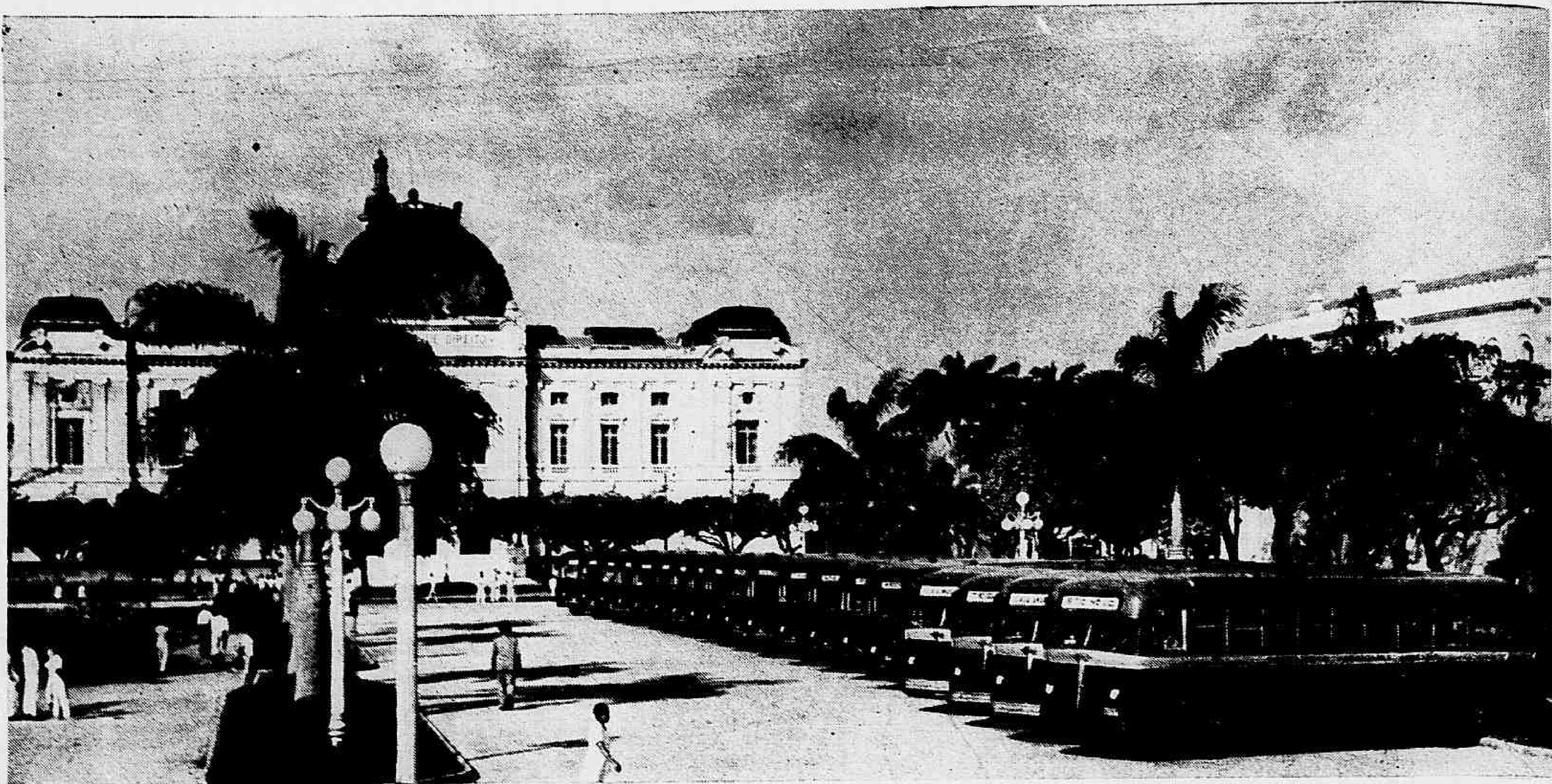
Dar preferência aos navios nacionais significa prestar ao Brasil dois relevantes serviços. Primeiro, ajudando a expansão da nossa marinha mercante, cuja presença nas linhas internacionais é uma garantia para estabilidade das taxas de frete. Segundo, evitando a evasão de divisas através da indústria do frete, fonte de renda das mais importantes.

Dirigido ùltimamente pelo Vice-Almirante Raul de Santiago Dantas, administrador experimentado, com relevantes serviços prestados à Marinha de Guerra, o Lloyd Brasileiro vem desempenhando com eficiência o importante papel que lhe cabe no cômputo das atividades nacionais.

Com a compreensão de nossos homens públicos, afeitos aos magnos problemas da nacionalidade, e com o apoio das classes produtoras e do comércio em geral, cujos interêsses estão intimamente ligados aos transportes marítimos, o Lloyd Brasileiro continuará a progredir e a desenvolver-se e com êle a Marinha Mercante nacional para a grandeza e felicidade do Brasil.



NAVIO TURBINA (1950)



Parte da numerosa frota da "Pernambuco Autoviária Ltda.", vendo-se ao fundo o majestoso edifício da Faculdade de Direito do Recife, situada numa das alas do grande Parque 13 de Maio

NO RECIFE, O MAIS PERFEITO SERVIÇO DE TRANSPORTES COLETIVOS DA AMÉRICA DO SUL

NA bela capital do grande Estado nordestino — Pernambuco — a enunciação do nome «Pernambuco Autoviária Ltda.» deixa a descoberto a intrínseca e enorme importância desta Emprêsa de transportes coletivos, servindo a quase tôda a cidade do Recife. Efetivamente, quem entra em contacto com o organismo administrativo da «Pernambuco Autoviária Ltda.», fica envaidecido pela perfeita organização que se lhe surge, notadamente sabendo-a o produto fecundo do esfôrço e da operosidade exclusivamente regional, dado que desde o seu diretor-presidente, sr. Virgílio de Menezes, ao último dos seus funcionários todos são pernambucanos.

O quadro de funcionários da «Pernambuco Autoviária Ltda.» se constitui de 998 pessoas de ambos os sexos, sendo o serviço de venda das passagens nos ônibus efetuado por moças, elevando-se o número destas a 350. Não obstante concorrer a «Pernambuco Autoviária Ltda.» para determinados Institutos de Previdência — sendo a maior contribuinte em todo o Nordeste e Norte para o IAPETC — possui a Emprêsa serviço médico-cirúrgico e odontológico próprios, sendo dirigido pelo dr. Albérico Câmara, cirurgião-chefe do Departamento de Saúde e Assistência do Estado.

As oficinas e garages da «Autoviária» são as mais completas do país, nelas trabalhando cêrca de 300 operários e técnicos especializados. Fundada em 1944 com, apenas, 10 ônibus, a frota da «Pernambuco Autoviária Ltda.» é, hoje, constituída de 143 veículos dos mais afamados fabricantes, dentre êstes «White» e «Chausson». Afora êstes numerosos ônibus, a «Pernambuco Autoviária Ltda.» tem, adquiridos nos Estados Unidos, mais 100 ônibus Super-White com capacidade cada um para cem passageiros, e 200 na França, do fabricante «Floirat».

No esplêndido serviço que oferece à população recifense, a «Pernambuco Autoviária Ltda.» apresenta, como testemunho de progresso máximo, um caríssimo e completo serviço de rádio-socorro, destinado a melhormente servir ao público. Êste serviço está dotado de dez camionetes aparelhadas com rádio transmissor-receptor, de freqüência modulada, e mais quatro estações fixas também receptoras-transmissoras. Nas camionetes se encontra o material mais necessário a um socorro mecânico urgente, fazendo parte de cada uma delas um mecânico e ajudante. Também cada linha da Emprêsa, num total de quatorze, possui um ônibus com a aparelhagem de rádio-socorro, receptor-transmissor.

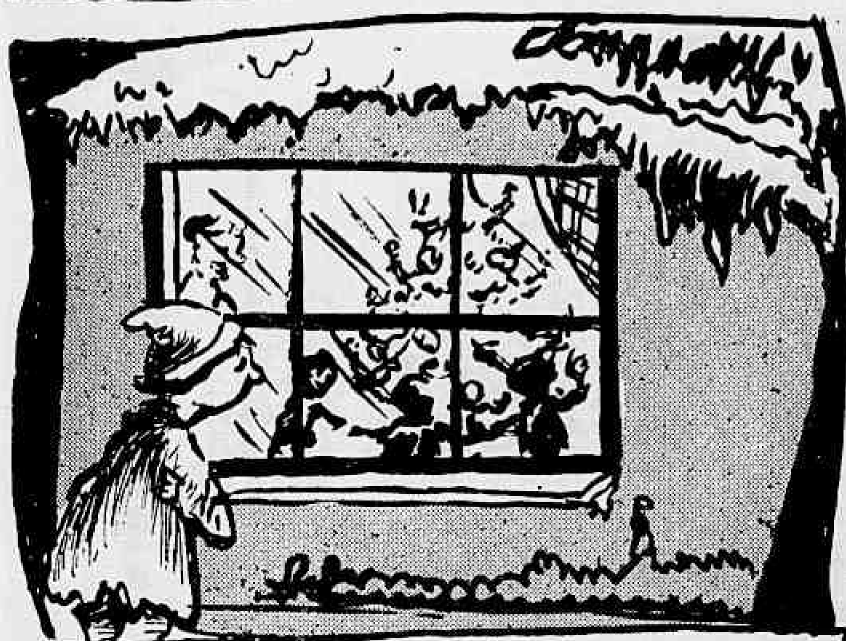


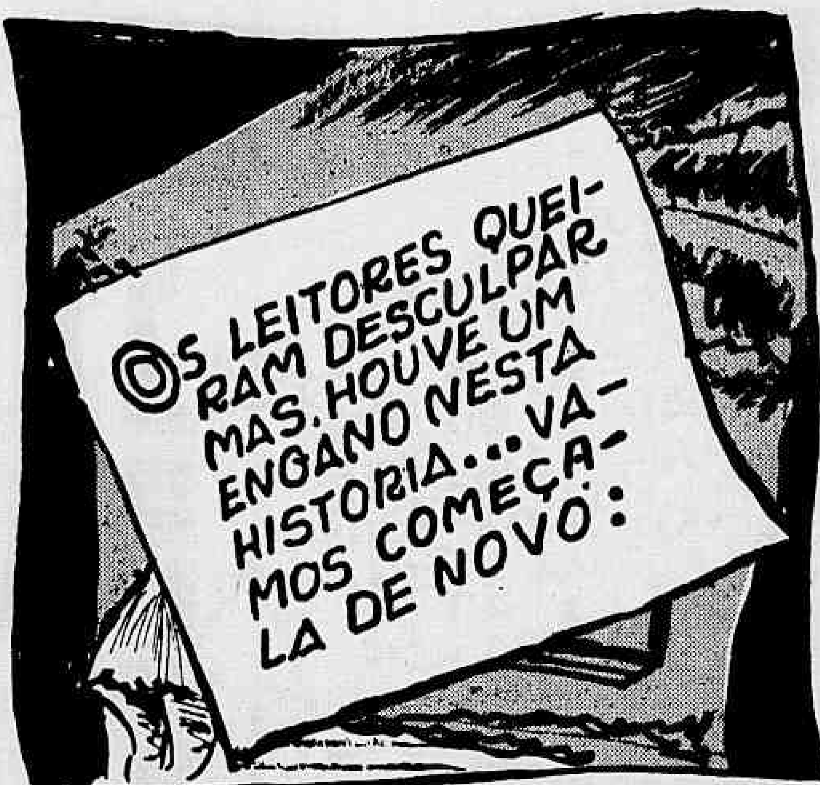
Trecho da Av. Guararapes, no Recife, vendo-se o trânsito de ônibus, todos da "Pernambuco Autoviária Ltda.". No edifício central está o escritório da Emprêsa e no 10.° andar o Rádio-Socorro

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CREAÇÃO DE DARCY

Vou contar um Conto de Natal. brrrrrrrrr!



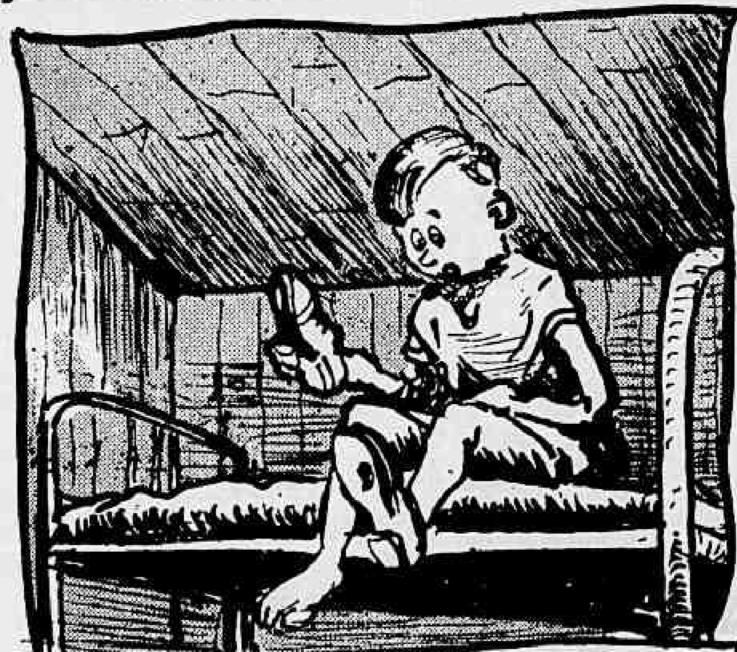


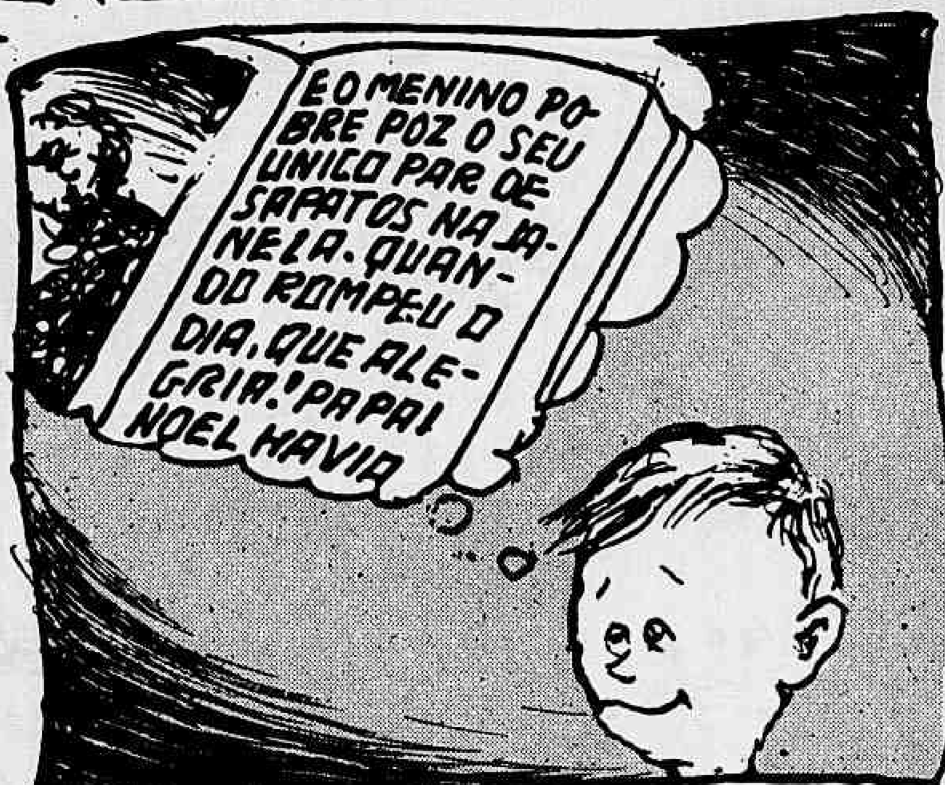












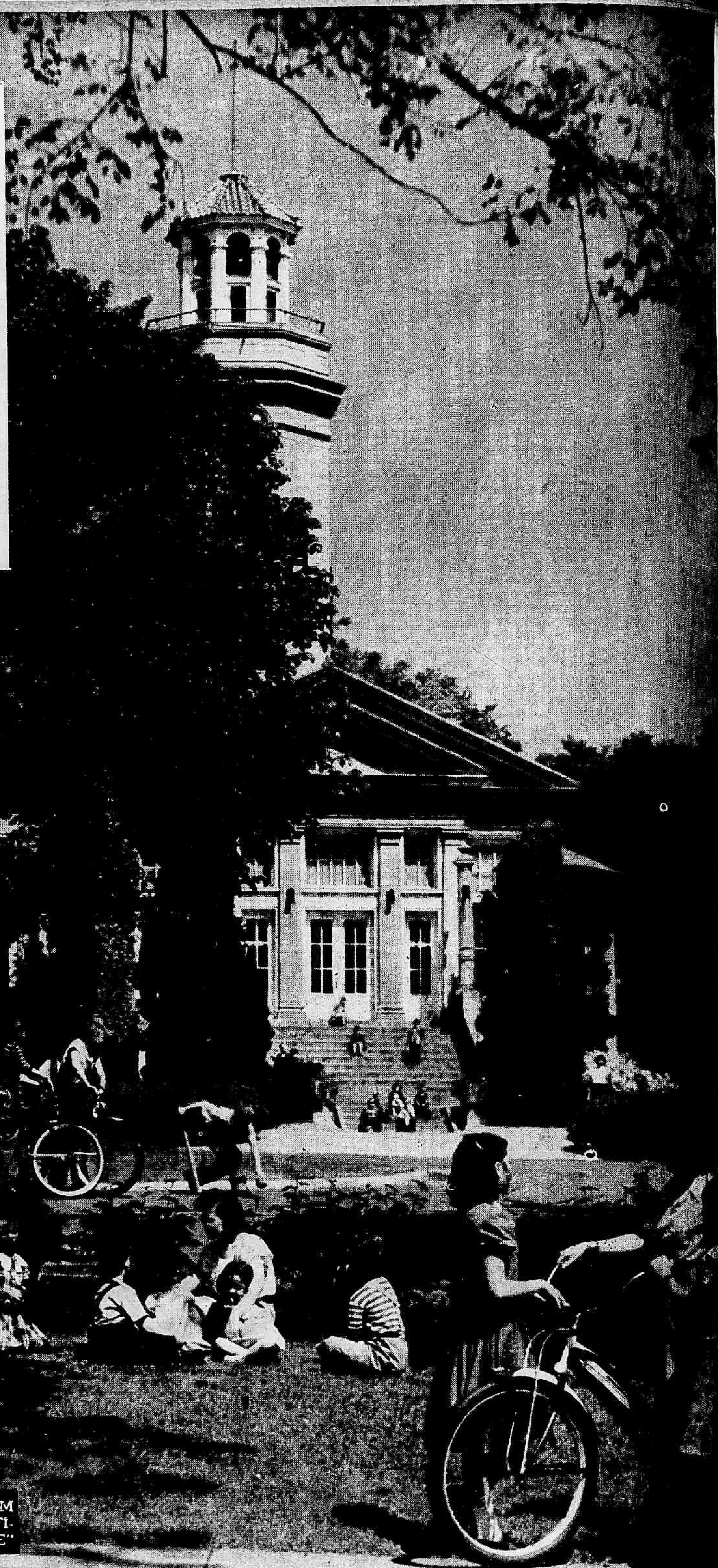












HABITANTES DA CIDADE DAS CRIANÇAS EM ILLINOIS, NO PARQUE EM QUE ESTÁ O EDIFICIO CENTRAL CONHECIDO POR "CAMPANILE"



TODOS OS JOVENS de Mooseheart podem estudar Belas Artes, ou seja Pintura, Escultura e Música. A instituição possui várias orquestras escolares e corpos vocais. Esta foto nos apresenta os integrantes de uma orquestra a ensaiar para um concêrto, sendo de notar a predominância do elemento feminino. A «Cidade para Crianças Órfãs» é cada vez mais animada.

AS CRIANÇAS REVOLUCIONAM A EDUCAÇÃO

UMA REPÚBLICA EM ILLINOIS DENTRO DA AMÉRICA ★ TODOS OS EDIFÍCIOS DA "CIDADE PARA CRIANÇAS ORFÃS" SÃO À PROVA DE FOGO ★ UM EXEMPLO PARA O MUNDO.

UMA cidade para crianças que perderam um de seus pais ou ambos é mantida por uma organização fraternal norte-americana nas proximidades de Chicago, no médio-oeste dos Estados Unidos. Lá, em um ambiente agradável, vivem crianças de tôdas as idades, desde pequenos lactentes até rapazes de 18 anos, já frequentando a escola secundária.

A cidade das crianças, Mooseheart, foi fundada pela Leal Ordem de Moose, em 1913, para abrigar seus membros órfãos. Hoje, quase 1.000 crianças de ambos os sexos vivem nessa comunidade, que cobre 1.200 acres de verdejantes campos no vale do rio Fox, no Estado de Illinois.

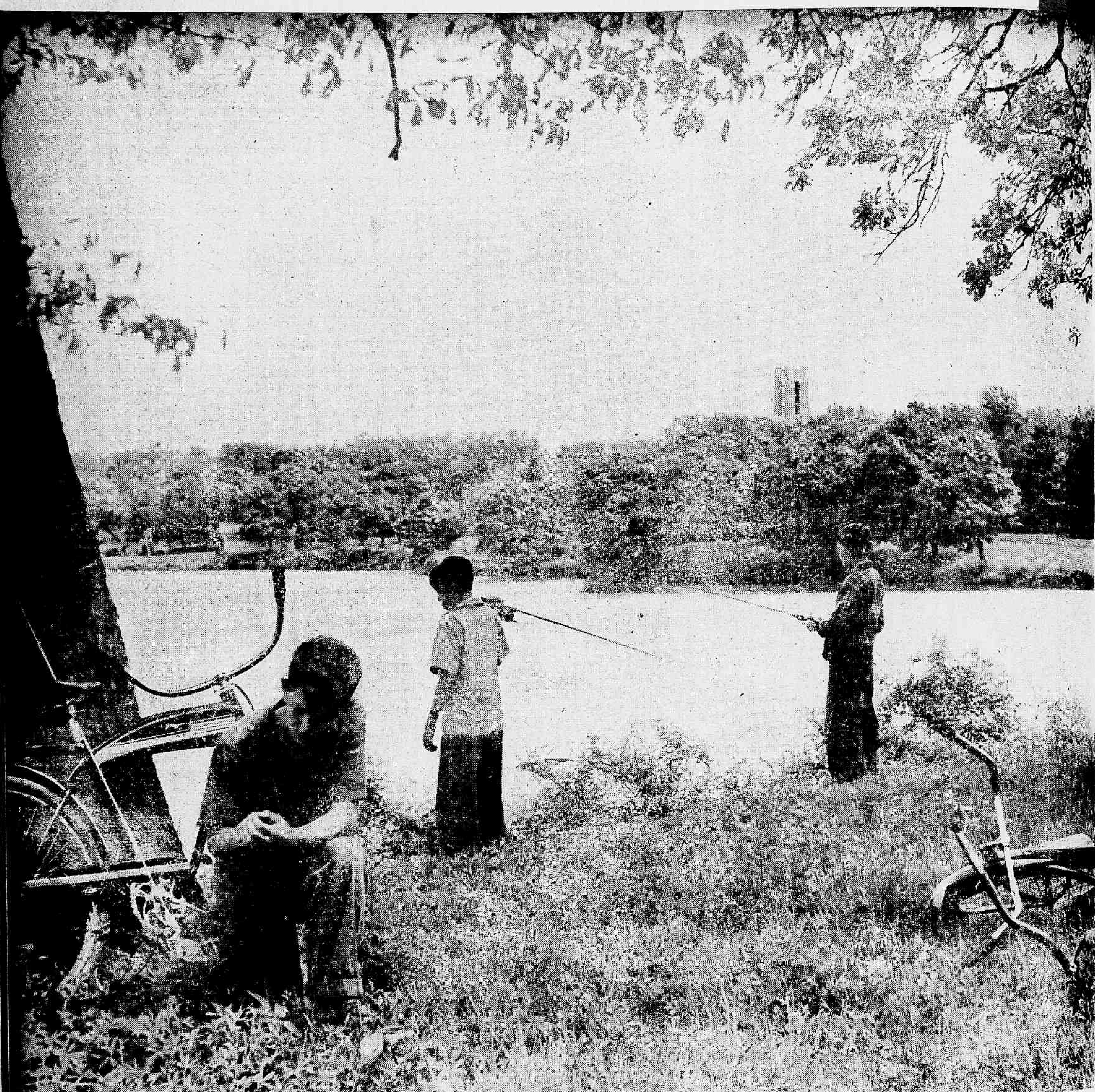
Mooseheart é uma comunidade que quase sustenta a si própria. Os gêneros alimentícios são produzidos em sua fazenda. Nela existem oficinas de carpintaria e mecânica, salas de costura onde são feitas as roupas, uma lavanderia, uma fábrica de conservas e duas grandes lojas.

As crianças vivem juntas em pequenos grupos de acôrdo com sua idade e sexo. Muitas vêzes, senhoras que perderam os espôsos acompanham seus filhos até Mooseheart, onde conseguem encontrar empregos.

As crianças de menos de dois anos de idade são tratadas no hospital de Mooseheart. Uma "aldeia infantil", com móveis em miniatura nas casas, é onde residem as crianças pequenas. As mais idosas vivem em casas grandes, nas quais se alojam grupos de 30 jovens. Cada residência, tem uma "dona de casa", encarregada de cuidar das crianças.



ALUNOS DO CURSO secundário, de ambos os sexos, resolvendo um problema de Geometria, uma das muitas matérias do curso.



AS CRIANÇAS de Mooseheart dispõem de tempo para os seus divertimentos pessoais. Êstes rapazes foram de bicicleta até um lago situado nas vizinhanças da cidade em cujas águas há abundância de trutas. Como estavam na época em que é permitida a pesca, eles não perderam tempo. Além da pesca, dedicam-se a outras atividades esportivas, das quais participam as



UMA AULA PRÁTICA de impressão tipográfica, nas oficinas de Mooseheart, dada por um técnico à meninada interessada e atenta.



ESTA APRENDEU bastante na seção de culinária de Mooseheart e já está perita em quitutes para pequenos e grandes.

As crianças são submetidas regularmente a tratamento médico e dentário. Conselheiros habilitados auxiliam as crianças a resolverem seus problemas e ajudam os jovens a escolherem profissões. Em Mooseheart, a educação das crianças inicia-se no jardim da infância e continua até a escola secundária. Além disso, cada rapaz ou moça aprende um ofício que lhe permitirá ganhar a vida quando deixar Mooseheart.

Quase metade das crianças que saem de Mooseheart encaminha-se para os cursos universitários. Muitas universidades norte-americanas oferecem bolsas de estudos para os jovens que se diplomam com boas notas em Mooseheart. Outros rapazes e moças, que aprenderam ofícios e profissões, encontram empregos nas cidades norte-americanas, freqüentemente por intermédio das lojas da Leal Ordem de Moose.

Todos os ramos da atividade humana, ou quase todos, estão programados ali. Ao invés



crianças de tôdas as idades. O programa de Mooseheart é um dos mais curiosos e eficientes do mundo, e deve servir de exemplo.



AULAS PRÁTICAS de mecânica aplicada à lavoura. Um aluno dirige êste trator e ouve atentamente as explicações do professor. Em baixo: grupo de habitantes da «Cidade dos Órfãos», à mesa das refeições após um árduo dia de trabalho.



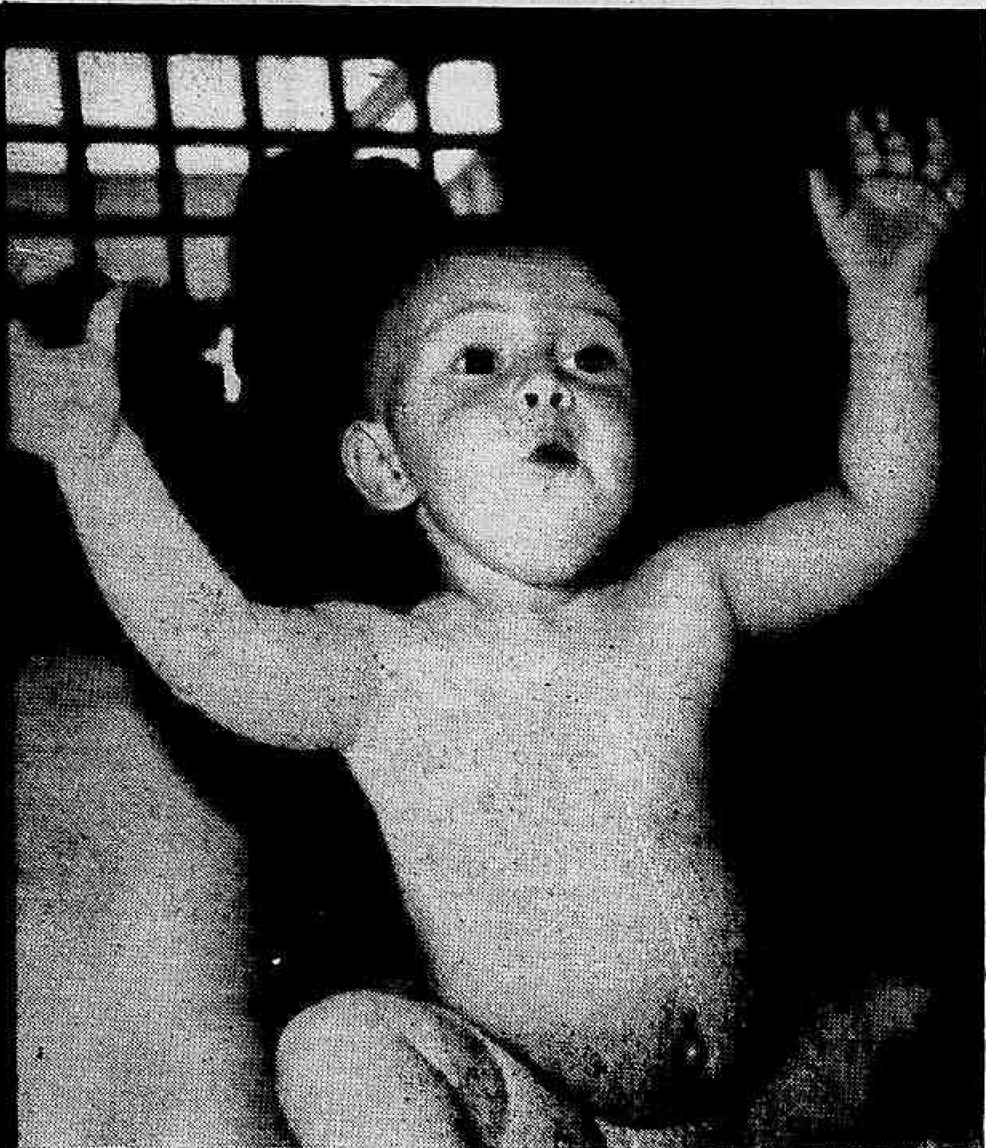
de tratarem, exclusivamente, de ilustração para o cérebro, os internos — desde as crianças de tenra idade, até aos rapazes e moças de 18 anos — recebem educação completa, de acôrdo com as respectivas idades.

As jovens que fazem o curso de puericultura, são verdadeiras mãezinhas dos pequeninos órfãos que vêm parar ali. Nada é feito a título de caridade. Impera o mais perfeito senso de civilização e amor à humanidade. Impressiona a ordem, a disciplina, a intensidade de trabalho e de cooperação na seara da incomparável instituição. Todos só têm um ideal: manter a "Cidade" na mais perfeita forma e em plena produção.

Grande parte do que consome é obtido dos seus próprios esforços, o que dá aos seus jovens habitantes a mais sadia impressão de liberdade e soberania. No Estado de Illinois, estão-se plasmando gerações de grandes benfeitores da humanidade.

CRIANÇAS SADIAS, POVO FORTE

O QUE FOI O CONCURSO DE ROBUSTEZ INFANTIL DO SESI



O vencedor de S. Cristóvão treina para «comício»

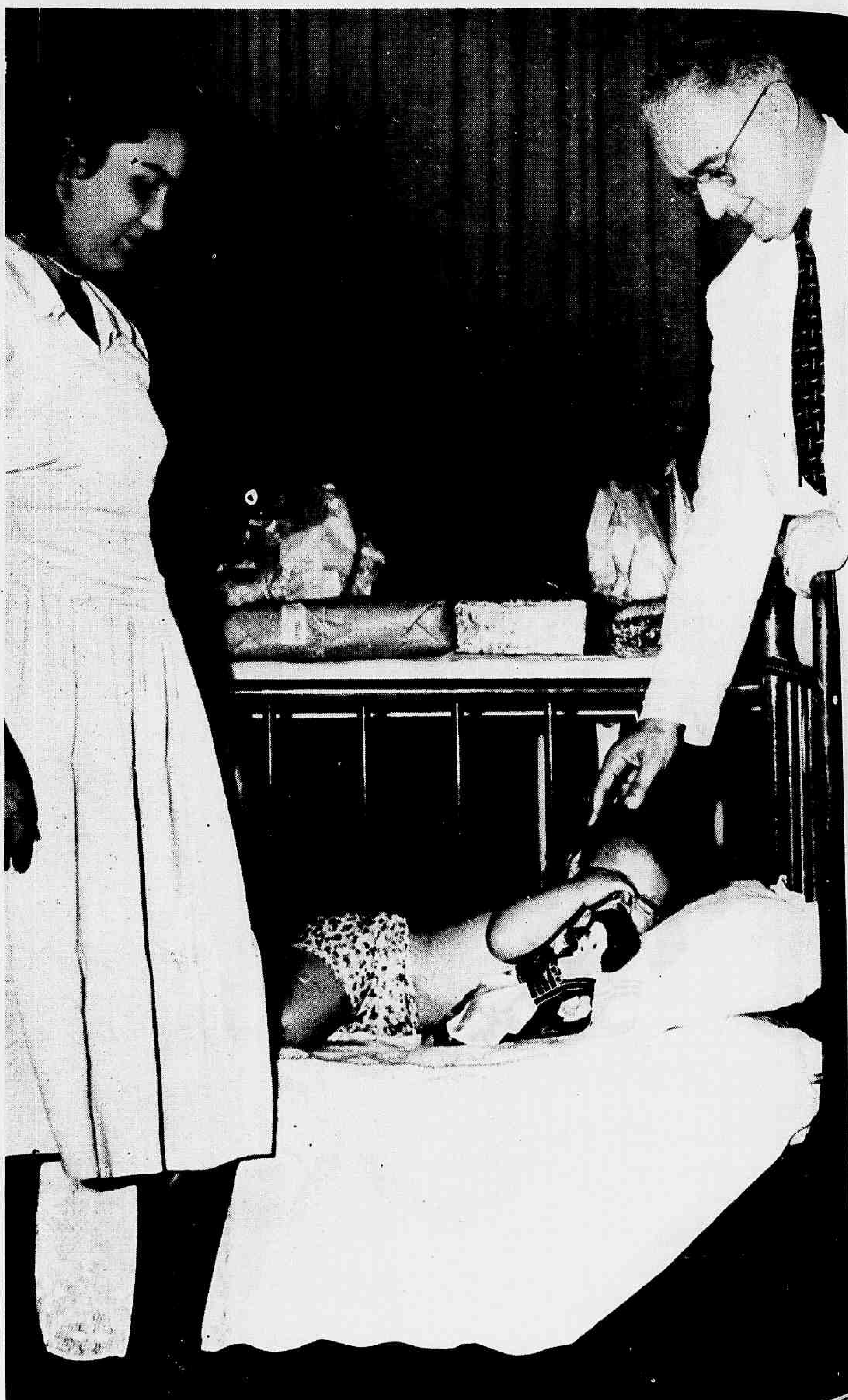


Miss Inhaúma está com tudo!



Entrega dos prêmios, pelo Dr. Odil Souza e Silva

A vencedora estranha a caminha nova.





O «team» de Caxias promete!

MIL e duzentos bebês, de 0 a 24 meses foram inscritos no Concurso de Robustez Infantil promovido pelo SESI, e que constituiu um verdadeiro acontecimento entre as famílias dos industriários. Feitas as inscrições nos Centros Sociais da Capital e do Estado do Rio, tiveram início as provas, que duraram 15 dias. As crianças dividiram-se em três grupos: de 0 a 6 meses, de 6 meses a 1 ano e de 1 a 2 anos.

OS PREMIADOS

Obteve o prêmio do primeiro grupo a menina Magali Acampora (4 meses e 18 dias, 7,325 quilos e 65 cts. de altura. Magali é filha do linotipista do "Jornal do Comércio" João Acampora e de sua espôsa D. Maria de Lourdes Acampora, residentes em Olaria.

O prêmio do segundo grupo coube ainda a uma menina: Laura Maria da Silva (6 meses e 15 dias, 9,450 quilos e 68 cts. de altura). São seus pais o operário Maurício da Silva e sua espôsa D. Dorcelina Maria da Silva.

Apenas no terceiro grupo os varões tiveram sorte. Foi vencedor o garôto Ademir de Souza, com 1 ano, 7 meses e 29 dias, pesando 13 quilos e 900 gramas e medindo 85 centímetros.

Os dois últimos estão inscritos no Centro Social n. 3, em Vicente de Carvalho, enquanto o primeiro é assistido pelo Centro "Roberto Simonsen", à praia de Inhaúma.

OS PRÊMIOS

Entre os numerosos prêmios distribuídos pelo SESI, constou uma caminha completa, pronta para dormir-se e cadernetas da Caixa Econômica, com 1.000 cruzeiros cada uma.

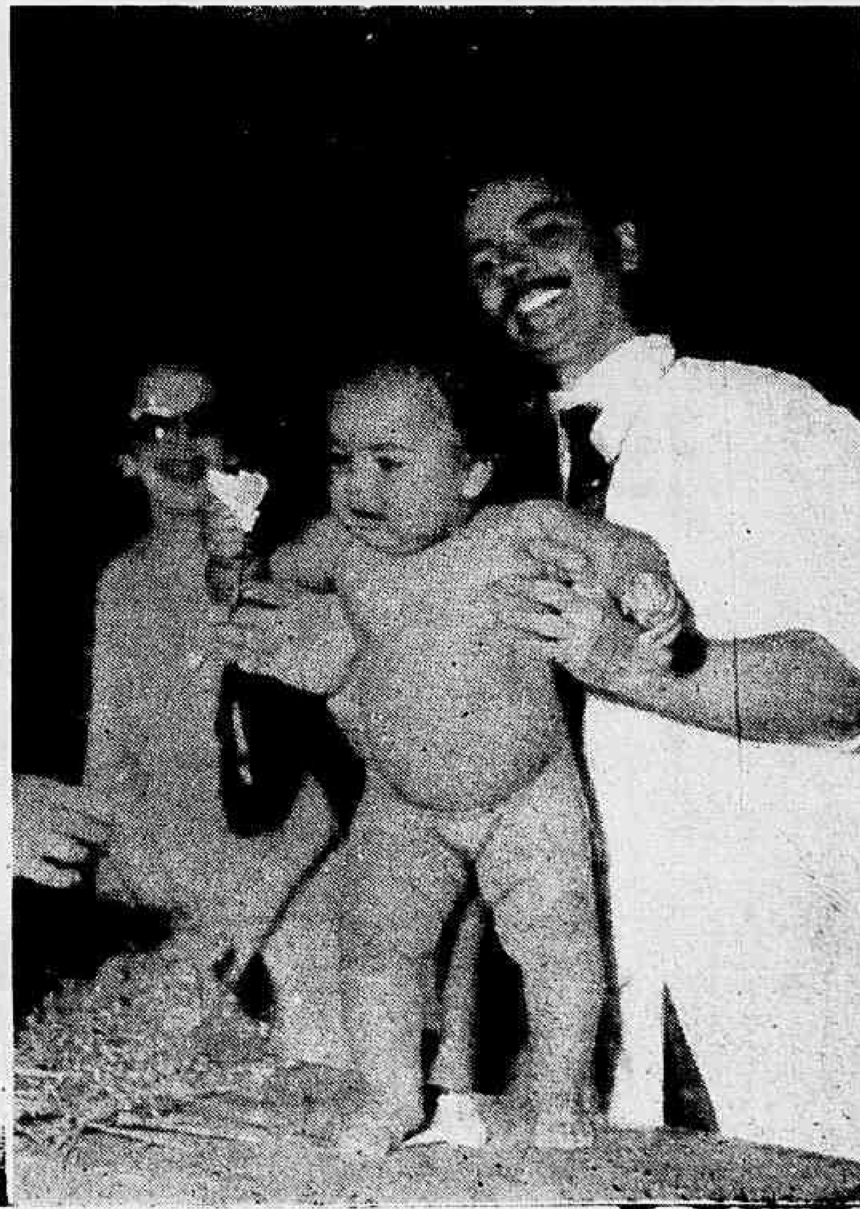
O Concurso de Robustez Infantil foi, realmente uma iniciativa muito louvável, pois veio despertar ainda maior interêsse no meio industriário, pelos Serviços Sociais, indispensáveis à saúde do nosso povo. Está, pois de parabém o SESI, que tem sabido orientar tão bem a família industriária, melhorando-lhe o nível de vida e proporcionando-lhe os meios de sustentar, tratar e educar condignamente os filhos.



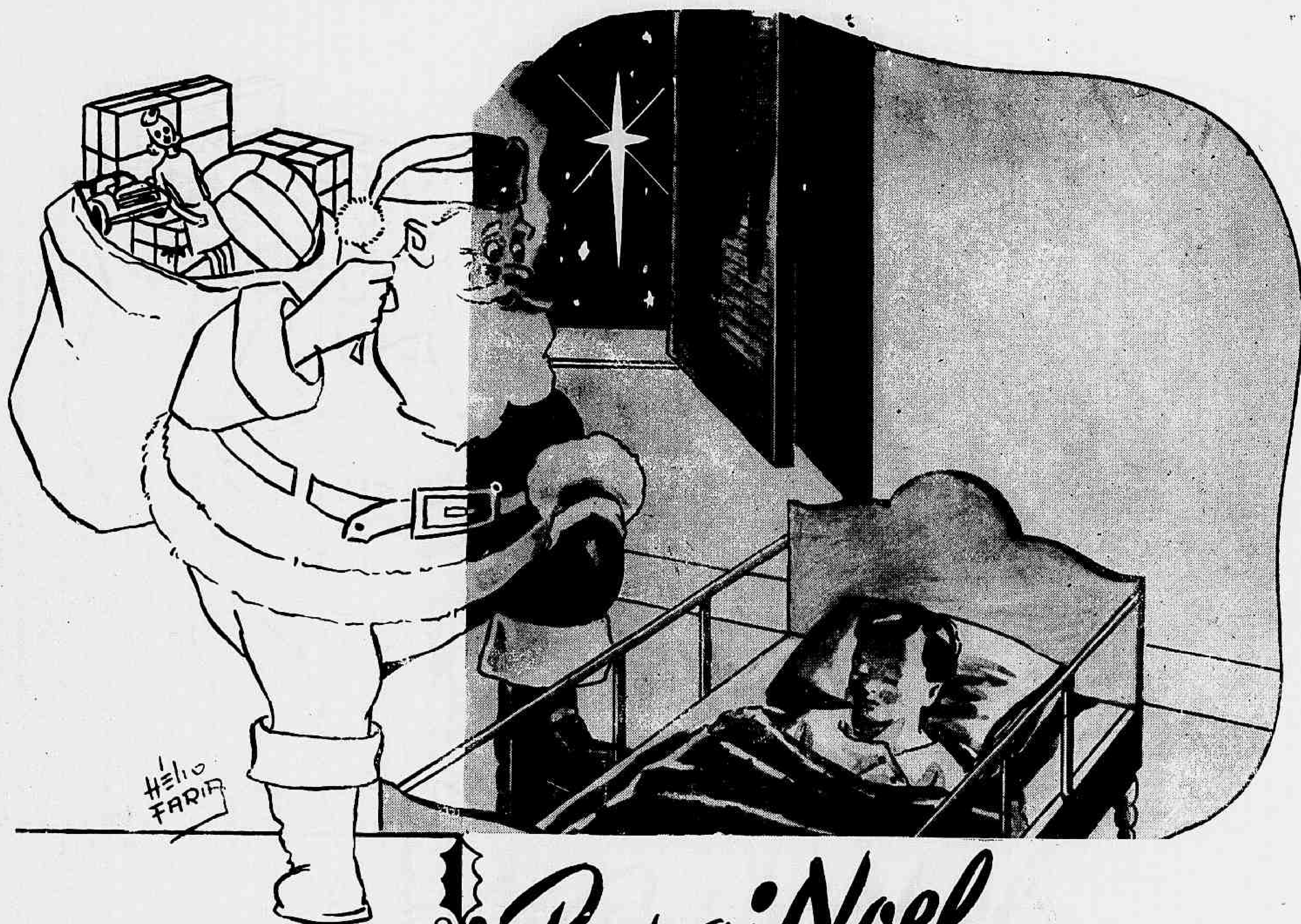
Uma pose de Miss Petrópolis



Primeiro Prêmio de Petrópolis (o bebê ou a... enfermeira?)



As mulheres conquistam-se com flores.



Boas-Festas!

Que o Ano Novo seja para você e todos os seus, tranquilo e produtivo, proporcionando-lhes a paz espiritual que eleva os seres humanos.

E que você transponha o limiar do Ano Novo integrado na fé cristã de um Natal Feliz que há-de ser início de nova era de confraternização entre os povos!

MINAS-BRASIL

Papai Noel VIRÁ SEMPRE?

Sim, Deus há de permitir que as doces alegrias do Natal perdurem no seu lar! E Papai Noel colocará **sempre** nos sapatinhos de seus filhinhos os brinquedos sonhados o ano todo. Porque você, no alto espírito de previdência que caracteriza o homem moderno, já custeou, através do **Seguro de Vida**, as visitas do bom velhinho - símbolo da sua ternura de pai!

Companhia de Seguros
MINAS-BRASIL
SEGUROS DE VIDA

INCÊNDIO - TRANSPORTES - ACIDENTES PESSOAIS
ACIDENTES DO TRABALHO E SEGUROS COLETIVOS



O Natal é o atrativo máximo das crianças. Em dezembro, todos os corações se enchem de esperanças. Aqui vemos uma família holandesa em meio a um ambiente de fraternidade a Papai Noel, com a «Árvore de Natal» ao fundo rebrilhando de decorações, enquanto as crianças sorridentes, desembrulham os pacotes com os brinquedos que irão dar-lhes alegrias.

COMO NASCEU O CULTO DA ÁRVORE DO NATAL

O SERMÃO DE S. VILFREDO — AS VELINHAS DE LUTERO — PORQUE S. NICOLAU É O SANTO DOS PRESENTES — ORIGEM DO COSTUME DE SE COLOCAREM PRESENTES AO PÉ DA ÁRVORE DE NATAL — ALGUMAS CURIOSIDADES LENDÁRIAS E HISTÓRICAS

Por **Raul de POLILLI** — Exclusividade News-Press — **REVISTA DA SEMANA**

DESDE os tempos mais remotos, quando o homem, muitos séculos depois de aparecer na terra, adquiriu consciência de Deus, da dor, do mêdo e do amor, a árvore assumiu categoria de simbolo, mais a qualidade de mediadora entre as criaturas humanas e as fôrças do bem e do mal.

Os egipcios tinham uma palmeira da qual diziam que dava uma nova fôlha a cada novo mês. Quando aparecia a décima-segunda fôlha, êles celebravam, em tôrno da palmeira, o fim de um ano e o comêço do outro.

Dois mil anos antes de Cristo já existia o costume de se plantar árvores como parte das cerimônias mais expressivas, como o noivado, o casamento, a ascenção ao trono, etc. Os hindus acreditavam que um doente se curava, se algo de seu — como um pedaço de unha, uma trança de cabelos, uma peça de indumentária ou coisa parecida — fôsse enterrado sob as raizes de uma árvore. Os antigos hebreus tinham o "terebinto do professor" e os "terebinto dos profetas". Os prussianos antigos admitiam que os carvalhos fôssem habitados por espiritos — e era o carvalho que dava a lenha para a perpetuação do fogo sagrado dos arianos.

A mitologia greco-romana está cheia de entrelaçamentos da vida de deuses e numes com a vida de árvores, podendo-se recordar, para exemplificar, os mitos de Mirra, de Jacinto e de Narciso.

O CULTO DA ÁRVORE DE NATAL

Houve autores que pretenderam atacar a religião cristã, em tôdas as suas formas, assegurando que o culto da árvore de Natal constituia residuo do paganismo, porquanto, nas saturnais romanas, moços e moças realizavam uma procissão carregando pelas ruas um abeto, para assinalar o fim do inverno e o comêço da primavera. Contudo, a árvore de Natal tem origem muito diversa, e de maneira alguma recebe prestigio emprestado por lendas ou atos pagãos.



Até entre os viajantes Papai Noel surge fazendo surprêsas às crianças. Eis aqui o «velhinho» ao retirar de um saco, a caminho da Austrália, um presente para êste garoto espantado.

Em seus primórdios, a religião cristã não comemorava o nascimento de Cristo armando árvores festivas. Foi S. Vilfredo quem instituiu o culto da árvore de Natal.

S. Vilfredo, que viveu de 634 a 709, da nossa era, nasceu no condado de Northumberland, na Inglaterra, e é tido, hoje, como um dos luminares da história religiosa de seu pais, pela pureza de sua vida, pela enormidade de sua inteligência e pela sua devoção a Cristo.

De uma feita, o santo resolveu derrubar um carvalho que havia servido como objeto de veneração por parte dos druidas. Quando a árvore foi abatida, desabou uma tempestade violenta. Caiu um raio. O raio partiu em quatro pedaços o tronco abatido. Mas deixou ileso um pequeno abeto, muito novo, que lhe estava ao lado.

S. Vilfredo viu, nisso, um simbolo: — o da proteção da Providência à infância.

Nessa tarde, o santo subiu ao púlpito e fêz inspirado sermão sôbre a árvore e os beneficios que ela traz aos homens. Disse que o abeto era a árvore da paz, da inocência, porque Deus o poupara à destruição. Por ser sempre verde, o abeto poderia ser também o simbolo da vida eterna. E assim se teria igualmente fundamento para dizer que o abeto é a "árvore de Menino Jesus". Dai por diante, o abeto, "árvore do Menino Jesus", passou a ser a árvore de Natal — a árvore que se arma e ornamenta para comemorar o nascimento de Cristo.

A CONTRIBUIÇÃO DE LUTERO

O culto do abeto, como árvore de Natal, expandiu-se ràpidamente por tôda a antiga Alemanha, e é a antiga Alemanha o país que maior papel desempenha na consolidação do culto dessa árvore.



Não é sòmente no Brasil que os perus «pagam o pato» por ocasião do Natal. Também no estrangeiro, os pobres galináceos ficam sendo cevados para que fiquem gordinhos para o Natal. E os infelizes oferecem o pescoço ao trinchante da Babá, e, no dia famoso, lá surge o peru a enfeitar a mesa da grande festividade, provocando água na boca da família...

De século em século, a partir do sermão de S. Vilfredo, as famílias alemãs, principalmente de Estrasburgo, estimularam o culto da árvore de Natal, à qual dependuravam rosas feitas de papel de sêda colorido.

Numa noite de Natal, Lutero, que viveu de 1483 a 1546, e que produziu o formidável movimento religioso da Reforma, saiu à rua. A noite estava fria. Mas estava também linda, com céu sem nuvens, e todo cheio de estrêlas. Lutero ficou emocionado em face daquele espetáculo. Voltou para casa. E, na árvore de Natal de seus filhos, dependurou velinhas coloridas, para que estas, com suas pequenas labaredas, lhes dessem uma imagem do céu estrelado, de onde Jesus descia para abençoar as crianças.

E assim se iniciou o costume de se iluminar a árvore de Natal.

A SUA DIFUSÃO NA INGLATERRA

A despeito de S. Vilfredo ser inglês, o culto da árvore de Natal só se difundiu, na Inglaterra e no Oriente, cêrca de um século depois da morte de Lutero, e vários séculos depois de essa árvore entrar na tradição religiosa das famílias alemãs. Contudo, o puritanismo imperava entre os inglêses, e o culto da árvore, depois de ser iniciado, chegou a ser banido, sendo suprimidas, na Inglaterra, tôdas as comemorações do Natal. Só em 1840 é que a rainha Vitória restabeleceu o culto da árvore, colocando um abeto, maravilhosamente decorado, na noite de Natal, em seus salões.

ORIGEM DOS PRESENTES DE NATAL

Houve, em Mira, na Lícia, um bispo chamado Nicolau que, ao tempo do imperador Diocleciano, foi perseguido e torturado pela sua fé em Cristo, parecendo, ademais, que estêve presente ao Concílio de Nicéia. À sua memória, o imperador Justiniano ergueu a igreja dos Santos Prisco e Nicolau, em Constantinopla.

Nos países ocidentais, o nome de Nicolau, já santo, passou a ser venerado no século IX. Mas foi muito depois, quando



A «Árvore de Natal» merece carinhos especiais em todos os lares onde se celebra o nascimento de Jesus. E' uma festa de corações e de boa vontade segundo os anjos da Galiléia



«Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso», diz o ditado. Estas moças, de uma loja de Londres, estão ocupadas enchendo de brinquedos as meias para as crianças no Natal

seu corpo se trasladou para Nari, nas Apulias (Itália) — no dia 9 de maio de 1087 — que S. Nicolau se tornou alvo de veneração realmente popular.

Diz-se que S. Nicolau, de uma feita, desceu do céu, para, às ocultas, dar de presente dinheiro e enxoval a três moças muito lindas e muito pobres, cujo pai se encontrava em desespêro porque, não tendo recursos para as dotar, não poderia fazer com que elas se casassem — e, não se casando, elas teriam de ser entregues a uma vida de humilhações e de vergonha.

Diz-se, igualmente, que S. Nicolau, de outras feitas, costumava descer do céu, para levar bôlsas cheias de ouro às famílias pobres, atirando tais bôlsas, pela bôca da chaminé. Certa vez, a bôlsa de ouro desceu pela chaminé, rolou pelo chão e entrou na meia que alguém havia ocasionalmente deixado junto à lareira.

De tudo isto se originou a idéia de que S. Nicolau é o santo dos presentes — originando-se também o costume de se dependurar meias na lareira, ou mesmo nas paredes da cozinha, na véspera de Natal, para o recebimento dos presentes.

O DIA DOS PRESENTES

No comêço, latinos e gregos adotaram o costume de dar presentes, em memória de S. Nicolau, no dia 6 de dezembro. Os italianos preferiram, para isso, o dia 9 de maio, porque foi nesse dia que o corpo do santo foi trasladado para Bari, e que ali se abriram os alicerces para a basílica de seu nome.

O rei Henrique VII, da Inglaterra, que viveu de 1457 a 1509, determinou que, não havendo dia certo, universalmente aceito, para a oferta de presentes, se estabelecesse a véspera de Natal para tal efeito, por ser o dia de Natal dia de amor e de paz.

A Rainha Elizabeth, a trágica soberana solteirona, não gostava de comprar vestidos. Preferia recebê-los de presente dos membros de sua côrte. Ela só renovava, pois, o seu guarda-roupa, uma vez por ano, na época do Natal. Como eram muitos os que ofereciam presentes — inclusive o arcebispo de Cantuária, que oferecia uma bôlsa contendo certo número de libras esterlinas — ela determinou que tôdas as ofertas, ao invés de lhe serem entregues pessoalmente, fôssem depositadas ao pé da árvore de Natal.

Assim se originou o costume dos presentes na véspera de Natal — com o costume dos presentes postos ao pé da árvore do Menino Jesus.

ALGUMAS CURIOSIDADES EM TÔRNO DO NATAL

Dentre as inúmeras canções de Natal, as mais populares são a "Noite Tranquila", ou a "Noite Silenciosa", escrita no dia 24 de Dezembro de 1818, pelo padre Joseph Mohr, numa aldeia dos Alpes Austríacos, e a "Hark the herald engels sing", escrita no dia de Natal de 1730, por Charles Wesley.

O padre Mohr sentiu-se inspirado e compôs tudo numa só arrancada, ao ler a Bíblia para um grupo de crianças: e o poeta Wesley teve a inspiração, e também escreveu tudo numa arrancada só, ao ouvir, de manhã o repicar dos sinos das igrejas.

★

Foi o Papa Júlio I quem, no ano de 351 da era cristã, pelo consenso unânime dos altos dignitários da Igreja, decretou que o dia de Natal fôsse comemorado a 25 de dezembro. Antes disso, o dia do nascimento de Cristo foi comemorado em várias datas. O dia 25 de Dezembro era o dia da comemoração do Natal sòmente entre os católicos romanos de Betleem.

Ainda hoje, os gregos ortodoxos e os sírios católicos celebram o Natal a 6 de janeiro, e os armênios a 18 de janeiro.

★

Foram os holandeses que trouxeram para as Américas, o culto da árvore de Natal, com a soma de tradições que se havia acumulado na Europa Ocidental.

★

Tempo houve em que os camponeses da Escócia e da França admitiram que a criança nascida na noite de Natal fôsse dotada do dom da profecia.



EM HOLLYWOOD, AS ESTRÊLAS DO CINEMA CONTAM OS DIAS PARA O NATAL. É UMA FESTA CINEMATOGRÁFICA

CONTO de NATAL



CONTO DE ÁLVARO ROSADAS
ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIROS

— Pois é, meu caro amigo Roberto, sinto imensamente não poder atender o seu pedido. Não é questão de pouca ou má-vontade em satisfazê-lo, e sim me ser inteiramente imposivel prestar-lhe êsse pequeno obséquio. Meus negócios, nestes últimos tempos, não têm corrido bem. Tenha paciência; talvez, em outra ocasião, eu possa ser útil ao velho amigo; no momento... não. A única coisa que lhe posso dar, são os meus votos sinceros de Boas-Festas e Feliz Natal.

Roberto Mário, vencido por mais aquela desilusão inclina, tristemente, a cabeça.

Sentado em ampla e cômoda poltrona, no escritório da casa comercial de Haroldo — seu companheiro de infância — ouviu, sem pestanejar, a sentença de morte do sonho que tanto acalentara.

"Haroldo não me recusará o que eu lhe pedir" — pensara... e vinha de constatar que os melhores amigos, às vêzes, falham nos momentos criticos.

Como um autômato levanta-se, e, sem perceber o sentido das últimas palavras de seu velho companheiro de traquinices, dirige-se para a porta da rua, com os passos vacilantes de uma criança; com o andar arrastado de um velho.

...Boas-Festas!... Feliz Natal!... vinham-lhe à mente as palavras do amigo. Mas como poderia ter um Natal feliz, se estava sem dinheiro; inteiramente desprevenido para festejar a maior data do Cristianismo?

Como chegara a tão angustiosa situação, êle, homem morigerado, trabalhador e parcimonioso ao extremo? Como acontecera aquilo, bom Deus?

Sem ver ninguém, acotovelando os transeunies que encontrava em seu caminho, Roberto Mário rompe a multidão, que, indiferente à desdita daquele pobre infeliz, procura as casas de artigos de Natal e sôfrega dirige-se ao lar, onde vai dar os últimos retoques para comemorar a Noite Feliz.

E êle passa, passa indiferente a tudo, alheio a todos; trazendo o coração imerso em imensa mágoa, e o cérebro povoado dos mais tristes e negros pensamentos.

Não poder festejar o Natal; êle, que sempre o fizera com a maior alegria! Agora que os filhos êstavam quase todos bem crescidos, já mocinhos, deixaria passar, em branco, essa data tão cara ao seu coração cristão?

Tudo faria para alegrar e trazer um raio de felicidade ao coração de sua pobre doentinha, da sua querida Marilu. Ao lembrar-se da filhinha enfêrma sente os olhos ardentes, marejarem-se de lágrimas.

Pobre Marilu!... Como fizera sofrer o pobre pai! Quão grande fôra o desequilibrio das finanças paternas, motivado por aquêles três longos meses de doença, esperanças e sofrimentos.

A principio — êle nem queria mais se lembrar como começara aquilo — sofria tanto! — Só se recordava que a menina deixara de andar por maiores que fôssem os recursos da Ciência; por maiores que fôssem os cuidados paternos e o fervor de suas preces.

E o tratamento absorvera rios de dinheiro... sem nada apresentar de melhoras sensiveis, nem resultados positivos. E êles não desanimavam; havia um Deus Supremo. Êle e a espôsa — santa mulher — acreditavam na bondade de Deus e tinham fé, tinham esperança que a boa filhinha, um dia se salvaria.

Roberto Mário, como um ébrio, caminha, rompe a multidão... e pensa. Pensa que, um dia, prometera trazer, ao Natal que se aproximava, uma linda árvore de Natal, que vira, certa vez, numa loja da cidade.

Passara os meses e os dias acalentando aquêle sonho, que pensara transformar em realidade.

Mas, a menina tinha adoecido. Viera o médico; as despesas cresceram com os remédios, a estada na Casa de Saúde — que resultara em inútil dispêndio — e tudo levara as últimas esperanças de ver, junto do pinheiro sagrado, congregar-se a familia tôda feliz.

Lutara, mesmo assim, para levar avante o seu intento. Mas fracassara, fracassara redondamente, caira vencido pelo destino, que tão ferozmente aniquilava, matava os seus sonhos.

Ainda, domingo último, na inconsciência de seus sete anos, perguntara a boa Marilu:

— Papai... e minha árvore de Natal quando é que vem?...

Aquela pergunta ferira-lhe, fundo, o coração. Ia responder quando a espôsa atalhou:

— Marilu... êste ano é, de todo, impossivel, ao seu bom papai trazer a árvore de Natal... Talvez você compreenda a razão... não é, meu bem?

— Sei, sim, mamãe... — respondeu a menina — estou brincando com papai. Para o ano, se Deus quiser e eu estiver boazinha, armaremos uma árvore grande e bonita; não é papai?

Sentira um apêrto na garganta. Um nó paralisara-lhe a voz... e não tinha podido responder.

"Trarei a árvore de Natal"... — pensara consigo, nem que me arrebente!... Nem que tenha de pedir aos amigos!

Recorrer aos amigos!... mal sabia êle que todos o atenderiam com as mesmas desculpas, com as mesmissimas palavras de recusa. Nada conseguira.

No Banco, onde há 18 anos trabalhava, não podia recorrer. Impossivel fazer mais do que tinham feito seus chefes, amigos, no doloroso transe que passava, com a filhinha doente.

Rompendo a multidão que o sufocava, chega o pobre Roberto à Praça Tiradentes, onde, em duro banco de granito, deixa cair o corpo exausto e desalentado.

E agora — pensa — como poderei volver ao meu lar querido, mãos vazias, sem nada levar, para comemorar o Natal? Que dirão meus filhos?... Papai esqueceu que hoje nasceu o Menino Deus! Papai está se afastando do bom Jesus!

Apertando a cabeça entre as mãos, sente

(Cont. na pág. 70)



GIRLS do «Windmill Theatre» divertem-se à beira mar, em Angmering, Sussex, Inglaterra. São tôdas elas verdadeiras desportistas, e muito se dedicam aos saltos em cordas, processo de grande efeito para corrigir adiposidades prejudiciais a artistas e a qualquer mulher elegante. E' a verdadeira observância do sábio conselho: «mens sana in corpore sano»

ENTRE O ESPORTE E A ARTE

SÃO GRACIOSAS E DE INVEJÁVEL PLÁSTICA AS GAROTAS DO WINDMILL THEATRE ★ NADA ALÉM DE DEZOITO PRIMAVERAS ★ O MENOR E MAIS FAMOSO TEATRO DA CAPITAL BRITÂNICA

TROCANDO o esplendor das gambiarras reluzentes pela magnificência das praias ensolaradas de Sussex, as mais lindas "girls" do "Windmill Theatre", foram passar uns dias de agradável convívio em Angmering-on-Sea.

Durante anos seguidos, o teatro a que dão todo o seu esfôrço, não lhes dá uma folga. Entram e saem programas, meses a fio, sem parar, e elas também precisam de descanso, de mudar o panorama da vida, ao menos uma vez por semana.

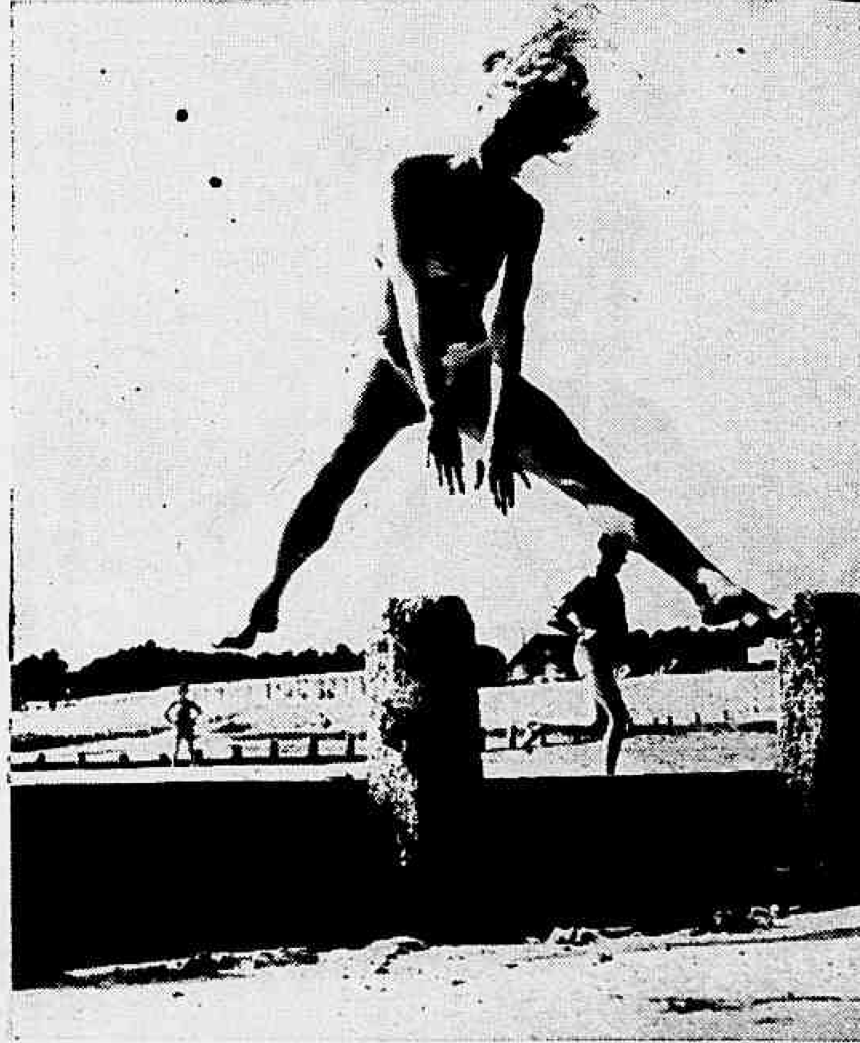
Sòmente aos domingos o diretor lhes permite uma folguinha que elas aproveitam da melhor forma possível. Nesse dia, o teatro não funciona, embora pareça esquisito. Mas é assim mesmo. Num dos últimos domingos, as "girls" foram surpreendidas por um convite que as deixou contentíssimas: Mr. Vibian Van Damm, o chefão do teatro,



A LINDA Valeria Trevor, de «Windmill Theatre», prova suas habilidades com belo pulo «record» sôbre a corda



ESTA é Rita Allan, uma encantadora escocesa, pulando «carniça» com a sua linda colega de palco, Jean Brambton



BELA como uma fada e ágil como Diana, a caçadora mitológica, a fascinante Diana Russel salta à beira-mar



UM DOS melhores esportes de praia, à luz do sol e ao afago da brisa, é êste de ver quem tem «roupa na mochila», isto é, quem tem muque para decidir o «puxa-puxa» da corda. E as girls do «Windmill Theatre» também são «homens!»



DIANTE das crianças à cata de mariscos, a figura de Diana Russel é como a Vênus Anadiômene, emergindo das águas.

convidava-as para passar um domingo na praia de Angmering.

Como a média das idades dessas encantadoras e alegres jovens é de 18 janeiros, é evidente que tôdas elas se entusiasmaram com a gentileza do "boss" e não perderam tempo.

E' interessante notar que, grande número de astros e estrêlas do rádio, do cinema e do palco, vieram do tablado do "Windmill Theatre", verdadeira Academia de arte da Inglaterra. Não se fazem as seleções por palpite e apenas pela beleza física das futuras artistas. E' preciso que possuam vivacidade, juventude, personalidade e beleza de formas, de rosto, de modos, tudo emoldurado por um rostinho risonho e simpático.

Além da carreira teatral, tôdas elas gostam de praticar esportes, especialmente o patim, a equitação, a natação, em que se tornam exímias campeãs.

O "Windmill" é um dos menores teatros da capital inglêsa e, durante a guerra de 1939 a 45, foi um dos poucos que nunca fecharam. E' isso uma de suas glórias, um dos seus mais justos orgulhos. E todos sabem que, embora as bombas nazistas estivessem, muitas vêzes, a estourar nas vizinhanças, o "Windmill" jamais deixou de manter-se em plena forma, com suas luzes acesas e em função. Isso servia para aumentar a confiança na vitória. Homens de tôdas as nações aliadas e os soldados e mulheres da defesa de Londres se recordam com admiração e reconhecimento das noites de heroísmo do pessoal da invencível "Windmill Theatre".

MARGARET COOPER e Tom Martin, acrobatas exímios, treinam na praia de Angmering, para não perder a forma







PAT HAMILTON MUNIU-SE DE UM PEQUENO JACARÉ E FOI PESCAR, MAS SÓ PEGOU UMA PEDRA! POR ISSO É QUE SUA COLEGA, MOIRA MURPHY, PREFERIU FICAR NUMA PAUSA PARA MEDITAÇÃO. MAS, QUERENDO MOSTRAR SUAS HABILIDADES PISCATORIAS, FOI VER SE CONSEGUIA PEGAR SIRIS. ENQUANTO ISSO, LINDA GREY PROCURA DEFENDER-SE DO SOL COM POMADAS.






Um homem feliz
ORLANDO
MATTOS



voz veio sumida, acanhada, chamando: — Aqui, ó... — levantei os olhos e vi o rapaz que me chamava, sentado na grama, à sombra de um ficus. Bem aparentado, em mangas de camisa, palitó ao lado, sorria para mim, um sorriso de quem vendia saúde.

Aproximei-me, êle me cumprimentou e disse:

— Quer me arranjar um cigarro?

— Pois não.

Passei-lhe o maço, êle retirou um e pediu o fósforo. Depois que acendeu o cigarro, agradeceu-me e perguntou:

— Você é daqui?

— Sou...

— Mora aqui há muito tempo, é?

Percebi que êle estava com vontade de conversar.

— Moro. Nasci aqui...

— Eu, não. Sou do interior. Do Sul de Minas. Você conhece Jacutinga?

— Não...

— Eu sou de lá.

— Veio estudar?

Êle sorriu, levou o cigarro aos lábios, tirou uma baforada.

— Cigarro bom! Há muito tempo que não fumava, sabe? Resolvi deixar e deixei. Quis ver se tinha mesmo fôrça-de-vontade. Uma experiência, sabe? E tive... Agora, quando vi você fumando, resolvi fumar de novo, não sei por que. A vida da gente é tão bêsta, a gente tem tanta preocupação e ainda por cima eu me privava de um prazer inofensivo como êste!

— E'... mas, agora, êle já está ficando caro — brinquei.

— Isso é assim mesmo. Tudo que é bom dura pouco ou custa caro... Escuta — êle mudou de tom — você ia para algum lugar certo e eu...

Cortei:

— Não... Ia dar uma chegada à Avenida. Ia lá à toa. Passei por aqui por que desci a pé. Mas, se você quiser poderemos chegar até lá.

— Não. Eu preciso ficar aqui. Quero ver se vejo algum conhecido de Jacutinga.

— Mas lá na Avenida é mais fácil.

— Pode ser... Tenho mais esperanças de encontrá-los aqui.

Êle atirou o cigarro fora, pegou o palitó, tomou-o nos braços e, levantando-se:

— Quer sentar lá no bar?

Aceitei o convite e saímos. No caminho êle me perguntou:

— Você estuda?

— Direito. Estou terminando o curso.

— Boa carreira. Muita gente fala mal, caçoa dos bacharéis, mas a carreira é boa. Eu, se estudasse, ia cursar direito. Você já deve estar fazendo planos para o futuro, não?

— Ainda não. Por enquanto nem sei se deixarei a Secretaria.

— Ah, você é funcionário?

— Sou. Estou lá nas Finanças. A gente precisa trabalhar. E, para quem estuda, só funcionário público, mesmo. E' o único horário que ajuda. Você veio trabalhar?

Êle olhou para mim, sorriu e disse:

— Vim. Mas...

Interrompeu a frase, com mêdo de falar. Perguntei:

— Não gostou do batente?

— Não foi isso, não.

Chegamos ao bar, escolhemos uma mesa e êle perguntou:

— Que vamos tomar?

— Uma cerveja, não é?

— Pode ser... Há muito tempo não bebo...

O garção chegou, pedi-lhe que nos trouxesse uma cerveja bem gelada. O rapaz disse:

— Eu o chamei por que estava com vontade de conversar com alguém, sabe? Você percebeu, não percebeu?

Confirmei e êle continuou:

— Pois é. Ficar sòzinho é muito aborrecido. Cheguei aqui ontem à tarde e ainda não encontrei um conhecido.

— Mas você não veio trabalhar?

— Vim... Mas isso já foi há muito tempo. Quase há dois anos.

O garção serviu-nos e se afastou. Meu amigo provou a cerveja, tomando-lhe o gôsto e prosseguiu:

— Vim para trabalhar no Banco. Mas não sabemos o que está para acontecer...

Fêz uma pausa, respirando fundo.

— A vida da gente é engraçada. E' como se andássemos por um caminho muito comprido. Às vêzes, lá na frente, está um buraco nos esperando. Se a gente soubesse, poderia ir com cuidado e quando chegasse perto, dava um pulo e continuava a andar. Mas ninguém sabe onde está o tal buraco. E cai, mesmo. Comigo foi assim... Felizmente, agora, consegui sair. Tive quem me ajudasse.

Já estava interessado pela prosa do rapaz. Êle era inteligente e tinha um modo especial de falar. Perguntei:

— E êsse buraco onde você caiu era fundo?

— Fundo?!... Puxa! Levei quase dois anos para sair dêle. Não lhe disse? Eu conto...

Bebeu a cerveja, limpou os lábios e continuou:

— Que diabo, a gente às vêzes gosta de conversar. E eu estou assim, já lhe falei. Depois, você me inspira confiança, simpatizei com você. Não custa nada contar e nem me envergonho do que aconteceu. Podia acontecer com qualquer um, não podia?

Não respondi, olhando apenas para êle.

— Podia, sim. Podia acontecer até com você. Eu já falei: a gente não sabe onde está o buraco!

Chamei o garção e pedi outra cerveja. Meu amigo pôs o resto da garrafa em meu copo e prosseguiu:

— Você sabe. Eu vim para cá, há dois anos, transferido para o Banco. Custei a arranjar, mas consegui. Tinha muito mais futuro e eu podia fazer carreira. Mas era muito moço, ainda não pensava direito...

— Você está com...

— Vinte-e-cinco. Vou fazer agora. Naquele tempo eu estava com 23 e com essa idade se faz muita tolice. Pensa que já é gente, não quer ouvir ninguém, não dá satisfação... Principalmente no meu caso, morando aqui sòzinho. Puxa! tinha liberdade para fazer o que bem entendesse.

— Eu faço idéia...

— Pois é... Arranjei uma turma e daí para diante topava grandes farras. E com isso foi uma série de noites sem conta que perdia... Você sabe: batente duro, comida ruim, um de nós tinha que baquear. Eu fui o escolhido. Nem durou muito... Quando vi, o "cupim tava comendo"...

Olhei para êle, espantado, sem acreditar. Êle ajuntou:

— Não precisa se espantar. E' verdade, sim.

— Não estou espantado, não. Eu sei que isso acontece. Acontece com muita gente. Mas, você...

— Não pareço doente, não é? Não parece que estive doente. Porque, graças a Deus, já estou bom. Mas, no princípio, é dureza, sabe? Você fica desesperado e pensa que vai morrer mesmo. Depois, acostuma, e com o tratamento, adquire tanta confiança no médico que tem certeza absoluta de que vai sarar! Foi o que aconteceu comigo! Fui para o Sanatório, e fiquei lá êsse tempão todo. Agora, me diga: você sabia que eu estive doente? Ninguém diz! Graças a Deus estou forte como nunca. Tratado no princípio é batata. Mas, se a gente deixa, não tem mais jeito...

— E'... você agora está bom, mesmo. Ninguém fala. Boa côr, gordo, forte...

— Bem disposto, também. Estou começando a viver outra vez. Saí ontem do buraco. Sabe a impressão que tenho? A de um condenado que recebeu o indulto. E sabe como chamo a isso? Felicidade...

— E'... Para você é realmente uma felicidade...

— Para mim, não. Para todo o mundo... Mas, tem uma coisa ainda que está me preocupando...

Enfiou a mão no bôlso, retirou a carteira, abriu-a e me mostrou, perguntando:

— Sabe quem é? Foi minha noiva... Quer dizer: quase noiva. Não cheguei ao noivado oficial, por que adoeci. Que faria você na minha situação? Gostando da pequena, sabendo que ela gostava de você e, de repente, vê que está perdido, que seu caso não tem mais solução?

— Não sei... Isso é muito difícil de responder...

— Pois creio que agi direito... Escrevi-lhe terminando com tudo. Foi duro, sabe? Acho que mais duro do que a doença, não sei... Mas, era preciso... Não procedi bem?

— E'... no seu caso...

— Fiz bem, sim. Não podia ficar iludindo-a, prendendo-a a mim, que estava perdido... No princípio ela não quis se conformar. Escreveu-me... Três cartas. Lutei para não lhe responder. Sabe o que aconteceu? Um dia ela apareceu no Sanatório...

Meu amigo acabou de beber, passou o lenço pelos lábios e, olhando para o retrato, perguntou:

— E' bem bonita, não acha?

Confirmei com a cabeça. Êle continuou:

— Escrever é bem mais fácil do que falar! Mas eu falei. Expliquei tudo direitinho, tentando convencê-la. Não foi possível. Sabe o que ela me disse, quando se despediu? Tinha certeza de que eu ia ficar bom e ela estaria me esperando. Uns meses mais tarde papai me escreveu que ela se mudara para São Paulo. Depois disso não tive mais notícias. Você acredita que ela esteja...

— Pode ser. Se ela gostava mesmo de você...

— Não acredito, não. Você sabe, dois anos é muito tempo. Em dois anos ela pode ter-se casado...

Êle olhou mais uma vez para o retrato, fechou a carteira e meteu-a no bôlso. Depois, retirou-a de novo, perguntando:

— Quanto é a despesa?

— Pode deixar... Eu pago...

— Não... Fui eu que convidei.

Chamou o garção, deu uma nota de vinte e ficou esperando o trôco. Depois me disse:

— Pois é... Se ela ainda não tiver se casado...

O garção passou-lhe o trôco, êle guardou e, levantando-se, disse:

— Vou dar umas voltas por aí. Quer vir?

Pensei em acompanhá-lo. Depois resolvi o contrário.

— Não... Vou chegar à Avenida.

Êle estendeu-me a mão, disse o nome — que não entendi direito — se despediu, saindo para o lado oposto ao meu.

Saí, também, pensando naquele encontro, no caso do meu amigo, na alegria de se ter curado... Estaria mesmo bom? Não acreditava muito nessas curas, não. Mas, no princípio, como êle disse, podia ser... A verdade é que o aspecto dêle era de completa felicidade... E tinha razão de sobra para isso!

Ao chegar à Avenida, percebi que estava sem cigarro. Podia ter comprado no "Bar do Parque" e me esquecera. Atravessei a rua, cheguei no "Galo", enfiei a mão no bôlso... Puxa! Não era possível!... Fiquei possesso com a minha estupidez! Então aquele sem-vergonha...?

Era difícil, mas havia de encontrá-lo. Saí quase que correndo para o Parque, atrás daquele cretino. Não. Cretino era eu, que fôra na conversa dêle. Então, um sujeito daquele, forte, gordo...

De longe vi um ajuntamento em tôrno de uma das mesas do bar. Outras pessoas, curiosas, corriam para ver. Aproximei-me, perguntando o que era. Um garôto contou:

— Encontraram um homem ali adiante vomitando sangue...

Um outro ajuntou:

— Já chamaram o Pronto Socorro.

Meu amigo, então...? E a carteira? Lembrei-me de que havia trocado o terno. Provàvelmente estaria em casa...

CONTO DE MÁRIO LÚCIO BRANDÃO ★ ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS



«VER ANN MILLER em pessoa tem grande importância» — diz Waldemar Tôrres. Ela é um amor de pequena e se nos filmes sabe fazer de cada espectador um admirador, pessoalmente consegue muito mais. Tem uma sensibilidade de espírito que se reflete no olhar, no sorriso discreto e muito principalmente nas frases bonitas, muito amáveis, que sabe dizer



ESTHER WILLIAMS não foi vista pelo repórter brasileiro. A «sereia» estava recolhida ao «home», dando ao espôso mais um herdeiro. Ela voltará a filmar e a piscina de Culver City lá a espera para novos mergulhos suntuosos. Esther Williams mudou de penteado, alteração que se faz sentir muito pronunciadamente em sua fisionomia. Cada vez mais sereia!

CAFÉ COM LEITE EM HOLLYWOOD

DE PETER LAWFORD E CARMEN MIRANDA A TENESSEE WILLIAMS E MAE MURRAY, COM AGITADAS ESCALAS POR "NIGHT CLUBS", "BALLETS" E SESSÕES ESPÍRITAS, ATRAVÉS DE 4 SEMANAS NA CAPITAL DO TECNICOLOR

De WALDEMAR TORRES

SENHORES, não chegarei a sofrer por isso, mas bem vejo que esta Hollywood não é a que conheci em outros tempos: Hollywood da Garbo, da Shearer, Hollywood que ainda se lembrava de John Gilbert, que comia no Sardis', que dava a vida por um espetáculo montado por Max Reinhardt e que considerava extravagância ir para cama depois da meia-noite.



DEAN STOCKWELL é o tipo do garoto bem comportado. Êsse «jeitão» de sorver «spaghetti» é para a publicidade.. Os «brotinhos» que freqüentam o estúdio afirmam que não tardará muito a ser um perigo para as mais incautas...

Mas isso não quer dizer que não haja visto, em Hollywood agora uma cidade também muito amável, hospitaleira, tão cômoda, ainda, que não me impediu de sentir aquêle à-vontade que se sente na própria terra, um à-vontade marcado pelo café-com-leite da manhã. Explico-me bem? Quero dizer que, tendo o meu velho, repetido, sempre-o-mesmo café-com-leite de minha vida no Rio, senti-me igualmente em casa, em Hollywood. E isso de hoje ser Ava Gardner em lugar de Greta Garbo, afinal e apenas um caso de renovação. O mais é saudosismo, mania de quem já era "fan" no tempo em que microcine era uma palavra bizarríssima no Dicionário e Mr. Pasternack ainda não metera o nariz em Hollywood.

De sorte que é com os olhos contentes que vejo que Hollywood cresceu muito, que seu comércio reflete vontade de viver melhor, que sua vida noturna parece querer afirmar que "a vida começa aos 40 minutos para a meia-noite" — e que sua gente continua otimista, saudável, aparentemente contente da vida, tanto quanto isso é possível no mundo de hoje. Hollywood veste agora, mais que nunca, esportivas camisas de côres gritantes e desenhos quase dadaístas — e não liga, não liga mesmo que digam que seus filhos já não são os mesmos, porque Hollywood é otimista, tem vontade de vencer, e parece que está mesmo lutando para acabar com a implicância de muitos. "Os filmes estão melhores que nunca" — afirmam "valances" fulgurantes em fachadas de cinemas. Bem, pelo menos os filmes estão melhorando muito nos últimos meses, e há grandes coisas em andamento, além do otimismo geral, do "astro" ao eletricista do "set", ser contagiante.



FRED ASTAIRE está interessado pela música brasileira. Waldemar Tôrres sugeriu a encenação de um «Batuque» de Nepomuceno e Astaire mandou que falasse com Joe Pasternack. O bailarino quer aprender os «mistérios» do samba

"Reaparecer" em Hollywood com a oportunidade, logo na primeira noite, de ir à casa de Carmen Miranda, é uma felicidade. Acontece-me isso, e quando Carmen, naquele jeito tão seu, naquela simpatia bem Carmen Miranda, me pediu notícias, me monopolizou no grande sofá de seu quase cinematográfico "living-room" de New Bedford Drive, Beverly-Hills, senti que a viagem estava valendo a pena, que só aquilo pagava os apertos que passei no lentíssimo Consulado Americano do Rio, para obter visto no passaporte, entre centenas e centenas de turistas, aos quais não terá interessado a paisagem americana, mas certas marcas de automóveis, vá lá a malícia...

Carmen pede notícias de tudo, das músicas, da cidade, de muitas criaturas. Pensa-se que Carmen não se possa interessar por fulano, beltrano e sicrano — mas Carmen pergunta por êles. E fica contente quando se diz que Dalva de Oliveira está com grandes gravações, que Linda Batista continua com muita bossa, que Araci de Almeida é um sucesso completo mesmo sem gíria.

Carmen quer vir ao Rio, quer... mas como arranjar tempo? Não lhe faltam contratos para "boites", teatros e até inaugurações de feiras. Estrearia no teatro, em Chicago, a 12 de novembro, e na Televisão, em New York, no fim do mês. Carmen voltou, há pouco, de Detroit, onde deu 5 "shows" na Feira — um completíssimo sucesso financeiro também — com um espetacular Cadillac (mordam-se de inveja, senhores contrariados pela Portaria fatal do nosso Ministério da Fazenda!) — e voltou com a certeza de ter feito mais alguma propaganda do Brasil, pois não interpreta nossas músicas sem antes falar ao público sôbre as intenções das mesmas, seu sentido, seus "mistérios"... Não pensem que a Carmen, em pessoa, na intimidade ou num palco, seja a Carmen dos filmes. E' Carmen Miranda mesmo, como é hoje, como sempre foi em seus melhores tempos — aquela quase-beleza, aquela vibrantíssima personalidade, aquêle "môlho" que é razão por que os americanos não a deixaram até hoje, em 10 anos, vir matar saudades do Rio. Seus vestidos são admirados, são copiados mesmo por grandes "estrêlas", e é claro que não são os vestidos absurdos que lhe entregam os costureiros dos estúdios...

Vi no "Box of Music" Arthuh Blake, um fabuloso imitador de personalidades. Quais eram as figuras do repertório do habilidoso e observador cavalheiro? Bette Davis, Eleanor Roosevelt, Katharine Hepburn, George Arliss e Carmen Miranda. E não se vê "show" algum de imitador ou imitadora, que não inclua Carmen Miranda no desfile

Fomos ao Ciro's — Carmen, seu marido, David Sebastian, dona Maria Miranda, Luís Fernandes, jornalista brasileiro, e eu. O Ciro's está repleto. Patricia Neal é uma das que vêm logo cumprimentar Carmen. O diretor do Ciro's também vem, e diz isto, que é significativo: —" que precisarei fazer, Carmen, para você concordar em trabalhar aqui uma ou duas semanas? Há quanto tempo venho pedindo... e você, nada!"

O Ciro's é famoso, ilustre, muita gente daria a vida para cantar ao menos uma noite no grãfino "night club", mas para Carmen o Ciro's não é negócio. Pagam-lhe muito melhor em outros pontos. Carmen pode escolher. Carmen pode dizer com um sorriso e uma piadinha das suas, ao diretor do Ciro's — que não...

☆

Minha ligação com a Metro-Goldwyn-Mayer leva-me aos estúdios de Culver City com o propósito de conhecer algumas figuras de lá. Peter Lawford, de quem depois ficaria bem camarada, é o primeiro. Peter está pensando em sua viagem à Austrália, onde fará um filme, emprestado que foi à Fox, mas, bem inglês que é, não está afobado. Digo-lhe, uns dias depois, que me parece romântico, sonhador. Responde-me que acertei, que o é, e que tem orgulho disso. "Quem me conquistar um dia, definitivamente completamente, ganhará o mais dedicado dos amantes, posso afirmar isso." E disse mais, naturalmente adivinhando o que eu estava pensando: — "Sim, o fato de eu ser inglês não me impediu de ser assim, nem de lhe estar falando aqui assim tão sem reserva... Porque tudo pode acontecer, não é verdade? Mesmo a um inglês!"

Loretta Young — talvez a mais católica das "estrêlas" de Hollywood, sabiam? — recebe-me muito gentilmente. E falamos de Greta Garbo. Loretta acha que Garbo precisa voltar para um filme, ao menos — "Um filme bem Garbo — e talvez não mais aparecer". Garbo precisa ficar como uma saudade" — diz-me mais ou menos. "Mas já o é", digo a Loretta. "Não, recruta a "estrêla" — faço questão de que dela sinta falta também, esta gente que só há sete ou cinco anos começou a ir ao cinema..."

Van Johnson, o esfusiante — decidida vocação para abrir os braços a visitantes — pergunta-me logo por Getúlio Vargas. Quase encabulo quando lhe digo que não sei se o futuro Presidente está passando bem, mas o que acontece é que Van quer mostrar que sabe que Getúlio foi eleito, que governou 15 anos, que foi combatido e que agora voltará. Adivinho logo que Van Johnson seja leitor assíduo do "Time" ou das nutridas edições dominicais do "New York Times". Deve ser. Mas além de sua manifestação um tantinho queremista, Van Johnson fala de muitas coisas (é decididamente da Boa Vontade, o rapaz!), indaga de Quitandinha, qual o nome da melhor praia depois de Copacabana, e me pede que consiga com Bob Vogel, chefe do Departamento Internacional dos estúdios, uma viagenzinha ao Rio. "Estive há pouco em Londres, gostei muito. Gostaria de ir ao Rio — mas aqui entre nós, sozinho, rapaz, sozinho! A Londres fui com a patroa, e, bem, você sabe como é..."

Outro simpatizante de Getúlio — Senhores, estarei fazendo propaganda petebista? — é Ricardo Montalban. Leu sôbre Getúlio, acha que sua volta é significativa, etc.. Mas quando jantei em sua casa (acontece que Montalban tem a minha data aniversária, e quis que a comemorássemos

LORETTA YOUNG, a mais católica das «estrêlas» de Hollywood, acha que Greta Garbo deve voltar ao cinema, enquanto Van Johnson perguntou pelo sr. Getúlio Vargas, demonstrando estar rigorosamente em dia com os acontecimentos políticos brasileiros. Pensa visitar o Rio, mas «sozinho», pois foi a Londres com a «cara-metade» e não se deu bem



PETER LAWFORD disse: «Quem me conquistar definitivamente ganhará o mais decidido dos amantes». Elizabeth Taylor falou da sua viagem de núpcias à Europa, indagando do repórter se estava com inveja. Claro que estava, mas não disse. Os olhos de Elizabeth...



CAFÉ COM LEITE EM HOLLYWOOD

num jantar, com algumas semanas adiantadas...) o artista esqueceu a política, felizmente, e só conversamos sôbre filmes e músicas de sua terra. Georgianna, espôsa de Montalban, é irmã de Loretta, com que se parece bastante. "Há muitos anos não quero saber de cinema, — disse-me. Cança muito, pede muita paciência. Prefiro esta vida: aturar êste mexicano bonitão" — cluclui exibindo o largo sorriso característico das irmãs Young.

A quem possa interessar, informo — e isso eu poderia jurar mesmo sôbre a Bíblia Sagrada e outros respeitáveis escritos — que Elizabeth Taylor é mesmo um dos palminhos de cara mais lindos de todos os tempos. Porque acontece que além daquela perfeição de linhas, daqueles olhos de um azul intensíssimo e pestanudíssimos, além de seu cabelo negro, além daquela harmonia total, enfim, daquele "desenho" irrepreensível, a felizarda esposinha do felizardo herdeiro dos hotéis manipulados pelo milionaríssimo senhor Hilton — tem uma côr, uma especialíssima côr de jambo, que o cinema, mesmo em Tecnicolor, nunca mostrou. Atrevidinho, falo-lhe de sua lua-de-mel pela Europa, um sucesso completo de vida social, e, parece, de amor. Sorriu — e como vale a pena vê-la sorrir! — e não respondeu; perguntou: "Com inveja?"

Mas o espaço da REVISTA DA SEMANA não bastaria para minhas impressões de todo o fabuloso "team" com o qual tive contacto: Gene Kelly (camarada a valer, e que prazer vê-lo dirigindo números musicais!), Fred Astaire, Danielle Darrieux (que se encontra na M-G-M trabalhando num musical com Jane Powell), Kathryn Grayson, Howard Keel (o vibrante galã de Betty Hutton em "Bonita e Valente") Red Skelton, Spencer Tracy, Dean Stockwell, Vic Damone, Jane Powell, Ann Miller, Sally Forrest, Mario Lanza, Stewart Granger, e, entre outros, Ava Gardner... Mas, amigos, Ava Gardner não pode ser incluída assim, sem mais nem menos, entre êsses últimos nomes. Pelo menos porque a criatura, além de gentil a valer, é mesmo bonitíssima, a ponto de dar tonturas aos fotógrafos dos "sets", que dizem todos a mesma coisa: "Não me canso de ver essa mulher... E se me cansar... mau sinal!"

Ava ensaiava um número para "Show Boat" quando lhe fui apresentado. Estava cansada, os cabelos em desalinho, sem pintura alguma. E que beleza! Que frescura de pele, que juventude! Claro, não queria tirar fotografia assim. Preferia conversar. Conversamos um pouco (eu lhe disse que sua popularidade aqui é enorme, e Ava pediu que não dissesse isso a ela, mas a Louis B. Mayer, que é quem lhe paga os vencimentos...) — mas eu queria uma foto, de qualquer modo, para registrar o encontro. Disse-me que não, mas eu insisti (era o meu penúltimo dia em Hollywood, seria impossível voltar aos estúdios no dia seguinte, mesmo por uma Ava Gardner) — e afinal concordou — e com que graça! Mostrou-me um pente, pedido emprestado a Kathryn Grayson: "Está vendo? Êste pente vai fazer a vontade a você num instante!" — e penteou ràpidamente os cabelos, como se precisasse dêsses arranjos para ser bonita. E sem pintura mesmo nos lábios, enfrentou o fotógrafo. Coisa de quem se vê sempre ao espelho sabe perfeitamente quanto vale e tem ilimitada confiança nos olhos, no nariz, na bôca, o sorriso, em tudo que é seu... Apenas isso.

Também Stewar Granger merece um comentário. O galã de "As Minas do Rei Salomão" deu-me uma das maiores surprêsas desta visita a Hollywood. Em nosso terceiro encontro no "set" ao ar livre, de "Soldiers Three", após um bate-papo comum, bate-me no braço e exclama: "Você é o homem de quem estou precisando!" Sabe? Ouvi em Londres um disco brasileiro, procurei-o por lá, em New York, e aqui, e não o encontrei. Quem sabe se você m'o poderia mandar do Rio?"

E quando eu esperava que Granger me desse informações muito vagas sôbre o disco mencionado (e como temi que fôsse uma legítima rumba de Cuba!), disse-me em quase perfeita pronúncia, pasmem: "O disco cantado por Dalva Oliveira (apenas omitiu o **de,** desculpe, dona Dalva!) e o título é "Ave-Maria no Morro". Decididamente, tudo pode acontecer. Inclusive um ocupado inglês lembrar-se, à perfeição, tendo que decorar diálogos de um filme e em meio à confusão de um "set" de filmagem, do nome de uma gostosa interpretação de Dalva de Oliveira ao tempo do Trio de Ouro...

★

A breve temporada do Saddler's Wells Ballet, de Londres, foi um caso muito sério na vida de Hollywood, há pouco mais de um mês. Em verdade, não é brincadeira a visita de uma companhia considerada como a expressão maior do "ballet" hoje em dia, uma companhia que tem Margot Fonteyn, Moira Shearer, Robert Helpmann, Michael Somes e mais 146 figuras incrivelmente perfeitas e disciplinadas, sob o comando de uma ilustre senhora que se chama pomposamente Ninette de Valois, mas que tem, letra por letra direito a tão bem composto nome.

A estréia do Saddler's no assustadoramente grande Shrine Auditorium (6.500 localidades!) foi o que um cronista elegante chamaria de "empolgante **brouhaha".** Pràticamente, todos os milionários de Los Angeles, Burbank, Pasadena, Glendale, Ventura, etc., compareceram, e com êles, as com o que de melhor as espertas costureiras puderam fornecer tendo em vista as exigências de uma autêntica "big, big night". Claro, também dezenas de "estrêlas" compareceram. Mas um casal, à entrada, fêz um sucesso louco quase tão grande quanto o de Margot Fonteyn como Odette, a Rainha dos Cisnes, do famoso "Lac des Cygnes" de Tchaikowsky, dado na íntegra, em quatro atos, como só acontece no Covent de Londres, graças ao Saddler's, e em Moscou, ao que se informa (sofram com esta notícia os desapontados freqüentadores de nossas últimas frustradas temporadas de "ballet" no Municipal). Vivien Leigh e Laurence Olivier formaram o casal sensacional. Ela frágil delicadíssima, muito elegante, pedindo mesmo aqui o comentário de um cronista de elegâncias e futilidades; êle, senhor da personalidade que Hamlet e Enrique V lhe deram. O fato é que Laurence e Vivien assanharam "fans" nervosos e mesmo austeras espôsas de milionários, além de um pequeno exército de fotógrafos. E quase houve mais dança em tôrno do casal Scarlet O'Hara-Hamlet, do que no palco em tôrno da Rainha dos Cisnes e de seu atormentado Príncipe, ambos muito bem musicados por Piotr Ilich Tchaikowsky, que é assim, fiquem sabendo, que se escreve definitivamente o nome do compositor que morreu tão feiamente, tão sem música...

★

Substituir um Roosevelt não deve ser brincadeira. Truman sabe muito bem disso, e parece não sofrer com a sua não muito grande popularidade, tanto que já se pensa para conquistar novo mandato. Parece também que gosta de colecionar tôdas as anedotas a seu respeito.

Mas esta aqui não é anedota, garanto-lhes. Aconteceu.

A mãe repreendia o garoto. Falou, falou, falou. O garoto ouviu, fêz um jeitinho um tanto insolente, mas o que disse foi engraçado, vejam:

— Se não parares de implicar comigo, mamãe, eu te chamo de Harry Truman!

Não me contaram isso. Eu vi, eu ouvi!

★

Eram umas 5 horas da tarde e ela vinha apressadinha, o passo miúdo, dificultado pela saia apertada; vinha num jeito de quem largara o carro e procurava o salão de beleza ou a costureira para a última prova de mais um vestido. A mesma boquinha chupa-ovo que em outros tempos fingira, sob as ordens de Von Stroheim, dizer palavras de êxtase e amor a John Gilbert, ao som da valsa da "Viuva Alegre"; os mesmos olhos claros e apertadinhos (envelhecidos, já se vê, porque como os olhos marcam o Calendário, senhores!); o mesmo jeitinho de boneca francesa, de quando era a senhora Robert Z. Leonard e fêz filmes milionários que Francisco Serrador lançou com grande estardalhaço no Rio ("Cleo de Paris", "Fascinação", "Circe, a Encantadora..."). Ela vinha assim — bem vestida, apesar do vestido um tantinho curto, as pernas bem feitas ainda, os sapatinhos muito altos, toc-toc-toc... Vejo-a, viro-me quando ela passa por mim, volto-me depois sorrindo e vejo que um "fan" também da velha guarda está assanhadíssimo, vem eufórico, ganhara o dia. Passa por mim e não se contém, confirmando o nome: "E' ela, viu? E' Fulana, ein?"

Não adivinharam, senhores, o nome da grande faceira de outros tempos, de um dos mais completos figurinos de "glamour" de Hollywood dos dias de Valentino, Pola Negri, Lew Cody, dos tempos em que os ordenados eram fabulosos de verdade, e continuavam fabulosos, porque o Impôsto de Renda não os emagrecia?...

Não adivinharam. Era Mae Murray!

Mae Murray, um grande chapeu circundando-lhe ainda a carinha de boneca francesa, embora fanequinha, lutando não por uma volta ao cinema, mas por alguns olhares curiosos, quase à hora do crepúsculo, ao longo do Hollywood Boulevard, rumo à costureira ou ao Salão de Beleza — pois em certa altura da vida certas coisas são especialíssimas para uma ex-estrêla que não quer de todo entregar os pontos...

★

Jantar no Romanoff's, em Hollywood, não é apenas pagar muito por um jantar no estabelecimento de um príncipe de opereta, apenas de opereta; é jantar bem e ter, como brinde, a companhia de gente famosa naquelas paragens e em todo o mundo. Na noite em que lá estive, as configurações astrológicas favoreciam o mais exigente "fan". Logo de entrada veio Ronald Colman com a espôsa, e, pela ordem, Ginger Rogers, o pianista Arthur Rubinstein, Oscar Levant, Walter Pidgeon, June Allyson, Dick Powell, Spencer Tracy, Herbert Marshall, a maravilhosamente linda Pat Neal, e, soemos os clarins! — Vivien Leigh e Laurence Olivier.

Posso ser "fan", mas não gosto de me exibir como tal. Mas diante da oportunidade de ver e falar a Vivien Leigh e Sir Olivier (meu amigo Álvaro Lima me proibira de voltar ao Rio sem ter estado perto de Vivien Leigh!) — peço desculpa aos que me fazem companhia e precipito-me para o ponto onde êles se encontram, de pé, falando a Dick Powell e June Allyson. E quando Vivien se volta para mim, falo-lhe sem rodeios, o que afinal a diverte. Ela própria me apresenta a Laurence Olivier. Estou talvez "empurrado" por uns "cocktails" que precederam o jantar, e por algum vinho demoradamente servido depois — e digo gracinhas. Isso nos põe à vontade, muito mais porque não peço autógrafos. Olivier informa-me: irão dia 12 para a Inglaterra. Vivien gostou de fazer "Uma Rua Chamada Pecado", diz-me ela sorrindo muito, com aquêles olhos muito vivos e tão atrevidos em "...E o Vento Levou"; êle gostou de fazer um novo filme em Hollywood ("Aqui se trabalha tão mais à vontade do que em Londres!") Vão viajar um pouco pela Inglaterra. Desejam-me bom regresso, e fazem esta coisa excepcional: não me dizem que gostariam de vir ao Rio, que já ouviram dizer maravilhas da cidade — nem outros chavões... Viva!

(Cont. na pág. 80



CARMEN CADA VEZ MAIS BRASILEIRA, NA SUA ÚLTIMA PÓSE. ELA VEM DE ESTREAR O SEU PROGRAMA DE TELEVISÃO EM NOVA YORK

A REALIDADE É MAIS FANTÁSTICA QUE A FICÇÃO

UMA VIAGEM À LUA FEITA NO CINEMA

QUANTO CUSTA A PASSAGEM?

HAVERA' MUITOS QUE SE AVENTUREM A ESSA VIAGEM? – INFORMAÇÕES LUNARES

Por CAMPOS DE SOUZA

NOVA YORK — Quem não conhece Júlio Verne? Quem não leu aquela série de preciosos livros, profundamente educativos e ricamente ilustrados, descrevendo suas viagens maravilhosas? Como tanta gente passei dias inteiros, quando jovem, absorvido nessa deliciosa leitura. A valiosa coleção de livros de Júlio Verne constitui sempre um verdadeiro e inestimável tesouro.

A sua magistral "Viagem à Lua" deixou em mim a mais profunda impressão. As ilustrações detalhadas que apareciam em suas páginas pareciam retratar fielmente o pensamento do autor. Confesso que a minha imaginação de moço era intensamente aguçada pela leitura das fantásticas narrativas de Júlio Verne, estimulando ao mesmo tempo o meu desejo de arriscadas aventuras. E eu perguntava a mim mesmo — será possível uma viagem como essa?

Entretanto, a leitura da obra de Verne nos dá a perfeita impressão de sua possibilidade. Não foram poucas as vêzes em que me julguei viajando com os personagens descritos pelo autor, por êsse infinito misterioso, incrível e insondável. Mas, como as próprias divagações do autor, também as minhas eram passageiras e eu caía finalmente na realidade humana, em minha insignificância de habitante dêste mundo terra.

A pena do fulgurante espírito de Júlio Verne brilhou em meados do século passado quando escreveu suas mais notáveis narrativas. Sua influência da imaginação dos inventores que surgiram durante sua existência e depois dela deve ter muito grande, pois não poucas são as invenções que nos maravilham nos tempos que correm que de algum modo não aparecem em uma obra de Verne. Tudo êle parecia prever. E' verdade que para se deslocar pelo espaço o homem teria naturalmente que começar pelo seu próprio globo antes de se aventurar pelo abismo dos espaços interplanetários.

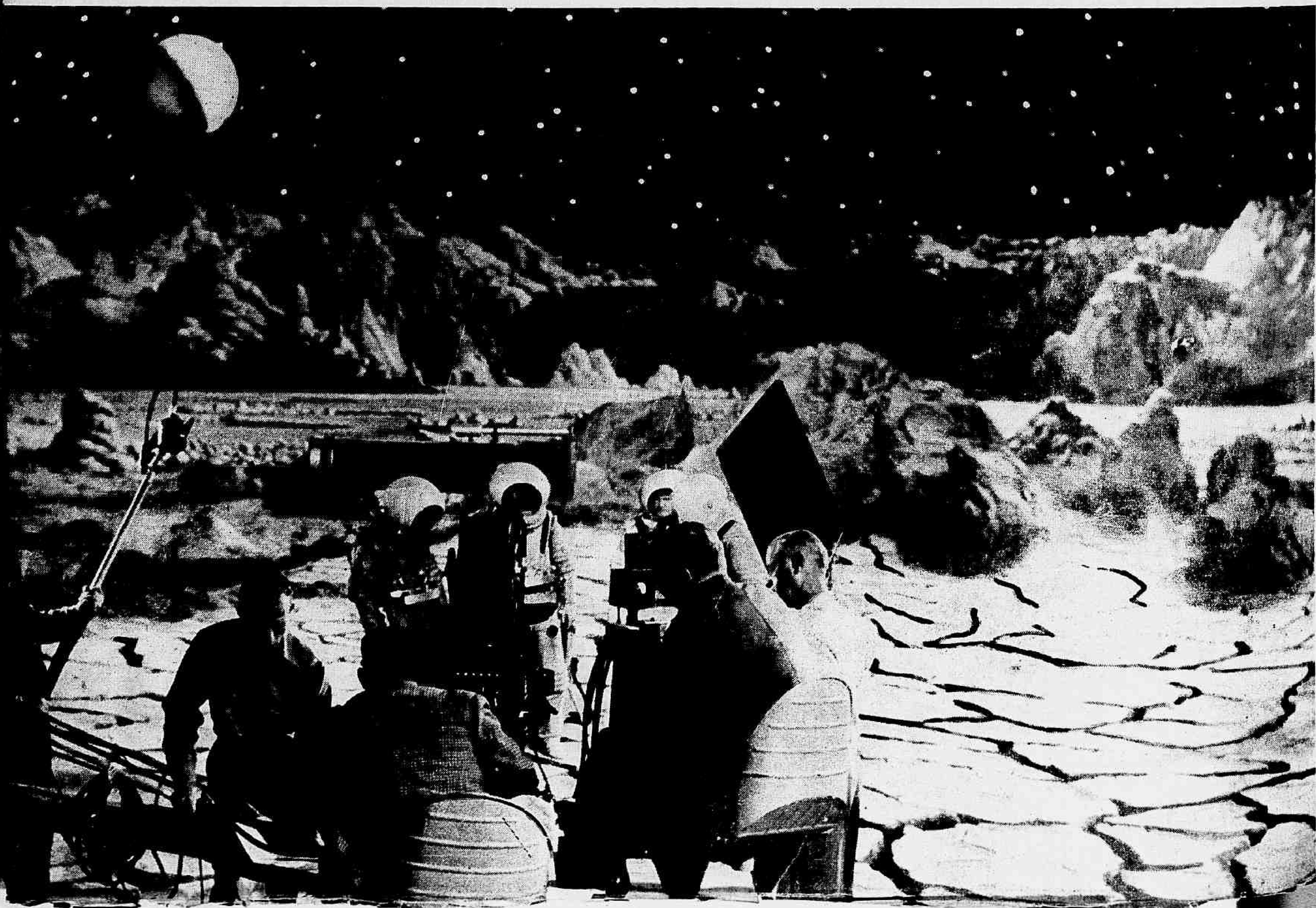
E assim foi que, anos mais tarde, o espírito revolucionário de um grande brasileiro, Santos Dumont, o pai da aviação, seguido logo pelos irmãos Wright, deu-nos o aeroplano, que hoje nos maravilha e encurta distâncias e é ao mesmo tempo uma formidável arma de guerra. No mar, veio o submarino, também previsto em um livro de Verne. O dirigível, o rádio, o cinema, a televisão e tantas outras invenções, culminando com a recente bomba-atômica, parecem confirmar que caminhamos para a realização de uma viagem interplanetária, prevista por Verne e finalmente filmada em Technicolor, em "Destino à Lua".

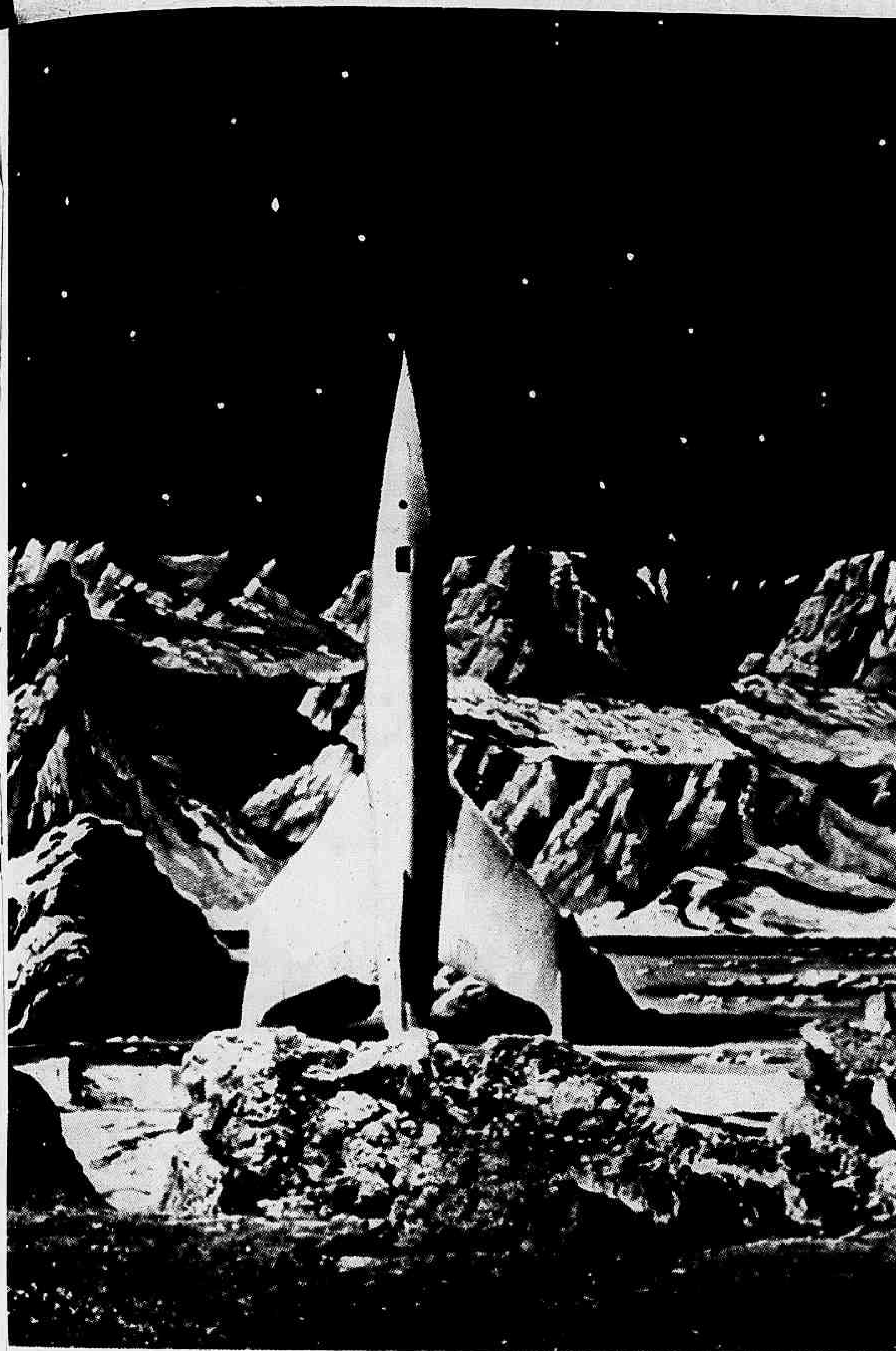
Se os livros de um autor como Júlio Verne nos maravilhavam com suas fantásticas narrativas, imaginem ver, com os próprios olhos, ouvir com nossos ouvidos, as cenas e ruídos, o linguajar dos intérpretes, em uma viagem à lua tão fantástica como um próprio conto de Verne. Essa realidade considerada impossível anos atrás, aí está para quem quiser vê-la em "Destino à Lua" (Destination Moon), notável realização de George Pal. Não existisse o cinema sonoro e não poderíamos assistir a êsse espetáculo empolgante. Não existisse um George Pal e não teríamos esta assimbrosa obra cinematográfica. E já que aludimos a George Pal é justo que se conte ao leitor como o notável produtor se lançou a tão arriscado empreendimento. Convém assinalar que, no caso de "Destino à Lua", George Paul ultrapassou todos os seus trabalhos anteriores, pela simples razão de que, arrastado pelo entusiasmo que o assuntol he motivou, lançou-se fanàticamente à realização dêsse empreendimento. Durante longos meses de labor, consultou cientistas, professôres e técnicos, pois não queria perder detalhe nem faltar à correção dos fatos. Não obstante tudo isso, um empreendimento como "Destino à Lua", não seria possível sem o dispêndio de considerável soma em dinheiro. George Pal teria que enfrentar agora um problema que tem sido fatal para muitos — obter financiamento para a sua obra. Nesse caso, em particular, Pal confessa que a sorte o bafejou. Não foi difícil convencer N. Peter Rathvon, o prestigioso e conhecido capitalista do cinema, a financiar a filmagem e realização de "Destino à Lua", porque Rathvon foi logo contaminado pelo próprio entusiasmo de George Pal. Estava, portanto, aberto o caminho que tornaria realidade o grande sonho do produtor.

Um fato interessante caracterizou o início dos trabalhos de produção e filmagem de "Destino à Lua". Tudo foi feito em absoluto e impenetrável sigilo. Como é natural, Hollywood ardia de curiosidade e interêsse, julgando tratar-se de algo misterioso e fantástico. Porém, não tardou que o próprio George Pal desvendasse o enigma, anunciando a conclusão do seu trabalho, dissipando assim as dúvidas, satisfazendo a curiosidade e partilhando com a humanidade um de seus mais caros sonhos. Não obstante seu caráter altamente científico, êsse é um filme a que não falta o espírito alegre de fina comicidade em certas passagens.

Como dissemos antes, a evolução dos conhecimentos humanos parece querer abreviar a possibilidade de uma viagem ao satélite lua e são os próprios cientistas que acreditam em sua realização dentro dos próximos dez ou quinze anos, viagem feita com regularidade interplanetária e até mesmo horário fixo! O nosso George Pal, entretanto, em seu filme, parece pôr por terra qualquer dúvida sôbre essa nova

O PLANETÁRIO DE HAYDEN (N. Y.), mostra que a Terra é quatro vêzes maior que a Lua. Se víssemos o nosso planeta de lá, êle apareceria quatro vêzes maior que uma lua cheia





UM FOGUETE A JATO, de duralumínio, com 40 metros de altura, provido de elevadores. contróles elétricos etc., foi construído especialmente para simular a viagem lunar, no cinema



A ATRAÇÃO de gravidade na Lua é seis vêzes menor que a da Terra.. Se uma pessoa aqui pesa 60 quilos, lá pesará 10, motivo por que se movimentam fàcilmente... nos filmes...

fase de turismo pelo infinito. Mas, se a possibilidade ai está com seus menores detalhes, resta saber se haverá quem se arrisque a semelhante viagem. Essa resposta nós preferimos deixar aos próprios leitores, após assistirem ao filme. Convém, entretanto, que os que se pretendam candidatar procurem obter informações detalhadas, tal como fazem os turistas antes de suas viagens em nosso próprio globo. Nesse particular, o turismo interplanetário não é diferente. Ai vão, por isso, as informações imprescindiveis, neste caso fornecidas pelo Planetário de Hayden, de Nova York, que de bom grado se prestou a nos ajudar a fornecer pormenores cientificos. Uma vez estudadas essas informações, o viajante lunar não terá desculpa por qualquer omissão nos preparativos que naturalmente há de tomar.

QUINZE INFORMAÇÕES SÔBRE A LUA

1 — O céu da lua é sempre negro, dia e noite.

2 — O silêncio na lua é eterno, completo, porque devido à ausência de atmosfera é impossivel a transmissão de ondas sonoras. Isso quer dizer que não se pode conversar a viva-voz na lua.

3 — Como não existe nem ar nem água na lua, também não há mudanças climatéricas, ventos, nuvens, chuva, etc.

4 — Um dia lunar equivale, em duração, a uns 15 dias terrestres.

5 — A atração de gravidade na lua é uma sexta parte da terrestre. Para aclarar êsse ponto; se uma pessoa pesa aqui 60 quilos, na lua pesará apenas 10.

6 — As montanhas lunares são mais altas que as da terra: os picos da cordilheira Leibnitz variam de 8 a 11 mil metros, em comparação com os 8845 metros do Monte Everest, o mais elevado da terra.

7 — Mais de metade da superficie lunar é quase sempre invisivel da terra.

8 — Já foram contadas mais de 30.000 crateras na superfície lunar, visiveis da terra, enquanto que em nosso planêta há muito poucas crateras.

9 — O diâmetro de Clavius, a maior cratera lunar, mede 228 quilômetros, enquanto que na terra a maior cratera (Meteoro, em Arizona) tem menos de 2 quilômetros de diâmetro.

10 — A lua é o astro mais próximo da terra: 400.000 quilômetros de distância, ou seja, umas dez vêzes a circunferência terrestre.

11 — Não existe cheiro de qualquer espécie na lua.

12 — O tom cinzento domina tôdas as côres na lua.

13 — A terra é quatro vêzes maior que a lua. Se, ao invés de vermos a lua da terra, vissemos a terra da lua, nosso planêta apareceria quatro vêzes maior que o tamanho de uma lua cheia.

14 — Como a lua é um corpo morto, não existe lá, com segurança, qualquer forma de vida animal e vegetal.

15 — A superficie lunar, de acôrdo com observações cientificas está coberta por uma camada de pó parecida com o de pedra pome.

As informações que acabam de ler, tão importantes para os futuros turistas lunares, servirão ainda para elucidar o leitor sôbre os problemas que George Pal e seus técnicos tiveram que vencer. Neste ponto convém assinalar a importante contribuição de Irving Pichel, na direção dêsses técnicos. O palco utilizado foi um dos maiores de Hollywood.

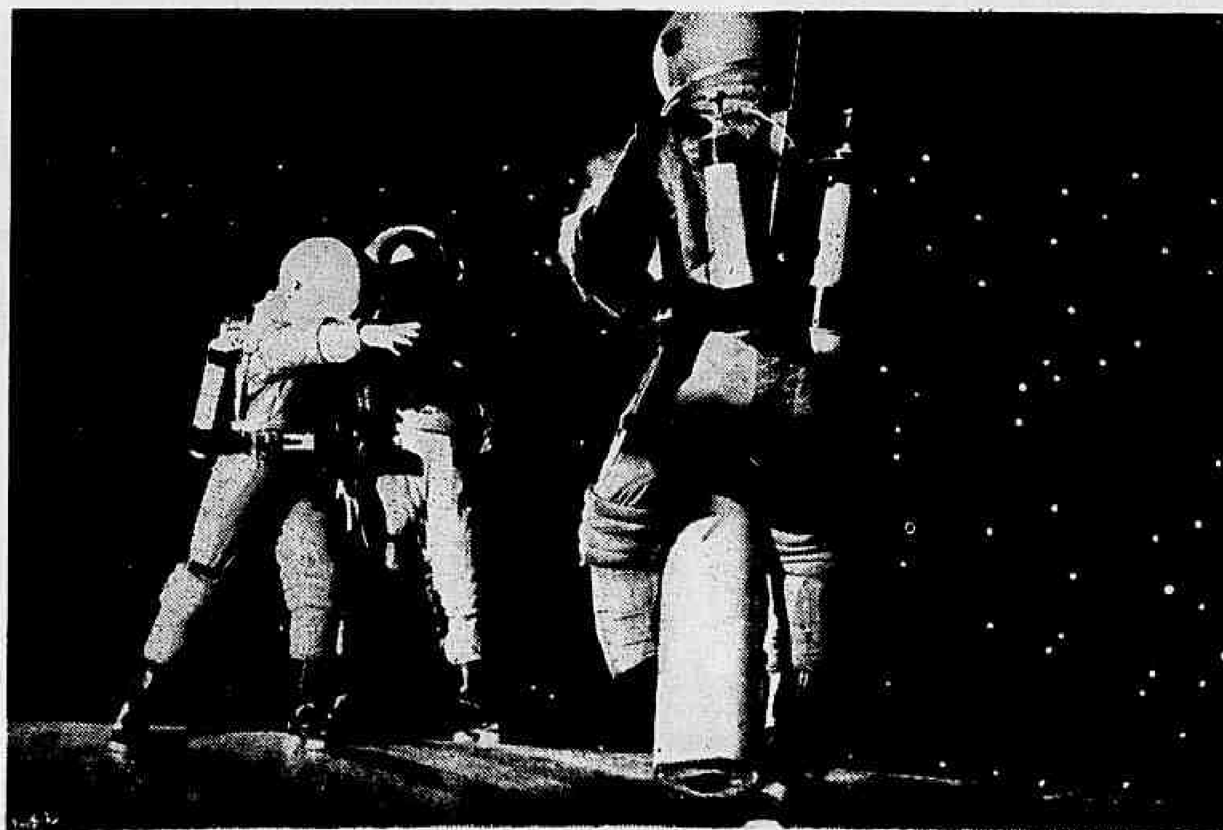
Um foguete a jato, de duraluminio, de 40 metros de altura, rodeado de um andaime especialmente construido e provido de elevadores de alta velocidade, contrôles elétricos, etc., foi utilizado para a cena do lançamento da "lunave", nome que adotaram para a fantástica aeronave interplanetária e que usaremos doravante para distingui-la aqui. A filmagem foi feita em Technicolor, no Deserto de Mojave, na Califórnia. O papel reservado aos quatro passageiros pionenros dessa viagem foi desempenhado pelos atores: Tom Powers, no papel de General Thayer, Warner Anderson, no papel do cientista Charles Cargraves, Jim Barnes, no papel de pilôto e Dick Wesson, no papel de operador de radar.

A cena do lançamento assume tal realismo que o espectador tem a ilusão de estar presente à mesma e dai em diante as sequências são tão rápidas que não é possivel evitar participar com viva emoção das peripécias dessa extraordinária viagem.

QUANTO CUSTARA UMA PASSAGEM?

De acôrdo com autoridades do mundo cientifico, do calibre de Robert A. Heinlein, autor do guia baseado em sua própria novela "Destination Moon", que, com Rip Van Ronkel, assessor de produção e famoso astrônomo, tanto contribuiram para a realização de "Destino à Lua", essa viagem será possivel dentro de 10 ou 15 anos. Não quer dizer com isso que já se aceitem reserva de passagem, pois o custo da mesma só será possivel depois de uma viagem experimental. E' de esperar que o seu custo seja astronômico(neste caso, sem alusão à natureza da viagem). O leitor poderá ter uma vaga idéia sôbre os custos
beça-de-vento!). A vida nos atirou
depois de ler as informações que seguem,

(*Cont. na pág.* 72)



O CÉU DA LUA é sempre negro, mas o dia lunar tem a duração de 15 dias terrestres. A superfície daquele planeta está coberta por uma camada de pó parecida com pedra pome.

REVELAÇÃO

REUNIDO no galpão da fazenda, naquele começo de tarde, de uma tarde fria e chuvosa como sabem ser as do Rio Grande do Sul no mês de Junho, um grupo conversava animadamente. Constituía-se do coronel Silvério, dono da fazenda, seu sobrinho, o dr. Juarez Meireles, o Zeca e mais três estancieiros que estavam de pousada lá. Esperavam que a chuva amainasse para prosseguirem as lidas do campo e, enquanto isso, palestravam, sentados ao redor do fogo feito no chão, fumando o palheiro e tomando chimarrão.

O fogo crepitava e as labaredas, ora mais altas, ora mais baixas, davam um aspecto quase lúgubre ao singelo ambiente. O cheiro de couro e de forragem, que eram guardados lá, emprestava um não sei que de diferente à improvisada sala de palestra.

Os homens vestiam-se simplesmente, à moda gaúcha, e o Cel. Silvério, para não perder o hábito, como dizia sempre, caprichava na toilette.

Era o tipo exato do fazendeiro abastado. Já de certa idade, tinha, entretanto, o aspecto sadio e vestia-se com apuro dentro do que êle chamava "tìpicamente gaúcho". Bombachas largas, enfeitadas de botões, botas, "chilenas" de prata, camisa aberta, lenço ao pescoço, casaco de couro e chapéu de abas largas, daria a impressão a quem não conhecesse o costume do Sul que se vestia a caráter para alguma festa típica. Seu sobrinho, o dr. Juarez, viera passar algum tempo na fazenda e, no seu traje esporte de citadino elegante era como se fôsse uma pincelada a mais num quadro cuja simplicidade era sua maior beleza.

Falava-se de coisas várias e o Zeca então relatara, enfeitando com a riqueza da sua imaginação a última caçada. Derrubara com um só tiro duas perdizes, em pleno vôo. Os outros riram do exagêro do caçador, um pigarreou, outro acendeu o cigarro e ficaram todos algum tempo a olhar para fora do galpão, onde a chuva impertinente cantava a sua triste melopéia. Tic, tic, tic, era o que se ouvia dos pingos da chuva a caírem no telhado...

Afinal, o Cel. Silvério rompeu o silêncio para dizer depois de acabado um chimarrão:

— Veja só. Essa chuva veio prejudicar o trabalho que deveria ser iniciado hoje.

— Que trabalho? — perguntou um dos companheiros.

— A retificação da medida do campo — respondeu.

— Mas os limites da sua fazenda já não estão marcados, titio?

— Sim, estão, mas há qualquer coisa que não está certa, lá p'ra o lado da Lagoa Grande e eu preciso mandar verificar isso, o quanto antes. Terra mal medida é terra perdida, meu sobrinho.

— Ora, se eu soubesse teria trazido os instrumentos e eu mesmo faria êsse trabalho para o senhor — disse o sobrinho.

— Há aí na vila um engenheiro muito bom. Por que o senhor não o chama? — interrogou um dos visitantes.

— E' o dr. Carlos Eugênio, não ? — falou o outro.

— Ah. Um que parece muito quieto, muito calado, que não gosta de nada, não é? — perguntou o Zeca com ar zombeteiro.

— Outro dia, o Chico me contou, convidaram "p'ra êle" ir numa festa de São João. As moças insistiram, mas não houve jeito. Desculpou-se e não compareceu.

— Pois foi êsse moço que eu chamei — disse o coronel. — Falaram-me da sua competência e honestidade e, como, além dêsse trabalho, necessitava represar as águas da Lagoa Grande, resolvi falar com êle para que assim me fizesse as duas coisas.

— O senhor o conhece há muito tempo? — perguntou o sobrinho.

— Não. Fui-lhe apresentado há alguns dias na casa do compadre Chagas. Elogiaram muito êsse moço e disseram que é homem de pouca conversa mas muita ação. Por que você pergunta?

— Porque tive um colega na Faculdade com êsse nome e gostaria de saber se é a mesma pessoa. Não o vejo há muitos anos. Êsse é solteiro?

— E' viúvo — adiantou-se o Zeca — e afirmo-lhe que não se interessa por moça nenhuma. Não adianta atirarem a isca porque o peixe não cai — acrescentou, rindo.

— Interessante — prosseguiu o dr. Juarez — o que eu falo também é viúvo. E' estranha a coincidência.

— Parece que você sabe algo interessante sôbre êsse moço — disse o fazendeiro.

— Sim, a história dêsse meu amigo daria para um romance, mas como já disse, não sei se se trata da mesma pessoa.

— Ah! Agora me lembrei todo o nome dêle — falou o Zeca. — E' Carlos Eugênio Silveira da Cunha.

— Oh! Então é o mesmo. E' Carlos Eugênio.

— Conta, então, o que sabes, sobrinho. Tens a palavra fácil e assim estaremos entretidos enquanto a chuva não permitir que continuemos o trabalho.

— Bem, a história é um tanto longa, mas vejamos se conseguirei interessá-los com ela. Começarei dizendo que quem o visse há alguns anos, não diria que é o mesmo.

— Por que? Mudou tanto assim? — perguntou um.

— Não por vontade dêle, mas por imposição da sorte êle mudou. A vida não lhe foi muito favorável. Aniquilou-o quase, mais ainda assim, êle procurou vencer.

— Conta o que aconteceu que eu já estou ficando curioso — falou o coronel.

— Pois bem, vou começar. Carlos Eugênio era um dos rapazes mais alegres do nosso grupo. Brincalhão, divertido, gostava muito de assistir festas e bailes e era sempre bem recebido, pois a par de sua fina educação era exímio dançarino e as moças, naturalmente, gostavam de ser seu par. Foi num dêsses bailes que começou a sua história:

Conheceu Maria Evangelina e enamorou-se dela. Ela havia sido eleita "Rainha do Carnaval" da Sociedade Esmeralda. Sábado de Carnaval, depois do habitual corso foram para o clube e Carlos Eugênio conseguiu ser apresentado a ela, com certa dificuldade, é verdade, pois era sempre muito cortejada e naquela ocasião, principalmente, por ser a soberana dos festejos daquele ano. Dançaram a noite tôda. No baile seguinte da mesma forma e, assim, enquanto durou o Carnaval. Ao fim dêsse tempo, Carlos Eugênio era um homem apaixonado, irremediàvelmente apaixonado...

— E o romance foi adiante? — interrompeu o Zeca, visìvelmente interessado na narração.

— Sim, infelizmente foi adiante. Mas, vamos por parte, quero contar tudo para que vejam como a fôrça do Destino não é brincadeira...

— Casamento e mortalha no céu se *talha*, diz o ditado, — aparteou o Cel. Silvério, soltando uma longa baforada de fumaça do seu palheiro.

— Pois é, Carlos Eugênio, depois do Carnaval, poucas vêzes falou com ela, mas cada vez que o fazia voltava mais entusiasmado com a sua conquista. Lembrome de suas expressões ao se referir a ela: — "Maria Evangelina é um mimo de criatura, e que candura de olhar..." — e se deixava ficar pensando e antegozando o momento de lhe falar novamente.

Passaram-se alguns meses. Quando estávamos para terminar o curso, fomos contemplados pelo govêrno com uma viagem de estudos à Argentina. O lufa-lufa que acompanha os preparativos de uma viagem já é sobejamente conhecido e, naquele caso, além do mais precisávamos carteira de identidade, passaporte e outras exigências legais por se tratar de país estrangeiro. Êsses preparativos, um tanto fatigantes é verdade, mas cheios de entusiasmo e que nos davam uma alegria quase infantil, os muitos planos que fazíamos, a perspectiva da viagem, enfim, todos êsses fatos reunidos parece que ofuscaram um tanto a imagem de Maria Evangelina para Carlos Eugênio. Mas, eis que chegou o dia do embarque...

Ao entardecer de um dia claro e cheio de sol, dirigimo-nos para a estação. Lá, o vozerio estridente de uns, baixo e reflètido de outros, alegre e despreocupados de outros mais, proporcionava um espetáculo bizarro a quem estivesse assistindo de fora. Para nós, entretanto, era um grande dia. Não tínhamos tempo de pensar nos outros, o que importava a cada um era a sua própria pessoa. Nossa caravana constituía-se, ao todo, de dezoito estudantes. Depois das despedidas das famílias, dirigimo-nos para o vagão que devia conduzir-nos até a fronteira. Partiu o trem. A princípio a composição movia-se lentamente, e, ainda ouvíamos vozes e votos de felicidades. Mais um pouco, percebíamos um lencinho agitado dizendo o adeus que não podíamos mais ouvir e depois, apenas o rumor da locomotiva e seu apito estridente.

A noite descia brandamente, quando deixamos Pôrto Alegre. Fiquei conversando com Carlos Eugênio até que a pouco e pouco tudo se foi tornando menos nítido. Era a noite que chegava, envolvendo a terra com seu manto bordado de estrêlas. Saímos, então, do nosso encantamento, observamos os companheiros de viagem e dali a algum tempo dirigimo-nos para o "carro-restaurante" para tomarmos qualquer coisa. Havia alguns passageiros já e eis que, sùbitamente, sinto a mão de Carlos Eugênio segurar o meu braço e ouço-o dizer: — "Ela... é ela..."

Imediatamente, percebi de quem se tratava e olhei na direção que seus olhos me indicavam e vi na verdade uma linda criaturinha. Sinto até vergonha de dizer, tive inveja de Carlos Eugênio ao ver aquela figurinha delicada encaminhar-se sorridente para êle. Cumprimentou-o amàvelmente, e eu compreendi a razão que levara Carlos Eugênio a se apaixonar...

Lembro-me dela como se a estivesse vendo nesse momento...

— Era muito linda? — perguntou um dos visitantes.

— Não, ela não possuía uma beleza rara, mas era a graça personificada. Meiga, frágil, cabelos levemente ondulados, não se poderia dizer sequer que era "bonitinha", se não fôssem os olhos, aquêles estranhos e profundos olhos castanhos que a tornavam, em realidade, uma mulher adorável. Oh, mas eu a descrevê-la perdi o fio da narração, tal a impressão que ela me causou, a primeira vez que a vi.

— Você descrevia o encontro dos dois no trem — lembrou o coronel, olhando fixamente as chamas que o vento ameaçava constantemente extinguir.

— Ah, sim. Encontraram-se, ficaram algum tempo conversando e ela contou-lhe a razão da sua viagem. O pai, por motivo de saúde precisou seguir para Buenos Aires e ela então, quis acompanhá-lo. Eu soube mais tarde que ela era a filha única de um rico industrialista argentino.

A viagem para todos foi deliciosa e para Carlos Eugênio, então, um deslumbramento. Quantos passeios eu os vi depois fazerem juntos, quanta coisa desfila hoje diante dos meus olhos quando recordo aquela viagem. Palermo, Lujan, a visita à Basílica, os cinemas, os museus, enfim, as recordações vão passando uma a uma e como num filme eu os vejo fazendo a parte romântica. Sim, porque muitos passeios êles fizeram, acompanhados de parentes de Maria Evangelina que residiam lá e pelos quais Carlos Eugênio era recebido como se já pertencesse à família. Ainda recordo um episódio da noite em que fomos assistir à ópera "Traviata". Carlos Eugênio combinara encontrar-se com Maria Evangelina no "Colon" antes de começar o espetáculo. À hora aprasada lá estava êle, à porta do Teatro, esperando sua eleita. O tempo foi escoando, passou a hora combinada e ela não aparecia... Carlos Eugênio estava ficando impaciente, tentou comunicar-se com a sua residência e o telefone não atendeu. Esperou mais um pouco, pediu nova ligação e de lá avisaram que ela já havia saído há muito tempo, acompanhada de sua tia.

Aí, então, o nervosismo de Carlos Eugênio chegou ao máximo. Aproximou-se do meu lugar e muito aflito me disse que, naturalmente, acontecera alguma coisa, que não era possível demorarem tanto para chegar lá. Pretendi acalmá-lo, dizendo que por certo, a demora fôra pela condução, mas de nada adiantaram minhas palavras... Êle já estava zangado mesmo... Afinal, depois de alguns minutos teve início o espetáculo. O teatro estava à cunha e todos os espectadores impecàvelmente trajados, pois a récita era de gala. Tomaria parte nela Beniamino Gigli e precisamente por isso há muitos dias a lotação já estava esgotada. Depois do primeiro ato saí e fui até a sala de fumar e eis que encontro Carlos Eugênio e Maria Evangelina conversando, a sós, no sofá. Ela explicava que o motivo da demora fôra não terem encontrado um táxi próximo à sua casa. Êle já não parecia o mesmo. Lia-se na sua fisionomia a alegria incontida que a presença de Maria Evangelina lhe proporcionava. Do aborrecimento e da zanga de alguns minutos atrás nem um sinal restava. Transformara-se o leão no mais dócil dos cordeiros.

— E', o amor domestica até as feras — disse sentenciosamente o coronel.

O dr. Juarez parou um pouco, como para trazer para mais perto as lembranças daquela viagem, e continuou:

— De volta da nossa excursão, Carlos Eugênio comunicou-me a sua resolução. Ia noivar com Maria Evangelina. Não me surpreendi, absolutamente, sabia que mais dias, menos dias isso haveria de acontecer. Assim, só o que fiz foi felicitá-lo, muito sinceramente, pela escolha que fizera.

— Bem — prosseguiu o narrador — no fim do ano nós nos separamos. Havíamos chegado ao término do nosso curso, atingíramos o ideal que havíamos acalentado por tantos anos. Agora, cada um buscava o seu futuro. Uns já estavam "feitos", outros iam lutar, ainda, para conseguirem um lugar ao sol.

Eu estava entre os últimos. Poucos meses depois da formatura, Carlos Eugênio casou. Não o vi mais, durante dois anos. Passado êsse tôpo encontrei-o por casualidade. Estava abatido, triste, e disse-me que enviuvara. Sua Maria Evangelina lhe fôra arrancada pelas garras implacáveis da morte ao dar à luz o primeiro filho. Perdera-a e ao filho e não mais encontrara lenitivo que lhe minorasse o sofrimento. Conversamos longamente e êle, então, contou-me que fôra felicíssimo e que seu casamento fôra uma eterna lua de mel. Maria Evangelina sempre muito alegre, muito animada, organizava seguidamente reuniões em casa, pedia-lhe que trouxesse os amigos e assim sua casa estava sempre em festa.

— Agora — disse-me êle — nem gosto mais de estar em casa. Parece que estou a vê-la em tôda parte. Tudo que lhe pertenceu está da forma como deixou. Não permiti que tocassem em nada do que era seu. Às vêzes, chego a ter a impressão de ouví-la dizer: "Que tal você me acha com êste vestido novo?". Quantas vêzes pretendi repreendê-la pela vaidade excessiva mas nunca o consegui e era forçado a dizer: — "Você é sempre muito linda, meu amor". Na verdade, ela me conquistou inteiramente... E agora, meu amigo, nada... nada mais me resta...

Ao ouvir a sua narração minha surprêsa foi tamanha que eu fui incapaz de articular qualquer frase, por banal que fôsse, que lhe traduzisse o meu pesar pelo golpe que acabara de sofrer. Sei que conversamos ainda algum tempo e nos despedimos, mas eu me sentia tão desnorteado, sofria tanto com o que acontecera ao amigo, por

(*Cont. na pág. 71*)

CONTO DE MARIA THEREZA MUNIZ DE SOUZA ★ ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO

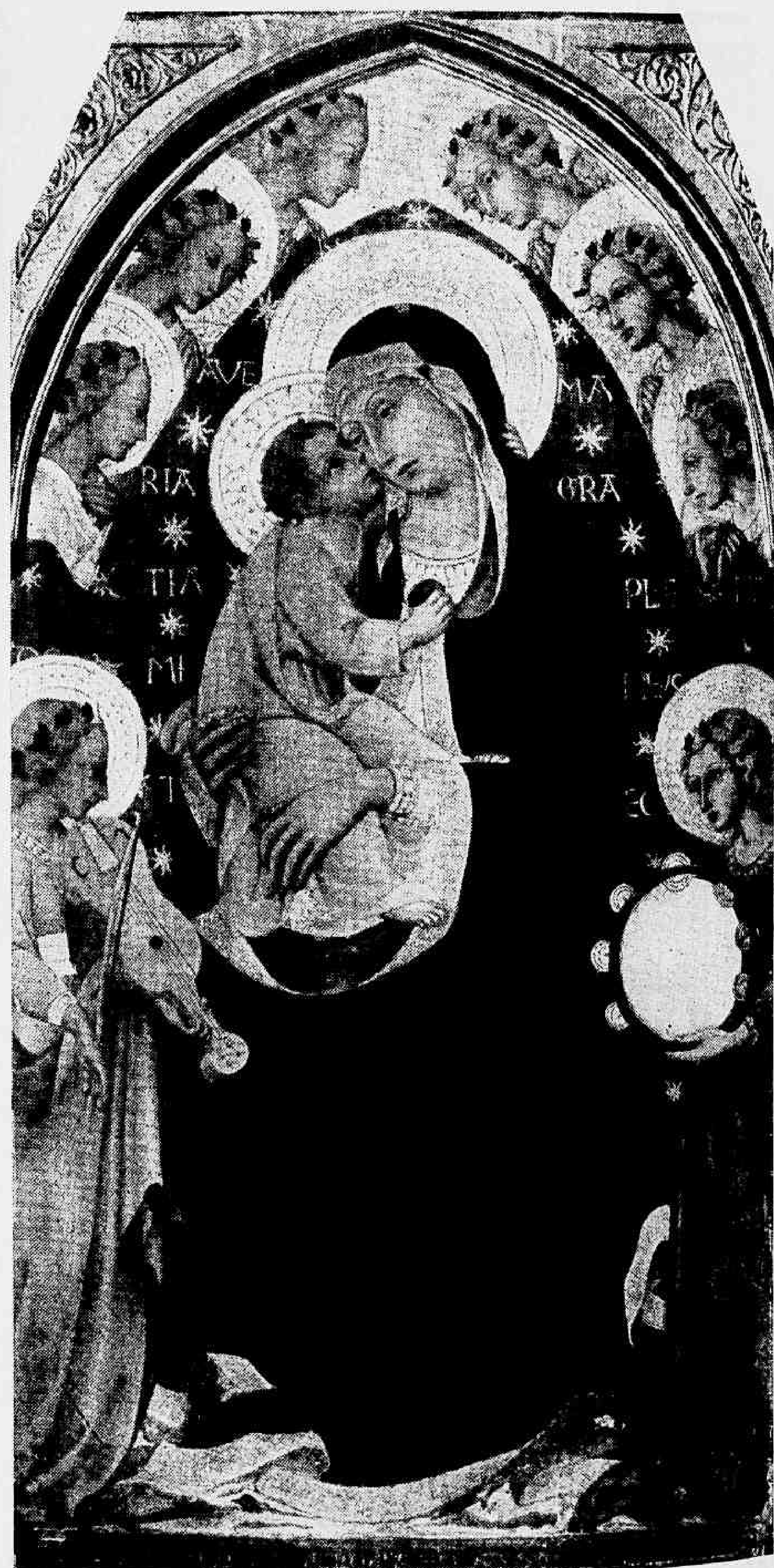

A. PACHECO



A doçura da Maternidade

NATAL DE 1950. PASSARAM-SE DEZENOVE SÉCULOS E MEIO DESDE QUE NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE ACONTECEU O FATO LEMBRADO, REPRODUZIDO E COMEMORADO INFALIVELMENTE TODOS OS ANOS, NO DESENROLAR DAQUELES TEMPOS REMOTOS, O NASCIMENTO DE MAIS UM MENINO, EM CIRCUNSTÂNCIAS QUE BEM PODERIAM TER-SED ADO COM OUTRO QUALQUER. CHAMOU A ATENÇÃO DE POUCA GENTE. HUMILDES, NA MAIORIA PASTÔRES, CAMPONESES, CAMELEIROS E POBRES VAGABUNDOS, ASSISTIRAM A PARTURIENTE E AO RECÉM-NASCIDO MAIS POR CARIDADE, PELA ALEGRIA QUE SEMPRE PROVOCA O APARECIMENTO DE UM NOVO SER, MESMO NOS LARES MODESTOS, DO QUE PRÒPRIAMENTE PELA COMPREENSÃO DO MEMORÁVEL E RARO INSTANTE HISTÓRICO QUE ESTAVAM VIVENDO. BEM POUCOS DEVERIAM CONHECER AS PREDIÇÕES DOS PROFETAS, OS SANTOS VARÕES DAS DOZE TRIBOS DE ISRAEL, SÔBRE O NASCIMENTO DE UM MESSIAS, SALVADOR, UNIFICADOR E GLORIFICADOR DA RAÇA JUDAICA. OS MEIOS DE INSTRUÇÃO ERAM NATURALMENTE PRIMITIVOS E O QUE PODERIA EXISTIR NELES SERIA UM POUCO DE TRADIÇÃO VERBAL, BASTANTE ARREFECIDA E DISTORCIDA PELAS SUCESSIVAS INTERPRETAÇÕES, PELAS DIFICULDADES DA VIDA E PELA OCUPAÇÃO ROMANA. SEGUNDO AS ESCRITURAS, AQUELAS FELIZES TESTEMUNHAS DO MAIOR ACONTECIMENTO DE TODOS OS TEMPOS, DEVEM TER ADIVINHADO QUALQUER COISA DE SOBRENATURAL PELO APARECIMENTO DA ESTRÊLA COMETA, FENÔMENO ÊSSE CONSIDERADO DESDE MUITO ANTES COMO AVISO DOS DEUSES, E PELO CÔRO DOS ANJOS, COISA SEM DÚVIDA ESTRANHA PARA QUALQUER PESSOA.

"GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE". Essa a mensagem de esperança que os atônitos pastores ouviram naquela noite fria. Foi-lhes revelado que havia nascido o pequenino ser que os protegeria e que teria o poder de redimir-lhes os pecados. Havia nascido JESUS, o unificador e glorificador, não de uma raça apenas, e sim, o salvador de todos os homens. Seria êle o primeiro a ter coragem de proclamar em público a perfeita igualdade entre os homens, esquecendo completamente a ridícula divisão segundo a côr e as raças. Foi êle o primeiro a dizer que os direitos são iguais entre todos os seres humanos da terra. Ninguém recebe, de quem pode realmente determinar, a incumbência de mandar discricionàriamente sôbre seus semelhantes. Ninguém é dono de sua própria vida, muito menos da dos outros. Foi êle o primeiro a bradar contra as injustiças praticadas em nome da convencional justiça existente na sociedade humana, contra os abusos cometidos pelas autoridades, contra o mau exemplo dado pelos dirigentes à juventude, contra a escravidão e a inferioridade da mulher. Foi êle que revelou aos homens a inutilidade de tanta ganância, pois o verdadeiro reino é "o dos Céus". Glorificou os pequeninos, os pobres, os humildes, pregou a simplicidade e o amor desinteressado entre os homens, enalteceu as dores e os sacrifícios, amou as crianças e incentivou o aperfeiçoamento do espírito. Ensinamentos êsses que ninguém tinha dado tão completa e diretamente. Aplicáveis a tôdas as sociedades e em todos os tempos. Admirados inclusive pelos mais ferrenhos inimigos da religião católica. Passados dezenove séculos e



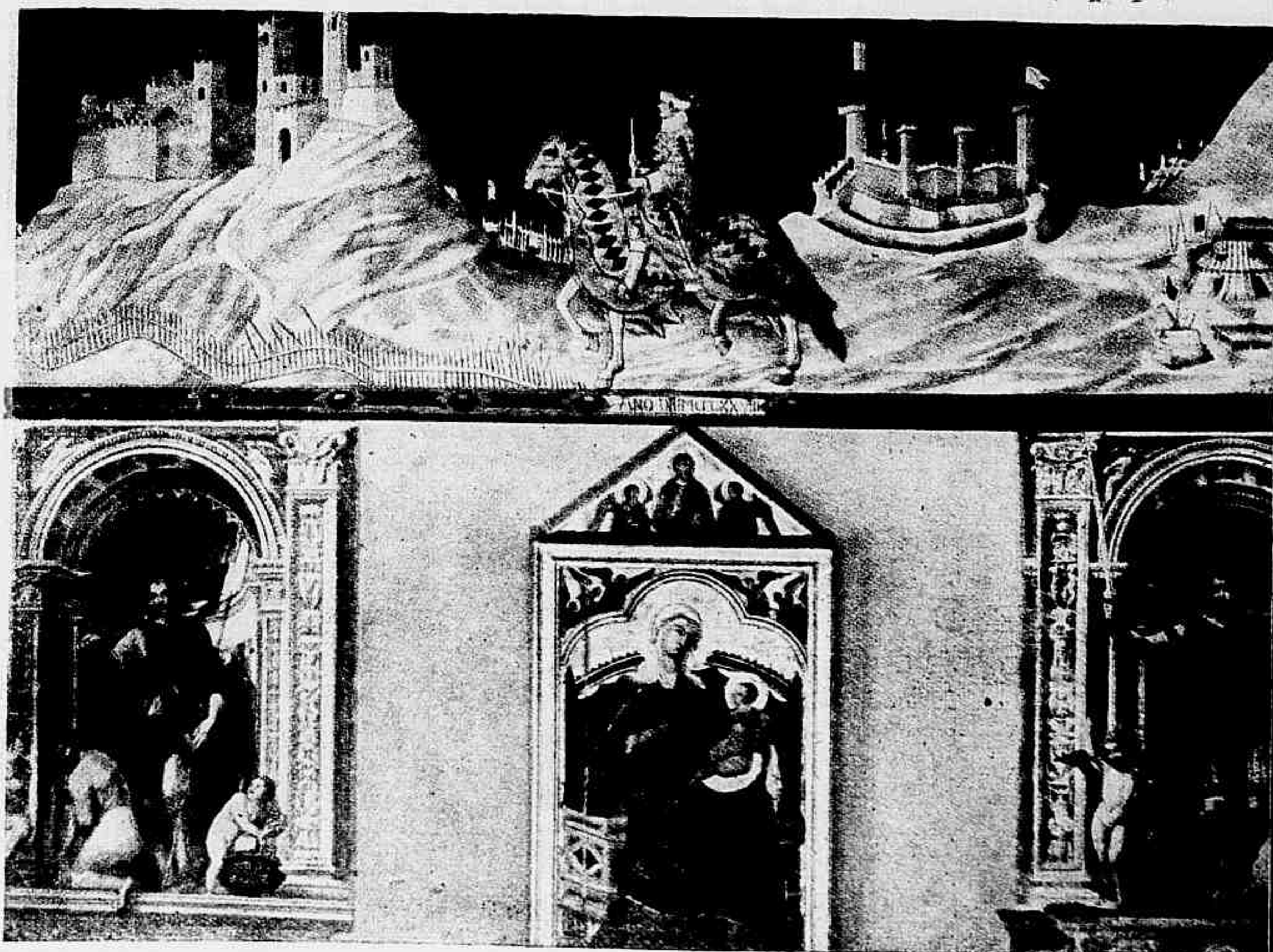
A HISTÓRIA SAGRADA sempre ofereceu motivos de inspiração aos artistas. Em cima, à esquerda, vemos a reprodução da obra-prima da juventude de Rafael, pois contava êle apenas 21 anos quando a pintou: "Os Esponsais da Virgem". A outra é obra de Sano di Pietro

meio, o que se pode dizer da aplicação de tais preceitos? A humanidade evoluiu, especialmente na técnica, nas ciências. Espiritualmente, ainda não atingiu a perfeição que pode, do contrário não existiriam as diferenças que ainda se notam, humilhantes e indignas em certas sociedades. Teòricamente, são perfeitos os ensinamentos aplicados em determinadas classes, mas quão decepcionante é a prática, a realidade, enfim a vida dos "doutores", dos chamados baluartes morais das nações. Continua a humanidade a cometer os mesmos erros que nossos antepassados fizeram. Por que não aproveitar-lhes a experiência? Por que teimar naquilo que a história registra entre os grandes erros da civilização? Por que não deixar de lado a "política" egocêntrica, egoísta, interesseira e oportunista? Por que não seguir, enfim, os dois maiores ensinamentos de Jesus Cristo: "Amai-vos uns aos outros" e "Não faze ao próximo o que não desejas que a ti seja feito"? Nesta época de festas, de maior aproximação entre os homens, de melhor entendimento familiar, quando muitas desavenças são aplainadas, muitas amizades restabelecidas, projetos e promessas formulados, por que não fazer mais uma: a de escutar sempre, em qualquer ocasião, para qualquer fim, a voz da própria consciência, a de orientá-la segundo os preceitos cristãos? Nestes dias de alegria, não esqueçam os infelizes, os doentes, os pobres, os que sofrem moral e espiritualmente, por crimes não praticados, os que não tiveram ainda a oportunidade que esperam para vencer. Que os cristãos rezem pela Paz, pela Amizade e pela Sinceridade entre tôdas as criaturas de Deus.



A VIRGEM COM O MENINO, de Pietro di Domenico, que pode ser vista na Academia de Belas Artes de Siena





TADEUS DE BARTOLO é o autor da "Natividade", pertencente à Igreja dos Servos de Siena. A direita, um tríptico: "S. Victor", de Gian Antonio Bazzi, o Sodoma: "A Virgem com o Menino", de Guido da Siena e "S. Ansano", de Sodoma. Refletem todos o ambiente medieval



A VIRGEM MARIA, por decreto pontifício de 1 de novembro de 1950, foi contemplada com o quarto dogma que a Igreja Católica estabelece a seu respeito. O Papa Pio XII declarou a Assunção da alma e do corpo de Maria

NO DIA 1.º DE NOVEMBRO O PAPA PIO XII PROCLAMOU COMO "VERDADE INALTERÁVEL" A ASSUNÇÃO AO CÉU, DA ALMA E DO CORPO DA VIRGEM

Texto de RENZO TRIONFERA

A QUARTA JÓIA DA COROA DE NOSSA SENHORA

NAS esferas do Vaticano tem-se como certo que a data de 1.º de novembro de 1950 está destinada a ficar memorável não sòmente na história dêste vigésimo quinto Ano Santo, mas também na história da própria Igreja no decorrer dos séculos. No dia dedicado a Todos os Santos, Pio XII, em seus paramentos de pastor e doutor de todos os cristãos, usou do dogma que confere a infalibilidade à sua palavra para proclamar como "verdade inalterável", isto é, revelada por Deus, a Assunção ao Céu da Virgem Maria. Com êsse ato solene foi soldado o último elo das disputas teológicas que durante centenas de anos se desenvolveram em tôrno do último mistério de Maria, filha de Joaquim e de Ana, descendente da família real de David e mãe de Jesus.

As duas primeiras verdades inalteráveis sôbre Maria: "Mãe de Deus" e "Virgem antes, durante e depois do parto" remontam aos primeiros séculos da cristandade. As sagradas escrituras davam amplo testemunho das revelações e os doutores da Igreja não tiveram dúvidas em proclamar os "dogmas da fé". Bem mais trabalhosa foi a aceitação da revelação de que a Virgem Maria foi concebida sem pecado original, e o dogma da "Imaculada Conceição" sòmente no dia 8 de dezembro de 1854 pôde ser proclamado por Pio IX. Dificílima enfim foi a averiguação da quarta verdade sôbre Maria: a de sua assunção no céu. A história diz que Maria após a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, continuou a viver com os Apóstolos em Jerusalém, até a descida do Espírito Santo. Depois retirou-se para Éfeso, onde morreu. São Gerolamo, cêrca de quatro séculos após a morte de Maria, disse: "Apesar de seu corpo ter sido sepultado no vale de Josafá, todavia não foi achado, nem se sabe por quem e em que lugar tenha sido levado". Dessas palavras, que muitos teólogos em seguida julgaram ambíguas, pràticamente surgiu a convicção de que a mãe de Cristo tivesse morrido e ressuscitado para subir ao céu, alma e corpo. Essa convicção entrou para a tradição cristã, tanto que a Igreja achou acertado dedicar a data de 15 de agosto à celebração da Assunção. Mas, apesar de aceita pelos fiéis, era sempre uma verdade discutível. Pode-se dizer que desde os tempos de São Gerolamo começaram as discussões entre os teólogos sôbre o mistério da morte de Maria e as disputas continuaram por séculos e séculos, até que, há setecentos anos, São Bernardino de Siena manifestou-se como defensor incansável da Assunção de Maria ao céu. O apóstolo franciscano em seus sermões latinos e em suas prédicas populares, fixou as "razões" que deveriam servir de base para considerar-se "revelada" a verdade da Assunção: "identidade de substância entre a carne da mãe e do filho. Assim como morreu Jesus, nenhuma admiração que também tenha morrido Maria, mas assim como a carne do filho não se corrompeu, também não deve ter-se consumado ou desfeito em cinzas ou reduzido a pó a carne santíssima da Mãe". A outra razão era: "a perfeita virgindade de Maria. Já que Deus quis e pôde conservar a Mãe imune na concepção e no parto, da violentação do pudor e da integridade assim pôde, quis e a conservou imune da putreтação e da destruição". A ação de São Bernardino não foi definitiva, já que a questão foi debatida ainda durante séculos, mas o seu: "potuit, decuit ergo fecit" serviu substancialmente no século passado para a proclamação da Imaculada Conceição. Em novembro e dezembro de 1854 os duzentos teólogos reunidos no Vaticano, estabeleceram que: "A beatíssima Virgem Maria, juntamente com Jesus Cristo, mantendo com êle eterna inimizade contra a venenosa serpente, triunfando sôbre esta, achatou-lhe a cabeça com o pé imaculado". O Dogma da Imaculada estabelecia que Maria havia vencido o pecado e não poderia sofrer alguma conseqüência do mesmo. A Mãe de Cristo, não tendo pecado original, imune portanto da maldição da morte, ou não morreu, ou então mesmo morrendo, como seu filho, não conheceu seu corpo a corrupção. Os primeiros pedidos para que fôsse reconhecida a quarta verdade, começaram a chegar na Sede apostólica entre 1860 e 1870. As poucas dezenas transformaram-se cedo em centenas e o Papa Leão XIII mandou que fôsse recolhidas num arquivo especial "de Assumptione". Em oitenta anos os pedidos somaram a 3019, número êsse que não fôra recolhido em dois séculos e meio nem para o dogma da Imaculada. Em 1942 vendo que os pedidos de todos os episcopados do mundo inteiro, eram mais ou menos iguais, Pio XII mandou que os documentos fôssem catalogados e publicados. Foram necessários dois volumes em oitavo grande, de mil páginas cada um para receber aquelas atas. No primeiro volume, com título: "Petitiones de Assumptione corporea B. V. Mariae" estão dispostos os pedidos segundo a ordem hierárquica dos pedintes; na segunda parte há uma valorização dogmática geográfica e histórica dos próprios documentos. O ponto principal da disputa teológica foi sempre o de averiguar se Maria morreu e depois ressuscitou como o Filho, ou se esteve isenta da morte. A fórmula para resolver a questão foi dada pelo congresso dos frades franciscanos menores italianos: o dogma trataria apenas da Assunção, enquanto sôbre a morte e a ressurreição cuidaria uma bula pontifícia. Alguns meios católicos acharam que o momento não era propício para proclamar o dogma. Seria oportuno aumentar o sulco que separa a Igreja dos "irmãos dissidentes" (os protestantes), justamente agora que êles dão sinais de aproximação? Os arcebispos de Canterbury e de York disseram: "A Igreja da Inglaterra rende homenagem à Mãe de Jesus Cristo, mas não há a menor prova nas escrituras ou nos ensinamentos da igreja antiga sôbre a tradição de sua assunção corporal. Entristece-nos profundamente que a Igreja Católica Romana queira com isso aumentar as diferenças dogmáticas entre os cristãos..." Mas os jesuítas, que foram os mais convencidos propagandistas do dogma encontraram respostas adequadas para todos. Os teólogos e os fiéis da Igreja oriental, separada de Roma há muitos séculos proclamam a Assunção da Virgem Maria. Portanto, deles combate nenhum poderá vir em conseqüência do novo dogma. Do ocidente, como já demonstra a posição assumida pela Inglaterra, virão naturalmente as maiores oposições; mas não é igualmente ingênuo acreditar num possível retôrno dos protestantes à verdade da Igreja Católica? Preocupado com a oportunidade da proclamação, já em maio de 1946, Pio XII havia enviado uma encíclica reservada a todos os bispos do mundo para que externassem suas opiniões a respeito. 1.169 bispos responderam positivamente, perfazendo o 98,2% da totalidade. Tal consentimento atinge uma cifra não conseguida em tempo algum, nem mesmo quando foi declarada a infalibilidade do Papa. Portanto a verdade inalterável proclamada no dia de Todos os Santos por Pio XII, constitui uma verdade que nenhum crente poderá pôr em dúvida sem incorrer no anátema.



A "VERDADE INALTERÁVEL" contida no decreto do dogma não poderá ser posta em dúvida por nenhum crente, expondo-se ao perigo de incorrer no anátema. Na gravura um detalhe do quadro "Assunção de Maria" de Tiziano

QUANDO O SEU CORAÇÃO DIZ: "SIM"...



...um novo e auspicioso futuro surge em sua vida. Mas os atrativos que lhe deram essa alegre perspectiva devem ser preservados, pois pequeninos descuidos podem alterar o destino de uma mulher.

Mantenha a beleza do seu rosto e a perfeição de sua cutis, com o uso diário de Leite de Rosas, o mais eficiente colaborador no embelezamento feminino. Torne mais fácil o caminho para a felicidade, dando o «sim», também, ao programa de beleza que lhe sugere Leite de Rosas!



LEITE DE ROSAS

LAB LEITE DE ROSAS LTDA
RUA S. LUIS GONZAGA, 2085 A e B
TELEFONE: 48-7660 — RIO



Como é gostoso brincar com areia! Pois é brincando, brincando que essas crianças do Jardim de Infância aprendem a fazer modelagem. (Casa do Comerciário de Ramos)



Desde cedo deve-se aprender a ajudar o próximo ou a próxima... (Jardim de Infância da Casa do Comerciário de Ramos).

PLANTAR SAÚDE

MÃES TRATADAS, FILHOS SADIOS ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA -- INICIATIVAS DO SESC DO DISTRITO FEDERAL

ENCARANDO A REALIDADE

FELIZMENTE o brasileiro já compreende que não pode viver seguindo as correntes do *ufanismo* e da *beira do abismo*. Aquela, que devemos ao amável Pero Vaz Caminha, o primeiro a descobrir que a terra era maravilhosa pela própria natureza e que "plantando, dá". Esta, a dos derrotistas que nos julgam um pais perdido, onde nem plantando, dá. Da teoria do amigo Pero Vaz originou-se a mania de grandeza. Da segunda, o complexo de inferioridade. Chegou, porém, a hora de encararmos a realidade, frente a frente, estudando os nossos principais problemas e os meios de solucioná-los.

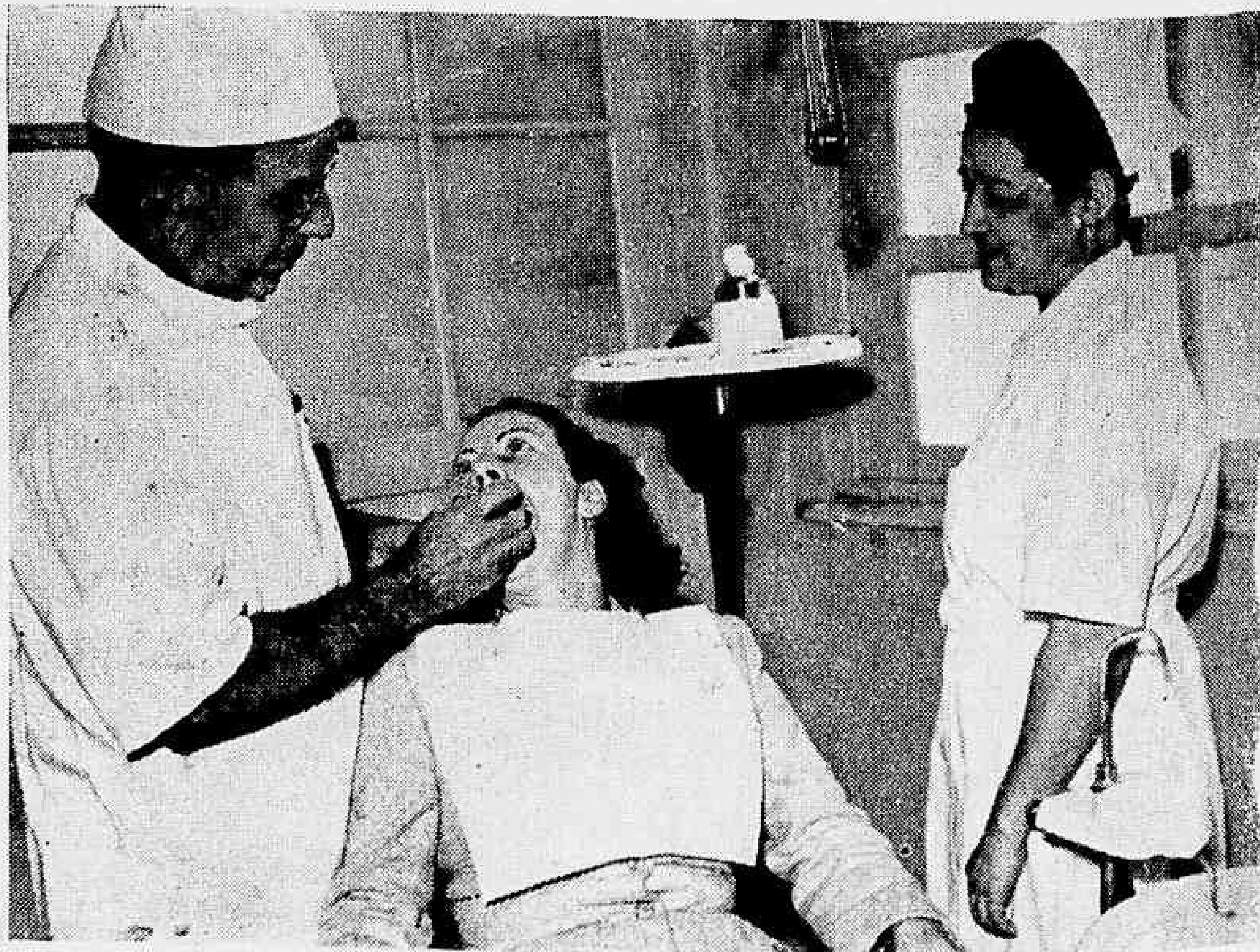
Que adianta possuirmos "o maior rio do mundo", "a mais bela baia do mundo", se a nossa mortalidade infantil é também uma das "maiores do mundo"? Registramos no Distrito Federal 192,4 por mil mortes, quando Buenos Aires, para não ir mais longe, registra 67. E' fato conhecido, por exemplo, que entre nós, uma criança que vem ao mundo tem menos probabilidade de viver um ano do que um velho de 80 anos! E dentro dêsse ano, terá ainda menos probabilidade de sobreviver, dentro do primeiro mês! Ora, não é preciso ser nenhum gênio para compreender que o mal vem da origem e que as crianças já nascem *sujeitas à morte*. Não sejamos, porém, pessimistas. Conhecer o problema já é um passo para resolvê-lo. Sem fugir à risonha filosofia do escrivão português, do "em se plantando, dá", comecemos, pois a *plantar saúde* na nossa gente.

AS DIRETRIZES DO SESC

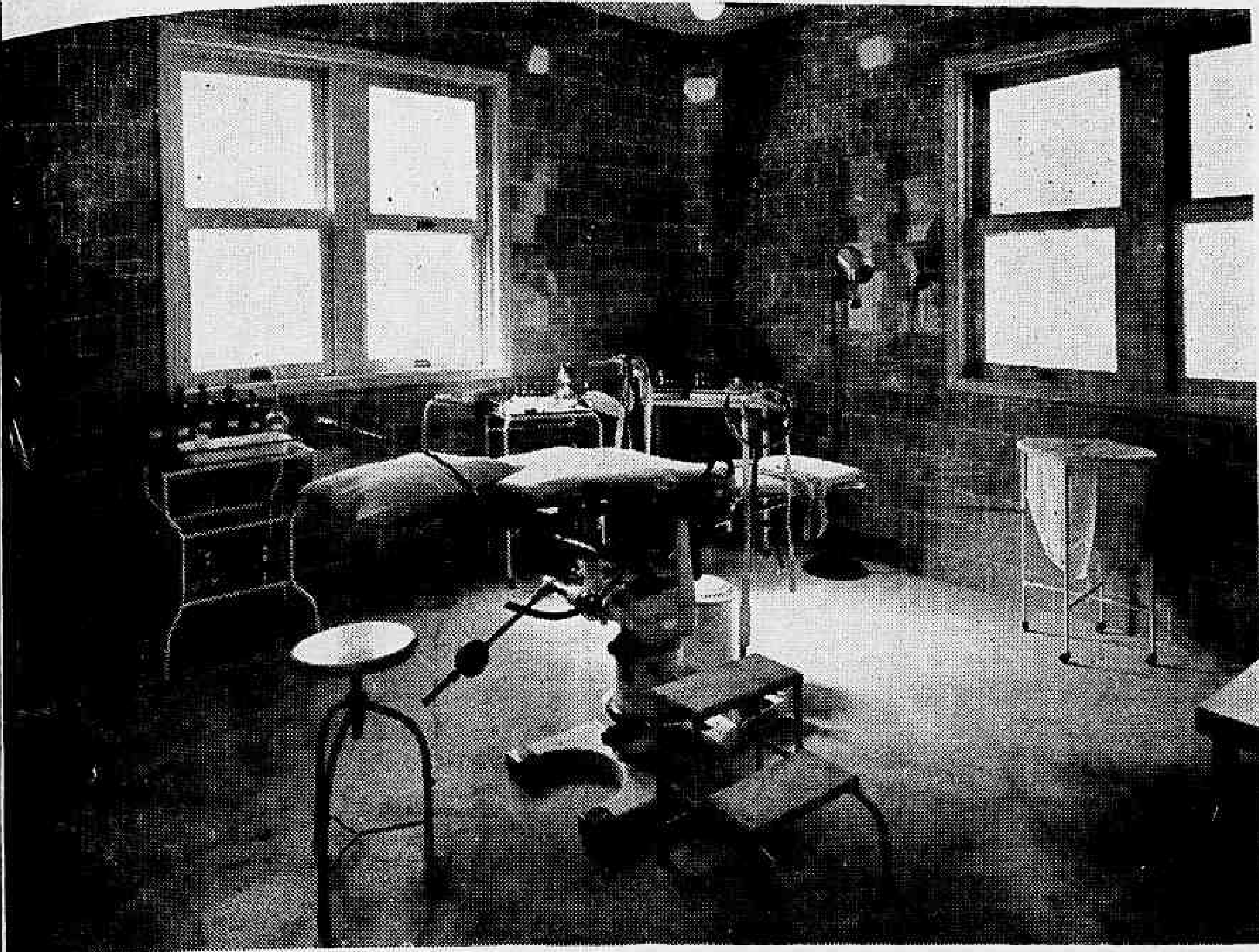
Para debelar essa dificuldade de sobrevivência no recém-nascido, a primeira arma é o Consultório Pré-Natal. E' êle, com efeito, que processa a profilaxia da sifilis, a qual



Cena de matrícula no Posto de Puericultura de Copacabana, mantido pelo SESC carioca.



Não tem direito a um sorriso feliz quem possui maus dentes. Esta comerciária trata dos seus no Posto da Gávea (SESC do Distrito Federal).



Uma das salas de cirurgia da Maternidade Carmela Dutra. Aparelhamento moderno, profissionais competentes.



Sala de Cirurgia da Maternidade Carmela Dutra: eficiência e higiene.

concorre com a taxa de 26% na cifra da mortalidade infantil. E' êle que debela a intoxicação gravídica hipertensiva. E' êle ainda que orienta as dietas observadas e descobre os casos sociais a serem tratados.

O SESC do Distrito Federal já conta com nove postos situados em vários bairros: Engenho de Dentro, Riachuelo, Vila Isabel, São Cristóvão, Ramos, Ilha do Governador, Centro, Copacabana e Gávea. Nesses postos matricula-se a gestante comerciária ou espôsa (companheira) do comerciário, onde se lhes acompanha todo o período da gestação. Funciona ainda, no Pôsto, um consultório de pediatria e outro de puericultura para os filhos e dependentes do comerciário.

A MATERNIDADE CARMELA DUTRA

A "Maternidade Carmela Dutra" com 24 quartos e 62 leitos sem luxo, tem tido um movimento tão intenso que se faz mister, muitas vêzes, internar gestantes comerciárias em instalações hospitalares privadas. A Assistência dispensada quer à mulher, quer à criança, abrange tôda a série de serviços médicos complementares como os de Raios X, fisioterapia, oftalmologia, otorrinolaringologia, para os quais se dispõe de moderna e completa aparelhagem. E' ainda a Maternidade servida por uma brilhante equipe de enfermeiras Ana Nery, possuindo para 62 leitos 14 diplomadas, 61 atendentes e 15 serventes, dando a média de uma enfermeira para 8 internadas no serviço diurno e uma para 10 no serviço noturno

A CAMINHO DA SOLUÇÃO

No período de 1942 a 1947 houve nas capitais dos Estados a perda de 5.000 mães. Ora, se os resultados assistenciais do SESC fôssem generalizados, teríamos a lamentar a perda de 800 mães, o que nos mostra claramente que o mal pode ser combatido. Estamos começando, mas com o rumo certo.

Só amparando a Maternidade, protegeremos a Infância e só com uma Infância sadia, construiremos uma grande Nação.

Na Casa do Comerciário do Engenho de Dentro, os comerciários aguardam a chamada. Esperam com paciência porque sabem que serão bem atendidos.



Aspecto parcial do berçário de prematuras da Maternidade Carmela Dutra, mantida pelo SESC carioca.



A VIDA DE CHARLOTTE BRONTË

(1816 — 1855)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

I

HAWORTH ficava no cimo de uma escarpa tão elevada que parecia escalar o céu. Envolto num manto de neblina e chuva, atrás da igrejinha, estendia-se o presbitério como um cão felpudo e silencioso. Nenhum riso partia dêle. As próprias lousas do cemitério, que lhe faziam as vêzes de jardim, pareciam rodopios de alegria comparadas com o pastor e sua família na vida do lar. Nessa casa, vigiada na frente pelo cemitério e nos fundos pelas charnecas, tinham nascido seis criaturas mais estranhas do que se pode supor. Seis crianças irlandesas: cinco meninas e um menino. Quando a mãe morreu, a mais velha tinha oito anos e a caçula menos de dois. Levavam uma vida conforme aos preceitos calvinistas de seu pai clérigo. Não comiam carne, por ser isso uma intemperança. Não se entregavam a brinquedos e jogos. Os principios de sua educação eram a tristeza e a responsabilidade da vida. "Foram ensinados a pensar na morte e na vida futura quando estavam na idade de chupar os dedos". Só viam os membros de sua família. Como podiam ter idéia de um mundo situado além daquelas cercanias? Em frente às janelas dos quartos das crianças, o silêncio sombrio do cemitério, o silêncio selvagem das charnecas, a Morte e o Demônio a se agitarem num incessante e épico esfôrço para entrar na posse dos corpos e das almas daquelas criaturinhas.

E seu austero pai gaélico vestido de luto, com uma porção de lenços de sêda branca enrolados no pescoço como agasalho contra o frio, não era o Deus da espantosa luta entre os elementos?

As crianças recebiam lições da irmã de seu pai, tia Branwell. Uma vez por semana o reverendo Mr. Brontë chamava-as ao seu gabinete de estudo para um exame oral. Como se fôssem uns velhinhos, postavam-se diante dêle submissas.

— Anne, de que mais precisa uma criança como tu?

— De idade e experiência, papai — respondia Anne, que tinha quatro anos e olhos azuis.

A seguinte a ser interrogada era Emily.

— Que devo fazer com teu irmão Branwell quando êle se mostrar desobedinte?

E Emily, que tinha cinco anos, respondia:

— Deve admoestá-lo, e se êle não der ouvido aos seus conselhos, deve chicoteá-lo.

Excelentes crianças, conscienciosas puritanazinhas bem como êle desejava! Voltava-se para Charlotte, ingênua e sonhadora menina de oito anos, dotada de uma bôca grande e brejeira, e de olhos semelhantes aos de uma crianças dos Contos da Carochinha.

— Qual é o melhor livro do mundo?

— A Bíblia, papai; e a natureza.

A seguinte era Maria.

— Qual é o melhor modo de empregar o tempo? Pensa bem antes de responder. Consulta teu coração.

E a menina de dez anos respondia:

— Creio que o melhor modo de empregar o tempo é gastá-lo na preparação para a eternidade.

Então era a vez de Branwell, o menino em quem Mr. Brontë pusera tôdas as suas esperanças. Um guri levado da breca, um trabuzana. Sete anos.

— Qual é o melhor modo de se conhecer a diferença entre a inteligência dos homens e das mulheres?

Branwell enrugava a testa.

— Considerar a diferença entre o nosso corpo e o delas.

Essa réplica deixava Mr. Brontë um tanto tolhido. Mas Branwell era um gênio.

Terminado o exame, já sol alto, os seis tristes cristãozinhos iam pular com o cachorro na charneca. Por uma estranha alquimia, durante essas poucas horas preciosas a solidão das crianças, que pareciam ter sido esquecidas pelas outras, abraçava-se à solidão da charneca, que parecia ter sido esquecida por Deus. E êsses dois grupos de almas órfãs confundiam-se num só.

II

O reverendo Brontë mandou as filhas para a escola de Cowan Bridge, pelo de Bradford. Mas o alimento deficiente e o ambiente desolado arruinaram a frágil saúde de Maria e Elizabeth, as duas mais velhas, e lhes destruíram as vidas.

De volta a Haworth, Charlotte era agora a mais velha. Ensinava, arrumava e protegia os irmãos e lia o jornal matutino para o pai enquanto êle tomava o café. Deixava que as crianças assaltassem em massa Tabby, a criada, em busca de histórias de fantasmas, e fazia de conta que estava numa ilha solitária com o Duque de Wellington, seu herói favorito. Em Haworth era necessário povoar o ambiente para propiciar reuniões, mesmo as menores. Dessa maneira, no que toca à imaginação os mais fascinantes espiritos da história eram os daquelas crianças. Enchiam os cadernos com façanhas de gentes fabulosas imagens de si próprias refletidas nos mil e um espelhos da sua fantasia. Criavam um mundo inteiro à semelhança um do outro.

Mas papai decidiu que Charlotte devia submeter-se a uma educação mais convencional. Enviou a filha de catorze anos para a escola de Roe Head. Enquanto ela permanecia de pé na sala de visitas de Miss Wooler, no primeiro dia do ano letivo, se encolhendo e pestanejando à luz, as outras meninas mostravam-se entre divertidas, aterradas e comovidas. "Ela parecia tão insignificante... a ponto de passar por uma criança de dez anos... Suas mãos e pés eram, inacreditàvelmente pequenos. Sua extrema miopia dava-lhe a aparência de uma toupeira trazida de chôfre para a clara luz do dia". Seus cabelos eram anelados, seu vestido de lã verde fôra usado havia uma geração por sua tia Branwell, seus movimentos pareciam-se aos de um animalzinho assustado.

Miss Wooler examinou-a e verificou que ela estava fraca nos mais elementares conhecimentos de matemática, geografia e gramática. Mas quando lhe colocou na mão uma pena, a estupenda menina grudou o nariz no papel e encheu página após página com uma história improvisada.

— Eu escrevi vinte e dois volumes de histórias em casa... — murmurou ela.



CHARLOTTE BRONTE

Quando Miss Wooler sacudiu os cabelos da jovem, achou-os verdadeiramente lindos. Prescreveu uma alimentação carnívora — carne, sopa e suco de carne — pela primeira vez na vida daquele débil organismo. Charlotte tornou-se gorda e quase bonita. Pobre ratinho molhado que fôra retirado da chuva. E no dormitório, à noite, como ela mantinha as companheiras despertas com histórias das charnecas! Dava largas à sua inventiva e contava coisas terríveis, fantásticas, de arrepiar os cabelos. Seus olhos faiscavam, e seu rosto se afogueava. "Uma noite", escreve uma condiscípula, "Charlotte causou pânico ao falar sôbre os extravios de um sonâmbulo. Reuniu todos os horrores que sua imaginação era capaz de inventar, descrevendo mares encapelados... altos muros de castelos, fundos precipícios... Pôs em cena, quase na altura das nuvens, seu sonâmbulo a caminhar por tôrres que balançavam. Contou tudo isso com uma voz que impressionava mais do que as palavras podiam conseguir. Um grito vibrante de terror se apoderou de uma das suas ouvintes, uma inválida recém-restabelecida... Depois duma pausa, um grito sumido de dor escapou à própria Charlotte. E, tremendo de mêdo, ela clamou para que alguém a viesse socorrer. Estava às voltas com terríveis angústias e lágrimas... Durante semanas não pudemos convencê-la a continuar suas narrativas.

Sua imaginação era extraordinária. Relatava pequenos episódios acêrca de suas duas falecidas irmãs, e sofria ao falar. Quando alguém confessava surprêsa por ter ela sabido coisas das irmãs quando estas eram tão jovens e ela mesma ainda mais, Charlotte replicava:

— Eu comecei a analisar caracteres quando tinha cinco anos.

E exibia apontamentos que tomara a respeito de dois hóspedes que tinham parado em Haworth durante a infância dela.

Um espírito vivo num corpo inativo. "Até nas horas de recreio ela está com um livro, sentada ou de pé. Uma vez algumas de nós incitamo-la a se pôr do nosso lado num jôgo de bola... Não demoramos a verificar que ela era incapaz de enxergar a bola, e por isso a tiramos do jôgo". Sua vista nunca podia acompanhar a bola arremessada por outrem. Era de vista bastante curta — mas de visão bastante larga — para encarar os jogos de suas colegas. As luzes e sombras de Haworth haviam-na adestrado para uma perspectiva diferente.

III

As noites e os dias quietos em Haworth ampliaram-se em anos quietos. Charlotte tornou-se professôra no colégio de Miss Wooler. Mas não gostava de ensinar. Enviou algumas de suas poesias a Robert Southey perguntando-lhe se podia encorajá-la a seguir a carreira literária. O rispido puritano velho respondeu: "A literatura não pode e não deve ser ocupação para a vida de uma mulher". Ela mandou também parte de uma novela a Wordsworth; e o poeta já maduro, que desde há muito se transformara de homem em instituição, declarou ser incapaz de determinar se a autora era "uma ajudante de notário ou uma costureira demente". Isso bastava. Ela aceitou um cargo de governanta numa família da classe média de Londres. Sentia-se, porém, terrivelmente infeliz. "Uma das tardes mais agradáveis que eu passei aqui", escreveu com seu costumeiro sarcasmo, "foi quando Mr. Sidgwick saiu a passear com os filhos e um cão Terra Nova, tendo eu ordens para segui-los um pouco atrás".

Quanto às "queridas crianças", entregavam-se à algazarra e à imundície, "derramavam leite na mesa, mergulhavamos dedos uma nas canecas das outras, limpavam as bôcas e as mãos na orla do vestido da mãe... berravam como touros, e cuspiam ou umas no rosto das outras ou no saco de costura da governanta!" por que obedeceriam a uma mulherzinha que parecia um duende de um sonho duma noite de verão?

Deixou o emprêgo atarantada. Seu fracasso não fizera mais do que lhe agravar o sentimento de inferioridade. Que fazer? O casamento, pensava ela, estava fora de cogitação para uma moça "sem beleza e sem fortuna". Reparara, como explicava contrafeita, "que, depois que um estranho olha para o meu rosto uma vez, tem o cuidado de não deixar os olhos vagarem por êsse lado do quarto de novo".

Charlotte não estava, de modo nenhum indo bem. Nem os outros membros da família. Os Brontës pareciam não ser do barro dêste mundo. A pobre Anne, que não suportava encarar estranhos face a face, sofria miseràvelmente no seu emprêgo de governanta. Emily era incapaz de procurar emprêgo fora de casa, porque se apegava à charneca apaixonadamente. Branwell, a principal esperança do pai, fizera umas poucas e infrutíferas tentativas para vender suas histórias, e andava agora desperdiçando seu tempo nas tabernas, onde encontrava uma assistência de admiradores, especialmente porque "êle era capaz de escrever com ambas as mãos simultâneamente duas cartas" e contar chistosas piadas irlandesas. Tôdas as vêzes que um viajante parava na estalagem de Haworth, o estalajadeiro falava-lhe dêsse "brilhante rapazinho do presbitério ali perto, que certamente virá beber um copo ou dois para passar o tempo". O pobre Branwell desempenhava um papel de tragédia shakespeariana para os agricultores de Yorkshire!

Alguma coisa tinha de ser feita para reabilitar a família. E Charlotte sentiu sôbre os ombros a responsabilidade de seus anos. Cabia-lhe tirar os Brontës de apuros.

E a oportunidade se apresentou. Ela recebeu uma carta de uma colega que estava trabalhando num pensionato em Bruxelas; e lhe estalou uma idéia no cérebro. Iria com Emily para a Bélgica, fazer um curso. Ficariam um ano no continente adquirindo prática, e depois voltariam a Haworth a fim de abrir uma escola moderna para meninas.

Assim é que a empertigada senhora de vinte e seis anos embarcou para a Terra das Catedrais.

IV

Matriculou-se no pensionato de Monsieur e Madame Héger. E sentiu-se imediatamente atraída pelo professor Héger. Êle era um homem casado, pai de cinco filhos, "e tinha o mais repelente físico do mundo... Alemão de nascença, com pernas curtas, crâneo abobadado, cabelos espessos e escuros cortados rente, óculos escarranchados no nariz, e por trás dos quais seus olhos ardiam como brasas... uma criaturinha maldosa, cujo semblante tem variadas expressões. Umas vêzes êle toma as feições de um gato raivoso, outras as de uma hiena desvairada". Justamente o oposto dela na idade, nas inclinações, no temperamento. Era perspicaz, vivo, encolerizava-se por nada, perdia todo o domínio sôbre si mesmo, e vertia lágrimas de raiva no meio de suas preleções. Era, porém, a primeira inteligência aguda que ela encontrara num homem.

Êle a distinguiu como sua aluna predileta. Ao lado dele ela passou pelas primeiras sagradas impressões. Êle ministrou-me lições especiais e fêz um "forte espírito masculino" do que fôra o espírito de uma criança precoce. Revelou-lhe o mundo da filosofia, da ciência e da arte, e abriu-lhe novas perspectivas de experiência humana.

Terminado o período letivo, Charlotte regressa a Haworth. Mas o professor Héger escreveu uma

(Continua na pág. 82)





DE HOLLYWOOD, chegam-nos êstes três encantadores e sugestivos modelos, apresentados por Janis Carter (Col.), Virginia Mayo (W.B.) e Rhondes Fleming (RKO); temos um «robe» em setim estampado, um pijama em lamé perola e, em baixo, um elegantíssimo modêlo para à noite em tule rosa pálido, busto descoberto e saia bastante farta, grandes rosas brancas na cintura completam esta maravilhosa «toilette».

SAPATOS VELHOS



MINHA amiga, nem todos os sapatos amanhecem guardando a lembrança de Papai Noel que todos nós ambicionamos, não só as crianças. Quanto mais velhos os sapatos, mais vazios. E venho lembrar-me agora de uns versos bonitos, não só bonitos, mas expressivos, que um poeta pernambucano escreveu também sôbre uns sapatos velhos. Chamam-se os versos, "Itinerário de meus sapatos velhos", e de tão bem feitos, podem até ser reproduzidos como vou fazer aqui, em ar de prosa. Leia-os, medite sôbre êles e veja se não há muita revolta, disfarçada em poesia, neste brado de Esdras Farias:

"Quantas léguas não ando todo dia para arranjar meu pão honestamente! O caráter me leva para a frente, pois, sem êle, êsse pão não serviria. Com certeza eu pertenço à dinastia dos lutadores sem ninguém! Sòmente eu e o Diabo, nós dois, precisamente na hora legal do pão, que é uma alegria. Começam a romper-se os meus sapatos de andar pisando entre milhões de ingratos por aqui, por ali, magro e cansado. Pedir? Eu não nasci para pedir. Tombar? Eu não nasci para caír. Curvar-me? Ah, eu não sei andar curvado!"

Podem não lhe parecer os versos mais próprios para uma véspera de Natal — e no entanto são. Porque, já disse São Lucas, "nenhum servo pode servir a dois senhores: porque ou há de aborrecer a um e amar a outro, ou há de unir-se a um e despresar ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas".

Minha amiga, os sapatos velhos, vazios, rotos, já sem fôrro, do pobre viandante, de que nos fala o cantor de Olinda, são um símbolo. O símbolo do homem que nunca teve infância e por isso jamais recebeu a visita, mesmo em sonhos, do emissário da lenda e da poesia. Deve ser muito triste o poeta que escolheu como legenda, para sua obra de melancolia, estas palavras singelas, em ar de malícia, mas terrivelmente dramáticas — "Dentro de mim — a Santa Casa de tôdas as Misericórdias..." — **M.**



PLISSADOS

Os vestidos plissados continuam a merecer, como sempre, as atenções das mulheres elegantes. Nesta página temos algumas sugestões para várias ocasiões. Em cima, à esquerda: inspirado no estilo dórico, temos um notável modêlo em pesada sêda branca. O busto é formado por várias folhas recortadas e a saia é simples e reta, com pregas plissadas, bem largas; em baixo, à esquerda: para o "cock-tail", vestido em chifon preto, grande decote com alças, saia tôda plissada, na cintura um "bouquet" de flôres em côres vivas. À direita: dois modelos próprios para passeio. O primeiro, composto de casaco amplo e bem folgado, gola alta, cintura justa; o outro modêlo é em sêda estampada, bolero com mangas largas, e saia justa tôda plissada.

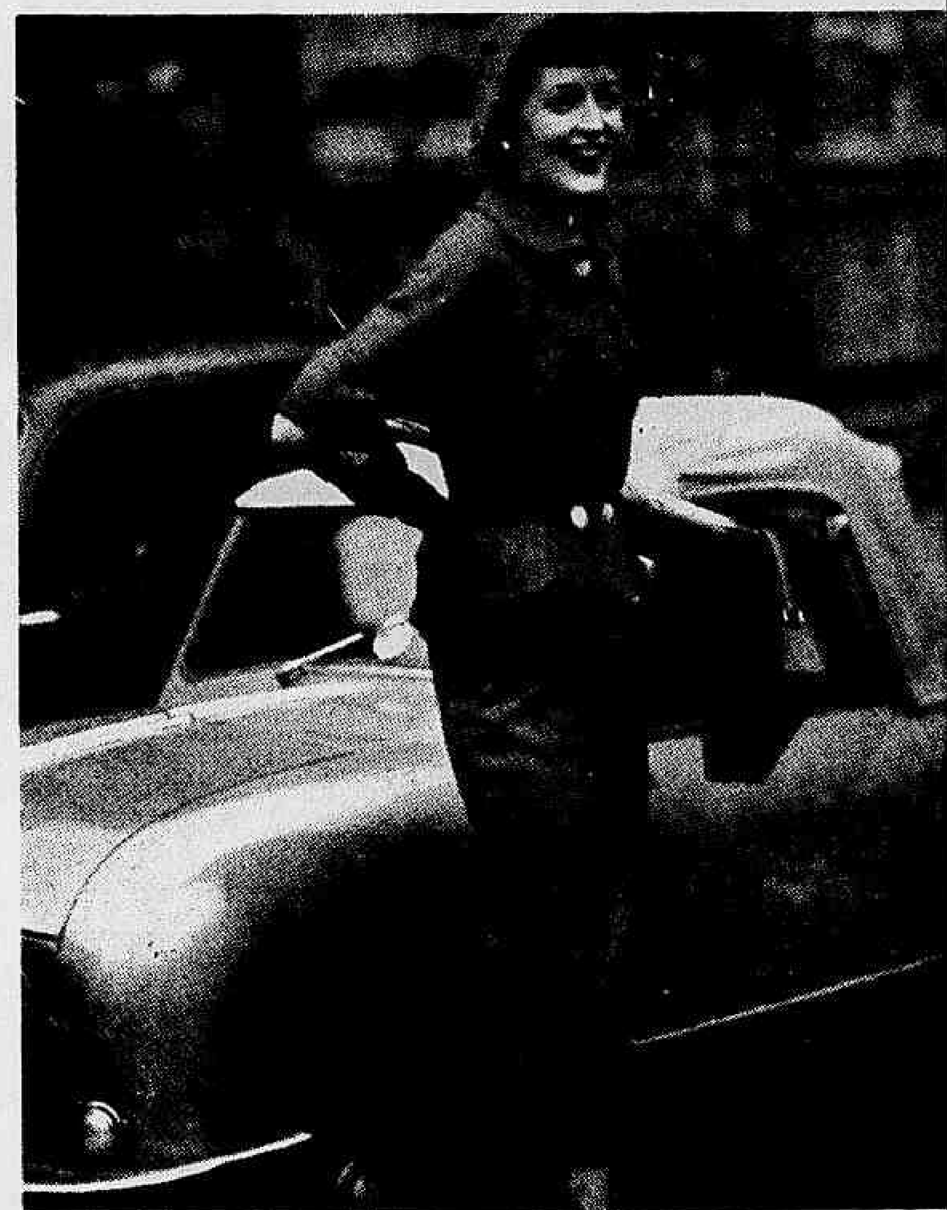














O "TAILLEUR" DE VERÃO

MESMO nos dias quentes o "tailleur" conserva o seu lugar no guarda-roupa feminino. Nesta página, à esquerda, temos um modêlo em sêda verde, próprio para o "cock-tail". Casaco amplo cintado, saia reta, afinando na boca. À direita, de cima para baixo: modêlo em tecido de dois tons, casaco estampado e saia em tecido unido, em linho azul-marinho, com casaco curto e saia justa, para passeio, e finalmente, um sugestivo "tailleur" em tafetá havana estampado, também próprio para passeio.



PARA a sua formatura oferecemos nesta página alguns encantadores modelos que pela originalidade de suas linhas por certo muito agradarão. O tafetá, o tule, a sêda, o linho, a "laise" e a organza são os materiais que você deverá escolher para a confecção dêstes elegantes modelos. Aqui fica, pois, a sugestão.







MODELOS PARA A FORMATURA

Um perfume de Myrurgia



EXTRATO · LOÇÃO · AGUA DE COLONIA · PÓ DE ARROZ

· MYRURGIA ·



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



Paris criou as Essências dos produtos Paineiras

PERFUMARIA PAINEIRAS

RUA S. FRANCISCO XAVIER, 862 — EDIFICIO PRÓPRIO — Tel. 43-1823

PEDIDO PARA O INTERIOR

CASA FACHADA — M. CABRAL — PERFUMARIA LOPES



WEEK-END



PERU COM CASTANHAS, PASSAS E NOZES

Prepare um peru gordo, deite em vinha d'alho fraca e guarde para o dia seguinte. Escorra, enxugue por dentro com um pano, encha com o recheio abaixo, coza, besunte todo com bastante manteiga e leve para o forno para tostar. Quando estiver louro, regue com uma xícara da vinha d'alho coada, e, sempre regando com a gordura que fôr sobrando. Regula duas horas de forno. Pronto, parta as coxas e o peito em fatias finas e arrume de um lado da travessa. Deite o recheio do outro e enfeite com fatias de presunto, enroladas como canudinhos.

RECHEIO DE CASTANHAS, PASSAS E NOZES

Cozinhe um quilo de castanhas e tire as cascas. Junte uma xícara de passas sem caroços, uma de nozes picadinhas e duas colheres de manteiga derretida. Misture ràpidamente para não esmigalhar muito as castanhas, e empregue.

TARTARUGAS DE NOZES

A massa: 250 gramas de farinha de trigo, uma colher de manteiga, outra de banha, água e sal. Amasse tudo e deixe repousar por uma hora, no mínimo. Depois abra fina, corte rodelas de 5 centímetros, levante um pouco as bordas para cima, apertando cada um centímetro. Cole com clara de ovo, 4 patinhas, a cabeça e o rabinho das tartarugas, tudo da massa. E' muito fácil. Arrume num tabuleiro, recheie e leve a assar no fôrno.

O recheio: 150 gramas de nozes moídas, 200 gramas de açúcar, quatro gemas, quatro claras em neve, e leve tudo a engrossar no fogo. Encha as cascas das tartarugas, procurando dar-lhes a forma abaulada. Pode substituir as nozes por amêndoas ou castanhas do Pará.

BACALHAU COM LEITE DE CÔCO

Deite de môlho, de véspera, um quilo de bacalhau. No dia seguinte tire o leite de um côco sem água e reserve: deite duas xícaras de água quente no bagaço e tire o leite restante. Dê uma fervura no bacalhau, tire as lascas, sem espinhas nem peles, deite num refogado com cebola picadinha e tomates sem peles, molhe com o leite fraco e deixe cozinhar. Na hora de servir, junte três pimentas, uma colher de azeite de dendê, e o leite reservado. Leve ao fogo, sempre mexendo, mas sem deixar ferver. Deite no centro da travessa angu de fubá de arroz e o bacalhau ao redor. Pode dispensar o dendê.

ANGU DE FUBÁ DE ARROZ COM LEITE DE CÔCO

Faça um angu duro com seis colheres de fubá, quatro xícaras de leite de côco tirado com água, e sal. Despeje numa fôrma enfeitada ou numa tijela molhada. Desengordure depois de frio e guarneça com pedacinhos de tomates formando flôres.

CHRISTMAS CAKE

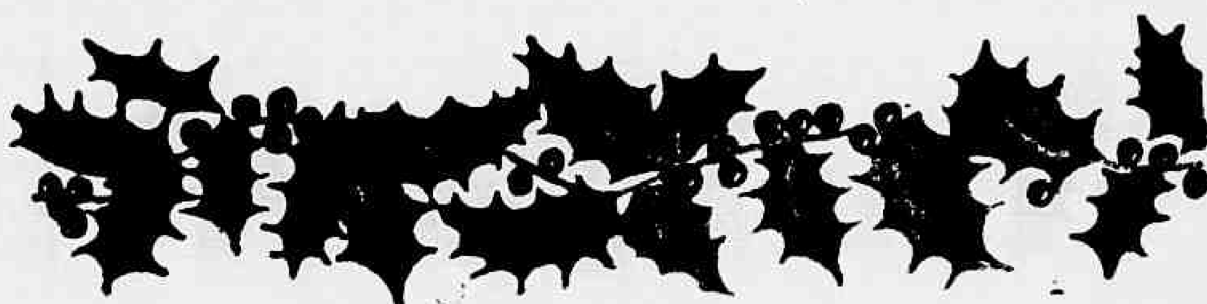
Tome 450 gramas de farinha de trigo torrada no fôrno e peneirada, 450 gramas de passas comuns, 450 gramas de manteiga, 450 gramas de açúcar mascavo, uma xícara de cognac, 450 gramas de Corinto, passas miudinhas, 110 gramas de pedacinhos de cidra e laranja cristalizada, 110 gramas de amêndoas partidas, uma colher de chá de canela, ½ noz moscada ralada, uma pitada de Mixed Spices (compra-se em vidros) e nove ovos. Bata a manteiga até ficar esbranquiçada, junte o açúcar, os temperos, quebre os ovos um a um, e continue a bater durante 10 minutos. Depois acrescente o cognac e a farinha de trigo, mexa bem e adicione o resto dos ingredientes. Leve a assar em fôrma untada com manteiga. Depois de assado, deite por cima uma camada de pasta feita com uma xícara de amêndoas sêcas no forno e socadas, com um pouco de água de flor. Cubra o bôlo todo com suspiros e leve a secar no forno.

FILETS DE ARENQUE

Depois de limpos, lave seis arenques de salmoura, em água morna e deite de môlho no leite, para tirar o sal. Tire dois filets de cada arenque, sôbre o comprido, e arrume numa prato rodeado de batatas cozidas em rodelas. Faça um môlho, misturando duas gemas cozidas com duas colheres de azeite, sal, uma pimenta de mostarda, depois junte ½ colher de vinagre e ½ de água morna, misture e regue tudo com êste môlho. Enfeite as cabeceiras com rodelas de tomates crus, sem as sementes.

CAMARÕES RECHEADOS

Tome 2 quilos de camarões, escolha os 24 maiores, tire os olhos, corte as barbas,



NA COZINHA

arrume bem esticados numa frigideira pequena untada de gordura, cubra com uma tampa, bote um pêso em cima e leve ao fogo até ficarem vermelhos. Depois tire as cascas do corpo, deixando e cabeça e as caudas. Tome o resto dos camarões, cozinhe em duas xícaras de água e sal, descasque-os, e bata-os com um facão. Deite uma colher de manteiga com outra de cebolas picadinhas, refogue um pouco e junte os camarões picados, duas xícaras do caldo ou de leite e vá engrossando tudo no fogo com farinha de trigo, até ficar um angu duro. Retire do fogo, junte algumas gemas desmanchadas, e volte ao fogo para cozinhar mais um pouco, sem deixar pegar no fundo. Despeje numa travessa grande, untada de manteiga.

Quando a massa estiver fria, tome um bocado, coloque sôbre pó de pão torrado, calque com a mão para abrir, ponha um camarão inteiro no meio, envolva todo só deixando de fora a cabeça e a cauda. Passe em pó de pão torrado, em ovos batidos, no pão de novo, e guarde. Pouco antes de servir, frite em banha quente, sem deixar escurecer. Quanto mais claros mais bonitos, mas a crosta deve ficar bem durinha. Arrume os camarões sôbre alface fininha e ramos de salsa frita por cima.

PEIXE RECHEADO À RUSSA

Limpa-se uma tainha gorda, e corta-se em postas largas de três dedos. Tempera-se com sal sòmente. Com o auxílio de uma faca afiada, destaca-se tôda a carne das postas deixando a pele inteira. à carne do peixe uma cebola, um pouco de pão umedecido em água, que se espreme bem, passa-se tudo junto pela máquina. Coloca-se esta massa numa tábua de carne e juntam-se dois ovos inteiros. Amassa-se bem, junta-se uma colher de sopa de azeite, alguns pingos de água, pimenta do reino, bate-se bem com o facão até a massa ficar fôfa. Com esta massa, recheiam-se as postas do peixe. Para facilitar, trabalha-se com as mãos molhadas. Coloca-se o peixe na panela. Por cima dele uma camada de rodelas de cebola, uma de cenoura crua, em rodelas, e juntam-se dois copos de água e sal. Leva-se a penela ao fogo tapada, para cozinhar. Depois de ferver, junta-se mais água que dê para cobrir o peixe. Cortam-se seis batatas em rodelas grossas e deixa-se cozinhar com o peixe, juntando mais uma colher de sopa de azeite.

CANOINHA DE PEPINO

Forre os pratinhos com alface picada. Tome um pepino. Tire uma tampa no sentido do comprimento, esvazie, afine as extremidades imitando uma canoinha. Coloque sôbre a alface picada. Imite os banquinhos com dois pedaços de beterraba e os remos com vagens. Dentro da canoinha uma colherada de legumes variados.

PERU ASSADO

Escolhe-se um peru novo e bem gordo. Mata-se na véspera, para poder tomar bem o gôsto dos temperos, onde é deixado de môlho. No dia seguinte, faz-se o recheio com os miudos e a farófia, torrada com duas colheres de farinha de mandioca e duas colheres de manteiga. Enche-se com êsse recheio o papo do peru, que é levado ao fôrno coberto de manteiga, numa assadeira funda e se assa como qualquer outra ave. Há quem goste de enrolar o peito para que não fique muito sêco com fatias de toucinho, atadas com barbante, que se corta, depois do peru assado, ou com uma fôlha de papel pardo bem untado com gordura. Cozinha-se um quilo de ameixas pretas, tiram-se os caroços e ferve-se até formar um puré, que se adoça à vontade. Serve-se o peru, acompanhado de fatias de presunto. Numa travessa, arruma-se a carne do peru cortado da mesma maneira. Na outra travessa, ajeita-se a farófia ladeada pelo sarrulho e pelo puré de ameixas. Êste pode também ser substituído por puré de maçãs que se faz da seguinte maneira: descascam-se as maças, cozinham-se em pouca água. Passam-se na peneira e deixam-se engrossar, pondo açúcar à vontade.

BACALHAU À PORTUGUÊSA

Cozinha-se em uma panela grande, um repolho, cenouras, batatas, nabos, acelgas, espinafre, e um quinto ou meio e bacalhau. Deixa-se ferver tudo muito bem. Tira-se da panela arruma-se o bacalhau no centro do prato e as verduras em ambos os lados. Serve-se com salada de cebola branca, bem temperada e apimentada, e com bastante azeitonas portuguêsas e rodelas de ovos cozidos.



BOWLE PUNCH

Corte um abacaxi pequeno em pequenos triângulos e quadriláteros ponha num prato, cubra com açúcar e deixe macerar por uma hora. Deite a frutas numa vazilha grande, e despeje por cima uma garrafa de vinho branco, 3 de Club Soda e uma de Champagne. Misture prove o açúcar e leve a gelar na própria vazilha. Sirva em taças.

ORAGE CUP

Quatro colheres de açúcar, um cálice de Curaçao, ½ de Marrasqueino, um de Kirsch, um de Rhum, o caldo de um limão, o caldo de quatro laranjas, fatias finas de duas laranjas com cascas, um galhinho de hortelã, um sifão e duas garrafas de vinho branco ou de vinho espumante.

TORTA DE GENOVEVA

125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, 125 gr de farinha de trigo, 6 ovos, 1 pitada de sal, casca de laranja picadinha, 1 ponta-de-faca de canela e cravo em pó. Duas colheres-de-chá de fermento em pó.

Bate-se a manteiga com o açúcar e as gemas durante 20 minutos, juntam-se em seguida as claras batidas em neve, a frinha, o fermento, a canela e o cravo. Mistura-se tudo levemente e leva-se a massa, em fôrma redonda ou quadrada bem untada, ao forno moderado durante 40 a 50 minutos. Quando fria, polvilha-se com açúcar.

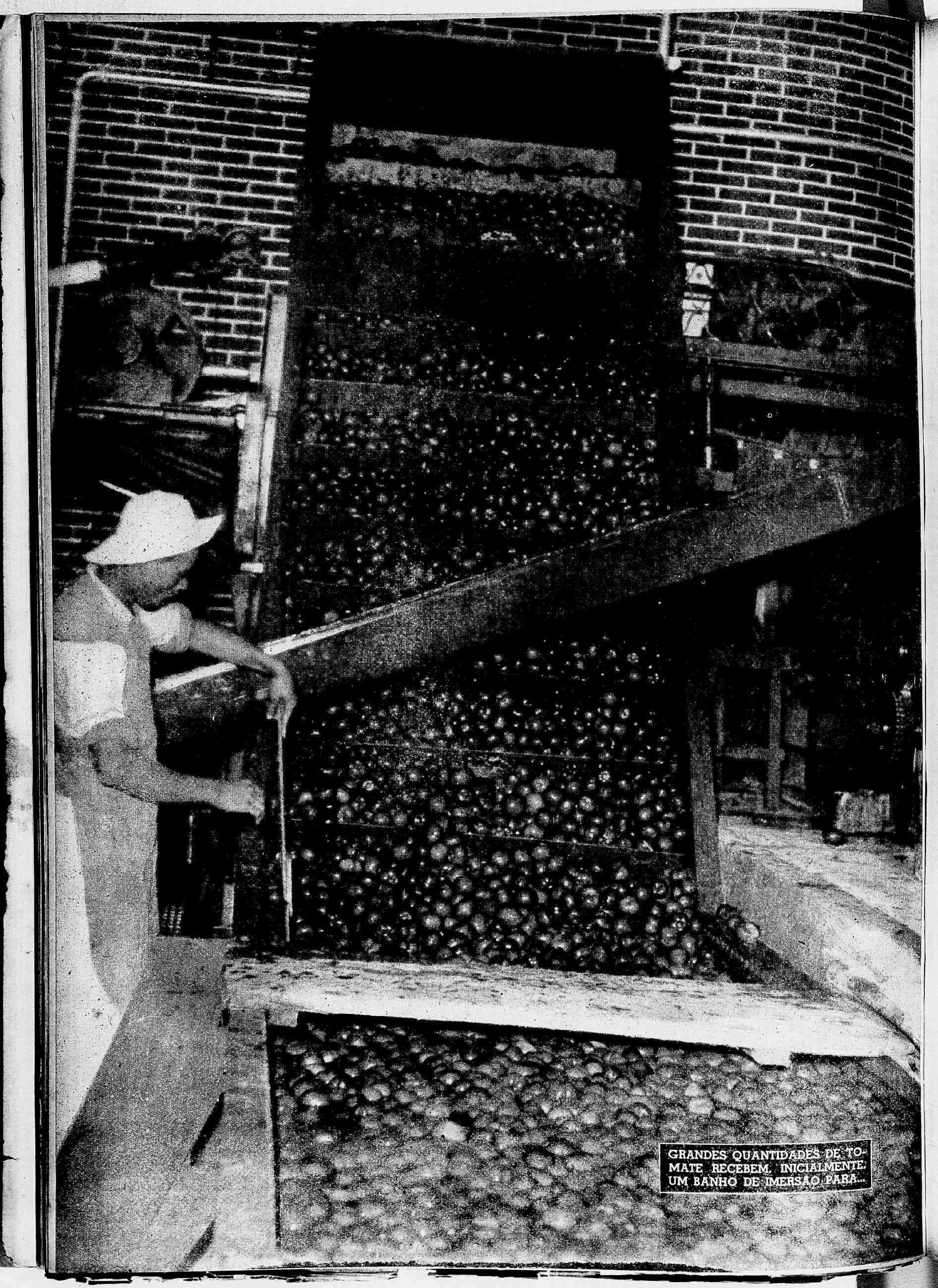
Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA



...e terá uma linda lata para mantimentos



GRANDES QUANTIDADES DE TOMATE RECEBEM, INICIALMENTE, UM BANHO DE IMERSÃO PARA...



...depois ser cuidadosamente escolhidos e lavados segundo processos de rigorosa higiene, a tradição que deu aos produtos "Peixe" o inabalável conceito nacional e internacional.

INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITTO S.A.

DE PESQUEIRA SE IRRADIOU UMA GRANDE INDÚSTRIA — O FRUTO DA GOIABEIRA, DE SELVAGEM A PROPULSOR DA CIVILIZAÇÃO

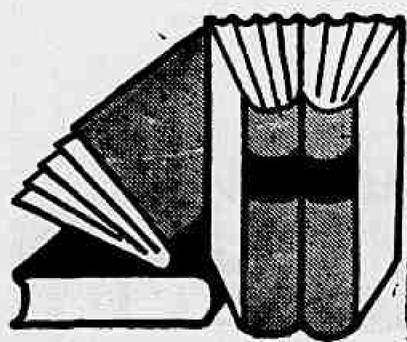
NÃO há página mais bela em matéria de persistência e dedicação ao progresso de uma terra, do que a história da Goiabada marca «Peixe». Quando, nêste país, houver uma indústria fílmica absolutamente firme e com todos os recursos técnicos e materiais, a cidade de Pesqueira, lá nas faldas da serra do Orobá, onde se gera o rio Ipanema em nascedouro, que é um dos mais empolgantes panoramas orográficos do país, será projetada em tôdas as telas do Brasil e mesmo do estrangeiro, mostrando-se como nasceram as primeiras tachadas do inigualável doce de goiaba marca «Peixe».

A terra de Cimbres que se ergue num aglomerado de montanhas a que os indígenas denominavam de Orobá, Urubá, Ororobá, Arurubá, e outras corrutelas próprias das linguas incultas, são férteis e de clima amenissimo, próprias para culturas semi-tropicais. Ali havia e continua a haver grandes extensões de terras onde vicejam matas de goiabeiras nativas, cujas árvores iam crescendo à proporção que os açanhaços, sanhaçus, galos de campina e outros pássaros «papa-goiaba» iam deixando pelo chão as sementes dos saborosos frutos tupiniquins. Há quase um século, uma família pernambucana começou a transformar pequenas quantidades de goiaba em tabletes de doce. Pesqueira ainda era uma vilazinha humilde, perdida no sertão pernambucano. A indústria tôsca, modesta, primitiva, foi-se estendendo, dominando a preferência das famílias locais, até que atingiu nível de indústria pròpriamente dita. De simples tachos, passou a massa de goiaba a ser cozida em aparelhagem a vapor, sem que desse vencimento à procura. Bastava o nome de «Peixe», para não merecer discussão. Doce marca «Peixe» era doce de primeira, saboroso, higiênico, sobre-mesa que não podia faltar a qualquer mesa, desde a do proletário à dos aristocratas do Recife. E assim, já em 1915, a Fábrica Peixe produzia 30 mil latas por dia, sempre apertada entre solicitações do país e do estrangeiro, especialmente dos países do Prata.

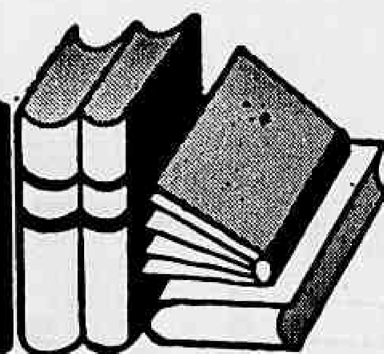
Com a goiaba da serra de Orobá, terra do Cardeal Arco-Verde, vieram outras indústrias, como a da Massa de Tomate marca Peixe, Suco de Tomate, variados doces em conserva, e outras fábricas moderníssimas foram erguidas ou adquiridas.

Pesqueira, ponto das nascentes de um rio nordestino, transformou-se em ponto inicial de verdadeiro estuário de numerosas fábricas e filiais dos Produtos Marca PEIXE, da firma Carlos de Brito, situadas no Recife, Bezerros, Areias, S. Paulo, Distrito Federal, etc., tôdas elas trabalhando intensamente e distribuindo pelo país e para o estrangeiro, os doces e as massas alimentícias que consagraram o triunfo pesqueirense de tantas décadas passadas: a marca PEIXE, homenagem ao nome de Pesqueira, do verbo **pescar**, a modesta cidadezinha do século XIX, onde nascia em modestas tachadas de doce de goiaba da serra de Orobá, o doce que havia de tornar-se numa das maiores indústrias dêste país e numa glória de nosso progresso social, comercial e industrial.

Milhares de seres vivem à sombra da firma «Indústrias Alimentícias Carlos de Britto S.A.». Os seus produtos compareceram a inúmeras Exposições do Rio, Bruxelas, Buenos Aires, Recife, Turim, Bahia, Londres, etc. obtendo Grandes Prêmios, numa prova eloqüente de que no Brasil também há heróis do trabalho honesto e tenaz, através do que o nosso povo progride e se liberta, se ilustra e emancipa, contando com os seus recursos e a inteligência de homens como os descendentes da família Carlos de Britto, bandeirantes do nordeste, protagonistas desta parada de luta, de trabalho e probidade.



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ALBUM DE FAMILIA



O poeta em um medalhão de Corrêa Dias

DA Costa e Silva nasceu a 23 de novembro de 1885, à rua das Flôres, em Amarante, Estado do Piauí. Ali estudou as primeiras letras, não tendo oportunidade de ser traquinas: uma educação severa amordaçou-lhe as tendências condenáveis. Aos 14 anos, dava aulas a garôtos pobres, tendo ido para Pernambuco ainda adolescente. Numa república da rua da Saudade, escreveu os primeiros versos, e aquêle célebre «Saudade», que ditou a um companheiro de quarto. Possuiu, como Humberto de Campos, seu cajueiro, que não plantou e nem regou. De Recife, foi estudar medicina na Bahia, induzido pelo poeta Bastos Tigre. Desse primeiro contato saiu o soneto «Sangue», do seu livro de estréia. Voltando a Teresina fez concurso para a Fazenda, e, nomeado, andou pelo Maranhão, onde fêz inimizades, Amazonas, Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul, alcançando as mais elevadas funções. Como recordação dêsse tempo guardava, com carinho, uma placa de prata, ovoide, circundada de relevos burilados, tendo ao centro o «Saudade» e esta dedicatória: «Ao Dr. Da Costa e Silva, homenagem dos seus colegas da Delegacia Fiscal. Manaus, 23-11-928». Em Porto Alegre lhe ofereceram uma Justiça de bronze, simbolizando sua integridade e a admiração dos colegas. Casou-se no Recife, em 1913, com D. Alice Salmon e dessa união vieram os filhos: Mário, Márcio, Benedito, respectivamente médico, bacharel e funcionário do Ministério da Educação. Em 1919 morre-lhe a espôsa, acontecimento que lhe inspira «Verônica». Nove anos depois contrai matrimônio com D. Creusa Fontenele, cearense, de cujo consórcio tem Alice, Alberto (também poeta de finas qualidades) e Elisabete. Indo para o Rio, Amadeu Amaral, Olegário Mariano e outros lhe ofereceram um almôço. Algumas de suas preferências literárias: Verhaeren, Baudelaire, Mallarmé, Antônio Nobre, Bilac, Cruz e Souza. Seu sonêto predileto: «Rio das Garças». No modernismo, considerava vultos notáveis: Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Menotti del Picchia. Seus livros: «Sangue», chamado «avis rara» por Antônio Tôrres, «Zodíaco», premiado pela Academia Brasileira, «Verhaeren», dedicado ao mestre e amigo, «Pandora», tão elogiado por Antônio Sales, e «Verônica», um preito de ternura à memória da primeira espôsa. Conhecia o francês, o inglês, o italiano e o espanhol. Da sua produção esparsa há alguns versos publicados e seu lindíssimo Hino dedicado à terra piauiense, composto em 1923. Anunciou um livro chamado «Alhambra», que nunca veio a lume. Morreu a 29 de junho de 1950, no Rio de Janeiro. (De «Meridiano»)

MINAS VAI TER UMA GRANDE EDITORA

O senhor João Calazans, que tomou uma iniciativa editorial em Minas, animado pelo sucesso da emprêsa, vai agora lançá-la em maior escala. Há dias, falando ao "Diário de Minas", de Belo Horizonte, assim disse êle, entre outras coisas:

"O êxito do Movimento Editorial Panorama, foi que nos animou a aumentar ainda mais nossas possibilidades, pela fundação de uma sociedade anônima. Assim, em vez de esforços isolados, teremos uma grande editôra, à altura das tradições de Minas Gerais.

Como não poderia deixar de acontecer, os homens responsáveis compreenderam muito bem o alcance da iniciativa. A começar do governador Milton Campos, temos obtido inúmeras provas de confiança, por parte de banqueiros e capitalistas. Posso citar alguns nomes dos que já são acionistas de nossa editôra: José Osvaldo de Araújo, Fausto Alvim, João Franzen de Lima, J. Magalhães Pinto, Paulo Monteiro Machado, Nelson de Faria.

A sociedade terá o capital de um milhão de cruzeiros, dividido em ações de mil cruzeiros. Não encontrou apenas entre financistas apoio para sua iniciativa: vem recebendo também da parte dos intelectuais idênticas provas de crédito. E cita, entre os que já subscreveram ações, os nomes de Orlando de Carvalho, Vinicius Meyer, Ildeu Brandão, João Dornas Filho, Murilo Rubião, Lúcia Machado de Almeida, Batista Brasil, Paulo de Souza Lima, Abilio Barreto."

Na realidade, em pouco mais de um ano, João Calazans conseguiu editar um número respeitável de volumes: "Rilke" e "Goethe e a Elegia de Marienbad", de Cristiano Martins; "A Cidade do Sul", de Alphonsus de Guimaraens Filho; "Poesias", de Batista Brazil; "Os ciganos em Minas Gerais", de João Dornas Filho; "Análise Sintática", do prof. Mesquita de Carvalho; "Flor da Morte", de Henriqueta Lisboa (prêmio Othon Bezerra de Melo de 1949); "Casa das Três Meninas", de Mário Matos; "Sombra e Exílio", de Valdomiro Autran Dourado; "O Espelho e a Musa", de Emilio Moura, publicado em edição de luxo e laureado pelo Govêrno do Estado como o melhor livro de poesia publicado em 1949.

O sr. João Calazans editou livros que já se encontram esgotados: "A Cidade do Sul", "Rilke, o poeta e a poesia", "Os Ciganos em Minas Gerais" e "Análise Sintética" são volumes cuja tiragem não satisfêz aos pedidos das livrarias.

Sôbre as próximas edições, informou o editor mineiro que já se encontram nas oficinas gráficas vários volumes: "Poesias", de Emilio Moura — com prefácio de Carlos Drumond de Andrade; "Poemas", de Henriqueta Lisboa; "Superficie", de Maria Angela Alvim; "O Romance de Vila Rica", de Ciro de Luna Dias e o novo livro de Lúcia Machado de Almeida, "Passeio a Sabará", que será publicado em edição de luxo, com mais de quarenta ilustrações de Guignard.

★



Outra caricatura da série que Ben está desenhando para «Les Nouvelles Litteraires», sob a epígrafe «A legenda das Letras». Esta nos apresenta Victor Hugo, com bom humor e certa impiedade — aliás com um detalhe histórico.

NOTICIÁRIO

Falaceu em São Luiz, o poeta e escritor maranhense Antônio Lopes, professor de Direito e membro da Academia Maranhense de Letras.

★

Temos recebido o bem cuidado suplemento literário da "Tribuna de Petrópolis", sempre muito variado e com excelente colaboração em prosa e verso.

HOMENAGEM AO POETA DA COSTA E SILVA

O poeta Da Costa e Silva que é, sem dúvida, um dos grandes nomes da história de nossa poesia, vem de ser evocado, com emoção e inteligência, em uma edição especial de "Meridiano", caderno de letras que se publica em Teresina, Piauí.

Essa bela tiragem de "Meridiano", além de muitos poemas de Da Costa e Silva, é rica de estudos e de documentação sôbre o poeta e sua obra, documentação essa tanto literária como iconográfica. E' justo salientar aqui o que assinalaram os rapazes de "Meridiano", a saber a colaboração decidida que deu à iniciativa o governador Rocha Furtado, gesto que nobilita o chefe do govêrno do Piauí, tão raro sempre nos pareceu o interêsse dos administradores pelas coisas do espírito.

Para os leitores da *Semana Literária*, aqui ficam, com a informação sôbre a edição especial de "Meridiano", estas três dignificadoras opiniões sôbre o poeta e, também, um de seus famosos sonetos:

"O seu sonêto "Saudade" valeu por um desafôgo para inúmeros leitores que sentiam tudo aquilo mas não saberiam, não poderiam nunca expressar-se como o autor. Nesses quatorze versos falou êle por centenas de corações. Falou por todos nós, foi um benfeitor de todos nós". — *Agripino Grieco*.

★

"... singular e surpreendente poeta." — *Alphonsus de Guimaraens*.

★

"E' um verdadeiro poeta... Lirismo e sensualismo, se bem que temperados pela sua alta visão de artista, dão ao poeta uma ressonância humana, que êle deixa expandir-se. Nunca, porém, perde o equilibrio." — *Tristão de Ataide*.

★

IGNOTA DEA

Anjo, esfinge ou mulher, visão que almejo,
Por quem vivo de amor e a quem receio,
Vida da minha vida, que eu não vejo,
És a deusa a quem amo e a quem odeio...

Alheio ao gôzo e à desventura alheio,
Não te vejo e te evito a todo ensejo,
E tanto mais de ti me sinto cheio,
Mais te busco olvidar e te desejo...

Sonho de louco e signo de delirio,
É-me o teu ser, satânico e celeste,
Origem de alegria e de martírio

Debalde ausculto o coração e exclamo:
— Quem és tu? Quem és tu? De onde vieste?
E não conheço enfim essa a quem amo...



Da Costa e Silva

FORA DO PRELO

CONTOS DE AGORA E DE OUTRÓRA — Eduardo Corrêa - Pongetti - Rio de Janeiro. Eduardo Corrêa estreou-se com um romance histórico muito bem recebido pela crítica, «O Patrício e a Côrtezã». Agora, o ficcionista experimenta outro gênero, publicando êste livro de contos em que se juntam páginas da vida contemporânea e páginas de ambiente histórico. O autor é sempre feliz na sua fabulação e, embora a falta de unidade dos contos que compõem o volume, nêles se encontram reais qualidades de escritor, sendo sobretudo muito agradaveis à leitura suas reconstituições do passado. Aqui encontramos Judite, vamos à Roma de Vergílio e conhecemos, sob nova luz, o grêgo Agamenon. E' particularmente em suas incursões pelo mundo antigo que o autor se sente mais à vontade, o que não quer dizer que, nas histórias atuais e de ambiente carioca, não se revele sua capacidade de ficcionista, com estilo ameno e que se lê correntemente, com grande prazer, sempre.

★

SÊCA — Rubens Pery — Livraria Turista — Salvador - (Bahia). Chega-nos da Bahia êste livro de poemas cujo título não chegamos a interpretar. Realmente, «Sêca» por que? Lemos os poemas de Rubens Pery, que é um tradicionalista da forma, com grande afeição pelo soneto, quase sempre caprichoso de «enjambements», com bem achadas chaves, bastante equilibrados e, no geral, de fundo filosófico. Vimos, assim, que o poeta bahiano talvez tenha querido significar com o seu título que a sua poesia retoma a antiga «frieza» parnasiana, pois que parnasiana, de acôrdo com os preconceitos de nosso parnasianismo, é a sua poesia. O fenômeno é menos raro do que supomos, o que não impede que, na maneira tradicional, apareçam bons poetas, de legítimo merecimento. Assim, não será a retórica que impedirá o aparecimento de valôres, preferindo os gestos antigos, vez que tudo depende do conteúdo poético que vasem nos velhos moldes. O peor, entretanto, é a atitude polêmica dos tradicionalistas que insistem nessa fase superada, mantendo-se fiéis à tradição como um protesto contra as correntes atuais da poesia. O poeta de «Sêca» verseja com facilidade e, nos seus poemas dêste livro, podemos encontrar muitos momentos de verdadeira poesia. Entretanto, um pouco mais de liberdade, um pouco menos de versejação não lhe fazem falta. Antes, pelo contrário.

★

NOSSOS CAES — Albert Apfel — Edições Melhoramentos - S. Paulo Caso fôsse dado, à humanidade, o dom de transformar em criatura pensante e falante um só entre os animais, ao certo o escolhido seria o cão. As demonstrações de alegria, tristeza, mêdo, coragem, humildade e ternura que êle nos oferece, conforme as circunstâncias, impressionam de tal maneira, que não é exagêro considerar o cão — amigo leal! — o mais humano dos chamados irracionais.

Por isto mesmo é que nos encanta os olhos e o coração o desfile de raças caninas que se encontram no luxuoso álbum «Nossos Cães», trabalho de Albert Apfel, e realização gráfica das Edições Melhoramentos, em magnífico papel. Muitas das «fisionomias», que ali aparecem, exibem inteligência e beleza que nem sempre se acham em seres humanos.

★

O CORSARIO DUCLERC — Paulo A. Martins — Edições Melhoramentos — S. Paulo. A melhor maneira de ensinar história, tanto a crianças, como a adultos, é a de contá-la como quem conta histórias. Poucas datas e raros comentários. Mas, destacando as figuras e os fatos, com a significação real que devem ter êstes e aquelas.

O LIVRO ILUSTRADO



Desenho de Thomas Keogh para o livro «Meg», de Theodora Keogh, uma incursão no espírito de uma garôta, obra sem sentimentalismo, nem exagêro, que tem valido à sua autora os melhores elogios da crítica yankee.

A história do Brasil é bela, a miudo sacudida de epopéias não universalizadas porque são descritas em nossa língua — idioma que limita a fama. No gênero ideal de relatar acontecimentos do passado, em estilo que agrada e não se esquece, é o livro «O Corsário Duclerc», de Paulo de Azevedo Martins, edição da Melhoramentos, de S. Paulo. O sôpro épico dos salteadores dos mares, de esquadras que pirateavam, do heroísmo do Brasil-colônia é o sôpro que balança as páginas dessa obra simples e sugestiva, rica de evocações e que se lê como um romance de aventuras.

OUTROS LIVROS Há figuras que folclorizam — se assim se pode dizer. E uma delas é Malasartes ou, melhor, Pedro Malasartes.

Já os filólogos discutiram o étimo da palavra, esplicaram-lhe a origem, cada qual a seu modo. Todavia, o fato é que Malasartes, pelo seu espírito de iniciativa, pelo desembaraço com que se livra de situações críticas, pelo à-vontade eterno de sua simplicidade, é personagem popular.

Vem êle, aqui mais uma vez, ao nosso encontro, através do curioso livro (Edições Melhoramentos) de Hernani Donato, «Novas aventuras de Pedro Malasartes», em cujas páginas o bom-humor predomina gostosamente.

Ainda para os leitores pequenos e os adolescentes, em volumes também caprichosamente feitos, a Melhoramentos está apresentando «Pato Donald na escola», da série de Walt Disney, êsse genial músico e poeta do desenho, que tem um senso de humor digno de conquistar a felicidade; «Pêto, o pássaro esperto», de Lork Eidem, com algumas façanhas de tão vibrante habitante das florestas européias; e «Eu e o homem», de Engholm — o que um elefante pensar e dirá dos homens e das mulheres...

E' auspicioso o progresso verificado nos livros dedicados à infância e à juventude. Nota-se, não apenas o critério na escôlha dos assuntos, como o senso de arte da parte gráfica. Os livros, que acabamos de citar, confirmam tais palavras.

★

PUBLICAÇÕES

De Belo Horizonte chega-nos êste outro livro de poesia — «Azul e Branco», de José Valeriano Rodrigues. Voltando-se para os temas simples e próximos, seu lirismo tem como qualidade principal uma singelesa que o torna simpático e comunicativo. O poeta de «Azul e Branco», como está a indicar o próprio título de seus poemas, prefere as côres familiares, canta os quintais bucólicos das serras mineiras, a serenidade dos céus de sua Itaúna, a graça pura das colinas natais, onde os acontecimentos não têm dramas, onde o espírito flutua na luz mansa e leve dos altos pincaros, onde há até um rio que se chama Rio do Sôno e que deu a José Valeriano a oportunidade de um dos mais belos poemas dêste livro.

★

Músico, professor, teólogo, professor e médico, Albert Schweitzer é uma das mais estranhas e fascinantes figuras de apóstolo em nossos dias. Podendo viver à maneira de Mendes Fradique, «pôdre de civilização», condoeu-se das selvas africanas e rumou para lá, depois que a espôsa aprendeu enfermagem, para auxiliá-lo. Abandonou todos os confortos e todas as glórias rumorosas, para se dedicar a fundar hospitais e postos de socorro material e espiritual aos africanos.

Bela personalidade a dêsse vulto que, em seu livro «Decadência e Regeneração da Cultura (versão das Edições Melhoramentos, de Pedro de Almeida Moura), acentua com indiscutível agudeza: «Em todos os setores do saber de cada povo se trabalha com afinco para que todas as manifestações da sensibilidade, de sua compreensão e de sua maneira de pensar se destaquem com a maior evidência possivel».

E é tão radiosa a mocidade eterna de Albert Schweitzer, que parece de sua autoria aquilo dum observador: «Mostrem-me o rio do esquecimento das coisas más da vida, e encontrarei a fonte da juventude».

Que tipo magnífico êste, a desafiar os biógrafos modernos!

CINEMA E LITERATURA



Uma das obras primas da literatura recentemente trazidas ao cinema é «Ruy Blas», de Victor Hugo. A adatação é de Jean Cocteau e a direção de Piere Billon. O papel-título é interpretado por Jean Marais que se vê no clichê, na suntuosa indumentária de Don Cesar de Bazan, papel que êle também interpreta no filme.

★

NOTAS LITERÁRIAS

(Harold Smith)

Muitos livros recentes, discutindo os problemas do mundo moderno, têm tratado do papel que a educação deve desempenhar na solução dêsses mesmos problemas. Isso nos lembra o excelente tratado sôbre o assunto, "Education in a Divided World" (A educação em um Mundo Dividido) — publicado em 1948 — da autoria de James Bryant Conant, presidente da Harvard University. Nesse trabalho brilhante, o dr. Conant analisou os ideais e objetivos da democracia, e as modificações que deveriam ser feitas nos sistemas de educação para que aquêles objetivos fôssem alcançados. O dr. Conant salientou dois pontos importantes: 1) a educação deveria ser adaptada às necessidades reais da democracia, e não se limitar às necessidades de determinados grupos; e 2) as áreas que, apesar dos esforços próprios, não sejam capazes de prover a necessária educação, deveriam ser auxiliadas pelas áreas mais ricas. Não surgiu nenhuma discussão de mais valor sôbre o assunto desde que foi publicado o estudo do dr. Conant.

★

Dois psiquiatras de Washington acabam de terminar um livro que apresenta os resultados de seus estudos nas perversões sexuais, suas origens, e sua cura. Nesse novo estudo, cujo título é "Sexual Deviations" (Desvios Sexuais), os drs. Louis London e Frank Caprio acentuam não ser fácil determinar o que é normal e o que é anormal. A "normalidade" muitas vêzes depende sòmente de opiniões e costumes existentes. Entretanto, há muitos "desvios" em psicologia sexual que causam sintomas tais como os de piromania e de cleptomania. Os autores crêem que os desvios sexuais são causados principalmente pelo sentimento de falso pudor com o qual a sociedade moderna envolve as questões de sexo. Acreditam que a educação adequada é um preventivo contra a aberração sexual, a qual pode ser curada pela psicoterapia.

★

"POEMA DE OUTUBRO"

Pedimos muitas desculpas ao poeta Reinaldo Bairão por ter sido omitida sua assinatura no "Poema de Outubro", publicado nesta página no n. 48 da REVISTA DA SEMANA. Aqui fica, com as escusas pela falta involuntária, a informação que devíamos aos nossos leitores, identificando o autor de tão belo poema.



Foi naquele ano que começou a ser fabricado o Sabão Russo, isto é, há 120 anos. Poucos poderão avaliar o que se fêz em tão largo período na vida da coletividade. **Se o "Sabão Russo" falasse,** poderia contar tanta coisa... Como surgiram os trens de ferro, os bondes de burros e os bondes elétricos; a chegada dos primeiros navios a vapor, a iluminação a gás, o telefone, balões esféricos, automóveis, dirigíveis, aeroplanos. Use os produtos do grande Laboratório do Sabão Russo.

Líquido, sólido e em bastões para barba

Maior economia nos vidros grandes — 3 tamanhos — Um jardim de flores concentradas na ÁGUA DE COLÔNIA E SABONETE "107"

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

CONTO DE NATAL

(*Cont. da pág. 38*)

a fronte escaldar, sente o sangue latejar nas têmporas em desordenado pulsar.

E para cúmulo dos seus sofrimentos, para extravazar o cálice de amarguras que gôta a gôta o martirizava, viera o médico transmitir-lhe, na manhã daquele mesmo dia, Dia de Natal, a mais triste e desalentadora das noticias.

— Meu caro amigo Roberto, tenha um pouco de coragem. Infelizmente, tenho a dizer-lhe que sua filhinha não poderá andar tão cedo. Talvez só se submetendo a uma intervenção cirúrgica.

— Minha senhora já sabe? — perguntara.

— Já... sua senhora é de uma coragem inaudita. Seja o amigo também corajoso. Não se deixe dominar pelo desânimo. Festeje seu Natal dignamente; festeje-o como se sua filhinha estivesse forte e sã... isso trará proveito e beneficios a ela e ao meu bom amigo. Vou-me chegando. Meu bom Roberto... Boas-Festas e um Natal muito feliz; abraçando-o, despediu-se o médico.

Paralitica, sua filhinha aleijada. Quanto tempo, meu Deus? Talvez tôda a vida. Por que, bom Deus, por que castigar assim um lar onde teu divino nome é honrado e adorado? Por que ferir assim, com tanta crueldade, um coração de pai, que sempre pautou a vida no caminho do dever e da virtude cristã?

A meiga e doce Marilu aleijada! — fundo soluço soergue-lhe o peito, e sentidas lágrimas transvazam, transbordam de seus olhos, e descem em catadupas por suas faces descoradas.

E Roberto Mário deixa-se ficar, derreado no duro banco. Junto a êle, passam e perpassam transeuntes sopesando volumosos embrulhos — festas de Natal! e êle não os vê. Perto dêle transitam alacres passarinhos infantis, trazendo o presente do Papai Noel... e Roberto deixa-os passar, sem os ver, sem perceber que existem sêres humanos; sabendo sòmente que mora em seu coração uma imensa mágoa que o devora, tortura e mata.

Longo tempo permanece, alheio a tudo, apático e sem vida.

Cai a tarde. As primeiras névoas crepusculares franjem a frança do arvoredo. Cobrem a terra as sombras da noite. Com o cair da noite, diminui a vida trepidante da cidade; escasseiam os transeuntes. E Roberto Mário, indiferente à vida, nada vê, nada percebe.

Súbito, as lentas badaladas do campanário de S. Francisco, acordam-no do seu torpor.

— Meu Deus!... Como é tarde. Preciso voltar para casa — (e tremente) — Paciência; se nada devo, a culpa não é minha, e sim do destino que tão duramente me castiga.

Em passos hesitantes, alma vazia como vazia trazia a sua carteira, dirigiu-se ao seu lar, onde talvez àquela hora o aguardam, pressurosos, os filhos, na expectativa de alguma lembrança de Natal!... Pobres filhos!... Pobres crianças!...

Longo e martirizante foi o caminho de retôrno ao lar querido. Via-sacra, onde havia desânimo, desilusão e uma pena infinita dos queridos filhos, a quem extremosamente adorava.

Ei-lo, enfim, chegado perto de sua casa, ao seu lar adorado, onde sempre reinava a paz e a alegria.

Cautelosamente, a mêdo, como se fôra um malfeitor, abre o portão do quintal. Pianissimo, bem baixinho, ouve as vozes dos filhos, ao piano — no velho Pleyel, entoarem:

Os móveis representam a vida do seu lar, e óleo de peroba a vida dos seus móveis.

Quanto mais velhos forem os seus móveis mais bonitos se tornarão com óleo de peroba.

Noite Feliz... Noite Feliz.

★

Lágrimas incontidas, vêm-lhe, sem querer, aos olhos: — Pobres filhos! Cantem, afoguem, na música mais linda, a tristeza do mais triste e pobre Natal, que vocês já tiveram! Cantem, cantem, meus filhos!

Em silêncio sobe a escada da varanda, e, mão no ferrôlho da porta, entrepara, um momento, encorajando-se, tomando novo alento, para enfrentar a triste realidade.

Súbito, sem que soubesse como, sem que abrisse a porta, esta se escancara de par em par... e algo estonteante surge-lhe aos olhos arregalados, esgazeados pelo espanto.

No meio, bem no meio da sala de estar, ostenta-se linda e grande árvore de Natal, igual, igualzinha a do seu sonho dourado; espalhando luz, vida e alegria por tôda a sala. Junto a ela e em seu redor, acumularam-se embrulhos — presentes de Papai Noel, que como nos anos anteriores, serão distribuidos à hora da ceia.

Não acreditando bem no que via, esfrega fortemente os olhos; abrindo-os, abrindo-os bem, para ver, para admirar a bela árvore de Natal, com que tanto sonhara, que tão longamente almejara.

Junto ao piano, cantavam os filhos, com vida, unção, amor e entusiasmo:

Noite Feliz, Noite Feliz
Ó Jesus, Deus da Luz.

....

Dorme em paz, ó Jesus
Dorme em paz, ó Jesus.

Pela porta entreaberta da sala, vê Roberto Mário posta a mesa da ceia onde, sôbre alva toalha, destacam-se os manjares tão gratos ao seu paladar, tão queridos ao seu coração.

— Mas... minha querida — consegue afinal dizer — para que tanto gasto! Eu estou sem dinheiro... não devias...

— Ora, Roberto — interrompe sorrindo a boa espôsa — hoje é dia de Natal. Era preciso festejar essa data. Não podiamos deixar passar sem uma comemoração condigna a maior festa da Cristandade. Quanto aos gastos; que isso não te cause reparo, nem te amofine; eu e os meninos guardamos um pouco cada mês... e é êsse dinheiro economizado, que tão boamente gastamos hoje.

— E Marilu? — pergunta Roberto.

— Dorme, dorme em paz. Não calculas como tem estado alegre, hoje, com os preparativos da festa.

— Mas o médico disse...

— Deixa para lá o que o médico disse. Hoje não se pensa em coisas tristes. O dia de hoje é um dia alegre, intensamente feliz.

— Papai, papai! — interrompem os meninos em alvorôço. — Nós queremos os nossos presentes, queremos as nossas festas.

— Esperem, meus filhos, deixem-me aprontar primeiro; depois cearemos.

— Não papai... primeiro os presentes e depois o senhor se preparará para a ceia. —e em côro, cantam os meninos alegremente: — Queremos os presentes!... Queremos os nossos presentes!

A alegria, como a tristeza, contamina e contagia. Roberto Mário deixa-se dominar pela alegria reinante, e cede, sorrindo!

— Pois bem, meus filhos, vamos à distribuição dos presentes. Primeiro será a festa que Papai Noel trouxe para a boa mamãe... onde está?

— Não, não! — volveram os filhos. — Primeiro será o presente de papai. O senhor, como o mais velho da familia e o chefe da casa, deve ser o primeiro.

FÁBRICA DE CANOS DE CHUMBO

METAIS: LINOTIPO — MONOTIPO — ESTEREOTIPO — ANTI - FRICÇÃO (PATENTES), ETC.

S. CRIVANO FILHO

TELEFONE 48-5630

ESCRITÓRIO e FÁBRICA:

RUA ANTUNES MACIEL, 25-25-A

RIO DE JANEIRO

Querendo ver os seus móveis sempre novos conserve-os com óleo de peroba.

— Está bem, está certo, seja — concorda o bom pai, pacientemente, cedendo à vontade dos filhos, que naquele momento mandavam mais do que êle mesmo.

— Papai — intima Luiza, a filha mais velha — feche os olhos, e só torne a abri-los quando eu contar três. Feito?

— Combinado — cerrando os olhos Roberto espera a contagem, finda a qual verá... o quê?... Um pijama novo?... Um par de sapatos?... ou algum livro, há muito desejado? Que lhe trará o bom Velhinho êste ano?

Suave melodia embalsama o ambiente. São os acordes da Noite Feliz, suavemente executado pelo primogênito, o músico da família.

— Um... dois... e... e... três.

Roberto Mário, com um sorriso à flor dos lábios reabre os olhos... arregala-os... escancara-os; julgando-se prêso de intensa alucinação. Impossivel acreditar no que viam seus olhos dilatados pelo mais assombroso espanto.

Esfrega os olhos... fecha-os, reabre-os, tonto, não querendo acreditar no que via.

— Será possivel?... Meu Deus! Deve ser um anjo descido do céu, para trazer um presente do Menino Deus, para minha boa e querida Marilu.

— Marilu!... Marilu! — num grito angustioso de compreensão, dilata-se o seu peito.

Com trêmula mão afasta a cortina de lágrimas que lhe franjam os olhos... e olha... olha alucinadamente, e vê... vê, com pasmo, com asombro, sua filhinha querida, sua boa Marilu, em pé, ao lado da árvore de Natal, e que em passos vacilantes se dirige para êle.

De camisolinha branca, braços abertos, em passinhos hesitantes, assemelha-se mais a um anjo de Deus, alçando vôo para o céu.

A emoção é demasiadamente violenta para o pobre coração paterno, tão exausto e esgotado pelos sofrimentos. Sem voz, bôca aberta, espera, com a fisionomia transtornada, a vinda da filhinha doente, que em passos, agora, mais seguros, dêle se aproxima.

Vencido pela comoção Roberto verga os joelhos e cai, cai ajoelhado, à espera dos votos de Boas-Festas que lhe trará a boa Marilu.

Mil pensamentos se entrecruzam em sua mente, escaldante: Mas o médico disse!... Imposivel!... Paralitica!... Sonho?... Que será, meu Deus!...

Curtíssima é a distância que o separa da filhinha querida... Já ouve os votos de Feliz Natal, formulados pela menina, que sorri, sorri do seu asombro, da sua fisionomia transfigurada.

Roberto Mário não se pode conter. Abre os braços e é soluçando como um louco que recebe aquêle corpo adorado, que aperta, abraça e beija delirantemente.

Para os céus, para o bom Menino Deus volve o rosto banhado em lágrimas, e num olhar em que há amor, gratidão, arrependimento, exprime todo o reconhecimento da hora intensamente feliz, que está vivendo.

E abraçando a filhinha adorada, soluça e chora como uma criança.

Ouve-se, novamente a suave melodia do canto natalino. Mas há tremuras nas vozes que o entoam; há lágrimas em todos os olhos; mas há também muita alegria nos corações, porque aquela é uma noite santa e bendita, aquela é verdadeiramente uma:

Noite Feliz! Noite Feliz
Ó Senhor Deus do amor

. . . .

E a nós todos salvar
E a nós todos salvar.

REVELAÇÃO

(Cont. da pág. 50)

ver como o acabrunhara a perda da espôsa que meu cérebro creio que paralisou. Não dirigia os movimentos que eu fazia e assim, fui andando a êsmo, só me apercebendo disso, quando alguém de um automóvel gritou qualquer coisa para mim.

. . . .

. . . .

A chuva continuava teimosa e fria e o vento zunia pelas frestas do galpão.

. . . .

. . . .

— Que frio — observou o dr. Juarez, esfregando as mãos.

— De fato, mas continue a sua história, e depois eu lhe tirarei uma xicara de café bem quente — pediu o Zeca.

— Está bem. Continuarei. Passaram-se nove longos anos sem que visse Carlos Eugênio novamente, pois afastei-me da capital para montar uma usina elétrica no interior do Estado. Sabia apenas, que êle seguira em viagem de estudos para os Estados Unidos. Admirei-me, porquanto êle sempre dizia que havia de se fazer sem precisar lançar mão de cursos no estrangeiro, mas, enfim...

Contaram-me mais tarde o episódio que o fêz mudar de idéia. Alguns anos depois da morte da espôsa, ainda completamente desolado, resolveu abrir u'a mala onde estava guardado o que lhe pertencia. Cada objeto, cada peça de roupa retirada, emocionava-o como se a própria saudade pretendesse dilacerar o seu aflito coração. Parecia ouvi-la dizer como sempre: — "Você acha que eu estou bem bonita mesmo?"... e o seu sorriso gracioso... e o seu rostinho mimoso que ela gostava de esconder atrás dêste leque de plumas, hoje tão amarelado... e as suas doces explosões de ciúmes... Meu Deus, quanta saudade. Era isso que consigo mesmo pensava Carlos Eugênio ao abrir aquêle relicário de recordações.

Afinal, deparou com um livro. Um livro? Não, era um "diário".

Abriu-o vagarosamente, temendo não sei o que e começou a ler aquelas páginas que ela escrevera e que o tempo já começava a amarelar.

Era um livro luxuosamente encadernado e que ela recebera no dia em que fêz quinze anos. Via-se a data em letras douradas e a dedicatória: "Para minha filha descrever a sua vida, oferece papai."

Começara-o no dia imediato ao aniversário. Sucediam-se, então, pequenos incidentes da vida da escola, uma ou outra festinha de amigas, descrição de uma viagem a São Paulo e mais um ou outro fato de menor importância.

Carlos Eugênio folheava lentamente aquelas páginas de um passado já morto, mas que ainda permanecia tão vivo em sua memória... Chegou, afinal, a página onde ela descrevia seu primeiro encontro com êle, no baile de carnaval e, assim, de um em um os aspectos diversos da vida de ambos até o casamento. Por fim, descrevia uma viagem que o marido fizera precipitadamente e na qual ela não pudera acompanhá-lo. Surpreendeu-o, aí, a dolorosa revelação. Quase não podia crer no que via. A espôsa que êle adorava, traira-o, traira-o miseràvelmente e contava com detalhes as culminâncias do seu ato. Fôra em sua ausência, quando êle necessitara afastar-se... E o filho? Leu sôfregamente mais algumas páginas e teve a resposta à sua dúvida. Êle não era seu. Era do seu maior amigo... Num bilhete dirigido ao outro ela pedia que, caso morresse, não deixasse o seu filho com Carlos Eugênio. O pai é que deveria cuidá-lo. Nem ao

A ornamentação do lar re ume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

Natal
Festa das Familias.
Festa da Cristandade

Artigos finos
para cavalheiros
de bom gôsto

★

Grande e variado
sortimento para as
festas de Natal e
Ano Novo

A TORRE EIFFEL
Ouvidor
97 - 99

Metais não ferrosos — Canos de chumbo — Bobinas de cobre — Chapas de cobre, Latão, Alumínio — ZINCO PARA CLICHÊS

METAIS MADUREIRA LTDA.

(Metais em geral)

RUA FIGUEIRA DE MELO, 256-A
São Cristóvão ★ Fone 48-6344 ★ RIO

BANCO DO BRASIL S. A.

(1808 – 1950)

SEDE — RUA 1º DE MARÇO, N. 66 — RIO DE JANEIRO (DF)

Taxas de depósitos

Depósito sem limite	2 %	a.a.
Depósitos populares		
Limite de Cr$ 10.000,00	4 ½ %	"
Depósitos limitados		
Limite de Cr$ 50.000,00	4 %	"
Limite de Cr$ 100.000,00	3 %	"
Depósitos a prazo fixo:		
Por 12 meses	5 %	"
Com retirada mensal de juros:		
Por 12 meses	4 ½ %	"
Depósitos de aviso prévio:		
30 dias	3 ½ %	"
60 dias	4 %	"
90 dias	4 ½ %	"
Letras a prêmio (sêlo proporcional)		
Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.		

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantem filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1.º de Março n. 66, mais as seguintes:

BANDEIRA, Rua Mariz e Barros n. 44 — BOTAFOGO, Rua Voluntários da Pátria, n. 449 — CAMPO GRANDE, Rua Campo Grande, n. 100 — COPACABANA, Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n. 1.292 — GLÓRIA, Rua do Catete, n. 238-A — MADUREIRA, Rua Carvalho de Souza, n. 299 — MÉIER, Avenida Amaro Cavalcânti, n. 95 — RAMOS, Rua Leopoldina Rêgo, n. 78 — SÃO CRISTÓVÃO, Rua Figueira de Melo, n. 360 (esquina da Rua São Cristóvão) — SAÚDE, Rua do Livramento, n. 63 — TIJUCA, Rua General Roca, n. 661 — TIRADENTES, Avenida Gomes Freire, n. 196.

Além das operações normais, a Agência Metropolitana da Glória está habilitada a receber depósitos fora das horas de expediente, quer durante o dia, quer à noite, utilizando-se do Receptor Automático instalado na referida Agência, e a Metropolitana de Copacabana oferece, mediante módico aluguel mensal, cofres de vários tipos para guarda de valores (títulos, jóias, etc.), em casa-forte dotada de moderno equipamento.

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.

SUCC. DE L.B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS Ns. 28 a 42 — RIO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS

CHAPAS de ferro PRETAS, GALVANIZADAS e CORRUGADAS para portas de aço e coberturas — FERRO em barra chato — VERGALHÕES redondos e quadrados — CANTONEIRAS L—T—U — EIXOS para transmissões — VIGAS I e U — AÇO em barras, vergalhões e em lâminas para portas — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeiras de tôdas as grossuras e comprimento e outros materiais do ramo.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

OFICINAS mecânicas em geral — COFRES e portas para casas fortes — FOGÕES a gás, lenha e carvão de todos os tamanhos, marca PROGRESSO — FOGAREIROS a gás, carvão e álcool — PRENSAS para ladrilhos e escritórios — CADEIRAS para barbeiro e dentista, ALMEIDA PINHO — BANCOS para jardins — FERROS PARA ENGOMAR a carvão e gás, marca IDEAL — TAMPÕES e RALOS para esgôto e seus pertences — CAIXAS PARA GORDURA, CAIXAS AUTOMÁTICAS — PANELAS para cola — COLUNAS de ferro fundido para iluminação de jardim.

TELEFONES — MESA TRONCO: 52-2104 — Secção de Vendas: 52-2102 e 22-0409 — Expedição: 22-1534 — Secção Técnica: 52-2103 — Contabilidade: 22-1342 e 22-2549

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

ARTIGOS DE PRATA, APARELHOS DE JANTAR, CHÁ E CAFÉ DE FINA PORCELANA E NOTÁVEL VARIEDADE DE ARTIGOS FINOS PARA

Presentes de Festas

Agradecendo a preferência dispensada durante êste ano, a PRINCEZA dos CRISTAIS aproveita para desejar aos seus distintos fregueses e amigos, um NATAL cheio de felicidades e um NOVO ANO repleto de venturas.

PRINCEZA DOS CRISTAIS

ASSEMBLÉIA, 90 e SETE DE SETEMBRO, 97

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

menos ela quisera lhe dar a impressão de que se arrependera. Sustentava o que fizera, como se fôsse a coisa mais natural do mundo. Desde então, Carlos Eugênio morreu para o mundo... Felizmente, — concluiu o narrador — o filho dêsse êrro não sobreviveu para fazê-lo sofrer mais ainda.

O dr. Juarez terminou a narração, e um pesado silêncio envolveu o ambiente.

— E', a vida é assim mesmo... foi a singela observação do coronel Silvério. O silêncio se fêz mais profundo, ninguém mais falou, e podia-se ouvir o tic, tic, tic, das gotinhas caidas da beira do telhado que teimavam em tirar a calma das poças d'água.

....

A chuva passara, e no céu muito limpo, muito azul, um arco-iris passeava exibindo a sua linda vestimenta de sete côres.

Não havia o menor vestígio do temporal, apenas o que embalsamava o ar era um leve e suave perfume de terra umedecida. Passara a chuva, como passa tudo que é bom ou mau na vida, às vêzes, sem deixar recordação, outras vêzes deixando uma desilusão, uma saudade, ou apenas um vago perfume, nada mais...

A VIDA DE EVANGELINE...

(Cont da pág. 79)

formidável coragem tinha-se tornado lendária para os vizinhos. Tôdas as manhãs ela descia pela estrada no seu cavalo *Goldenlocks* até passar o cemitério de cachorros, exatamente quando os sinos da igreja batiam as horas. Dava mergulhos no lago George vestida da cabeça aos pés. Certa vez nadou quatro milhas com um tornozelo quebrado metido num aparelho de gêsso. Uma criatura forte e meiga! Um anjo de caridade que podia suportar cravos na sua carne, se fôsse necessário. E era também poetisa. Inspirada pela noite, escrevia hinos religiosos para o Exército. Compunha canções na sua harpa com o espirito de um trovador medieval. Uma mulher purificante para a cinica e miope terceira década do século. Encarava o sol como a chama da vida, enquanto muitas outras pessoas o trocavam por uma moeda de cinco dólares.

E na década seguinte, quando o mundo se tornou noturno, foi com a energia dum cruzado enfrentando um novo alvorecer que ela correspondeu ao chamado para assumir a chefia universal do Exército da Salvação. Embarcou de volta a Londres, onde fizera seu primeiro longo estágio de serviço contra a miséria e a doença.

Finalmente, em 1939, renunciou ao comando do exército e se retirou para a sua casa em Nova York. E de novo a guerra assaltou o mundo. Mas a generala do combatente Exército da Salvação não perdeu sua fé em que os homens de boa-vontade estão destinados a dirigir a remodelação do mundo. Não tem receio da luta. Seu próprio exército mostrou o caminho. "Não se deve abolir o instinto de luta no homem, mas fazê-lo atacar seus *verdadeiros* inimigos. Mobilizá-lo para o bem-estar. E dia virá em que seu militarismo se transformará numa longa era de felicidade."

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE EVANGELINE BOOTH

1865 — Nasceu na Inglaterra.
1878 — Incorporou-se ao Exército da Salvação, em Londres.
1904 — Tornou-se chefe do Exército da Salvação nos Estados-Unidos.
1917 — Enviou as "moças" para assistirem os soldados na frente de batalha.
1934 — Foi eleita comandante-em-chefe do Exército da Salvação mundial.
1939 — Retirou-se para a sua casa em Hartsdale, Nova York.

UMA VIAGEM...

(Cont. da pág. 49)

compiladas durante a filmagem. Não assumiremos, aliás, qualquer responsabilidade, nem compromisso, sôbre o custo e cálculos, por serem, como é natural, teórico.

Como o fator pêso é de importância primordial, uma vez que a decolagem de regresso terá que se efetuar com um pêso *seis vêzes menor* que o da terra à lua, os motores de propulsão atômica a jato terão que ser construidos de custosos metais levissimos e o mesmo acontecerá com a complicada estrutura interna da "lunave". Grandes quantidades de oxigênio terão de ser armazenadas para que os passageiros respirem, logo que a "lunave" atinja o espaço exterior. Na lua todos os viajantes terão de respirar por meio de tanques de oxigênio portáteis, pois como já dissemos, não existe atmosfera na lua. Terão também de se munir de trajes especiais e botas magnéticas. O número de passageiros de uma "lunave" terá forçosamente de ser reduzido, devido ao pêso. Por isso, a passagem terá custo elevado. Mas, como o desejo de chegar até a lua é grande, os candidatos não discutirão preço...

HAVERÁ MUITOS QUE SE AVENTUREM A ESSA VIAGEM?

Os cientistas serão talvez os primeiros, seguidos logo pelos interesados em estabelecer linhas regulares de transporte interplanetário. Como passageiros, teremos naturalmente em primeiro lugar os que gostam de fazer "farol" e ser os pioneiros. Outros pensarão nessa viagem com o intuito de fugir às atribulações terrenas e haverá ainda os que, a principio, pensarão nela como tentativa de suicidio... Porém, com a prática, virá a segurança e será estabelecido o turismo interplanetário, de certo a preços convenientes...

DETALHES E INFOMAÇÕES LUNARES

Muitos regionalismos e barbarismos, bem como outros "ismos" do nosso léxico terão de sofrer modificação ao se aplicarem à lua. Ninguém lá, por exemplo, poderá dizer que isto ou aquilo tem mau cheiro, pois não será compreendido... Lá não existe o sentido do olfato, pois não há atmosfera... Por isso os fabricantes de perfumes podem esquecer a lua como mercado... Os batons terão de ser cinzentos devido ao ambiente lunar... Entretanto, para os gordos a lua é um paraiso. Quem pesa aqui 150 quilos, lá pesará 25!... Também o próprio filme em technicolor seria na lua um fracasso, pois tudo nesse planêta é cinzento. E quem poderia jogar gôlfe na lua com tanta cratera? Por outro lado um saltador de vara ficará abismado com a altura que poderá saltar... Se na terra 4,57 metros é um recorde na lua êle, sem esfôrço, saltaria 27,43 metros!...

A lua será o lugar ideal para quem tiver os nervos abalados, pois o silêncio é absoluto e a cura rápida. E' de crer, por isso, que uma vez vencidas as primeiras etapas e dificuldades técnicas, o turismo para lua e o estabelecimento de estações de repouso ali seja uma coisa de fato... Ao mesmo tempo não recomendariamos o nosso satélite lunar aos cantores de rádio ou de ópera...

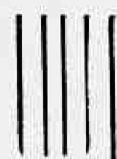
Outro conselho aos candidatos é que não se preocupem com a fato de terem de carregar às costas, na lua, um tanque de oxigênio todo o tempo. O pêso será muitas vêzes menor que na terra e será fácil de acostumar. Naturalmente, as senhoras usarão tanques de oxigênio mais elegantes... Deixaremos êsse detalhe para os industriais que saberão como resolver o caso.

Mantenha os seus móveis bem lustrusos, aplicando com uma flanela, óleo de peroba.

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

TACOS DE 1 QUALIDADE COLOCAÇÃO ESMERADA

ALBINO MESQUITA & CIA.



Rua D. Manoel, 22 e 26

Telefone: 42-1427

RIO DE JANEIRO

A VIDA DE CHARLOTTE...

(Cont. da pág. 83)

sa natural", dissera Charlotte a suas irmãs. "Provarei que êles estão errados. Vou mostrar uma heroína tão simples e obscura como eu mesma".

Uma quinzena após a publicação do livro, as salas de concêrto e as casas de chá eram percorridas por um zum-zum de satisfação e perplexidade excitantes. Quem era aquêle autor que se chamava de *Currel Bell* — evidentemente um pseudônimo — que se atrevera a escrever, contra tôdas as convenções, uma história de amor de uma simples governanta apaixonada por um homem casado com uma mulher demente? Seria obra de um cínico? Poucos supunham tratar-se da obra de uma mulher.

Thackeray, que se regozijava no momento com um livro "igualmente anti-convencional" que acabara de escrever e que tinha grande venda, reconheceu que surgia um gênio semelhante ao dele. Com um arreganho de sátiro enviou ao "autor" de *Jane Eyre* um exemplar de *Vanity Fair* (*) com dedicatória. Saberia êle que aquêle livro fôra ecrito pela filha dum reverendo?

Charlotte Brontë retribuiu a gentileza dedicando a segunda edição de seu livro a Thackeray. E o público inglês, ciente agora da identidade dela, julgou que ela devia ser amante de Thackeray, porque "duas almas assim ardendo em fogo" não podiam viver muito tempo separadas neste mundo.

Mas nem Thackeray nem ninguém mais era capaz de adivinhar as verdadeiras proporções do melodrama que era a vida de Charlotte.

Enquanto "Currer Bell" experimentava a glória nas livrarias, Charlotte Brontë passava aflição em casa. Branwell, que desempenhava o papel da mais grotesca das sombras em Haworth, morrera aos trinta e um anos. Tinha ido a Londres dedicar-se à pintura, e se entregara à libertinagem com seus companheiros artistas. Conseguira uma posição de preceptor dos filhos de um ricaço e fôra despedido ao ser descoberto o seu plano de fugir com a mãe das crianças. Trabalhara algum tempo como agente duma estação da estrada de ferro. Mas quando o fiscal examinou os livros de escrituração achou, em lugar do registo do dinheiro entrado, nada mais do que esboços da cabeça e do busto de Vênus e fragmentos de poesia. Depois, quando Branwell ancançara a estabilidade do aprêço do mundo, traduzira as *Odes* de Horácio para o mais apurado e poético inglês, bebera um último trago e passara para o outro mundo. Seus olhos olhavam como se seu coração tivesse rebentado com a tremenda pergunta: "Qual é o sentido de tudo isto?"

Poucas semanas mais tarde, Emily, a de olhos escuros, seguiu-o na viagem para o além. Tímida, retraída como uma peônia na sala, os lábios silenciosos mas o coração como uma catedral em fogo, ela escrevera um livro intitulado *Wuthering Heights* (*) com tão pouco barulho como quando batia manteiga. Em tôda a sua vida ela nunca protelara qualquer tarefa que tinha pela frente; também agora não protelou. Atendeu às vozes que clamavam das charnecas para os redemoinhos do vento; seu cão Keeper ladrou em vão para que ela voltasse à casa.

Um mês depois, Anne, "a pequenina", tossiu como Emily tossira. Era a tísica fatal! Charlotte carregou-a para o litoral, com loucas esperanças de que o ar do mar pudesse salvar a irmã. Mas Anne não tinha ilusões. Pegou a mão de Charlotte e murmurou:

— Coragem!

Os navios distantes "reluziam no mar como ouro polido", na tarde em que ela morreu. Charlotte manteve-se de pé exposta à luz do sol poente. Cabisbaixa e alheia ouviu as palavras que Emily lançara dentro da noite:

(*) Feira das Vaidades.
(*) Morro dos Ventos Uivantes.

★

Mantenha os seus móveis bem lustrusos, aplicando com uma flanela, óleo de peroba.

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

★

Embora terra e lua fôssem idas,
E sóis e astros não mais brilhassem por aqui,
E só ficasses, longe dessas vidas,
Inda assim cada existência existiria em Ti.

VI

Uma tarde, o lacaio da casa de Mrs. Harriet Martineau anunciou uma "Miss Brogden" aos presentes. Entrou em seguida "a mais delgada senhora que os convidados já tinham visto exceto numa feira". A senhora dera seu nome em voz tão baixa, que o lacaio o entendera mal. Tratava-se de "Miss Broute", a convidada de honra em pessoa. Miss Brontë estendeu para a dona da casa uma mão fria e magra, "semelhante à unha de um passarinho", e sentou-se a um canto retirado. Ousara um sábado sair de Haworth, onde vivia mergulhada, para fazer uma tímida visita a seus editôres, Simith e Eider, na Paternoster Row. Êles fizeram uso de todo o seu poder de persuasão para convencê-la a trilhar o caminho de uma celebridade: visitas à National Gallery jantares fora da cidade, conferências, esplêndidos aposentos em Londres, "dia e noite um fogo na lareira do quarto e velas de cêra". Os conhecedores do ofício ansiavam por fazer daquela ovelha uma leoa. Miss Brontë, porém, "parecia não ter o mínimo desejo feminino de agradar". Recusava-se simplesmente a fazer ruído. Uma roda de distintas pessoas reuniu-se na residência de Mr. Thackeray para ouvir a "brilhante conversa" de Miss Brontë. Durante várias horas ninguém abriu a bôca. Afinal, uma senhora voltou-se aflita para a silenciosa autora que se achava no sofá:

— Gosta de Londres, Miss Brontë?

Miss Brontë contraiu os lábios e manteve sua resposta suspensa dramàticamente por um instante, enquanto concentrava os pensamentos. Tôdas as respirações pararam.

— Sim, e não — respondeu ela.

Em conseqüência disso, Mr. Trackeray levantou se, desculpou-se com os seus convidados, e dirigiu-se ao clube para se embriagar.

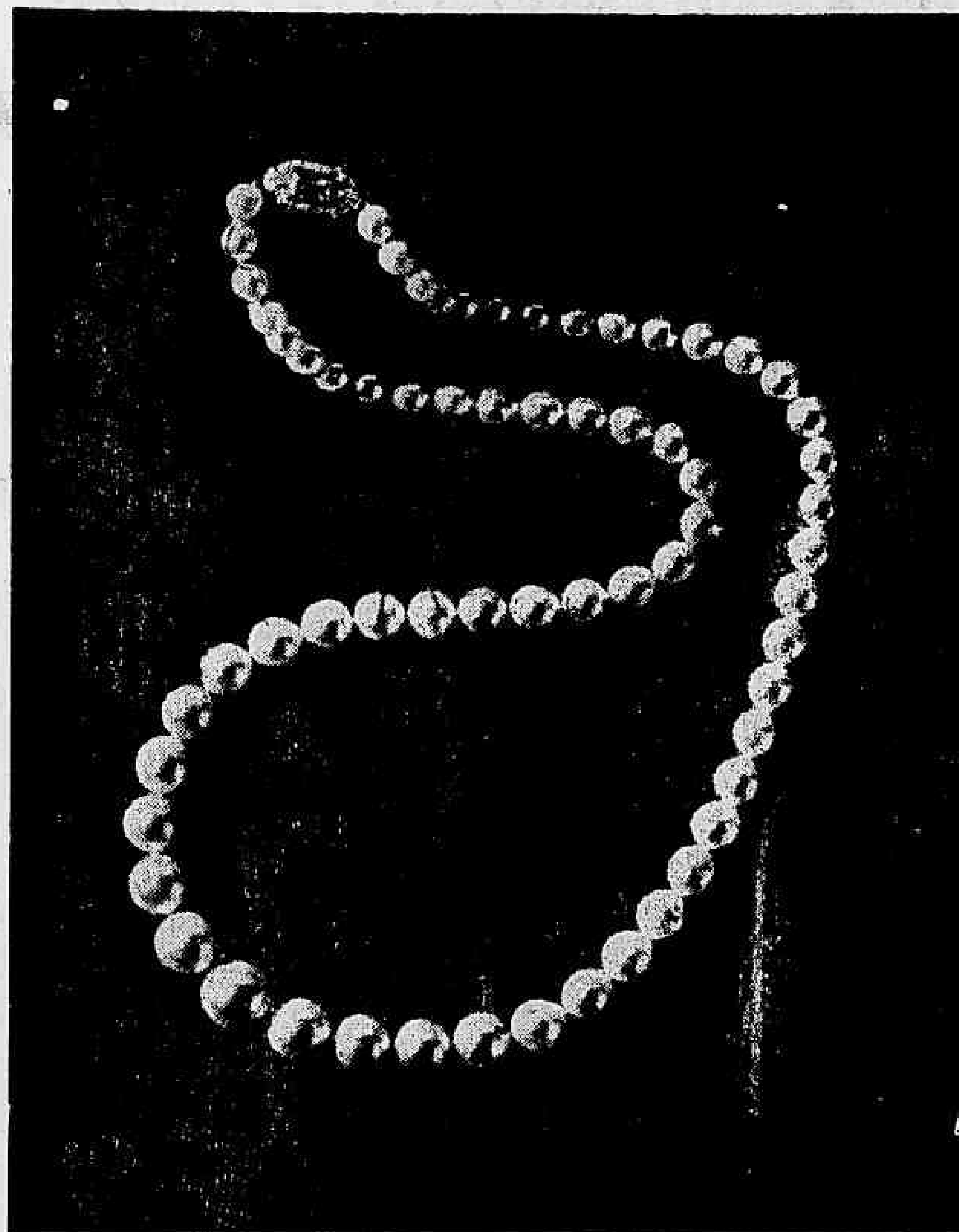
Ela desejava "poder esconder-se debaixo da mobília". A presença de gente fazia-a sofrer física mente. Na ópera, nas conferências públicas, a "nata" da sociedade abria alas e ficava boquiaberta quando ela passava; e ela tremia apoiada ao braço de quem a acompanhava. Finalmente, quando seus editôres deixaram-na escolher suas próprias distrações e visitar a espécie de gente que ela realmente queria ver, dirigiu-se a duas prisões: o Asilo de Enjeitados e o Hospício Belém. Fêz uma última concessão, entretanto; à sociedade de Regent Park. Posou para a execução de um retrato por Richmond, o qual não conseguiu apanhar a permanente melancolia dos olhos dela. Em seguida, voltou para Haworth.

Dois outros livros brotaram da sua pena, seguindo-se a *Jane Eyre;* livros escritos "dolorosamente, como que talhados da sua própria carne". Ela retomou os fios da meada da sua autobiografia desde os dias em que fôra governanta em Londres. Escreveu *Shirley*, um livro evocativo de sua irmã Emily e dos coadjutores eclesiásticos que se abancavam e gracejavam na sala de visitas, quando a vida ainda era uma interrogação. Um dêsses coadjutores fôra um pretendente verdadeiramente tímido. Enviara cartas anônimas no dia de São Valentim a tôdas as irmãs, pois não queria "embaraçar" aquela a quem efetivamente amava. Agora estava morto e seu segrêdo jazia com êle debaixo da terra. Tudo pertencia ao passado; ao presente só restavam recordações.

A seguir ela evocou sua viagem à Bélgica e o pensionato do professor Héger. Quando escreveu *Villette*, o ambiente estava tão sossegado, que "se podia ouvir o tique-taque do relógio na cozinha, ou o zumbido de uma môsca na sala, em qualquer ponto da casa".

Quietude — e inquietação. Quando as pessoas que tinham escalado o caminho exposto ao vento para visitá-la em Haworth deitavam-se, à noite, ouviam os passos dela no assoalho até adormecerem.

Quantos anos tinha aquela mulher? indaga-



Joalheria LA ROYALE

Avenida Rio Branco, 138-B Tel. 42-0564

RIO DE JANEIRO

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitada pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar - para garantir o seu bom humor diário. Combate a prisão de ventre

"SAL DE FRUCTA"

ENO

ORLANDO ANTONIO DE AZEVEDO

Comissões — Consignações

Representações — Conta Própria



CIA. GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO (Cia. VELHA — PÔRTO) ★ M. SALDANHA & CIA. LTDA. (LISBOA) ★ H.M. BORGES, SUCRS. LTDA. (FUNCHAL) ★ ALBINO FELIPE BARBOSA (PÔRTO)



TRAVESSA DO COMÉRCIO, 26 — 1º (Esq. da rua do Ouvidor)
TELEFONE 23-0691 — RIO DE JANEIRO



BANCO DO POVO S/A

INSTALADO EM 27 DE ABRIL DE 1920
Carta Patente n. 410, de 24 de outubro de 1946
MATRIZ: RECIFE — PERNAMBUCO

CAPITAL	Cr$ 50.000.000.00
CAPITAL REALIZADO	Cr$ 35.097.700.00
FUNDO DE RESERVA	Cr$ 10.000.000,00
FUNDO DE DEPRECIAÇÃO DE IMÓVEIS	Cr$ 1.400.000,00
FUNDO DE DEPRECIAÇÃO DE MÓVEIS E UTENSÍLIOS	Cr$ 1.861.676,70
FUNDO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL AOS FUNCIONÁRIOS	Cr$ 600.000,00
LUCROS SUSPENSOS	Cr$ 1.233.802,40

DIRETORIA
Affonso de Albuquerque — Presidente; Antonio Alvares de Carvalho Lages — Vice-Presidente; Antonio Martins do Eirado — 1.º Secretário; Dr. Luiz Inácio Pessôa de Melo —— 2.º Secretário

SUPLENTES DE DIRETORES
Guilherme da Cunha Rego — Joaquim Gonçalves Ribeiro — Dr. João Cleophas de Oliveira — Manoel Caetano de Britto

CONSELHO FISCAL
José Othon de Albuquerque — João da Costa Ramos — Constantino Asfora

SUPERINTENDENTE — Miguel Gastão de Oliveira

GERENTES: — Dr. Renato Pires Ferreira e José Adelmar Soares de Avelar

FILIAIS: — JOÃO PESSÔA e CAMPINA GRANDE (Estado da Paraíba) — NATAL (Estado do Rio Grande do Norte) — MACEIÓ (Estado de Alagoas) e CIDADE DO SALVADOR (Estado da Bahia)

Agências em: GARANHUNS, CARUARU e NAZARÉ DA MATA (Pernambuco)
Escritórios em: BEZERROS, PESQUEIRA e SERTÂNIA (Pernambuco)

O Banco se encarrega da cobrança de títulos em tôdas as praças do País e oferece as melhores taxas para depósitos

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.



vam em Londres. Perto de quarenta. Mas aquêles que a viam afirmavam que ela parecia estar mais perto dos sessenta. Muitíssimo velha para um caso romântico.

Não obstante, propalaram-se rumores de que um clérigo das redondezas fizera-lhe uma declaração de amor. Os rumores tinham base na verdade. Um pastor vizinho havia-lhe de fato oferecido uma segunda oportunidade de vida. Era um obscuro e prosaico filho de Deus, êle; e ela uma triste e talentosa mulher de fama. Era um desafio! Ela preparou seu vestido de casamento e teve os sonhos de uma jovem noiva até que os sinos bimbalharam. "Depois de dura e longa luta, depois de muitos pesares e aflições, ela afinal prova a felicidade". Numa tarde de Natal uniu-se a êle, vestida de alva musselina, "parecendo uma campainha-branca". Mais uma vez uma mulher amava um homem em Haworth desde o dia em que uma mãe sobrecarregada de oito filhos agonizava num quarto retirado. Durante trinta anos nada de agradável acontecera nesse lugar até êsse dia de núpcias.

Passados meses, chega a Londres esta notícia de Yorkshire: Charlotte vai ter um filho. Pintam-se as paredes de claro e levantam-se as cortinas, que riem e dançam coloridamente. Haverá novos olhos em Haworth para assistir ao grande drama da vida com seus acasos desordenados, seus altos e baixos, suas tristezas e suas loucuras...

Ela está doente e cansada; recolhe-se ao leito. O doutor a tranqüiliza: é de se esperar isso no estado dela. Não há motivo para alarme. Ela olha pela janela. "Rafadas de chuva estão varrendo o jardim. A charneca está envôlta em espêssa neblina. "Ela sente uma energia mórbida em sua fraqueza. Lado a lado com as pulsações da vida estão presentes em seu corpo os germes da morte. Aquelas e êstes se movimentam, se agitam, sugam-lhe as fôrças, lutam entre si como as antigas fúrias para subjugá-la. Lentamente ela perde todo desejo de ter um filho, perde tôda curiosidade, tôda alegria pela chegada dele.

— Estou muito cansada para me preocupar, agora... mas talvez... mais tarde!

Ergue a cabeça para o marido.

— Não hei de morrer. Êle não nos separará. Temos sido tão felizes!

Quando, porém, os ventos de março se levantaram, carregaram-na com êles. Através das Paragens Escuras, para uma nova oportunidade de vida.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE CHARLOTTE BRONTE

1816 — Nasceu em Thornton, Yorkshire.

1830 — Entrou para a escola de Miss Wooler em Roe Head.

1842 — 44 — Estudou na Bélgica e se apaixonou por seu professor.

1846 — Publicou anônimamente, com suas irmãs Emily e Anne, um livro de poemas.

1847 — Publicou *Jane Eyre*.

1849 — Terminou o manuscrito de *Shirley*.

1852 — 53 — Escreveu *Villette*.

1854 — Casou com Arthur Bell Nicholls.

1855 — Faleceu grávida.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secção Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

ANGELO SANTUCCI & Cia. Ltda.

TINTAS PARA IMPRESSÃO

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA

Sun. Chemical Corporation — New York

RUA DO SENADO, 10 — Tel. 22-4869

365 DIAS DE ESPETÁCULO

(Cont. da pág. 23)

que não pegou. Isso foi mal. Quando um elenco ensaia uma peça costuma calcular o tempo que ela passará no cartaz, cálculo que pode sair errado e aí então a temporada tôda se prejudica. O conjunto deu algumas reprises, até preparar "Os Filhos de Eduardo", que aguentou a temporada.

Madame Morineau teve de deixar o Fênix porque chegou a vez do elenco organizado pelos Borba. Ela foi para o Copacabana, com "Catarina da Rússia", uma peça esquemática e muito bem vestida, ao passo que o casal ocupou o Fênix com "Caminhantes sem Lua", um bom original sem repercussão.

BARRAULT NO RIO

O sr. Silveira Sampaio continuou fazendo o seu gênero, com a mesma habilidade e deu "Impacto" e "As espôsas do Faraó". O sr. Jaime Costa teve um caso com o sr. R. Magalhães Júnior. Depois de uma troca de desaforos sem maiores consequências, o empresário riscou do seu repertório as peças do autor e o autor proibiu o empresário de encenar as suas peças... A seguir, o sr. Jaime Costa fêz uma coisa que na certa lhe exigiu muita coragem. Anunciou que iria montar um novo D. João VI, o que levou a cabo, apresentando "Carlota Joaquina", um original bem feito por três senhoras.

O teatro de revistas por aqui tem me-



Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

DICIONÁRIO ANÁLOGICO DA LINGUA PORTUGUÊSA

VOLUME COM 740 PÁGINAS ENCADERNADO Cr$ 180,00

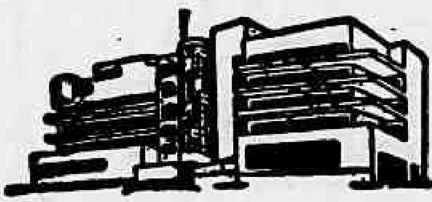
Atendemos pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal.

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua do Ouvidor, 102 — Rio de Janeiro.

MATERNIDADE ARNALDO DE MORAIS

Direção do Prof. Arnaldo de Moraes



PARTOS SEM DOR — OPERAÇÕES DE SENHORAS — Clínica aparelhada com todos os recursos modernos.

★

Serviço especial de assistência ao parto, com internação por seis dias, em quarto de Cr$ 150,00, incluindo a assistência médica, por Cr$ 2.000,00, mediante pagamento no ato da inscrição e exame obrigatório com um mês de antecedência.

★

RUA CONSTANTE RAMOS, 173
COPACABANA — Tel.: 27-0110

lhorado sempre. Êsse sr. Walter Pinto muito concorre para isto, como é notório, sem falar no sr. Chianca de Garcia, que não fica atrás. O carnaval deu origem a uma "Nega Maluca", na interpretação de Dercy Gonçalves, revista que encheu os clássicos meses de estada no cartaz do Recreio com facilidade. Houve um "Bonde do Catete", cuja publicidade substituiu o retrato do Colé pelo do sr. Oswaldo Aranha, e uma frase dêle, recomendando o espetáculo. Outro cartaz foi "Catuca por Baixo", com Dercy .E agora no fim, "Muié Macho, Sim Sinhô", reunindo Oscarito, Grande Otelo, Virginia Lane e outros. Essa revista quase foi a última do Recreio, pois no comêço do mês passado um bruto incêndio irrompeu nas imediações. Os artistas tomaram um susto medonho, e Dona Virginia teve a sua oportunidade de tirar fotografia chorando.

Mas não foi com a prata da casa que o teatro subiu mais alto em 1950. E' um ano que vai ficar na história da cêna brasileira porque marca a vinda ao Brasil de um dos maiores atores do mundo. A temporada francesa, a cargo da companhia Madeleine Renaud-Jean Louis Barrault, saiu do vetusto Municipal para as ruas. O elenco, o mais preparado que visita o Brasil nos últimos anos, teve sucesso merecido. O interêsse maior girou em tôrno do "Hamlet", cuja interpretação atraiu a massa, uma vez

★

Querendo ver os seus móveis sempre novos conserve-os com óleo de peroba.

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

★

que, meses antes, o Teatro do Estudante tinha levado à cena um "Hamlet", com Sérgio Cardoso, e o famoso "Hamlet" de Lawrence Olivier saira há pouco do cartaz dos cinemas.

O trabalho de Barrault foi assim acompanhado com muito espírito crítico. Trouxe êle um Marivaux apurado, não esqueceu Sartre e permitiu a formação de idéia precisa sôbre o valor da pantomima na arte dramática. Fêz conferências e com elas se identificou, quase se pode afirmar, com o grande público, já hoje em dia bem interessado na evolução do teatro brasileiro.

Mas não foi Barrault o único estrangeiro de primeira qualidade a visitar o Brasil. Um dos maiores espetáculos da época e o que vem dando ao mundo Katherine Dunham, a cientista negra que virou bailarina para melhor servir à ciência folclórica. No República, um teatro meio contra a mão, ela foi aplaudida como devia. O Rio teve sorte. Viu bem o que há de melhor. Katherine Dunham estêve em São Paulo, mas voltou logo para o República, porque na verdade nem tôda gente se apercebera do valor de seu trabalho com os primeiros espetáculos. Outra vez aplaudida, ela foi, embora prometendo voltar. Isto, depois de ter-se misturado com a vida social, artística e cultural do Rio.

Houve mais, e por conta do sr. Vigianni, o empresário que de mangas arregaçadas buscou todo êsse grande programa. O "Carrosselo Napolitano", o grupo italiano famoso, também se exibiu no República, apresentando um espetáculo cheio de originalidade. A vida de certa cidade italiana era tôdas as noites mostrada com arte para um público cada vez maior. Era a reunião da música, do bailado e do teatro. Está visto que foi em São Paulo que o "Carrosselo" efetivamente encontrou melhor compreensão.

E por último, o sr. Barreto Pinto trouxe para o Glória o mundialmente famoso "Piccoli de Podrecca", os marionetes que dezenas de milhares de pessoas assistiram.

Vale registrar ainda a volta de Beatriz Costa ao teatro, após alguns anos de ausência, e não esquecer a partida de Paschoal Carlos Magno para a Grécia, aliás, dentro em pouco outra vez por aqui, pois foi eleito vereador.

Êsses foram os pontos altos de 1950 para o teatro brasileiro, sem dúvida.

SABÃO PATATIVA
OLEO COMESTIVEL YÁ-YÁ
COMPOSTO YÁ-YÁ

Três produtos de alta qualidade que trazem a garantia da
SANBRA

Brevemente em todos os armazens e mercearias da cidade, compostos para a sua cosinha - Composto YáYá

SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S.A.

RECIFE
Av. Marquez de Olinda, 133 - 2º andar
Fones: 9087 - 9088 e 9236

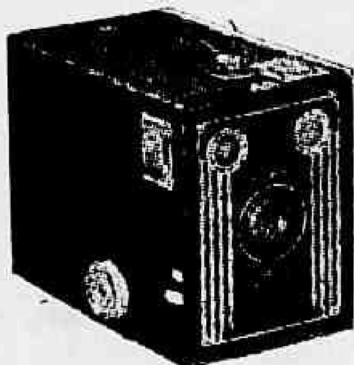
A MELHOR FARINHA DE TRIGO

3 COROAS:
Especialmente fabricada para massas, doces, bolos, biscoitos e todos os demais usos culinarios





MOINHO DA LUZ



CASA CINE FOTO LTDA.
Fotografia — Ótica — Armas — Munições
ASSEMBLÉIA, 75 — TEL.: 22-1747

MAQUINA KODAK 620 BROWNIE, MODÊLO «E». SINCRONIZADA PARA FLASH. COM FILTRO E LENTE PORTRAIT E MAIS 1 FILME. POR Cr$ 285,00.

OFERTA PARA O NATAL DE 1950

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
ALFANDEGA 50
RIO
Apresenta a seus amigos e clientes sinceros votos de FELIZ NATAL e próspero ANO NOVO.
Dezembro 1950
1950 1951

ESTÁ À VENDA
O Album de "A CENA"
CINEMA - RÁDIO - TEATRO E MÚSICA
À Venda em tôdas as Bancas de Jornais
O ÁLBUM CONTÉM:
— Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr, porém tôdas em tamanho grande.
— Fichário completo dos artistas, biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.
— Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.
PREÇO: Cr$ 25,00
Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana
R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

JÔGO FRANCO

(Cont. da pág. 81)

Uma nação não é mais nem menos decente só pelo fato de ter leis permissivas de jôgo; porém, é mais moralizada e sensata quando, reconhecendo a impossibilidade de eliminar o jôgo, põe-no a serviço do bem público, dêle auferindo proventos para o povo. Para a ética dos divergentes, não é imoralidade a prática do jôgo clandestino, mas é imoral uma lei moralizadora dêsse jôgo... Veja-se bem a intensão do disparate! Acaso é imoral a França? Ela tem 153 cassinos que dão aos cofres do Estado em impostos Cr$ 275.000.000,00 (duzentos e setenta e cinco milhões, falando-se em cruzeiros) e para os municipios Cr$ 72.000.000,00 (setenta e dois milhões).

O Govêrno francês dá muita atenção às indústrias turisticas. Em 1948 a França recebeu 1.500.000 norte-americanos, que lhe deixaram dólares 150.000.000,00. No ano seguinte, 1949, o sr. Pietro Romani, Comissário do Turismo Italiano, concedia uma entrevista ao "New York Herald Tribune", dizendo que naquele ano entraram na Itália 2.500.000 turista, cujos gastos no pais subiram a Lit. .... 40.000.000.000,00!

No mundo inteiro o jôgo é legalizado — com exceção do Brasil, é claro. Na América do Norte: Reno e Las Viegas; Cuba: Havana; Argentina: Mar del Plata, Rio Honda, Ramirez e Necocheia; Chile: Viña del Mar; Paraguai: Mooigua; Uruguai: Carmelo, Rivera, Pocitos, Ramirez, Atlántida, Piriápolis, Punta del Este; Portugal: Estoril, Figueira da Foz, Espinho, Póvoa de Varzin, Setúbal; Bélgica: Ostende, Namur, Spa, Chaudfontaine, Dinant; Alemanha: Travemunde, Bad Neuenahr, Bad Durkhein, Werterland, Sylt, Baden-Baden, Wiesbaden; Espanha: San Sebastian; Itália: São Reno, Caupione, Veneza, São Vicente e República de São Marino; Rumânia: Sinaia; França: Nice, Cannes, Biarritz, Enghien, Deauville, Trouville, Dinard, Aix-les-Bains, Cabourg e mais dezenas de outros locais; Suiça: Lugano, Interlaken, Lucerne, São Moritz, Monteaux; Egito: Cairo, Dinamarca: Copenhague.

E, finalizando, acrescentou o sr. Cicero:

— Existem jôgo e cassinos em todos os continentes. Todavia seria enfadonho enumerar todos os paises e localidades. Numa "enquête" que "L'Echo Touristique et Municipal" realizou recentemente, sondando a opinião pública acêrca da criação de um Ministério de Turismo, grandes personalidades das letras, das artes, do comércio e da politica francesa exaltaram os beneficios que a indústria turistica traz ao pais. Entre outros destacam-se os pronunciamentos do mundialmente notável dr. Pouget, senador por Pas-de-Calais, o do dr. Edgar Fauré, Secretário das Finanças da França. O primeiro disse: "Seria uma desgraça, uma catástrofe mesmo, para o Estado, se a indústrai do turismo não pudesse sobreviver". E o segundo: "Os cassinos são para o Estado uma prodigiosa galinha que põe ovos de ouro."

Em verdade, ao fazermos esta reportagem, constatamos que em tôda parte o jôgo é franco, apesar de clandestino. Joga-se muito em todo o pais. E' o que deduzimos do noticiário dos jornais que diàriamente nos chegam às mãos, tanto do norte como do sul do Brasil. Haja dinheiro porque jôgo sempre há de haver. Com a extinção do jôgo legalizado passou a imperar o clandestino. Se no Distrito Federal as autoridades ainda procuram fazer cumprir a lei que proibe a tavolagem, ali, no Estado do Rio, o jôgo é protegido pelo próprio Governador do Estado. Basta dizer que há no percurso da Estrada Rio-Petrópolis nada menos de quatro cassinos, situados nos quilômetros 8, 16, 21 e, finalmente, no Hotel Cassino Quitandinha. Há também outros cassinos em Petrópolis, Teresópolis, Niterói, Caxias, Olinda e Miguel Pereira, para só falar nas localidades mais próximas do Rio.

Se o leitor quiser conhecer algumas dessas casas de jôgo basta dirigir-se à rua Álvaro Alvim. Ali encontrará automóveis que o levarão ao cassino de sua preferência. Não precisa se preocupar com a corrida, com a ceia, hospedagem, nem tampouco com cigarros e café. Tôdas essas casas fornecem de tudo "*inteiramente grátis*" aos seus frequentadores, mas sob a seguinte condição: o freguês terá que gastar no minimo quinhentos cruzeiros.

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

Querendo ver os seus móveis sempre novos conserve-os com óleo de peroba.

CHUVAS DE VERÃO

(Cont. da pág. 4)

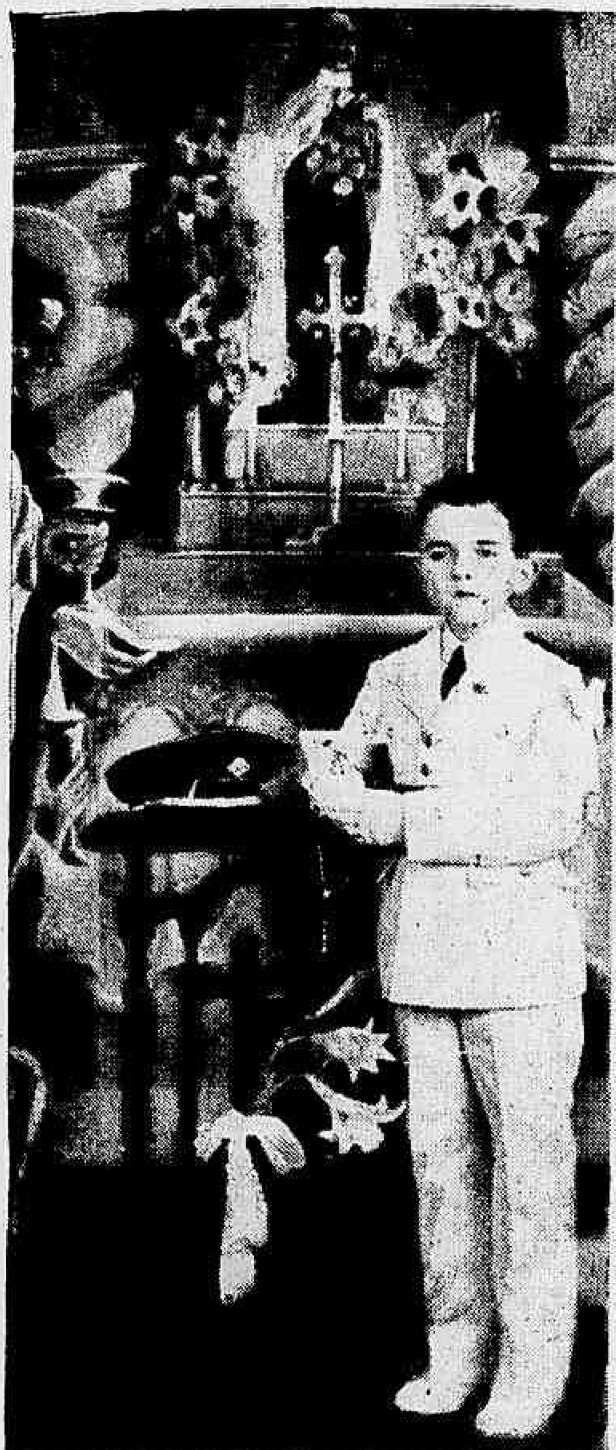
ficio mesmo das maiores calamidades, também as inundações do Rio serviram de consôlo quando veio a saber-se que o nivel das águas depositadas no reservatório de Ribeirão das Lages, tivera uma elevação superior a cinqüenta e seis centímetros. Mesmo assim, não foi o suficiente para restabelecer a normalidade da situação e nem por isso foi cancelado o racionamento de luz elétrica.

O movimento dos aeroportos só três dias mais tarde veio a ser restabelecido. Durante o forte dos temporais, foram em reduzido número os aviões que chegaram e sairam da cidade. Mas como as chuvas da época se reproduziam em outros pontos do país, simultaneamente, os prejuizos foram menores.

Também no mar o reflexo do violento temporal se fêz sentir. Felizmente não houve desastres a registrar em nenhum dêsses setores — marítimo, terrestre e aéreo, com os veiculos de transporte.

Tinja seu CABÊLO com
ORF-LÉNE Liquido
É um produto do AMÉRICO

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.
Exímio Contra-Mestre H. W. CHAPETA
CORTE LONDRINO
AVENIDA RIO BRANCO, 111-2º ANDAR — SALA 202 — TEL.: 43-3234



SERAFIM Fittipaldi, filho do casal Antônio Fittipaldi, residente nesta capital, fêz sua primeira comunhão em dias de outubro passado, quando foi apanhada esta foto.



N Ú P C I A S — Foto apanhada nesta capital por ocasião do enlace da Sta. Dóris Azevêdo da Fonseca com o Tenente Ary da Fonseca, elementos de nossa sociedade.



N Ú P C I A S — Flagrante apanhado nesta capital por ocasião do recente consórcio da senhorita Lídia Freitas com o Sr. Murilo de Abreu e Lima, destacados elementos da nossa sociedade, filhos do casal Jaime Mendes de Freitas e do casal Edgar de Abreu e Lima que foram muito homenageados pelos amigos das duas tradicionais famílias patrícias.

Companhia Agro-Fabril Mercantil

TECIDOS FINOS

FIOS

ÓLEOS VEGETAIS
EXPLORAÇÃO PASTORIL

Séde

Travessa da Assembléia 71 - 1.º andar
Recife - Pernambuco
Telg: Agrofabril Tel. 9095

LOJAS DA PERFUMARIA MEYER

PERFUMARIA
CABELEIREIROS E MANICURES
Rua Arquias Cordeiro, 291-293 — Telefone 29-0968

LOUÇAS E CRISTAIS
Rua Arquias Cordeiro, 285-289 — Telefone 29-0968

SAPATARIA
Rua Arquias Cordeiro, 279 — Telefone 29-1850

CHAPELARIA E ARTIGOS PARA ESPORTE
Rua Arquias Cordeiro, 277 — Telefone 29-1497

CAMISARIA
Rua Arquias Cordeiro, 275 — Telefone 29-1479

ESCRITÓRIO:
RUA ARQUIAS CORDEIRO, 289 — TELEFONE: 29-1786
RIO DE JANEIRO

FÁBRICA de
Bibelots MITAC
Perfumes MIMO
Tintas TIC-TAC

RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756

VIEIRAS DE CASTRO & CIA. LTDA.

A SAÚDE DO BEBÊ

ABUSÕES NA CRIAÇÃO DO GAROTO

DR. SABOIA RIBEIRO

A medicina infantil luta com uma série de preconceitos e fórmulas errôneas grandemente espalhadas entre as pessoas, aqui e em tôda parte, aliás. Assim é que, na Transilvânia, os ciganos crêem que a mulher que está amamentando não deve comer caracóis, porque, então, o garotinho só tardiamente aprenderá a andar. O melão ou a melancia, a camponesa da Baviera não os consome, também, durante a lactação, porque supõe que o filhinho adquirirá cabeça dágua. Acredita a negra do Camerum que ovos cozidos, se estão amamentando, fazem cair os cabelos do guri, e finalmente a negra do Madagascar não come carne de pássaros aquáticos, pois o leite, nessas condições, jamais deixará o filhinho engrossar as pernas finas como as daqueles.

Em nossa terra, existem também coisas não menos extravagantes e capazes de fazer rir.

Tutu de feijão deixa a criança empachada; laranja provoca diarréia em jato, aquilo que no Nordeste chamam cagabeira e no interior de São Paulo — «pincha-longe». Abacaxi provoca o sapinho; carne de porco eczemas; quiabo, disenterias; ovos estrelados causa retenção de urina e pimentão torna a criança irritadiça e nervosa.

Em face de semelhantes abusões, que resulta?

Que a mulher que amamenta sofre, não raro, estùpidamente, uma série de restrições com receio de que êsse ou aquêle alimento possa prejudicar o leite, ou essa ou aquela droga, que está tomando, também possa fazê-lo.

Por sua vez, a criança fica tolhida de certos prazeres da mesa porque não poucas mães entendem que o alimento verdadeiro da criança é sòmente leite, nenhum melhor, de forma que as mamadeiras se sucedem, durante o dia, como base da alimentação evidentemente errada, até uma idade já crescida.

Já com referência à mulher que amamenta, demos, noutro artigo, uma série de conselhos sôbre sua própria alimentação, mostrando que não procedem as restrições alimentares a que muitas ficam sujeitas, por motivo daqueles receios.

Durante o período da lactação, a alimentação da mulher deve ser variada, dissemos então. Vinagre, alho, pimenta, o pimentão recheado, a lagosta, o camarão, saladas diversas, nada disso modifica as qulidades do leite nem por êle passa. Abrimos, porém, uma exceção absoluta para as bebidas alcoólicas.

Essa proibição deve ser tanto mais frizada e recomendada, porque ainda uma abusão costuma apregoar tais bebidas como virtuosas, presentadas, que são, como fortificantes. Mas é sobretudo a cerveja preta que é consumida como remédio durante a lactação, tipo **maltzbier.** Entretanto, sabe-se que, mesmo as cervejas ditas fracas, «encerram quota apreciável de álcool»; como se sabe, também quanto êle se elimina, ràpidamente, pela glândula mamária.

A êste respeito escreveu um Mestre: «...O alcoolismo da nutriz provoca a intoxicação do lactente, que apresenta parada de pêso, agitação, insônia, gritos freqüentes, hiperestesia geral e acidentes convulsivos» (êste se caracterizando pela sua repetição amiudada e sem febre).

Outra ordem de receios que advêm à mulher que amamenta, é o que diz respeito ao uso de medicamentos.

Muitos anos atrás, continuando uma tradição que vinha de muito longe, os médicos vedavam terminantemente à nutriz o uso de grande número de remédios em qualquer dose, notadamente arsênico, iodureto, ferro, morfina, adrenalina, antipirina, éter, cloral, mercúrio, salicilato de sódio, chumbo, borax, bicarbonato de sódio, clorato de potássio, brometos, quinina, beladona.

E pairava no seu espírito a falsa equiparação das glândulas mamárias aos próprios rins. Confunde-se o papel das primeiras, que são glândulas secretoras, com as dos rins, que são glândulas excretoraas. As glândulas mamárias, com efeito, constituem uma barreira eficaz que só muito dificilmente deixa passar substâncias heterogêneas, com são as citadas substâncias.

A mulher que amamenta pode, assim, tomar tais remédios em caso de necessidade, incluindo as sulfas, hoje de emprêgo tão freqüente na medicina.

As abusões que pesam sôbre o modo de alimentar a criança geram regimes puramente condenáveis, por que incapazes de prover as necessidades da criança.

E' o caso de supor-se o leite o alimento básico em um largo período da vida da criança, quando a sua limitação e substituição gradual por outros alimentos, já à entrada do 7.º mês é coisa que, hoje, já não admite mais discussões.

Assim, o uso dos farináceos lucra em ser introduzido no 4.º mês sob a forma de 1 mingau, com introdução de mais um mingau no 5.º. O uso das sopinhas entrado o 7.º mês é outro preceito digno de reter.

Nenhuma vantagem resulta da criação do bebê, indefinidamente, com o leite, quando se sabe que é um alimento pobre de ferro, de modo que a criancinha apresenta, necessàriamente, a anemia, como resultado do baixo teor em ferro do alimento.

As que criaram filhos assim, se podem atestá-lo, podem estar certas porém que não os criaram segundo os preceitos da pediatria, e se puxarem um pouco pela memória hão de lembrar-se, muitas, que eram crianças pálidas e volta e meia resfriadas.

Seu método não deve valer como experiência, e batem-se apenas por mais uma abusão, se se põem por aí a aconselhar mamadeiras dadas até a idade dos 3 e 4 anos como não é segrêdo para ninguém a existência de tal fato mais ou menos banal, pôsto que errado.

Nessas condições, já devendo desde os onze meses fazer uma refeição variada (às 11 horas), a criança a essa hora tem o seu estômago tomado pelo leite dado a miude, prejudicando assim o apetite para os outros alimentos que deveriam ser-lhe servidos àquela hora, como — sopa, caldo de feijão ou lentilhas, carne (50 gramas), frango, peixe (cosido), fígado, timo ou miolo.

Cumpre, portanto, firmar e generalizar a noção de que a criança, ao entrar o seu primeiro ano, não vive mais de mamadeira, e seu uso é uma velharia e comodismo de mães pouco atentas à saúde dos filhos.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

F. A. — Nesta — Dê para os vômitos, antes do peito, de 3 em 3 horas, 30 a 50 gramas do seguinte mingau duro, dando-o às colheradas:

200 grs. de leite de vaca
200 » de água filtrada e fervida
6 colheres de chá de farinha

Conserve êste mingau na geladeira. Em falta de um bom leite de vaca faça o leite com 8 colheres de chá para as 200 grs. de água. Se não tiver geladeira reduza ao sexto as proporções.

L. R. — Deodoro — Não faz a dentição as convulsões de que se trata. Dê cálcio a seu filhinho e óleo de fígado de bacalhau de boa marca.

S. N. — Nesta — A quantidade de leite que deve mamar uma criança até 6 meses deve corresponder a 1/10 de seu próprio pêso, isto quantidade de um dia. Como deve mamar 6 vêzes, cada mamadeira conterá 1/6 da quantidade de um dia. Além disso deve-se juntar farinha e açúcar na proporção de 1 colher de chá, de cada, para 100 gramas de veículo, em que o mingau deverá ser juntado na proporção de metade ou um têrço, conforme está no primeiro trimestre ou no segundo.

DETETIVE EM FÉRIAS

(Cont. do número anterior)

— Você não está falando sério.

Strugs avançou para Peggy, disposto a praticar qualquer violência que lhe permitisse escapar, aproveitando-se do espanto que petrificava Mr. Anderson. Peggy esperou que êle se aproximasse e então, bastou-lhe um rápido golpe de "jiu-jitsu" para derrubar o assassino. Nesse momento exato, entrou William acompanhado do inspetor, que, vendo o legista esparramado no chão, não conteve uma exclamação de surprêsa.

— Ai tem o seu homem, inspetor — disse Peggy ajeitando a boina, que se deslocara

— Arranque-lhe o motivo, porque já não poderá negar o crime.

— Ah! se não fôsse você, miss Stone! Foi uma sorte ter a famosa detective entre nós, do contrário êsse crime ficaria insolúvel.

— Famosa detective? — inquiriu William surpreendido — Então você é detective?

— Não desconfiou antes? Muito bem. Agora vamos aos fatos: Não querem saber por que êsse monstro roubou uma vida tão jovem como a de Ula?

— Claro que queremos — retrucou o inspetor. — Vamos Strugs. Confesse logo.

— Sei que de nada me adiantará o silêncio. Foi muito azar o meu, essa maldita detective escolher esta ilha, e logo nesta época para passar as férias, depois de ter tantos lugares onde passá-las.

— Basta de lamúrias. Vamos aos acontecimentos.

— Matei Ula por que... a amava e ela desprezava-me. Recebendo-a em meu consultório, confiei de mais em sua ingenuidade e não tomei cuidado com certos papéis. Ela os viu e entendeu. Eram velhos documentos com que fiz chantagem tempos atrás. Pedi-lhe que casasse comigo, porque assim não me poderia denunciar. Ela afirmou que não aceitava o meu pedido e que ia contar tudo ao jovem Anderson. Fiquei furioso e disse-lhe que seu amor pelo rapaz não adiantaria, porque êle estava apaixonado pela linda desconhecida e já não a queria. Pensei que ela se fôsse zangar, mas Ula apenas olhou-me com desprêzo. Reconheci que a partida estava perdida e resolvi agir rápido. Naturalmente, para prevenir miss Stone, ela foi ao seu apartamento no hotel, onde, naturalmente, pretendia esperar a detective. Fui em seu encalço, toquei a campainha e ela veio atender. Trouxe-a até ao corredor, trocamos algumas palavras duras e como se recusasse a acompanhar-me, saquei o revólver que levava para êsse fim e dei-lhe um tiro entre os olhos, à queima-roupa, transportando-a em seguida para o quarto. Senti que o cheiro da pólvora entrava pelo apartamento, mas pensei que até miss Stone chegar já se tivesse extinguido, mas ela chegou muito depressa e não sei como se comportou quando descobriu o corpo.

— Apenas livrei-me dêle para evitar aborrecimentos que me dariam trabalho depois. Agora que tudo está claro, acabarei de gozar as delicias desta ilha.

— Apaixonei-me por uma detective. O que me diz o senhor, papai?

— Que no brilhante futuro que espera esta jovem, naturalmente não haverá um lugarzinho para você.

— Vamos sair, Miss Stone. Preciso falar com você, agora que tudo está resolvido podemos tomar um drink no hotel. Não concorda? — perguntou William.

Despedindo-se do dono da casa, Peggy deu o braço ao rapaz e sairam.

— Não posso deixá-la ir-se sem que tenha provado o gôsto dos seus lábios. Reconheço que seria ridículo se eu continuasse a tecer madrigais para você.

— Não precisa ficar triste, William. Restam-me ainda oito dias que vou dedicar inteiramente a você.

William Anderson tomou a jovem entre os braços e beijou-a apaixonadamente.

A VIDA DE EVANGELINE...

(Cont. do número anterior)

Atravessou a fronteira canadense em 1904 para chefiar o exército dos salvacionistas nos Estados-Unidos, uma poderosa organização que se desenvolvera de uns poucos comícios casuais num estábulo de Filadérfia. A princípio o povo que ela viera salvar não "topou" com ela. Quando falou na Cooper Union, foi obrigada a entrar pela escada de incêndio, já que uma grande multidão se amontoara na porta para a impedir de aparecer.

Demorou, porém, a ter sucesso. Havia tanto trabalho a realizar no Novo Mundo! Onde quer que a humanidade se aventurasse a caminhar, deixava um rasto de lama. Nas zonas miseráveis da América encontrara o pão da amargura, levedado pela esperança de uma nova organização mundial. "Visitar um bairro pobre na América é entrar em contacto com as paixões, a violência, e tôdas as inclinações nuas e cruas para a fraternidade humana."

Eva pôs mãos à obra de reamoldar essa matéria bruta, transformando-a em homens deveras. Fundou uma porção de sociedades, algumas com nomes bastante esquisitos, pois os homens não passam de crianças e devem ser agradados inocentemente. Para os prisioneiros estabeleceu a *Liga do Dia Mais Claro*; para as mães não casadas, a *Liga das Sem-Amor*. Criou a *Agência dos Suicidas* com o fito de salvar as vidas das

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

SUPERCOR
TINTAS PARRA IMPRESSÃO

Q U A L I D A D E

PRODUTOS SUÉCOS DE ALTA QUALIDADE
FAMOSOS EM TODO O MUNDO
exijam estas marcas
A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO
POLAR STAR
SCANDIA RELIANCE
MAQUINAS PARA USO DOMESTICO
Husqvarna
MAQUINAS DE COSTURA BICICLETAS
FOGAREIROS, COSINHAS, LANTERNAS, FERROS PARA SOLDAR, LAMPARINAS
PRIMUS
NAVALHAS PARA BARBA E TESOURAS
TRÊS CORÔAS
M K
MACHADOS HULTS
BAHCO
DOBRADIÇAS, PARAFUSOS, ETC.
STENMAN
SUENCO
STRIDSBERG

"Que surprêsa desagradável"

quando se encontra no armário uma roupa roida pelas baratas ou traças.



Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas nem cheiro.

Use a lata grande – a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A. Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A. Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Nat., Sup.	13,00	22,00	30,00
Jasmin Super ..	10,00	22,00	30,00
Violeta B. Sup.	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs, Sup	15,00	25,00	35,00
F. Amor, Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko, Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S. Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B. Super	21,00	35,00	40,00
Tabul, Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan. 5, Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N. Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R. Super	25,00	35,00	40,00
Narcise N. Sup.	25,00	35,00	40,00
Pretx. Super ..	35,00	45,00	55,00
Rumores, Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo, Sup.	35,00	45,00	55,00
Tabul GR, Sup	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	90,00
Biarritz LF ...	50,00	70,00	90,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90,00
Arabesque LF	60,00	80,00	100,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	100,00
Casino LF	60,00	80,00	100,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	125,00
La Rose Rougeatre LF ...	85,00	105,00	125,00
Champagne LF	60,00	80,00	100,00
Des. Reembolso	9,00	9,00	9,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67, Sobrado
RIO DE JANEIRO

pessoas que projetavam a sua própria destruição. Cada uma das suas idéias tomava forma concreta. Êste mundo está cheio de gente que... expõe dogmas", dizia ela. "Meu pai nunca fazia objeções a essas pessoas dogmáticas. Estava sempre pronto, isto sim, a fazer uso do cérebro, do dinheiro e da influência delas... Mas", acrescentava, "a nossa vocação especial é lidar com a vida como uma necessidade absoluta. Está muito bem que o botânico encare a urtiga através do microscópio. Mas as urtigas têm fêlpas que espinham. Elas têm de ser agarradas, e nós nunca hesitamos em agarrar as urtigas... Há na verdade muitos homens para serem salvos, como sabem... O passo mais importante a dar é salvá-los aqui e agora, e não por uma legislação para o futuro e poesias sôbre êle."

Sob êsse inspirado programa de salvar homens *aqui e agora*, milhares de americanos entraram ao serviço do Exército da Salvação. O mais graduado oficial recebia menos de trinta dólares por semana. Os que se alistavam não podiam fumar, nem beber, nem tomar parte nos mais vulgares divertimentos. No entanto, estavam unidos por sentimentos comuns num dos mais excitantes esportes. "A gente gasta enormes somas na criação de cavalos, bois e cães, mas o Exército da Salvação é um exército de esportistas que faz altissimas apostas naquelas almas humanas perdidas que correrão. Há homens que se entusiasmam pela cultura de flores e coleção de vasos e bronzes, mas os do Exército da Salvação fazem-se peritos na coleção e redenção das vidas humanas despedaçadas."

Não é tolice nem infantilidade pensar que um ser humano pode ser transformado. "Não há dúvida quanto à realidade da mudança de vida. Inúmeras pessoas de tôdas as idades, raças e religiões verificaram que essa libertação é um fato psicológico saudável... Com a saúde moral, e muitas vêzes a fisica, recuperada, os nossos destroços salvos rejubilam-se numa nova liberdade..."

E na América, particularmente, a psicologia da salvação foi alvo de simpática compreensão. Porque os cidadãos da democracia sabiam que apenas leis, que apenas uma carta de direitos, não são capazes de salvar a humanidade. Thomas Jefferson apontara o fato divino de que todos os homens têm o direito de ser livres. E Eva Booth estava dedicando sua vida a ver se todos os homens *aceitavam* seu direito de ser livres.

IV

Quando a guerra atingiu a América em 1917, Eva Booth tirou os chapéus do tempo de paz das suas "moças", e as mandou para a frente de batalha com capacetes.

Capacete à guisa de auréola,
E como o põe com habilidade!
Mas o "infernal" é fazer bolos
Para os rapazes com saudade.

Elas arrostaram os bombardeios e mostraram ser capazes de participar do inferno para servir uma xicara de café. Cada soldado tinha um momento supremo de provação com a assistência de uma mulher a seu lado. Porque, estando o mundo em chamas, o verdadeiro lugar das mulheres era junto aos seus homens. As jovens salvacionistas mantinham constante ligação entre os filhos solitários e as mães solitárias. Quando a guerra terminou, Woodrow Wilson pendurou a Medalha de Serviços Relevantes ao peito de Eva Booth.

A guerra terminara; mas para ela não havia fim de luta, nada que se parecesse a armistício. Quando uma mulher tem paixão pela humanidade, essa paixão não se consome fàcilmente. Existiam famintos na Índia. Ela organizou socorros. Houve vitimas de um terremoto no Japão. Ela organizou socorros novamente. Viajou à Inglaterra, Noruega, Dinamarca, Suécia e França para ver as outras seções do grande exército que seu pai criara e do qual seu irmão Bramwell Booth era agora comandante em chefe.

Estava ficando um tanto velha. Sessenta anos, e seu cabelo ainda possuia um ruivo que desafiava o tempo. Isso era por causa da vida trepidante que levava. Que ninguém se deixasse enganar pelo rosto delicado e juvenil, pelas alvas mãos onde transpareciam as veias azuis, pela tez suavemente sombreada. Uma alma terna encaixada num fisico rijo. Não havia cavalo que ela fôsse incapaz de montar. Sua

(Cont. na pág. 72)

Os móveis representam a vida do seu lar, e óleo de peroba a vida dos seus móveis.

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S/A

FUNDADO EM 1912

SÉDE — Leopoldina — Estado de Minas Gerais

FILIAL — Rua da Quitanda, 72 — Rio de Janeiro

AGÊNCIA — Rua Chile, 35 — Rio de Janeiro

DEPARTAMENTOS

ESTADO DE MINAS GERAIS: — Argirita — Belo Horizonte — Bom Jesus do Galho — Caratinga — Francisco Sales — Itambacurí — Morro Alto — Palma — Patrocínio do Muriaé — Pirapetinga — Pôrto Novo — Recreio — São João Nepomuceno — São Lourenço — Silvestre Ferraz.



ESTADO DO RIO DE JANEIRO: — Areal — Barra Mansa — Cambucí — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Natividade do Carangola — Niterói — Pádua — Petrópolis — Porciúncula — Portela — Rezende — São Fidelis — Sapucais — Volta Redonda.



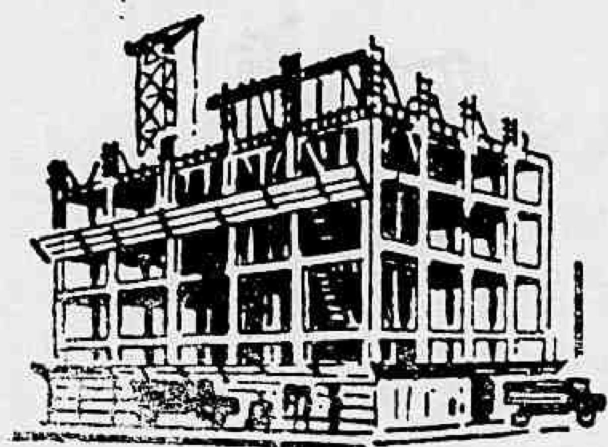
ESTADO DE SÃO PAULO: — Cachoeira Paulista — Presidente Bernardes.

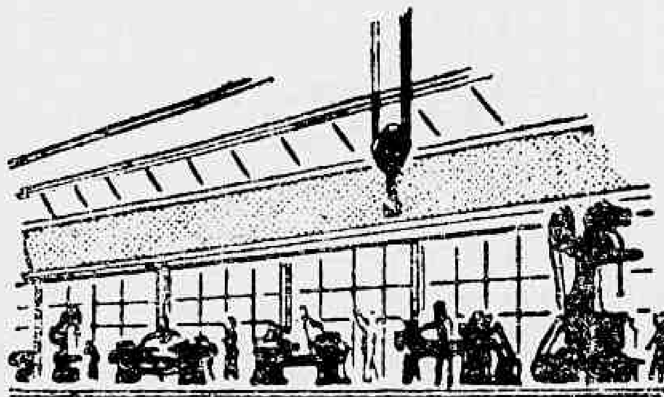
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO — Mimoso do Sul — Muqui.

OPERAÇÕES

Depósitos — Remessas para o interior — Cobrança — Descontos — Cauções — Guarda de Valores.

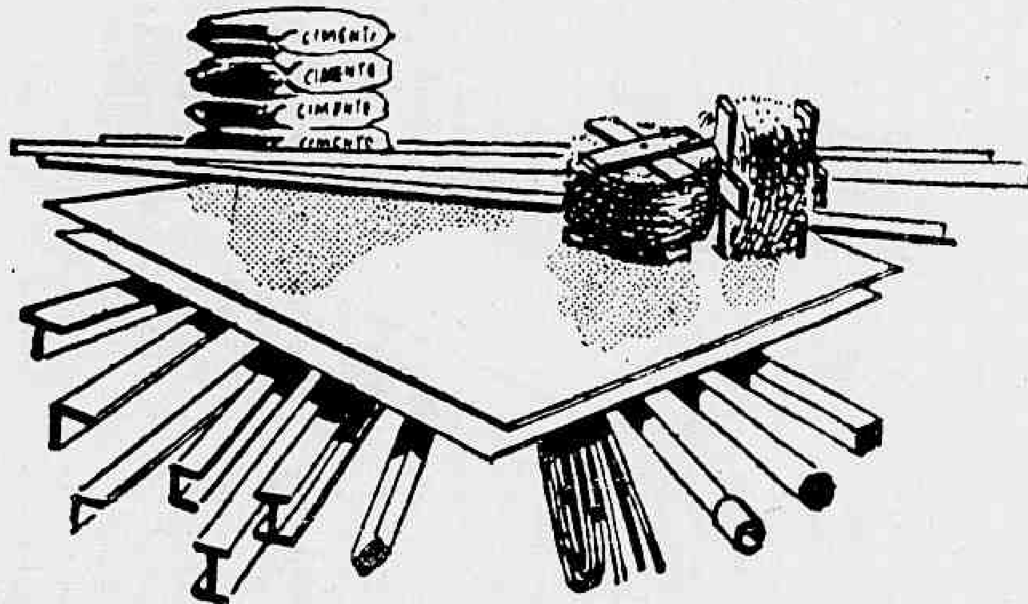
PARA CONSTRUÇÕES - PARA A INDÚSTRIA





Estóque permanente de Cimentos estrangeiros, Portland e branco, Cimento Mauá (distribuição) — Ferro redondo para construção — Tubos pretos e galvanizados para água e gás — Tubos electrodutos — Conexões galvanizadas — Pregos, canos de chumbo, cobre em bobinas — Pás, picaretas, enxadas, baldes, carrinhos etc. — Aço chato para molas, aço oitavado para brocas — Eixos polidos — Chapas pretas e galvanizadas — Folha de flandres — Ferros chato, quadrado, redondo, cantoneira e T — Vigas U e I — Arame farpado, grampos para cêrca — Perfís especiais para venezianas, portas pantográficas e para vasilhame de leite — Tubos para caldeira, tubos leves para móveis.

O MAIOR ESTÓQUE DE VIGAS DO PAÍS

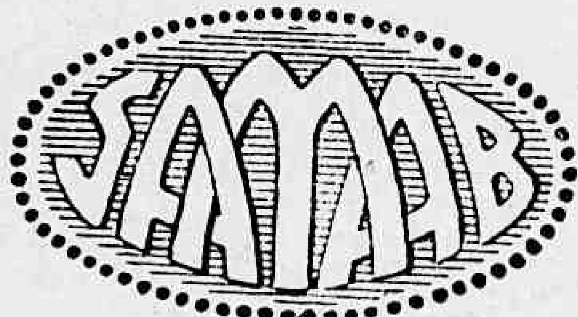


MACIFE S/A, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

SEDE: A. Presidente Vargas, 509, 3.º pav. Fone: 23-2151 (rêde int.) — **Rio de Janeiro**
FILIAL: — Niterói — Rua Benjamin Constant, 231 — Fone: 6648

End. Tel.: MACIFE - Caixa Postal, 1201
DEPÓSITOS: Praça Marechal Hermes, 10 Fone: 43-4661 — Avenida Brasil, 1852 — Fone: 48-7387.

REPRESENTANTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL



Papel para jornais e revistas, em bobinas e fardos. — Importação direta — Fornecimento de "Stock"

As chapas rijas super-isolantes INSULITE de fibra de madeira, isolam o calor, frio e ruidos. E' de aplicação fácil, econômica e rápida. Consultem o nosso Departamento Técnico. Peçam amostras.

S. A. MERCANTIL ANGLO-BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO
Escritório da matriz, Rio de Janeiro:
RUA DA CANDELARIA, 9-6º andar
Telefone 43-0920 (mesa)

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:
A história completa do «Tempo» e a ciência da sua medida. Previsões sôbre o futuro do nosso planeta.

ANO Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano — CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantis e deslumbrantes páginas coloridas

PREÇO — Cr$ 20,00

Façam desde já seus pedidos à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
ENCONTRA-SE EM TODAS AS LIVRARIAS E BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL.

CAFÉ COM LEITE EM...

(Cont. da pág. 46)

Na esquina de North Argyle Avenue com Yuca, há uma casa metida a pernóstica, mas que se desculpa porque vem do tempo em que os "astros" faziam questão de mostrar que faziam muitíssimo dinheiro. Ali foi a residência de Sessue Hayakawa, hoje um cavalheiro que quando vai a Hollywood se hospeda simplesmente num hotel quase muito simples.

A tal casa acastelada é, agora, sede de um centro espírita. Não me lembro agora dos dizeres de uma bem composta placa estratègicamente colocada em seu jardim, bem na esquina de North Argyle, mas posso adiantar que se trata de um sugestivo convite para bater um papo com espíritos. O letreiro fala em "almas viventes" e em "vós, os que aguardais a hora da Desencarnação". Aproveito a folga de uma tarde e penetro na casa, que me parece sob medida para cenário de algumas cenas de Bela Lugosi de parceria com Boris Karloff ou mesmo Peter Lorre.

Atende-me um senhora que felizmente não assusta. Uma senhora que me parece ter orgulho da tarefa de guardar a casa, de arrumar tudo para as "seanses", que se realizam às segundas, quartas e sextas — e que me informa isto, com certo orgulho e muita convicção:

— Valentino tem estado aqui muitas vêzes. Ainda há uns oito dias baixou aqui nesta sala...

★

Preciso resumir algumas impressões e notícias, pois a REVISTA não me daria muito espaço: o autor da moda é Tennessee Williams, cujo novo livro ("The Roman Spring of Mrs. Stone") está bem exposto em tôdas as livrarias; cuja "Uma Rua Chamada Pecado" Vivien Leigh acaba de interpretar num estúdio; cuja "Glass Menagerie" (representada, no Rio, no Copacabana) vi num muito bem feito filme, com Gertrude Lawrence, Jane Wyman e Douglas Kirk, e que tem, ainda, no palco do Century, com Dorothy Mc Guire e John Ireland, a peça "Summer and Smoke".

Vejo-o saindo um dia do Deauville, uma "boite" acolhedora, simpática, de propriedade de uma velha senhora americana viuva de um autêntico francês. O grande orgulho da viuva, entretanto, que está tôdas as noites, entre relíquias (autógrafos, leques, sapatilhas de "ballet", cartas de gente célebre, convite para grandes bailes, lenços, cartões de visita, etc.) à testa do Deauville, é ter sido grande amiga e conselheira de Diaghilev, o pai de tôdas as companhias de "ballet" que existem hoje pelo mundo. Mas voltando a Tennessee Williams: parece homem simples, quieto, como que bem pouco informado da impressão que suas peças tem deixado em tantas platéias — o que não o levará, porém, a descurar a cobrança de seus direitos autorais... Dá a impressão de um homem que ainda espera o momento de fazer alguma coisa que valha a pena.

O entêrro de Al Jolson foi um acontecimento tão espetacular que conseguiu esta coisa excepcionalíssima nos Estados Unidos: transformou o trânsito! Cêrca de 50.000 pessoas se postaram, durante horas, no espaço que vai da Sinagoga do Hollywood Boulevard a Highland! Razão da presença de grande parte: o fato de Jolson ter deixado 4 milhões de dólares para instituições de caridade e escolas. Nada comove mais o americano do que o amparo às escolas.

O "smog" — que vem de "smoke" (fumaça) e ""fog" (nevoeiro) é a dor de cabeça de Hollywood. Los Angeles cresceu muito durante a guerra, multiplicou suas fábricas, e o resultado é que a fumaça das mesmas ruma para Hollywood e entra a irritar os olhos de meio mundo, embora isso não aconteça todos os dias. A Prefeitura de Hollywood, que promete a todos o paraíso, reclama, faz barulho, mas a Prefeitura de Los Angeles parece ter vontade de dizer que os incomodados devem mudar-se, isso sim. Mas já se sabe que Los Angeles não quer que Hollywood se mude. Nunca houve um inquilino, ou vizinho, tão vantajoso quanto Hollywood...

A vida noturna é impressionante. Não há apenas o Ciro's, o Mocambo, o Deauville, os mais grãfinos. Ao lado dêsses há dezenas e dezenas, de várias classes. E não precisa ser sábado para que se encham. Aviso aos amiguinhos de um bom "scotch": paga-se lá muito menos da metade do que se paga aqui no Rio. E a dose tem a pinta da fartura da Califórnia...

O Mambo é a dança da moda. Há um "night Club" que vem realizando um concurso do agitadíssimo ritmo há quase dois meses. A visita de Carmen Miranda ao tal "night Club" deu êste resultado: Carmen contratou um cubano especializado na coisa, que talvez possamos chamar de "mambembeiro", para algumas lições. Ao fim de seis lições Carmen estava prontinha da silva. E quando se está "chez" Miranda, não se pode deixar de dar uns passinhos de mambo ao som das últimas gravações do gênero. Na verdade, muito gostoso. Mormente quando o aprendemos sem pagar ao "mambembeiro" seis lições em dólares...

Mais assuntos? Sim. Mas tudo tem um limite. E' preciso fechar a crônica apressada de quem viveu às pressas cêrca de quatro semanas de Hollywood de 1950 — e que, de tão agitada vida que levou, tomava o seu café-com-leite quase ao meio-dia, uma subversão total, escandalosa, nos hábitos de um cavalheiro de uma cidade sem vida noturna, que só estende um pouco a farrinha nas quatro noites de Carnaval, com ou sem o General-Prefeito...

Os seus móveis velhos, poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza óleo de peroba.

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

JOGO FRANCO

(Cont. da pág. 17)

cassinos. Isto por que julgava aquêles estabelecimentos uma necessidade para o incremento da indústria turística no Brasil. Essa afirmativa não poderá sofrer nenhuma contestação, nem tampouco se pode dizer que o preclaro General Dutra haja afirmado categòricamente a necessidade do funcionamento dos cassinos em busca de votos. Reconheceu êle, perante 41 homens, que o funcionamento dos cassinos era uma necessidade. Aceitei como um conselho as suas palavras e por êsse motivo assumi um pôsto na direção de um movimento que procura a regulamentação do jôgo, a incrementação do turismo, o trabalho para os meus companheiros, a extinção da clandestinidade em que êle vive e o estrangulamento dos falsos puritanos que combatem o jôgo na superfície e que subterrâneamente o protegem, visando vantagens que honestamente só devem pertencer ao Estado.

O movimento encabeçado pela Liga não procura, como já disse, estimular o jôgo; êle visa a moralização do mesmo, a honestidade de sua prática e a certeza de que todo mal que possa praticar será compensado com algum bem que do mesmo se possa colhêr.

O Ministro do Trabalho, naquela época, sr. Olacílio Negrão de Lima, atendendo aos clamores de todos os empregados dos cassinos fechados a 30 de abril, conseguiu uma ajuda financeira que atenuou momentâneamente a situação dos associados do "Sindicato dos Empregados em Casas de Diversões", aos quais estavam enquadrados os mesmos.

O Exmo. Sr. Ministro da Justiça, pela imprensa, declarou que o govêrno estava aparelhado a dar emprêgo a todos os desempregados. Criou-se, para isso uma Comissão à qual foi dado o nome de *Comissão de Readaptação dos Ex-Empregados em Cassinos*.

Compunha-se de três funcionários do Ministério do Trabalho e cinco ex-empregados de cassinos. Tôdas as solicitações e apelos dos desempregados chegavam a essa Comissão que julgado justo o pedido, nada, entretanto, podia fazer, pois seus componentes, na maioria, eram também desempregados. E foi assim que o tempo passou, milhares de pedidos foram feitos, e nem mesmo os componentes da referida Comissão foram aproveitados, muito embora tivessem a seu favor o testemunho e o apelo de todos os demais membros da Comissão e os rasgados elogios do sr. diretor do Departamento Nacional do Trabalho.

— A Liga — acrescentou o sr. Raymundo Rocha — não é uma coisa fictícia como maldosamente muitos poderiam pensar. Não. Ela está legalizada. Os seus Estatutos estão devidamente registrados sob o n. 2721, de acôrdo com o Decreto-Lei n. 4850, de 9 de novembro de 1939. Ainda não tem um ano de existência, pois foi fundada a 4 de fevereiro do corrente ano. No entanto, já arregimenta no seu quadro, só no Distrito Federal, 3.791 associados. Estão sendo organizados os diretórios estaduais e municipais, existindo já em funcionamento os dos Estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Estado do Rio, e os das cidades de Teresópolis, Guarujá, Santos, Poços de Caldas, Caxambu, Cambuquira e Lambari.

O Diretório do Distrito Federal está funcionando provisòriamente no Sindicato dos Empregados em Casas de Diversões do Rio de Janeiro. Temos esperanças de que virão melhores dias, mormente agora com o advento getulista. Os nossos propósitos são os melhores possíveis."

★

Ao lado do sr. Raymundo Rocha acham-se o sr. Alberto Bianchi, conhecido capitalista, e o dr. Cicero Farias Tinoco, Secretário da Liga, jornalista e correspondente do jornal francês "L'Echo Touristique et Municipal". Êsse nosso confrade é um profundo conhecedor de turismo e é citado pelo deputado Cel. Jonas Correia como um dos seus melhores colaboradores no seu Projeto de Lei n. 451 — 1950, que organiza o turismo no Brasil.

O Art. 1º do referido Projeto determina que seja criado o Departamento Federal de Turismo, com sede na Capital Federal, e diretamente subordinado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Êste departamento organizará a propaganda turística do País, interna e externa, fazendo conhecer, pelo melhor modo, o conjunto de belezas naturais, demonstrando a vantagem de fretá-las.

O Art. 12 refere-se às estâncias turísticas, e ao Poder Executivo estadual que poderá fazer concessões para a exploração de estabelecimentos de jogos, que são os cassinos. Todavia, essas concessões só poderão ser dadas a brasileiros, se pessoas naturais, ou a firmas e sociedades constituídas inteiramente de brasileiros, se pessoas jurídicas.

Referindo-se também ao jôgo e ao turismo, disse-nos o dr. Cicero:

— Ora, quando se está em face de assunto que reclama exame minucioso, sincero e ponderado, é obra antipatriótica sacrificar a realidade pela mistificação, ou menosprezar o interêsse coletivo pela intransigência pessoal.

(Cont. da pág. 76)

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela, óleo de peroba.

Mães carinhosas...
e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil
só o TÔNICO INFANTIL



Tudo que o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

LUSTRES DE CRISTAL
de 25 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréto o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO



A partir de 26 de setembro dêste ano, contou a capital de Pernambuco com um estabelecimento bancário dos mais modernos: o edifício do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, S. A., construído especialmente para sua séde própria. Para a festividade de sua inauguração, do que damos aqui dois flagrantes, o Sr Comendador Jayme Ferreira dos Santos, seu Diretor-Gerente e o grande fator dos progressos do Banco, reuniu ali o que o Recife tem de mais ilustre e significativo, tanto nas altas esferas sociais, como no comércio, na indústria e no ramo bancário. O Recife se orgulha de possuir atualmente um estabelecimento que pode ser comparado aos mais modernos e eficientes de qualquer de suas grandes capitais. O Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, S.A., impulsionador do progresso do Estado, poderá, de agora em diante, aumentar os seus serviços àquela coletividade, a bem do Brasil.



A NOVA SÉDE DO BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO, S. A., NO RECIFE

TODOS OS REQUISITOS MODERNOS — COFRE DE ALUGUEL — RESTAURANTE E GABINETE MÉDICO



O General-Americano Freire com espôsa e filha visita a seção de fôrça da Companhia de Tecidos Paulista, em companhia do Comendador Arthur Lundgren

O PARQUE INDUSTRIAL DAS FÁBRICAS "PAULISTA"

Os Irmãos Lundgren em Olinda — O progresso de Pernambuco e a indústria Paulista

QUEM não conhece, no Brasil, os chamados tecidos «Paulistas»? Não vêm de S. Paulo, e sim de Pernambuco, de um município vizinho ao ao de Olinda, do qual já foi distrito. Está a uma hora do Recife, em automóvel, e oferece ao visitante uma visão de deslumbramento pelo conjunto de progreso e benfeitorias de tôda ordem. A quem se deve êsse oásis de trabalho, riqueza e confôrto? Aos Irmãos Lundgren, europeus da escandinávia, que já são brasileiros pelo tempo que aqui estão a cooperar pela civilização de nossa terra e de nossa gente. Faz poucos dias, o General Americano Freire, Comandante da 7.ª Região Militar, sediada no Recife, acompanhado de todo o seu Estado Maior, visitou Paulista, vendo e sentindo aquêle imenso parque de trabalho em todos os sentidos das atividades humanas. Não se trata apenas de fábricas de fiação, tecelagem, estamparia, tinturaria, embalagem, etc.. Em Paulista há ainda o Haras Maranguape, centro moderníssimo de criação e reprodução de cavalos puro-sangue, com instalações que rivalizam com as mais modernas do país e da América. Como não podia deixar de ser, há nas Fábricas Paulistas, organizações modelares de assistência social ao trabalhador, com Centros Recreativos, Clubes de Tênis, Policlínica, Cinema, Jardim-Zoo-Botânico com parque de diversões para os filhos dos operários, uma bela Matriz e tudo o que se faz necessário ao confôrto e paz, saúde e tranqüilidade dos seus colaboradores. As Fábricas Paulistas honram o Brasil e às mesmas deve Pernambuco grande parte de seu imenso progresso industrial, social e econômico.



O Comendador Arthur Lundgren, o General Americano Freire, Comandante da 7.ª Região Militar e todo o seu Estado Maior em Paulista, Pernambuco

Beleza fácil — Em sua casa

LIMPEZA DA PELE
1.º Pasta de Amêndoas
2.º Água de Limpeza
3.º Creme de Massagem
RAINHA DA HUNGRIA

Mme Campos

Assembléia, 115, 1.º-Rio
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA
Em nossos Salões

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ESTABELECIMENTOS CH. LORILLEUX S. A. (Tintas)
27, R. Pereira de Almeida, 27
— Rio de Janeiro —
com fábrica fundada no Rio em 1924 e trabalhando em cooperação com a **ORGANIZAÇÃO LORILLEUX** de Paris, que existe desde 1818.



A encantadora menina Rosina Cantelmo Fernandes, filha dileta do industrial Carlos Fernandes e Dona Gracinha Cantelmo Fernandes.

A VIDA DE CHARLOTTE

(Cont. da pág. 58)

carta ao pai dela dizendo desejar muito que a sua excepcional discípula voltasse. E Charlotte, "levada por um irresistível impulso", voltou a Bruxelas. Afinal, que significava Haworth para ela agora?

Prazer inexplimível ! Êle pediu que ela lhe desse lições de inglês. Agora ficaria sòzinha com o homem que se voltara completamente para ela!

Madame Héger observou serenamente os sintomas. Aquela tímida inglesinha não falava com ninguém, não sorria para ninguém que não fôsse Monsieur. Quando estavam juntos, "as faces dela se iluminavam e adquiriam uma beleza de que ela não tinha consciência". Quase se transformou numa mulher agradável. Madame manobrou valendo-se da astúcia, como convinha à sua idade. Com extraordinário tato, modificou o horário do professor de maneira que as horas vagas dêle não coincidissem com as de sua aluna. Sugeriu que a sala de estar da família não fôsse mais posta à disposição de Chrlotte.

Temeria ela realmente Charlotte? Aquela ingênua jovem escrevera: "O amor, como o entendo, é algo de direito, de nobre, de fiel". Charlotte não queria afagos. Queria estar com êle, "ver-lhe o olhar, ouvir por uma hora o som da voz dele", juntar na gaveta os charutos que êle deixava parcialmente fumados. Isso era tudo que ela pedia. E até *isso* lhe era negado.

Durante mais dois anos permaneceu em Bruxelas. Êle não viu a paixão dela. Não a sentiu. Falava-lhe de paixão como de uma idéia abstrata. E ela quase morreu com o excesso da sua própria emoção.

Durante dois anos passou as noites sem amigos. Mas afinal, quando vagava aturdida pelas imediações da Rue d'Isabelle, encontrou uma amiga: a igreja de Santa Gúdula. Por um momento olhou através da porta para as luzes das velas. E então compreendeu o que seu pai e suas irmãs nunca compreenderiam. Percorreu o adro, abrigou-se no seio acolhedor daquela amiga católica, e se ajoelhou ante as grades do confessionário, pronta a desabafar tôda a história do seu amor.

Mas como começar? Desconhecida a fórmula a ser usada. Podia dizer: "Padre, eu sou uma protestante que procura a graça da confissão?" Vagarosamente os sinos da igreja tangeram. A grande nave de pedra exalou seu incenso como o carinho de uma mãe. Charlotte confessou então seu segrêdo como uma criancinha. Arrumou as malas e retornou a Haworth.

Pegou da pena e escreveu a êle cartas fogosas, candentes, impetuosas, lava do seu coração ardente. "Senhor, os pobres não necessitam de muito para se manterem vivos. Pedem apenas as migalhas que caem da mesa dos ricos. Eu também precisava sòmente de um pouco de afeição daquele a quem amo. Não saberia o que fazer com uma completa dedicação: estou tão desacostumada a pensar... Todavia, estou certa de que há pessoas frias e razoáveis que diriam, se lêssem isto: — Ela delira. Minha vingança é desejar que essas pessoas pudessem um dia saber as torturas que durante oito meses experimentei; veríamos então se elas não delirariam da mesma maneira. Sofre-se em silêncio tanto tempo quanto as próprias fôrças permitem; quando as fôrças se esgotam, porém, fala-se sem medir as palavras".

Não recebeu resposta. Êle era "correto". Êle não se importava. Não via. Não sentia. Novamente ela pegou da pena. "Tenho procurado esquecê-lo. Tenho feito de tudo; tenho tentado manter-me ocupada... Por que não posso sentir pelo senhor a mesma amizade que sente por mim, nem mais nem menos? Como eu seria livre então! Poderia guardar silêncio durante anos!... Senhor, tenho um favor a pedir. Fale-me a respeito de seus filhos... Fale do que quiser, meu mestre, mas ao menos fale... Para mim isso significa vida... Impedir-me de escrever, recusar-se a responder, seria arrebatar-me minha única ventura neste mundo, privar-me do meu último privilégio". Afinal, veio uma resposta. "Sua carta", escreve ela, "me serviu de sustento por seis meses. Devo agora receber outra, que me enviará, não por amizade, porque o senhor é incapaz de sentir muito disso, mas porque tem um coração compassivo e não condenaria ninguém a prolongado sofrimento só para poupar uns momentos aborrecidos..."

Depois tomou novamente da pena para não enlouquecer. Desta vez, porém, não foi uma carta que ela escreveu enquanto a chuva caía. Traduziu seus sofrimentos numa novela que atravessaria os tempos.

V

Jane Eyre tomou a Inglaterra de assalto. "Os escritores erram, erram moralmente ao fazer suas heroínas formosas como se fôsse uma coi-

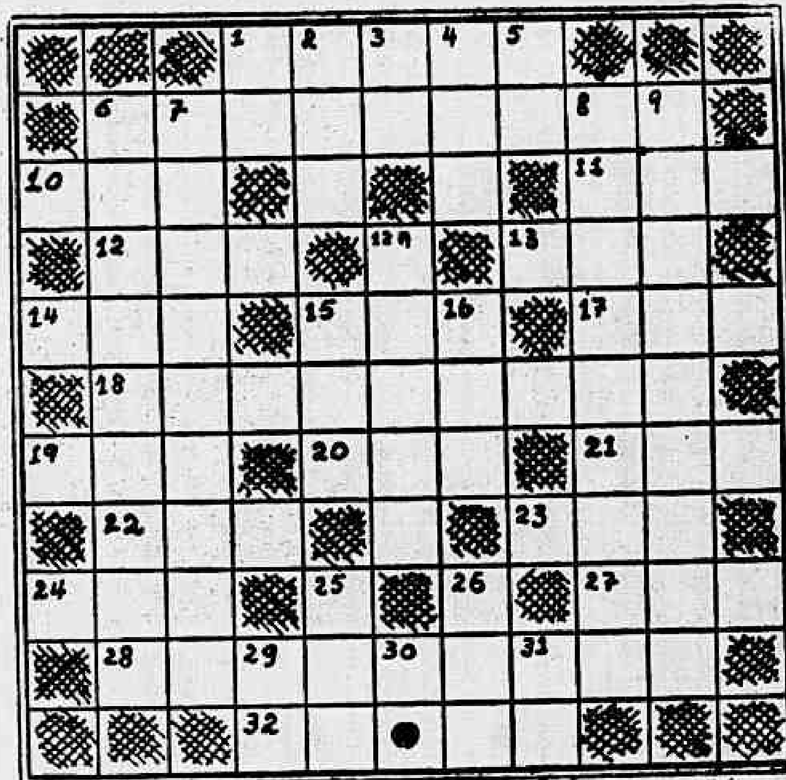
(Cont. na pág. 73)

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

PALAVRAS CRUSADAS

Problema n. 32 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Inalterável — 6. O demônio — 10. Orvalho — 11. Tinhorão — 12. — Indígena de antiga tribo pernambucana — 13. Período — 14. — A côr escarlate — 15. Cidade da Itália, no Piemonte — 17. — Realização — 18. Fiscal do mercado — 19. A última parte do curral de peixe — 20. Grande, maior — 21. Papa de umbu — 22. Prefixo que designa igualdade — 23. Pequeno poema medieval, lírico ou narrativo — 24. Uma das ilhas Baamas — 27. Tripulação — 28. Vida de monge (pl.) — 32. Pontual.

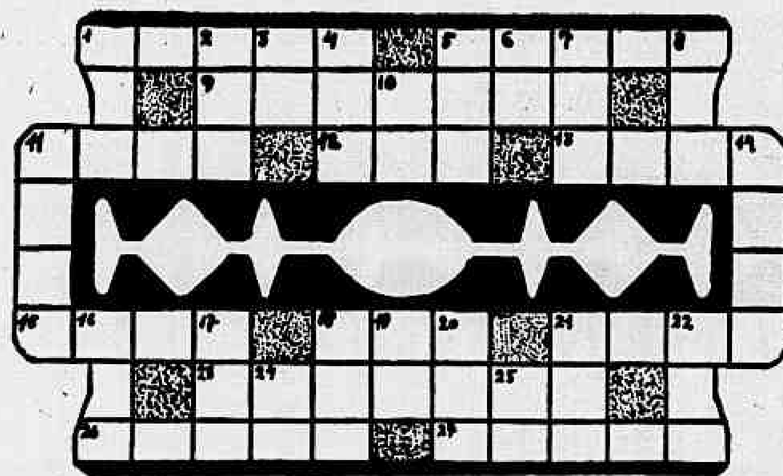


Otaner - Rio

VERTICAIS: — 1. Ilhota francesa no Mediterrâneo — 2. Contra o direito — 3. Desinência verbal — 4. Prefixo que traz a idéia de posterioridade local ou excesso — 5. Interjeição de espanto — 6. Praticariam o culto eslâmico — 7. Obra de Ptolomeu — 8. Bola de neve — 9. Drama religioso (pl.) — 12A. Esbôço — 15. Lagarta nociva aos castanheiros, couves, etc. — 16. Sufixo designativo de naturalidade, origem — 25. Personificação da noite, entre os romanos — 26. Medida holandesa de capacidade, equivalente a um hectolitro — 29. Vila da Itália, na Ligúria — 30. A nós — 31. Cabilda de mouros.

★

Problema n. 32 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Pêso de um centímetro cúbico dágua destilada a 4º graus centígrados — 5. Sôfrego — 9. País europeu — 11. Papa-lagartas — 12. Rezo — 13. Fechar as asas para descer mais depressa — 15. Azêdo — 18. Aranha amazônica — 21. Aruá — 23. Caretas — 26. O mesmo que aramá — 27. Última letra do alfabeto grego.

VERTICAIS: — 1. Espécie de antílope africano — 2. Sapo das regiões do Amazonas — 3. Mulo — 4. Senhor — 5. Espaço de doze meses — 6. Divisel — 7. Caminhavas — 8. Medida grega de comprimento — 10. Atmosfera — 11. Cruda — 14. Fiasco — 16. Calcário formado por despojos de foraminíferos, corais, etc., misturado principalmente com argila — 17. Masca fumo — 18. Quer bem — 19. Nota musical — 20. Planta da família das Caparidáceas — 21. Pratique — 22. Verme que aparece nas feridas de animais — 24. Rio da Sibéria — 25. Preposição.

★

Soluções dos Problemas do número anterior:

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Lema — Cara — Obrou — Consertar — Aro — Ola — Al — Pi — Ato — Sal — Regateira — Ocara — Ousa — Asia.

VERTICAIS: — Loca — Monólogos — Abs — Côr — Autópsias — Afra — Revista — Orate — Aliar — Arco — Lama — Aca — Era.

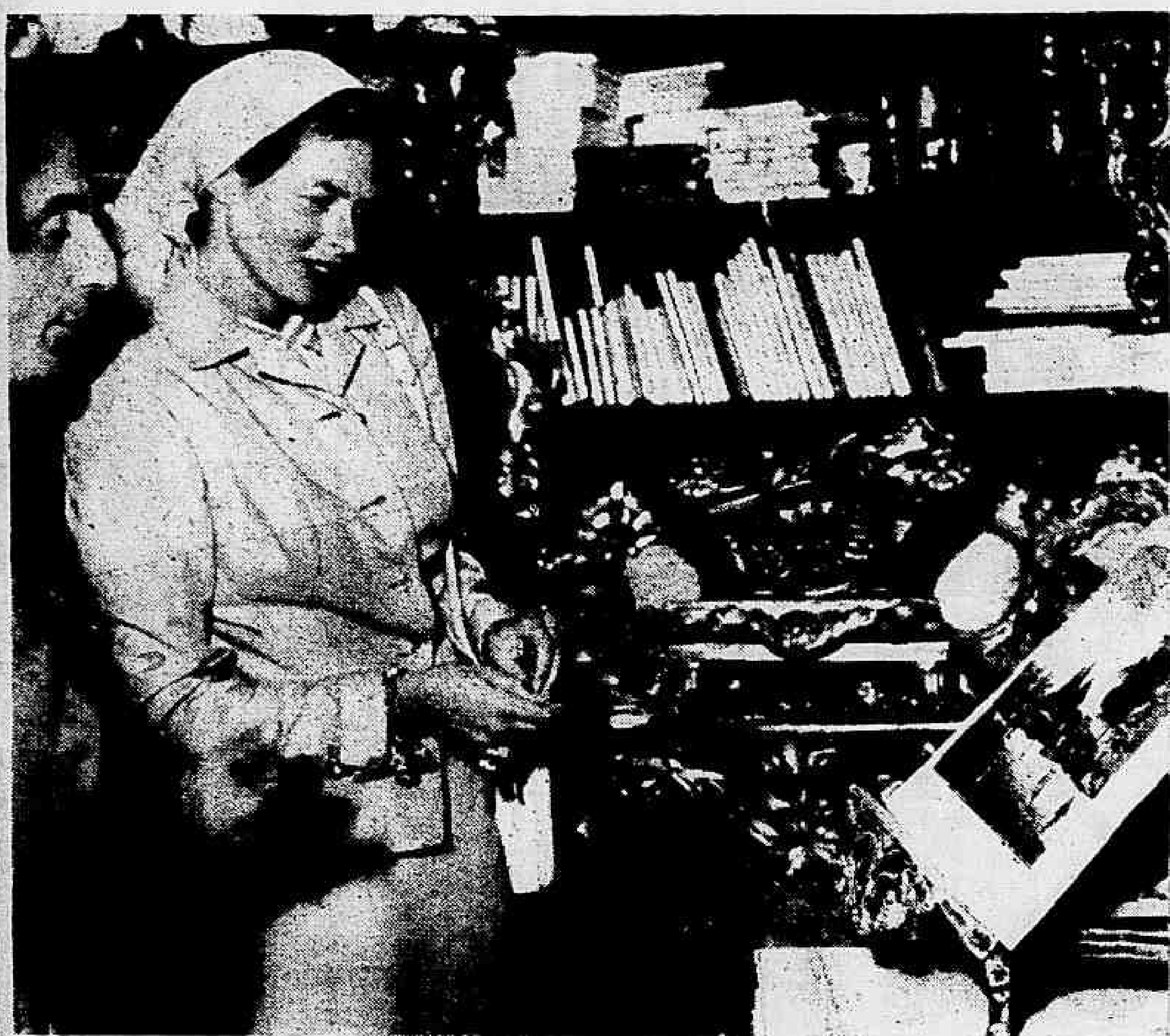
PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Rabdoide — Ubá — Inis — Gala — Idas — Pia — Cat — Zenda — Evar — Lili — Tan — Amarrada.

VERTICAIS: — Ruricola — Ab — Bagatela — Oil — Inaperta — Di — Espadana — As — Da — In — Za — Vir — Vir — Ad.

★

Colaborações e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

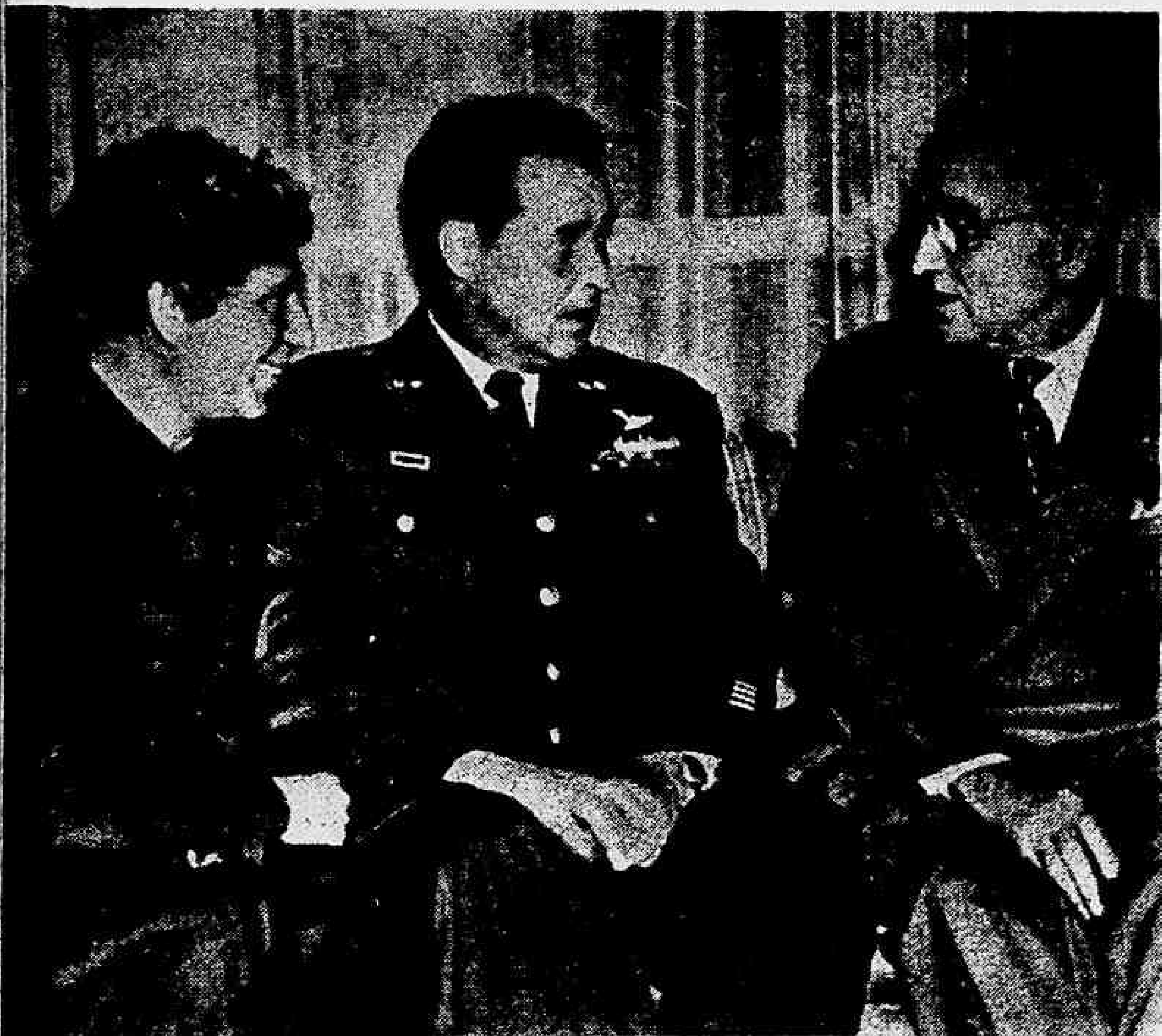


INGRID BERGMAN é ardente apaixonada pelas obras de arte. Filha de um dos países mais cultos do mundo, a Suécia, em sua recente visita a Milão, esteve numa loja de antiguidades, onde admirou obras de grande valor histórico. Ao lado, Gianni Settembrini

Um punhado de notícias

A VOLTA DE LANA TURNER E AS JOIAS DE MISS LOCKWOOD -- ELA NA AFRICA E ELA NA EUROPA

NADA oferece mais notiário à imprensa do que a vida, os triunfos e os insucessos de astros e estrêlas do cinema. Mas isso, naturalmente, nos países que possuem indústrias fílmicas de argumento e longa metragem, de vulto e curso internacional. Hollywood, por exemplo, continua a ser o centro artístico do mundo das fitas, e dificilmente perderá o cetro de Império dos Estúdios. Contudo, Londres também oferece grande margem à imprensa mundial, pois ali, em seus estúdios cinematográficos sucedem coisas dignas de registro e comentário. Veja-se o que se passou com o comparecimento de Margareth Lockwood a uma sessão de gala. Suas jóias ofuscaram e provocaram invejas incoercíveis. Por outro lado Lana Turner, em Hollywood volta às «cameras» e trabalhos como «costela» amorosa de um cantor italiano. Mas a notícia mais emocionante foi a daquele parzinho de jovens artistas inglêses, Mr. Granger e Miss Simmons, cujos amores foram contrariados por certos preconceitos. Êle partiu para a África, onde filmou, e ela andou a trabalhar pela Europa. Depois de um ano de ausência, encontraram-se em Hollywood onde ficaram noivos e onde vão casar.



ARPO MARX, um dos famosos cômicos e irmãos, conversa com o Presidente Truman, ndo ao centro o coronel Joe W. Kelly, quando o Presidente foi ao Pacífico conferenciar m Mac Arthur. Harpo Marx está atualmente na Califórnia fazendo rir os feridos



ESTA E' SILVANA MANGANO, estrêla do cinema italiano esteve na Calábria filmando a história de um bandido daquela região. Silvana, que é espôsa do produtor Dino De Laurentis, depois do primeiro parto, engordou e foi emagrecer entre Sila e Caribdes...



ÊSTE E' O MAIS romântico dos casais do cinema inglês: Jean Simmons e Stewart Granger, cujo casamento não foi aprovado pela família dela. Mas o amor vence tudo, e depois de uma ausência de um ano, encontram-se nos Estados Unidos onde deverão amarrar-se...



MARGARET LOCKWOOD, artista inglêsa nascida na Índia em 1916, deixou-se fotografar numa «premiére» do teatro Saint James, em Londres. Não foi apenas sua beleza que chamou a atenção dos presentes e sim a imensa riqueza em jóias maravilhosas, que ela exibia



ÊSTE E' O TERCEIRO filho da atriz Jeanne Crain, espôsa de Paul Brinkman. O garotinho recebeu o nome de Timoteo Pietro e veio aumentar a família que já conta com Paole Frederico, de três anos e Michele Antonio, de vinte meses. Como vemos, assim vai longe...

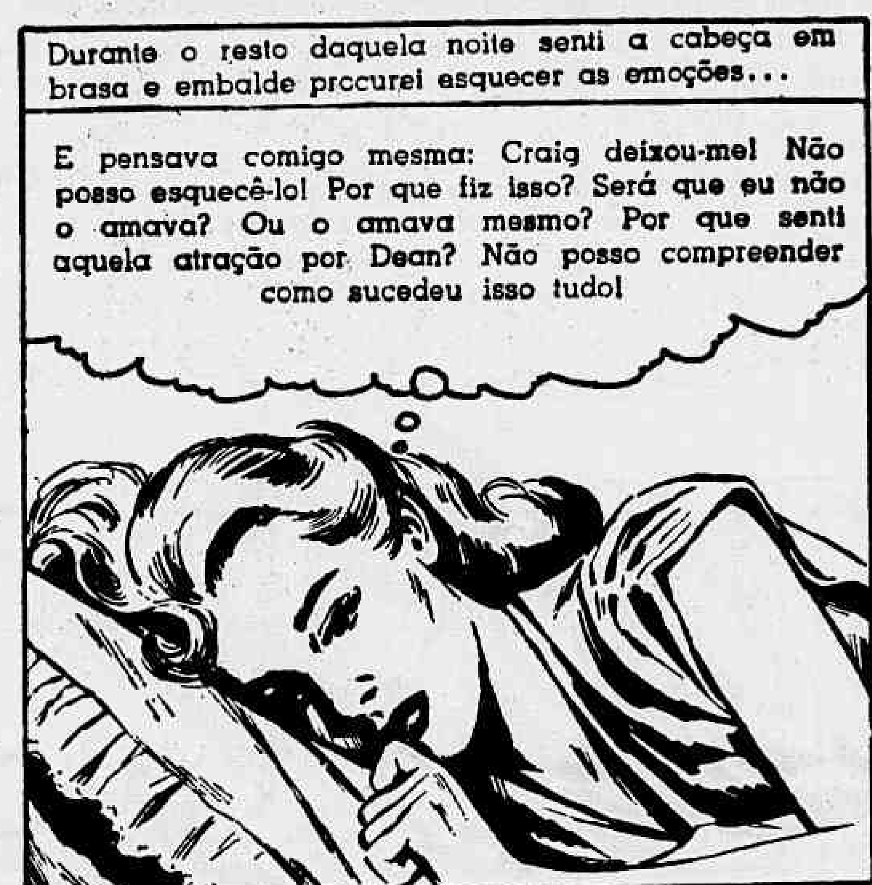


LANA TURNER, depois de longa ausência, volta ao cinema ao lado do cantor italiano Ezio Pinza, que estréia em Hollywood no filme «Mister Imperium». Êle foi conquistado pela Meca do Cinema após seu grande triunfo na Broadway, com a opereta «South Pacific»

A NOIVA QUE NÃO QUERIA CASAR













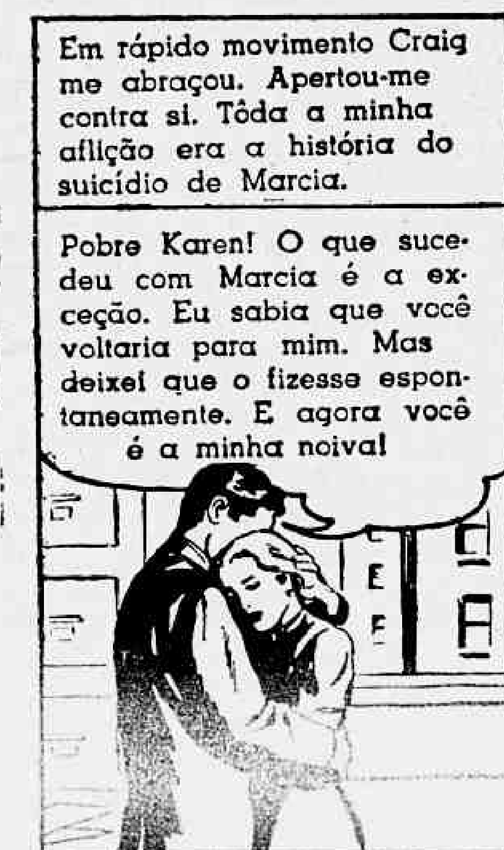
NO PRÓXIMO NÚMERO INICIO DE: SUA PRIMEIRA CONQUISTA















Tudo isto aconteceu

INVASÃO TERRITORIAL

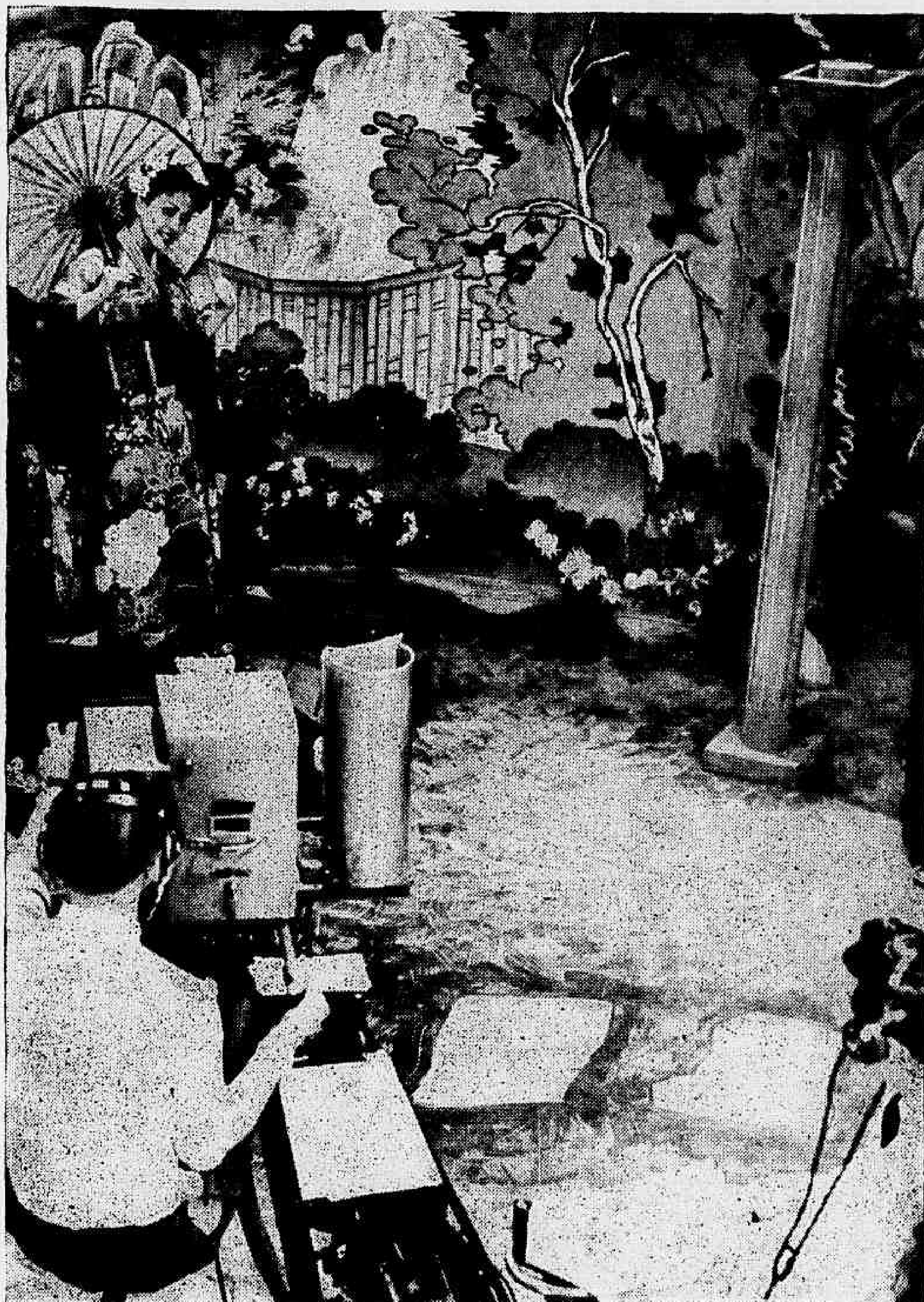


O fato acaba de passar-se em Minas. Mas não se trata da invasão territorial lá de Mantena, na serra dos Aimorés, de Minas contra o Espírito Santo, ou dêste contra Minas Gerais. Nada disso. O caso é também de invasão territorial, mas, desta vez, na cidade de Belo Horizonte. O caso é curioso e mostra mais uma faceta de nossos desajustamentos econômicos. Há na capital mineira, como em qualquer outra cidade de certas proporções, pessoas que não querem trabalhar e se dedicam à profissão de pedir níqueis aos que passam. Há uma série de fórmulas: "Moço, quer me dar um níquel para um pão?" "Cavalheiro, me dê um níquel para eu levar para meus filhos que estão com fome!" "Moço, quer completar aqui o dinheiro para um prato de sopa?" E assim por diante, quando não usam daquela maneira clássica e já um tanto surrada de amolecer o coração dos cristão: "Uma es- o amor de Deus". Sucede, porém, que os mendigos de Belo Horizonte, depois de assembléias sob as pontes e debaixo das árvores dos parques e jardins da ital, decidiram estabelecer zonas de operações para cada componente do bando, ra que uns não invadissem o sagrado território dos outros. E, como trato é trato, m se tratando de palavras de mendigo, todos êles estavam perfeitamente tran- nto ao respeito à "lei" instituída entre as "altas partes contratantes..." Mas, dezembro, os que fazem ponto na Avenida Oiapoque, viram que os de outras tavam invadindo aquêle território e os interpelaram. Do entendimento veio a oral e, desta, a rádio patrulha! Os mendigos usaram facas e canivetes, havendo s, sendo todos conduzidos ao xadrez. E a "sopa" se acabou...

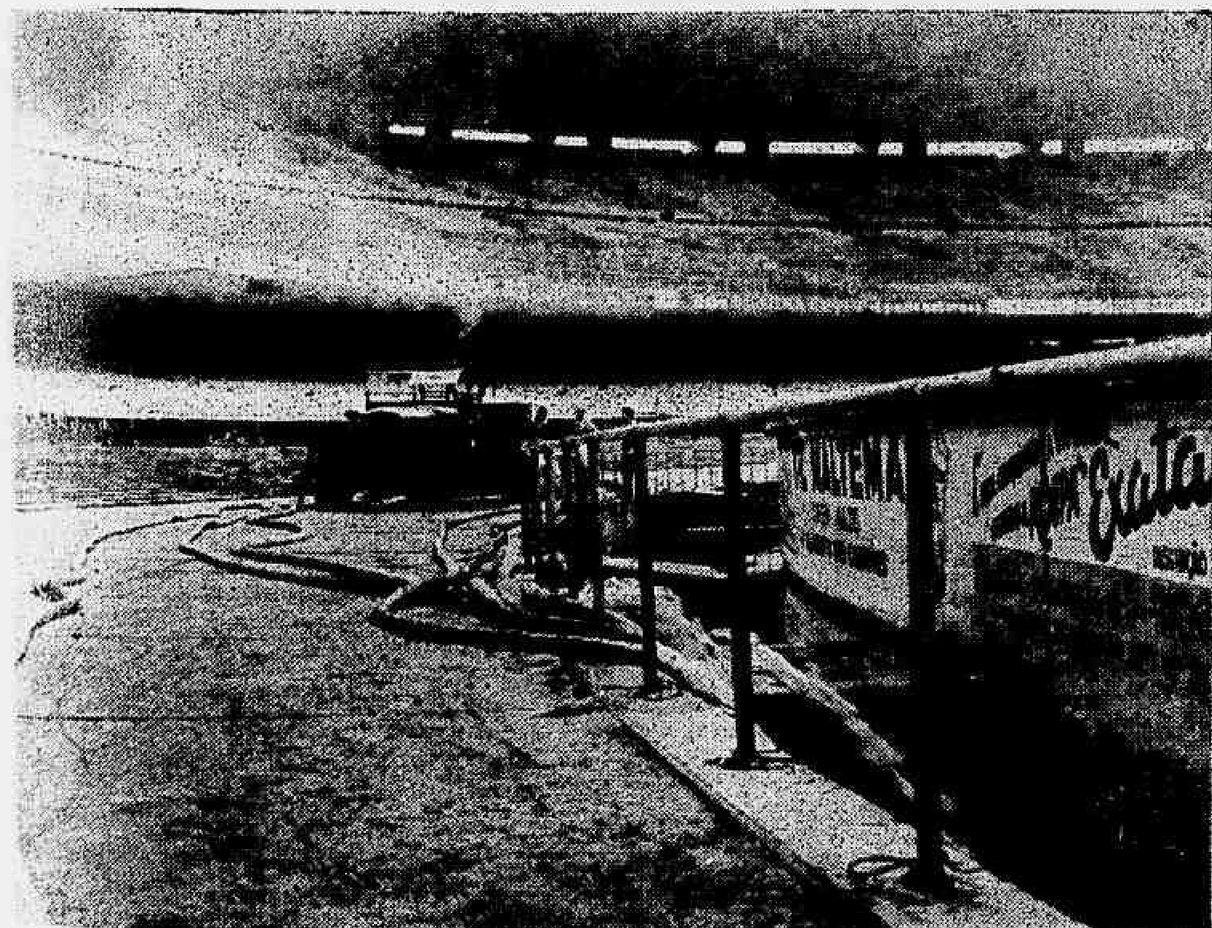
SUICIDA OU ASSASSINO?

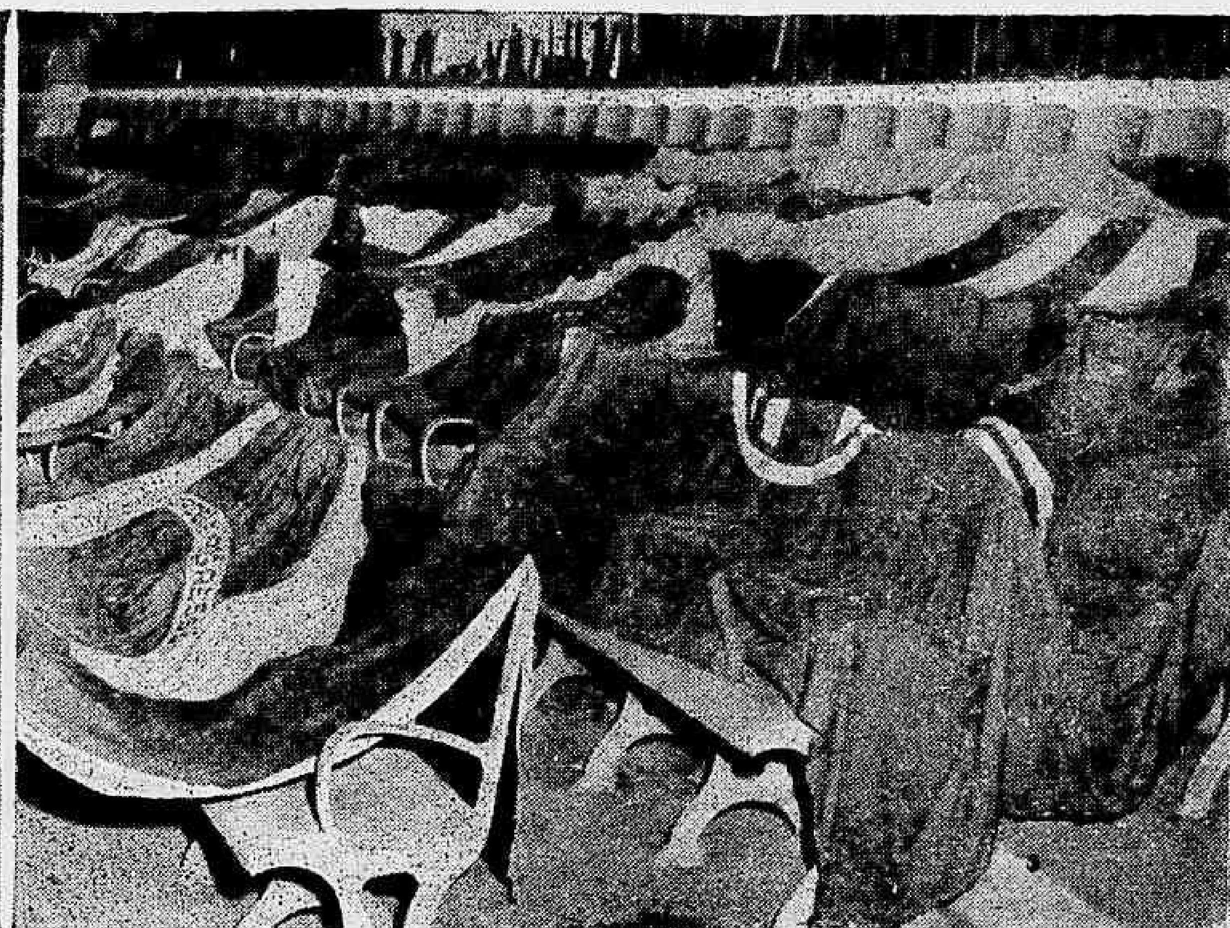


Já temos divulgado muitos meios extravagantes de uma pessoa suicidar-se; mas, como êste do sr. Enrique Saldanha, um mexicano aborrecido da vida, ainda não víramos nenhum. Não estando bom do miolo, fôsse por algum amor contrariado, ou por falta de bens empregos, o sr. Saldanha resolveu acabar com a vida. Mas, ao invés de escolher nos fundos do quintal de sua casa um confortável galho de figueira e ali preparar, jeitosamente o laço final de sua existência, não; foi ao aeroporto da cidade de Tampico, comprou uma passagem para o pôrto mais próximo e preparou o seu suicídio com a maior calma. Em que consistiu o sistema de Saldanha? Despencar-se lá de cima, quando o avião estivesse a uns dois mil metros? Nada disso. Calmamente sentado em sua poltrona confortável, derramou um litro de gasolina em suas vestes e, riscando , chegou-lhes a chama. Imediatamente se produziu uma fogueira dentro do avião. alarmado, tratou de fazer uma aterragem forçada no aeroporto de Tuxpan, ima- ue o seu avião estava em chamas. Quem salvou a situação foi a corajosa aero- Companhia Mexicana de Aviação Comercial, que, sem perder a calma, logo que passageiro a arder de amores pela morte, apanhou o extintor de incêndio e onar sôbre o maluco. O fogo se extinguiu ao sôpro do aparelho salvador e o eu em paz em Tuxpan. Retirado de bordo com queimaduras e profundamente o, o sr. Enrique Saldanha está agora envolvido num processo muito sério, sob do promotor federal auxiliar de Tuxpan, que levará o suicida-assassino, a um o Saldanha saldará suas contas com a Justiça.



O SOPRANO CHINÊS LIAN-SHING-YANG, ensaia, diante de «câmeras» de televisão, instaladas no famoso «Alexandre Palace» de Londres, uma cena da opera «Madame Butterfly». E' a primeira vez que essa ópera é televisionada, havendo grande interêsse em saber-se do resultado artístico e técnico. A televisão toma conta do mundo da arte e, dentro em bréve, não haverá notícia nem comentário que não seja transmitido com o concurso da televisão, também em côres, verdadeiro milagre da ciência humana.





NUNDAÇÃO NO MARACANÃ — Aconteceu aqui mesmo, na capital da República, por ocasião das grandes chuvaradas dêste princípio de mês: a enxurrada das águas invadiu os domínios do maior estádio do mundo e não fôssem as providências tomadas incontinente Prefeitura, escalando centenas de operários incumbidos de proceder ao escoamento — e com certeza o Estádio Municipal ficaria interditado por algumas semanas. Tal conteceu, felizmente. E logo no domingo seguinte, no gramado do Maracanã se efetuava o encontro Fluminense-América. Já na véspera, sábado, ali se haviam de- ado as equipes do Bangu e do Olaria. Mas a verdade é que a inundação ocasionou prejuízos superiores a 3 milhões de cruzeiros. Nestas gravuras, pode o leitor observar flagrantes muito expressivos: à esquerda, o trabalho de escoamento das águas e, no outro, poltronas cobertas por vários pavilhões, inclusive a bandeira nacional, se- uno depois do temporal. E' justo assinalar a colaboração prestimosa do Corpo de Bombeiros, fornecendo sua equipagem, duas bombas e muitas centenas de metros de mangueiras, que muito ajudaram a desobstruir, sem demora, o estádio que continua sendo um dos legítimos orgulhos do povo carioca.



CENAS DA GUERRA NA CORÉIA que a imprensa costuma divulgar: depois do fragor das batalhas, muitas vêzes os inimigos se auxiliam mùtuamente. Aqui vemos um soldado norte-americano aplicando curativos num ferido do Exército Nortista, quando as fôrças da ONU atravessaram o paralelo 38 e marcharam para as margens do rio Yalu, nas fronteiras da Mandchúria. Parece que o soldado inimigo não achou muito suave o tratamento; mas na guerra é assim mesmo: não se extrai bala nem se corta carne com panos mornos. E' no duro!

QUEM É O PAI DA CRIANÇA



Um cronista de Londres acaba de divulgar na imprensa do Rio de Janeiro o mais estranho caso de paternidade. O sr. Preston Jones, estava a serviço da Inglaterra, na Alemanha, quando recebeu comunicação de sua espôsa d. Bertha Preston Jones, de que nascera Michael, um robusto menino. O pai começou então a fazer cálculos. Riscou vários cadernos e fêz ponta em muitos lápis. Não achava jeito de ser o pai da criança. Deixando a Alemanha, dirigiu-se para Londres, a fim de examinar "on location", como se diz em linguagem cinematográfica, essa história de nascimento de seu filho Michael. Chegando lá, passou a fazer pesquisas cronológicas e se convenceu de que Michael não era seu filho. Sua mulher ficou indignada. Era honesta, honestíssima, incapaz de qualquer leviandade, e repelia a insinuação de Mr. Jones com a mais veemente das energias. Mas o homem não se convenceu e manteve sua opinião: estive aqui em Denbighshire, em agosto de 1945; como poderia sua espôsa dar à luz um filho seu em 13 de agosto de 1946? Por êsse motivo, entrou com uma ação de divórcio. A mulher contestou e provou que êle estivera cinco dias, de licença, na Inglaterra, no mês de outubro. O caso foi julgado pelo Tribunal Chester, que transmitiu o "abacaxi" para o Tribunal de Apelação, que, por sua vez, não quis meter mão em combuca e entregou a pendenga à Côrte de Divórcio de Londres. Foi negado o pedido de divórcio; mas, não se conformando, o espôso passou tôda a papelada ao Tribunal dos Lords, do qual sairá a sentença definitiva: — pode uma criança nascer com 360 dias?

O PROTETOR DAS DOMÉSTICAS



Belo Horizonte é uma cidade muito procurada pelos senhores (e, às vêzes, pelas senhoras...) de grandes idéias de progresso. Não é raro vermos na capital mineira um delegado de grandes firmas e de sólidos bancos estrangeiros e nacionais, exibindo projetos mirabolantes, prometendo solucionar problemas dos mais complicados e acenando aos mineiros com lucros fantásticos. Dentre êstes senhores idealistas, houve um que fundou a "Associação das Domésticas de Minas Gerais", cujos estatutos continham tudo o que de mais humano e social se pode imaginar. Além da proteção individual a cada associada, os benefícios se estendiam a todos os membros de suas respectivas famílias, facilitando-lhes colocação, tratamento médico, dentário, assistência jurídica, pedagógica, além de muitas outras vantagens. O sucesso se prenunciava magnífico. Mas a polícia mineira não dorme. Desconfiando das finalidades "humanitárias" da Associação das Domésticas fundada pelo sr. Djalma da Silva, andou aplicando umas teorias para ver até que ponto iam os desígnios do protetor das criadinhas de Belo Horizonte e vizinhanças. Depois das necessárias pesquisas, chegaram as autoridades à conclusão de que as pobres criaturas cozinheiras e arrumadeiras de Minas Gerais estavam bem arranjadas nas mãos dos chantagistas. E visitaram o "local do crime". O diretor-fundador, muito bem vestido, palavra fácil, explicou tudo aos agentes da Segurança Pública, e, quando pensava que êles iam pagar algumas mensalidades em nome de outras associadas novas, recebeu voz de prisão. E teve que entregar cêrca de dez mil cruzeiros já arrecadados de tanta gente de boa fé...



OS AMORES DE UM PRÊSO



Prêso também é gente. E, como tal, tem coração e sabe amar. Há grandes e imortais obras-primas da literatura universal que foram escritas entre as grades de uma prisão. Que prisão! Cadeias tétricas, medievais, horrorosas. Mas dali saíram poemas maravilhosos que ainda encantam a humanidade. Por isso não é nada de admirar que, de quando em quando surjam detentos românticos, apaixonados, que fogem da cadeia e vão trocar juras de amor com suas beldades, voltando depois ao "cativeiro" das grades, mais aliviados e menos suspirosos. Diz-nos um telegrama de Nova York para jornais desta capital que, da prisão de Manchester, Estados Unidos, fugira um detento de nome Thomas Yeo, de 30 anos de idade e muito bem comportadinho. Dado o alarma, o carcereiro ficou apavorado. Seria capaz de perder o emprêgo e até ser condenado por negligência e incapacidade de guardar prêsos. Não era para menos. A guarda do presídio se movimentou e o telefone, o telégrafo, o rádio entraram em função. Onde estaria o ardiloso Yeo? Era preciso descobri-lo. Talvez estivesse a cometer novos crimes! A vida da sociedade estava em perigo. Cautela! Três horas depois de estourar todo êste alvoroço, o carcereiro empalideceu. Calmamente, em passos mansos e resignados, vinha voltando ao "aprisco" aquela ovelha ingrata. O homem abriu os olhos e escancarou a boca. Seria possível?! Então o fugitivo regressava "ao ninho antigo" com os seus próprios pés? Quando chegou, foi explicando: "Eu queria apenas trocar algumas palavras com a minha espôsa. Estava com saudades da "velha". Dito isto, encaminhou-se para sua cela, abriu-a, entrou, fechou-a e entregou a chave ao carcereiro!



O EX-REI DA ITÁLIA UMBERTO DI SAVOIA, ao assinar o «Livro de Ouro» da capela de dominicanos em Vence, na França, próximo de Nice. A capela é obra do pintor Matisse, de quem é Umberto di Savoia verdadeiro apaixonado. Admirador da arte moderna de Picasso, êsse Rei destronado e no exílio, demorou mais de uma hora observando as obras de arte moderna através da inspiração de Matisse. Acham mesmo que, se hoje houvesse um plebiscito na Itália, êsse soberano simples e intelectual voltaria pelo voto de seus patrícios.

ESTRANHA APARIÇÃO



Não é nova a referência a corpos estranhos que andam a meter medo à gente, quando surgem nos ares, à noite, tomando formas imprecisas. Alguns acham que essas aparições noturnas têm a aparência de pires; outros afirmam que se trata de discos enormes; por fim, já houve até quem visse em tais visitantes misteriosos uma espécie de xícara voadora, com andares iluminados. Enquanto tudo isso era assim muito confuso e misturado, ninguém poderia dar crédito. Devia ser alucinação, algum balão cativo que se desgarrasse das amarras, ou balõezinhos de sondagem dos ares para efeitos meteorológicos. Mas, diante do que acaba de suceder com o "Strato-Clipper" da "Pan-American World Airways", em sua travessia estratosférica dos Estados Unidos para o Rio, a 28 de novembro último, a coisa toma aspectos de verdade incontestável. O comandante, o primeiro oficial e o engenheiro de vôo, todos de sua tripulação, foram convidados pelo brigadeiro-general Reuben Hood, adido de Aeronáutica à Embaixada Norte-Americana no Rio, para uma conferência em seu gabinete, a fim de estudar-se o caso. Que aconteceu? A tripulação do PAA de dois andares relatou justamente o que viu e que vamos reproduzir, sintèticamente: "Iam voando a uma altura de 13.500 pés sôbre a Guiana Inglêsa a uma e quinze minutos da manhã, hora do Rio, quando exatamente a oeste de Georgetown, capital daquela colônia britânica, enorme bola de intensa luminosidade mergulhou de uma altura de uns seis mil pés, em direção do PAA. Já na noite de 19 daquele mês, outra bola igual surgira à frente do avião. A luz era tão intensa que parecia estarem êles diante de luzes de um teatro de Nova York. Como vemos, o caso não é para pensar em pires...

PRECISA-SE DE UM MÉDICO



O dr. J. R. Rees, diretor da Federação Mundial de Higiene Mental, falando à imprensa após a terceira conferência da Federação realizada em Paris, sob o patrocínio da UNESCO, mostrou-se alarmado com a falta de senso do mundo e seus aflitos habitantes. Diante de duzentos delegados, inclusive os trinta e oito que vieram da Inglaterra, país que enviou a maior delegação, o dr. Rees discursou de maneira vigorosa e mostrou a todos que era necessário lutar para descobrir um médico para o mundo. O objetivo da Federação é facilitar a cooperação entre os psiquiatras, psicólogos, professôres e assistentes sociais. Acha que não é preciso criar um novo tipo de especialista, mas auxiliar todo aquêle que se dedique a solucionar os problemas que torturam o mundo, especialmente os que se referem a perturbações políticas e econômicas. Em resumo: o dr. J. R. Rees quer que apareça um cidadão capaz de descobrir "meizinha" que dê certo na doença que atacou o mundo atual, que não sabe para onde vai, nem o que tem que fazer da infeliz humanidade. Mas, o diabo é que os "médicos" que aparecem vão criando outras "enfermidades" e complicando cada vez mais a etiologia do mal. O mais razoável seria que volvêssemos ao estado primitivo dos primeiros habitantes da Terra. Mas tendo-se o cuidado de não deixar que as serpentes recebessem em suas espinhas coleantes o mau espírito de Satanaz. Umas cobrinhas inocentes e sem estar metidas em assuntos de maçãs e outras frutas que levam homens e mulheres à tentação.......................
..E como seria maravilhoso um mundo convertido em Eden abençoado, em Paraíso terreal, sem pesadelos! Vamos torcer...



DANTE SPADA, DE ORIGEM ITALIANA É UM JOVEM bem apessoado, de vinte e três primaveras. Mas, coitado! ainda tão moço se meteu em altas cavalariças e furtou em Cannes, na França, jóias no valor de vinte milhões de francos, durante uma festa da alta sociedade na vivenda de Lady Winston, denominada «La Roca». O meliante foi prêso e não pôde deixar de confessar o delito. Mas, como ainda não está aperfeiçoado no furto, teve vergonha e escondeu o rosto do fotógrafo. E explicou: fui levado ao crime porque perdi todo o dinheiro honestamente ganho em trabalhos de minas, iludido por um espertalhão. Mas isso não influiu em nada...

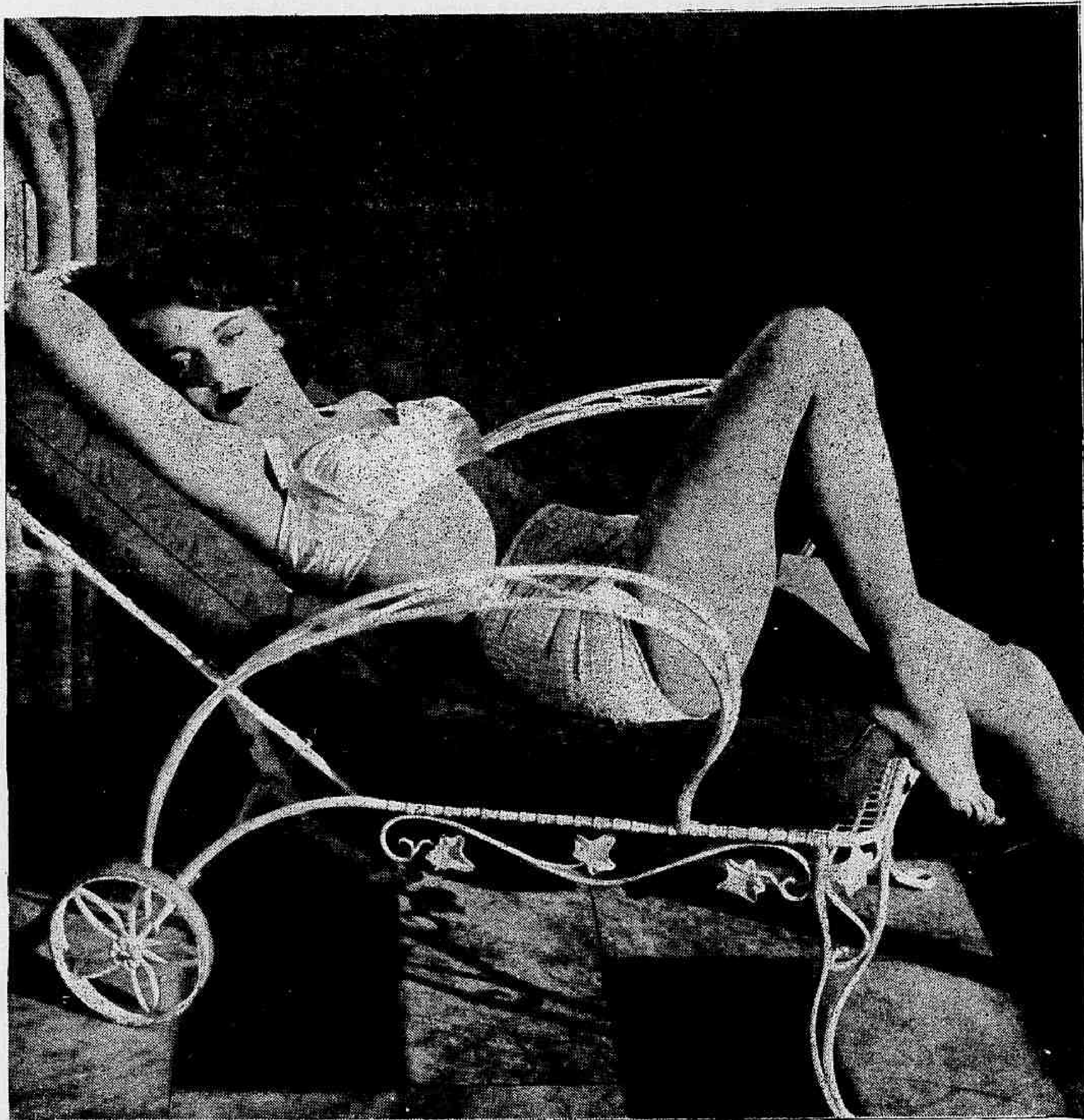


ERYNNA JOSEPHINE DE SELVA DI CONRAD, com 22 anos, filha do Ceilão, é bailarina de vocação apaixonada. Casou-se há uns dois anos com um príncipe indiano riquíssimo, de nome Andrea Donovan, de cujo casamento veio ao mundo o garotinho Jerome. Sucede, porém, que o espôso impôs esta condição: deixar o palco e voltar para o Oriente, onde êle lhe proporcionaria tôdas as felicidades. Mas Erynna é apaixonada pela Arte e teimou. Resultado: o príncipe raptou-lhe o filho e azulou com êle. Ela, desesperada, entregou o caso à polícia. O fato se passou em Milão, nas vésperas de partirem para a Suiça. E o drama continua.

GUERRA JUNQUEIRO



A dois de dezembro, começaram as comemorações oficiais do centenário de nascimento do maior poeta português dos tempos modernos: Guerra Junqueiro. Escritor de grandes recursos verbais e versejador incomparável, êsse grande português dominou por todos os quadrantes de sua terra e das terras do Brasil, a mocidade, os estudiosos, os homens de letras com as gemas de sua inspiração inimitável. De dois de dezembro a dezesseis do mesmo mês, o govêrno lusitano celebrou com variadas manifestações de reconhecimento ao grande literato e homem de pensamento, o primeiro centenário do seu nascimento. E no Brasil, que fizemos? Os livros de Guerra Junqueiro, abstraindo de quaisquer exames em tôrno de suas convicções filosóficas, merecem a admiração de sempre. Os poemas que êsse gênio latino produziu, são jóias imperecíveis de beleza e perfeição. Ninguém soube compor alexandrinos mais perfeitos, mais harmoniosos, mais encantadores. Poucos os poetas do mundo em todos os tempos, que tiraram da Natureza, da vida humana, das coisas etéreas e das coisas terrenas, mais belos temas para o encantamento dos que lêem ou podem ouvir. Quem não se comove com o imortal poema "Fiel", a história dolorosa daquele "cão enfêrmo" que foi partilhar da fome e da miséria de um pintor sem sorte, e que, depois que o artista enriqueceu tratou de matar o seu "Fiel", jogando-o num rio? E' verdade que o motivo que serviu de tema a Guerra Junqueiro não é original seu. O poeta converteu em versos uma narrativa em prosa de certo autor francês, na qual "Fiel" chamava-se "Coclè". Mas isso não diminui o mérito do poema nem do poeta. Guerra Junqueiro deve merecer dos brasileiros a mesma consagração que recebeu em Portugal.



Arte e Nudismo

A princípio a mulher encurtou o comprimento da saia; depois simplificou o resto de sua indumentária. Com o correr dos anos, sumprimiu a saia, a blusa — e com êste estranho ajuste os extremos da nudez ficaram tão próximos, que um simples desarranjo das peças de emergência daria com o mundo abaixo. Da semi-nudez à nudez a distância não ia além de um palmo. Nos grandes centros civilizados a mulher fêz ressaltar os seus encantos. Pernas nuas, braços nus, seios nus — o nudismo sem máscara, gritante e atrevido. A tradição caía do alto; o preconceito deixava de constituir um espantalho. Falou-se de cânones moralistas e de doutrinas religiosas. Mas uma revolução de caráter violento corria os países do ocidente. Explodindo na França ao findar a Primeira Grande Guerra, suas raízes se estenderam até a América. Rompendo com o passado romântico, repudiando a aristocracia do século dezoito, a França vestia o sexo frágil segundo o modêlo de Vitor Marguerite. A Europa e o Novo Mundo aceitavam a inovação; e a partir daquela época as vestes femininas foram causando tão vivos incômodos, que em pouco quase desapareciam por completo. A essa transformação não faltaram os comentários dos homens de tôdas as classes sociais. Manifestaram-se os representantes da ciência e da religião; falaram os artistas e os escritores. Para o psicólogo, das multidões a mudança dos costumes era conseqüência dos desajustamentos decorrentes da guerra. Cabia ao soldado sobrevivente todos os distúrbios da razão; mas — ainda que pareça absurdo — os tresvarios atingiram mais de perto a mulher. Atacada por uma neurose inexplicável, o mundo tornou-se-lhe pequeno, a pólvora escondida no espaço infiltrou-se-lhe na alma. E destarte, procurando algo de novo na vida, deixou-se empolgar pela idéia do deslumbramento. Quis a existência sem grilhões, sem compromissos. No entanto, para a Igreja o fenômeno constituía falta de sentimento religioso. Havia desaparecido do lar o regime patriarcal, rigoroso, austero; a educação mudara o seu curso. Satanaz tentara a doce companheira do homem... A crítica, por sua vez, manteve-se nos seus avanços e recuos, e a arte aceitou o fato como libertação do preconceito.

Afinal, no transcurso de trinta anos o nudismo transformou-se em tema banal, e de modo tão rotineiro que sua presença já não provoca decidido interêsse. Os pintores expõem quadros de uma crueza edificante; os cinematógrafos exibem filmes de índios em trajes paradisíacos. As moças-famílias contemplam o realismo ao lado dos homens, mantêm o semblante tranqüilo. Nas exposições da Escola Nacional de Belas Artes ou vovós põem-se, ao res-vés das netinhas, metem o "lorgnon" sôbre o nariz, olham interessadas.

Como definir a revolução?

Do ponto de vista artístico, o nudismo é silencioso; do ponto de vista moral, é atentado contra o espírito; do ponto de vista sexual, é caminho para o pecado. Mas tudo isso depende daquele que o observa: — a arte, a moral, o instinto, estão em nossa personalidade. Nós outros idealizamos, sentimos, desejamos. Em conseqüência a nudez surge à nossa vista em absoluta harmonia com o que somos. "A nudez — dizia Bilac — não é imoral; o que é imoral são os olhos que a vêem".

Esta verdade só é contrariada pela mediocridade social. O pensamento do homem ignorante permanece atado ao carro de fogo da matéria. Êle pressente o sentido biológico da função genésica, mas não divisa a arte na sua função transcendente. A causa repousa no "instinto sexual, que move um ser para outro ser", — segundo a expressão de um filósofo. Evidentemente, a nudez não é imoral. O homem, no entanto, raramente assim a compreende. Êle admite que a vida é o instante que passa; que o sonho morreu com a máquina. Espírito? Ah, talvez!

Na literatura, na música, na pintura, na escultura, o que se quer é **arte rápida**, é escândalo, é sensualidade. O nudismo tornou-se uma espécie de reclamo. Explora-o os concursos de beleza, é arma de negócio para um grupo de inescrupulosos. Via de regra a mulher deixa-se apanhar nas malhas dos espertos. Uma ou outra vez joga a inocência, o pudor. Muito raramente pensa na arte. Desgraçadamente não falta vaidade para atenuar a sêde dos insaciáveis. Basta vislumbrar o cenário das praias e até das ruas. Fiquemos pois com a beleza helênica, compreendida no sentido de arte pura. A outra não importa, já que é efêmera, e vaga, e inconsistente...

WENCESLAU ROSAS

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Chuvas de verão 4/5
Jôgo Franco (Abdias Rodrigues) 10/17
356 dias de espetáculos (Daniel Caetano) 20/23
Como nasceu o culto da árvore de Natal (Raul Polillo) 35/37
Café com leite em Hollywood (Waldemar Torres) 44/47

LITERATURA

Natal de Ano Santo (Celestino Silveira) 3
Conto de Natal (Álvaro Rosadas) 38
Um Homem Feliz (Mário Lúcio Brandão) 42/43
Revelação (Maria Teresa Moniz de Souza) 50/51
A Vida de Charlotte Bronte (H. Danna-Lee Thomas) 58
Semana Literária (Edmundo Lys) 68/69
Arte e Nudismo (Wenceslau Rosa) 90

ATUALIDADES

As crianças revolucionam a educação 25/31
Entre o Esporte e a Beleza 39/41

CURIOSIDADES

A Doçura da Natividade 52/53
A 4ª Jóia da Corôa de Nossa Senhora 54

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 7
A Semana em Revista 8
Personagem da Semana 8
Palavras Cruzadas 83
Tudo isto aconteceu 87/89

HUMORISMO

Papai Noel (Theo) 6
Êste mundo e o outro (Darcy) 27

CINEMA

Uma viagem à lua feita no cinema (Campos de Souza) 48/49
Um punhado de notícias 84/85

FEMININAS

Modas 59
Plissados 60
O «tailleur» de verão 61
Modelos para a formatura 62
Week-End na Cozinha 64/65

FOLHETIM

A noiva que não queria casar 86

ILUSTRAÇÕES

M. Queiroz — Orlando Matos — Armando Pacheco.

BONECOS

Rafael

FOTOS:

Walter Morgado — M.G.M. — News Press Avulsas.

NA CAPA:

Ann Miller

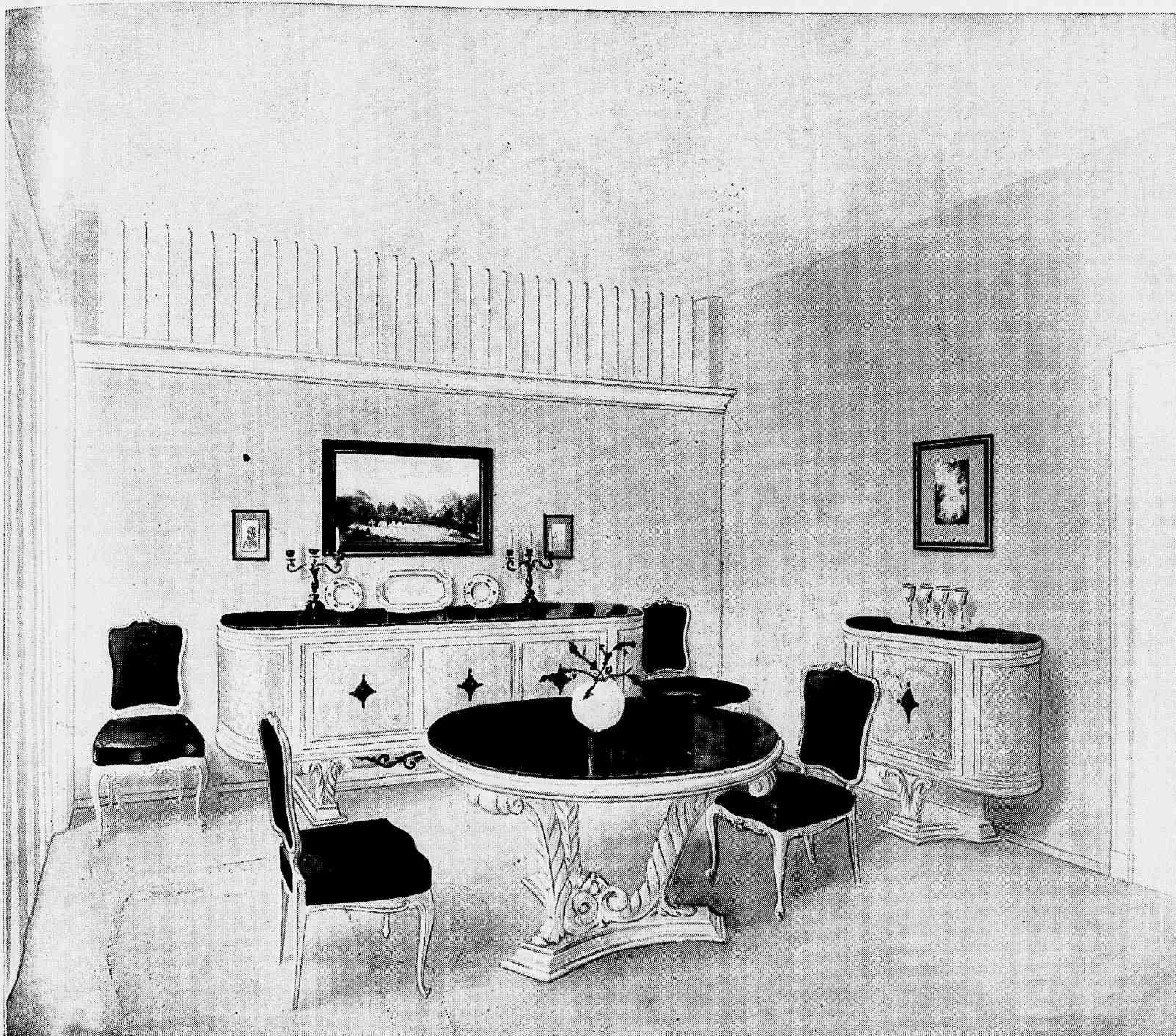
(Foto M.G.M.)

RESPOSTAS AO TESTE

1—Caiçara
2—Primeiro recenseamento oficial do Brasil
3—607.830
4—Luís Alves de Lima e Silva
5—Mecejana
6—Araguaia
7—Talco
8—Passagem do estado sólido ao gasoso
9—Um parasito
10—Maior
11—Minas Gerais
12—17 anos
13—Uma língua só
14—Marie Duplessis
15—Trinta e oito
16—Florianópolis
17—S. Pedro (Simão Pedro)
18—Avinhão (Avignon, França)
19—Cracóvia
20—Thomas Stamford Raffles.

MÓVEIS e DECORAÇOES

Orçamentos e sugestões executados por técnicos especializados



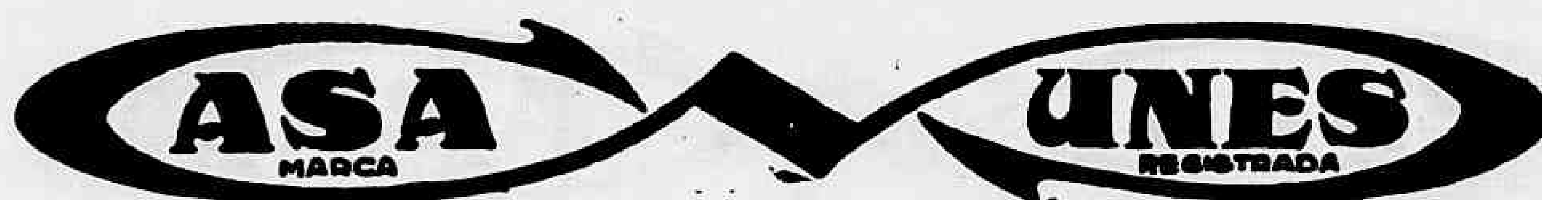
Projeto e execução da CASA NUNES

GRUPOS ESTOFADOS

ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPETES E PASSADEIRAS

PARA FORRAÇÃO, LISOS E COM FLORES,
EM TODOS OS TAMANHOS



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO





A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-98.066

um produto SOUZA CRUZ